



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

André Alexandre Guimarães Couto

A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)

São Gonçalo
2011

André Alexandre Guimarães Couto

A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães

São Gonçalo

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

C871 Couto, André Alexandre Guimarães.
A hora e a vez dos esportes: criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)/ André Alexandre Guimarães Couto. – 2011.
202f.: il.

Orientador: Marcelo de Souza Magalhães.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Imprensa – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 2. Esportes – Teses. 3. Jornais. I. Magalhães, Marcelo de Souza. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 070(815.3)

André Alexandre Guimarães Couto

A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 31 de janeiro de 2011.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Banca Examinadora: _____
Prof. Helenice Aparecida Bastos Rocha
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal Fluminense

DEDICATÓRIA

À minha esposa Nilcéa pelo apoio incondicional à elaboração deste trabalho e por aturar o meu estado de espírito em alguns momentos deste período.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a algumas pessoas que foram fundamentais para o término deste presente trabalho. Primeiramente, aos meus colegas de turma do Mestrado, que compartilharam uma série de discussões importantes ao longo do Curso. Debates estes que extrapolavam o ambiente da UERJ/FFP e que continuavam no carro na volta para o Rio de Janeiro.

As aulas do Curso foram fundamentais para o pleno desenvolvimento da pesquisa e agradeço a atenção de todos os professores dos quais destaco a Prof^ª Dr^ª Maria Fernanda Martins, pela profunda discussão sobre a Micro-História e Historiografia, o Prof. Dr. Sydenhan Lourenço Neto, por me ajudar a compreender o universo da história dos movimentos sociais e por me apresentar as principais discussões sobre comunicação em torno do pensador Jürgen Habermas, e a Prof^ª Dr^ª Márcia de Almeida Gonçalves, por toda a ajuda com as discussões em torno dos conceitos de identidade, além da grande ajuda com a reformulação do projeto de pesquisa, tendo em vista o exame de qualificação. Devo também a esta professora, a indicação do texto da autora Flora Sussekind, que possibilitou uma maior compreensão sobre a técnica literária do início do século XX e uma pequena sugestão na elaboração do título deste trabalho, que, conceitualmente, fez uma grande diferença.

Agradeço aos funcionários administrativos da Secretaria do Curso, Andréa e Marcos, pois sempre estiveram solícitos e prestativos diante dos meus pedidos, assim como os funcionários da Biblioteca da UERJ/FFP, em especial à Rejane, que revisou esta dissertação com muito cuidado e paciência.

Já que mencionei este setor, dedico um agradecimento especial aos servidores da Biblioteca Nacional, em especial, àqueles que trabalham diariamente na Seção de Periódicos desta instituição, pois sempre me trataram com muita gentileza e, acima de tudo, profissionalismo.

Durante o caminhar do trabalho, fui convidado a integrar dois importantes núcleos de pesquisa sobre História do Esporte. O primeiro, SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer, vinculado à UFRJ, e coordenado pelo Prof. Dr. Victor Andrade de Melo, deu uma verdadeira “virada” em minhas pesquisas sobre História do Esporte, pois tive acesso a diversas discussões de textos e material áudio-visual importantes e de vanguarda, além do conhecimento de eventos relevantes nesta área de pesquisa, dos quais, alguns, pude participar.

Além disto, a cordialidade, a solidariedade e a amizade estabelecidas por este grupo de pesquisas foram fundamentais para que pudesse me integrar rapidamente entre os colegas.

O segundo núcleo, NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esportes e Sociedade, vinculado à UFF, também me ajudou com as críticas e sugestões quando apresentei uma palestra informativa sobre o andar da minha pesquisa. Agradeço, em especial, à Prof^a Dr^a Leda Maria da Costa, pela leitura do material da qualificação e envio de suas respectivas sugestões e ao Martin Cury, Doutorando em Antropologia, pela gentileza e apoio em minha apresentação.

No Paraná, ao participar do Encontro Regional da ANPUH-PR, em 2010, na cidade de Iraty, na UNICENTRO, pude ter o privilégio de contar com a calorosa recepção dos colegas que integram o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Futebol e Sociedade, vinculado à UFPR e liderado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro. Suas opiniões e sugestões também foram muito importantes.

Não poderia me esquecer do Prof. Dr. Antonio Jorge Soares, pelas breves, mas importantes conversas sobre o objeto da minha pesquisa.

Agradeço ainda à Banca de Qualificação, composta pelo Prof. Dr. Victor Andrade de Melo e Prof^a Dr^a Helenice Rocha, que, com muita atenção e dedicação ao meu trabalho, dispensaram críticas e sugestões de extremo valor para o aprimoramento do mesmo.

Finalmente, não poderia deixar de mencionar o meu orientador, Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães, que, desde o primeiro momento no Curso, acolheu o meu projeto de pesquisa e me ajudou de todas as formas possíveis e impossíveis, sugerindo e emprestando bibliografia, discutindo a proposta do trabalho, apoiando, questionando, concordando, discordando e realmente, orientando. Sua cordialidade e amizade nunca serão esquecidas.

Enfim, agradeço a todos os amigos e familiares mais próximos que souberam entender que em algum momento poderia não estar disponível por completo, por conta da dedicação e fôlego que esta pesquisa merecia. Gostaria que soubessem, todavia, que o fato de vocês estarem presentes, me dava mais ânimo e força de vontade para cumprir a minha missão.

Eis-nos em suma de volta a esse ponto extremo em que a representação das coisas acaba tendo dificuldade de se distinguir da própria realidade. O lembrete é útil; o jogo de espelhos pode funcionar quase até o infinito. Desafio constante, mas estímulo também ? para a ciência e para a ação -, a que se faça tudo para não deixar se obscurecer no afetivo a clareza da razão.

Jean-Noël Jeanneney

RESUMO

COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

Neste trabalho informo que o início da década de 1930 pode ser considerado como um marco da imprensa esportiva. Tal observação se justifica por alguns fatores importantes. A imprensa em geral e, particularmente, a esportiva, desde o século XIX, se fez presente no cotidiano da sociedade e procurou trazer informações a respeito das práticas desportivas e da própria formação de uma cultura identitária da população atingida, mesmo que seguindo, fortemente, os padrões burgueses, cuja origem vinha da Europa. Desta forma, destaco o *Jornal dos Sports* como um periódico exemplar desta nova conjuntura. Fundado em 1931, procurava divulgar as práticas desportivas na cidade do Rio de Janeiro, buscando, também, valorizar os benefícios para a saúde e para a construção de uma representação de sociedade carioca mais dinâmica e moderna. A pesquisa procura também identificar dois grandes momentos da gestão do periódico/empresa: de 1931/1936 e de 1936/1950. O primeiro sob a administração de Argemiro Bulcão e o segundo, presidido por Mário Rodrigues Filho. Desta forma, procuramos entender as continuidades e as rupturas de uma gestão para outra, sob a luz de conjunturas históricas distintas.

Palavras-chave: Imprensa. Esportes. Sociedade do Rio de Janeiro

ABSTRACT

In this work we report that the initiation of the decade from 1930 can be regarded as a landmark of the sporting press. This observation is justified by some important factors. The press in general and, particularly, the sport one, since XIX century, was present in everyday society and sought to bring information about the practices of sport and the own formation of a identitary culture from the population reached, even following, strongly, the bourgeois patterns, whose origin was from Europe. Therefore, I emphasize the *Jornal dos Sports* as a model periodic of this new situation. Founded in 1931, sought to publicize the sport practices in the city of Rio de Janeiro, searching, also, appreciate the benefits to health and to the construction of a representation of Rio society more dynamic and modern. The survey also identified which demand two great moments of the journal management/enterprise: from 1931/1936 and 1936/1950. The first under the administration of Argemiro Bulcão and second, chaired by Mário Rodrigues Filho. Thus, we seek to understand the continuities and ruptures of management to another, in light of different historical junctures.

Keywords: Press. Sports. Rio de Janeiro society

SUMÁRIO

	REUNIÃO DE PAUTA OU NOTAS INTRODUTÓRIAS	10
1	HISTÓRIA E MEMÓRIA DA IMPRENSA ESPORTIVA	22
1.1	Pontapé inicial: primórdios do jornalismo esportivo carioca	22
1.2	Uma arena de notícias: a fundação do <i>Jornal dos Sports</i> e os seus primeiros editoriais	42
1.3	No campo do adversário: o olhar da concorrência na grande imprensa	61
2	O <i>JORNAL DOS SPORTS</i> E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IMPRENSA ESPECIALIZADA	78
2.1	Caleidoscópio esportivo: Bulcão no Ataque	78
2.2	Mais um craque na área: Mário Filho e sua trajetória profissional e familiar	101
2.3	Reescrevendo o <i>JS</i>: a visão dinâmica de Mário Filho e Equipe	116
3	O <i>JORNAL DOS SPORTS</i> E O FUTEBOL	137
3.1	Este esporte pegou de vez: futebol é o que interessa	137
3.2	<i>Jornal dos Sports</i>, Mário Filho e Futebol: um triângulo amoroso do esporte ...	153
3.3	A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa	169
4	DIRETO PARA AS ROTATIVAS! OU NOTAS CONCLUSIVAS	184
	REFERÊNCIAS	191
	ANEXO A - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 53	197
	ANEXO B - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 928	198
	ANEXO C - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 2561	199
	ANEXO D - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 5123	200
	ANEXO E - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 5427	201
	ANEXO F - <i>Jornal dos Sports</i>. Rio de Janeiro, n. 5733	202

REUNIÃO DE PAUTA OU NOTAS INTRODUTÓRIAS

A pesquisa tem por objetivo analisar a consolidação de uma imprensa esportiva na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950. Apesar das décadas anteriores terem uma cobertura jornalística sobre os esportes, é possível perceber que, a partir dos anos 1930, os esportes ganham uma maior importância tanto na sociedade carioca quanto na pauta dos periódicos da época. Os esportes tornam-se um assunto de ampla relevância no meio urbano e ganham o interesse de camadas sociais diversas.¹

Desta forma, elegi o *Jornal dos Sports (JS)* como um veículo preferencial de análise pelos seguintes motivos: 1) o periódico ainda circula no Rio de Janeiro, apesar da empresa apresentar sérias dificuldades financeiras²; 2) ter sido criado em 1931, data marcante por se tratar da fase de profissionalização do futebol (esse esporte deixa de ser amador para tornar-se profissional e, dessa forma, essa discussão ganha interesse e espaço nos jornais por parte dos jornalistas e, principalmente, dos leitores) e 3) ter sido uma das raras publicações surgidas no período e ditas especializadas no assunto.

Portanto, o passo inicial é entender quem são estes homens (não há indícios de jornalistas mulheres no meio esportivo nesta época), suas origens sociais e profissionais e em que circunstâncias trabalhavam (condições sociais e técnicas que utilizavam). Apesar de alguns jornalistas terem criado fama, respeito e prestígio nesta profissão, a ampla maioria sofria um grande preconceito no próprio meio jornalístico, por se tratar de temas “menores” no interesse do grande público. Além disso, muitos destes profissionais passavam grandes dificuldades financeiras. À medida que o esporte vai se popularizando e atingindo um público cada vez maior, principalmente em relação aos esportes de arena como o futebol, estes homens encontram espaços privilegiados para trabalhar e despertar o interesse da grande imprensa.

Apesar da grande imprensa cobrir os principais eventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro, podemos afirmar que os esportes ocupavam espaços menores, às vezes insignificantes, nas páginas destes periódicos. Publicações como o *Jornal dos Sports*, raríssimo no período estudado, com periodicidade diária, revelam uma espécie de

¹ Apesar da questão urbana, no que tange ao crescimento de grandes cidades, ser um ponto importante para compreender a ampliação do interesse pelos esportes, estudos mais recentes têm apontado que este fenômeno sociológico ocorria, também, nas cidades do interior. Desta forma, sob a luz de uma imprensa regional e a partir da utilização de uma história oral, é provável que possamos avançar nos estudos deste tema.

² O *Jornal dos Sports* tem uma concorrência direta com o *Lance* (grupo *O Globo*), lançado em 1997 e líder no mercado, além dos jornais convencionais lançarem seus cadernos diários de esportes (*O Extra* lançou “Jogo” e *O Dia*, “Ataque”). Além disso, o grupo editorial de *O Dia* lançou, recentemente, um jornal chamado *Campeão*, que passou a se chamar, posteriormente *Marca.Br*, em parceria com o famoso e histórico periódico esportivo espanhol *Marca*.

clarividência por parte de seus fundadores, que viam, no campo dos negócios e do interesse do público leitor, uma oportunidade única.

Portanto, cabe uma pesquisa biográfica sobre seus principais fundadores. Os primeiros apenas serão mencionados, pois até o presente momento não foi possível descobrir informações relevantes deles. Entenderemos melhor a trajetória do jornalista Mário Filho, que adquiriu o jornal em 1936, cinco anos após sua criação.

Mário Filho é exemplar não só pelo empreendimento de comprar o *Jornal dos Sports*, mas pela relação que vai manter ao longo de sua carreira com o círculo da política e do poder. Não por acaso, leva hoje o nome de um dos maiores estádios de futebol do mundo (na época de sua inauguração, 1950, era o maior): o Maracanã.

Voltando ao *JS*, descobrimos que o mesmo derivou do diário *Rio Sportivo*. Seu primeiro proprietário foi o jornalista Argemiro Bulcão, um importante administrador de jornais da época. Depois de dirigir, durante muito tempo, o *Rio Sportivo*, Argemiro Bulcão planejou fortalecer a imprensa esportiva no mercado carioca, aumentando a periodicidade do impresso (até então, o *Rio Sportivo* chegava às bancas apenas duas vezes por semana). Por volta de 1930, Argemiro Bulcão propôs sociedade a Ozéas Mota, dono das oficinas em que se imprimia o jornal. Dessa forma, em 13 de março de 1931, o *Jornal dos Sports* foi fundado com um ativo de seis contos de réis, aproveitando a experiência acumulada com o *Rio Sportivo*. Argemiro Bulcão e Ozéas Mota permaneceram como donos do *JS* até outubro de 1936, data em que Mário Filho o compraria.

Sobre o recorte temporal da pesquisa (1931-1950), cabe aqui, uma breve explicação, pois temos como marco inicial a data de fundação do *JS*. Já 1950, como data final, justifica-se pelo fato de ser um marco do jornalismo e do esporte para a população brasileira. Foi o ano em que se realizou a única Copa do Mundo sediada no Brasil e que teve um final “trágico”. A derrota para o Uruguai por 2 a 1, num Maracanã lotado, provocou uma enorme decepção, pois a seleção brasileira, além de ser favorita, desfrutava de uma admiração ufanista por parte da população e da imprensa esportiva. Não é de interesse da pesquisa, todavia, estudar a cobertura da Copa do Mundo de 1950 e sim, até a campanha pela construção do estádio Maracanã, empreendida, dentre outros, por Mário Filho e o seu *JS*.

Na historiografia há uma lacuna sobre o papel da imprensa esportiva no Brasil, mesmo porque os estudos da história ou sociologia dos esportes são recentes e agora, felizmente, mais livres do preconceito do mundo acadêmico sobre o tema. Para termos uma ideia, um estudo recente de duas pesquisadoras da Unicamp revelou que não havia, até 2005, um único livro contando a história da imprensa esportiva no Brasil, e sim, capítulos, partes de livros e

artigos.³ Inclusive, o trabalho de Michelli Gonçalves e Vera Camargo fez um levantamento bibliográfico para, entre outras finalidades, facilitar as pesquisas na área de Educação Física e Comunicação. Não se pensa, a princípio, todavia, na disciplina História.

Mais recentemente, em 2007, foi lançado um livro do jornalista André Ribeiro, com a pretensão de explicar a trajetória histórica da imprensa esportiva.⁴ O também jornalista Paulo Vinícius Coelho lançou um manual de imprensa esportiva e, no seu início, trata, muito brevemente, de uma história desta especialidade da imprensa.⁵

Se mudarmos o foco da história da imprensa esportiva para uma história dos esportes, aumentamos, significativamente, mas não proporcionalmente à importância do tema, a quantidade de material bibliográfico.

O futebol, que hoje fascina quase todo brasileiro, devido a uma identificação construída deste esporte com a nação, vem, ao longo dos últimos anos, mais precisamente a partir da década de 1990, sendo tratado em quantidade cada vez maior nas publicações jornalísticas e acadêmicas. Portanto, apesar do aumento da produção sobre esportes e especificamente de futebol, existe um número insuficiente de obras que retratam, do ponto de vista histórico e sociológico, a importância do esporte na sociedade brasileira. Se levarmos em conta as obras produzidas sobre o esporte que levam em consideração o eixo cronológico entre o surgimento do futebol (início do século XIX) e a realização da Copa do Mundo de 1950, há um número ainda mais reduzido de publicações.

Enfim, entendo que a “seara” do mundo dos esportes, que vem sendo analisada por jornalistas e especialistas no tema, como profissionais e pesquisadores em Educação Física, é um campo fértil para a exploração acadêmica e, também, para o aprofundamento do conhecimento sobre nossa sociedade.

Portanto, tenho me debruçado sobre o estudo da história do esporte e mais precisamente do futebol, tendo apresentado e publicado trabalhos em congressos e eventos temáticos na área de História e Educação Física.⁶ E nestes estudos preliminares, percebi que a imprensa teve um olhar particular sobre cada etapa do desenvolvimento do esporte no Brasil, ora criticando e questionando o papel das atividades físicas e o devido impacto destas na vida

³ GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura*. Trabalho apresentado no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em: 27/12/2008.

⁴ RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

⁵ COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

⁶ Eventos realizados em instituições como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), CEFET/RJ (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

do homem comum, ora apoiando e incentivando o esporte como lazer e diversão de uma sociedade moderna e europeizada.

Até na passagem do futebol amador para o profissional, ou seja, no final dos anos 20 e início dos anos 30, percebe-se que a visão da imprensa, crítica mordaz do profissionalismo esportivo, vai aderindo aos poucos a este novo formato de atuação dos atletas, nesta nova relação desses com os clubes.⁷

Por fim, e não menos importante, lembramos que a análise do futebol deste período esbarra também na questão racial. Dessa forma, devemos levar em conta uma “espécie de Bíblia sagrada” sobre a questão étnica no futebol brasileiro, ou seja, a obra de Mário Filho, intitulada *O Negro no Futebol Brasileiro*, cuja primeira edição data de 1947.⁸ Nesta publicação, o jornalista Mário Filho narra, inclusive sobre o ponto de vista épico, a trajetória do negro e do mulato no futebol brasileiro e o quanto este se transformou com a inserção daquele. Em resumo, Mário Filho acreditava que a miscigenação do povo brasileiro se traduziria numa melhor forma de jogar um esporte cujas habilidades exigidas seriam a ginga, a maleabilidade, o vigor físico e o “jogo de cintura” do brasileiro.⁹

Polêmicas a parte, a obra de Mário Filho é uma referência para compreendermos um pouco melhor as relações sociais no mundo do futebol e na sociedade brasileira. Retrata, ainda, a visão da imprensa sobre o esporte mais importante do século XX em sua fase inicial no Brasil.

É a partir daí que podemos entender o papel da imprensa como veículo de divulgação das práticas desportivas e das visões diversas de como o esporte, principalmente o futebol, refletia transformações como as novas relações do mundo do trabalho (amadorismo x profissionalismo), o debate sobre a formação da identidade nacional (estrangeirismo x estilo nacional) e a discussão sobre as questões étnicas e sociais (inserção dos negros e mulatos e também das classes sociais menos abastadas).

Dessa forma, nesta pesquisa optei por acompanhar a visão da imprensa do Rio de Janeiro, por uma questão bem simples: a facilidade no acesso às fontes primárias, guardadas na Biblioteca Nacional, no Setor de Periódicos.

⁷ Cabe lembrar aqui que estou me referindo principalmente aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, levando-se em consideração que o futebol teve uma aceitação e uma organização maior nestas regiões. Sabemos, entretanto, da existência de outros clubes em outros estados no período apresentado, porém não tive a oportunidade, ainda, de ter acesso a informações precisas sobre a organização destas agremiações em ligas, campeonatos etc.

⁸ Há uma segunda edição datada de 1964, atualizada e com dois novos capítulos. As edições mais recentes datam de 1994 e 2003, ambas com novos prefácios.

⁹ Expressão neste texto colocada entre aspas; porém, podemos entendê-la em seu sentido literal quando tratamos de futebol.

Aliás, cabe aqui uma observação: muitos jornais e revistas surgiram no Brasil nas primeiras décadas do século XX, porém apenas alguns poderiam ser caracterizados como publicações esportivas.¹⁰ E mesmo as demais, em muitos casos, tinham uma vida bastante efêmera. Ao analisar a participação da imprensa na sociedade brasileira, nos deparamos com a obra de Nelson Werneck Sodré, intitulada *História da Imprensa no Brasil*. Apesar do autor nos relatar que, na década de 1920, o futebol foi um importante tema e que ocupava muito espaço na mídia impressa, encontramos pouquíssimas referências sobre o mesmo em seu livro. Tal dado poderia ser explicado pelo fato dos periódicos tratarem de assuntos essencialmente políticos, deixando poucos espaços para os demais acontecimentos como, por exemplo, os esportivos. Entretanto, podemos entender também uma despreocupação do autor com o tema imprensa esportiva, devido a uma certa resistência do mundo acadêmico em tratar de assuntos como o futebol e o esporte como um todo.¹¹

A escolha deste tema de pesquisa se justifica, em parte, pela lacuna existente na historiografia e pela repercussão social que causava a imprensa esportiva na vida cotidiana dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro à época.

Tentar fugir da efemeridade dos jornais, aderir ao propósito de um jornal-empresa e conseguir atingir seu público, foram os desafios que esta modalidade de imprensa se propôs a alcançar. Tudo isto com o objetivo de publicizar, de tornar público novos símbolos e códigos de valores que passariam, também, a contribuir para forjar um novo modelo de indivíduo, criando identidades vinculadas a um projeto de modernidade, e este, por sua vez, associado a um moderno valor social de se praticar esportes.

Alguns conceitos e reflexões teóricas foram fundamentais para a elaboração deste trabalho. Sobre a visão da imprensa como produto do capitalismo industrial e moderno, utilizo a obra de Nelson Werneck Sodré.¹² Uma das ideias centrais deste autor é justamente associar o surgimento da imprensa com o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Porém, na quarta edição da obra *História da Imprensa no Brasil*, há um capítulo inédito que o autor propõe o estudo do processo de crise nos chamados grandes jornais. Apesar de importante em sua análise sobre o jornalismo brasileiro, Sodré não investe muito em temas mais cotidianos como os esportes, por exemplo. Além disso, o autor transmite uma dura crítica ao período político

¹⁰ Uma das raras exceções foi a *Gazeta Esportiva*, lançada, como semanário, em dezembro de 1928 pela *Gazeta de Notícias* e dirigida inicialmente por Leopoldo de Sant'Ana. Cabe lembrar que somente em 1948 ela se torna uma publicação diária. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. p. 420.

¹¹ Apesar de ainda não saber se esta é a posição de Nelson Werneck Sodré, muitos intelectuais se recusavam a escrever sobre futebol, por ser considerado “o ópio do povo”, ou seja, teria o objetivo de distrair a atenção do povo diante das reais preocupações da sociedade brasileira como, por exemplo, a política.

¹² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad. 1999.

da Primeira República, momento quando ocorria, para este autor, uma ausência de liberdade de expressão e instituições democráticas, como se tal fato não ocorresse em outros momentos da história brasileira, dificultando, então, a observação das peculiaridades deste período.

Para complementar esta visão da imprensa no Brasil, uso a leitura de Marialva Barbosa, que propõe uma análise da imprensa como porta-voz das agruras cotidianas (incluo aqui, dos interesses mais específicos) da população.¹³

Também trabalharei a instituição imprensa, em especial a esportiva, tratando-a como território cultural. Para tanto, me aproprio do conceito de “campo simbólico” descrito por Pierre Bourdieu.¹⁴ Vejo a imprensa como uma instituição de criar e de constituir um espaço autônomo em relação ao resto da sociedade, com uma lógica de funcionamento particular em relação a outros campos e instituições. Ora criadora de mitos e lógicas culturais próprias, ora difusora do que interessa, de fato, à sociedade. É nesta dicotomia que transita o veículo de comunicação, tendo, ainda, o desenvolvimento capitalista como motor, ou seja, o que pode e deve vender.

Bourdieu também me auxilia na compreensão da relação entre a imprensa e o poder governamental. Para este autor, a história da vida intelectual das sociedades europeias passou, a partir da era moderna, pelo processo de uma autonomização do campo intelectual.¹⁵ Uma nova categoria social seria constituída, de forma distinta, por artistas e intelectuais, liberando sua produção e seus produtos de toda e qualquer dependência social, seja das censuras morais e programas estéticos da Igreja, ou dos controles acadêmicos.

Do ponto de vista de espaço de atuação e da profissionalização prática dos jornalistas, podemos entender que houve um processo de autonomização intelectual. Porém, este processo, para a imprensa carioca e brasileira, encontrou obstáculos no dia-a-dia. Os jornais tornaram-se independentes em seus caminhos (o que escrever, como se dirigir ao público, que linguagens são criadas e que tradução do aspecto cultural se faz da sociedade), porém carregaram práticas de dependência com o poder público. É, na nossa visão, uma dicotomia interessante e intrigante. Bourdieu não refletiu sobre este conceito especificamente para a imprensa, pois pensou muito mais no mundo das artes, da literatura e do teatro. Porém, descreve o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural que trouxe uma série de mudanças, como a constituição de um público de consumidores cada vez maior e diversificado, possibilitando uma autonomia econômica aos produtores de bens culturais.

¹³ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 58.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

¹⁵ *Ibidem*. p. 100-104.

Além disso, o autor afirma que a profissionalização destes últimos possibilitou a regulação e o controle, por meio de normas e regras específicas, e a criação de uma identidade coletiva própria. Neste ponto, concordamos que a identidade, ou melhor, as identidades coletivas do mundo jornalístico seriam calcadas na tentativa de criar e manter uma autonomia intelectual e de pensamento. Se em alguns momentos políticos a imprensa sofreria com a dicotomia adesão/perseguição, ou seja, tomando partido ou perseguindo políticos e governos, não podemos generalizar e entender que os outros temas fossem tratados dessa forma. Os assuntos policiais e esportivos, por exemplo, foram searas propícias para o desenvolvimento de uma prática de cobertura (e às vezes até de criação narrativa) de questões importantes para o público leitor.

Sobre os mitos criados nos discursos dos jornalistas e cronistas esportivos, especialmente de Mário Filho, utilizamos o conceito de “tradições inventadas”, de Eric J. Hobsbawn e T. Ranger. É digno de atenção a capacidade inventiva de Mário Filho, que estimulou a criação de tradições como a da rivalidade do Fla-Flu. Sobre este aspecto, Hobsbawn nos remete a uma ideia interessante de tradições inventadas que, acredito, cabe na análise do discurso e do trabalho de Mário Filho e de outros cronistas como Vargas Netto e Geraldo Romualdo da Silva, por exemplo:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.¹⁶

Para compreender as estratégias e técnicas de produzir letras em massa e as transformações tecnológicas nesta área, Flora Sussekind nos propõe uma visão mais ampla das modificações da sociedade industrial e nos faz entender que a mídia e a imprensa (conceitos diversos, entendendo o primeiro mais como ferramenta, meio, instrumento e o segundo, um veículo, uma instituição, um campo de atuação) estão amarradas numa corrente de modernização até então apenas imaginada.¹⁷

Ainda sobre esta questão, nos apoiamos, também, nas ideias de Nicolau Sevcenko para tentar compreender como homem e máquina e tempo moderno, ágil e dinâmico interagem

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

¹⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Informo que esta diferenciação dos conceitos de mídia e imprensa é minha e que merece um detalhamento *a posteriori*, pois a intenção da reflexão, a meu ver, não merecia um aprofundamento maior neste momento.

com o tempo passado.¹⁸ Não nos cabe aqui, neste momento, discutir, do ponto de vista filosófico, a questão do tempo. Apesar disso, nos parece mais confortável utilizar a noção de tempo de Norbert Elias, que problematiza esta questão a partir de uma chave sociológica.¹⁹ Mais do que conceituar o tempo como uma “coisa” ou tentar materializá-lo (muitos historiadores tentam em vão realizar isto), cabe refletir sobre a conjuntura em que determinadas questões são vividas. Então, temos o tempo vivido, o tempo presente, que aglutina todas as identidades culturais e idiossincrasias possíveis do grupo social pesquisado e que, portanto, acaba por nos diferenciar de outras noções identitárias passadas. Mais do que a noção de passado, presente e futuro, Elias propõe entendermos o antes e o depois, visão, a princípio, simples de compreender a realidade.

Apesar do tempo poder se transformar em um objeto de nosso estudo, ele não será o protagonista desta pesquisa, a não ser para pensarmos sobre ele, a partir da análise de Sevcenko, que identifica na atenção dada aos esportes uma forma das grandes metrópoles adaptarem seus habitantes em uma nova forma de vida, condicionada ao mundo moderno.

Por fim, nos apropriamos da ideia de esfera pública, de Jürgen Habermas.²⁰ Para este autor, há uma clara possibilidade de emancipação humana diante das amarras de um Estado dominante, e que a atuação em uma esfera pública suscita uma nova postura do homem: um ser que busca uma maior racionalização social por meio da ação comunicativa. Além da liberdade de expressão, a formação de uma opinião pública passaria também pelo desenvolvimento da capacidade associativa do ser humano. Em relação a esta característica, é importante informar que os padrões burgueses de atuação foram fundamentais para criar uma área de atuação específica desta classe social. Foram tão importantes que seus padrões se universalizaram, dando a aparência de que estes deveriam ser os únicos modelos sociais e culturais. Desta forma, a imprensa (vista como instituição burguesa) proporia, também, um espaço de discussão destes padrões à medida que incorpora novos elementos e temas de interesse da população.

Neste ponto, relaciono o pensamento de Habermas com a minha pesquisa, pois trato da imprensa esportiva na cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1930, momento em que acredito que ela tenha alcançado um crescimento importante pelo surgimento de um periódico temático e pelo aumento da importância que os esportes ganharam nas páginas dos

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, nº 11, 1993. p. 78-88.

¹⁹ ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Jorge Zahar, 2001.

²⁰ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

jornais classificados como “grande imprensa”. Acrescento também que a cobertura dos esportes por parte de uma imprensa brasileira (principalmente paulistana e carioca) se torna o mote de ampliação de uma esfera pública com padrões burgueses e que apresenta os seus próprios códigos, valores e signos. As práticas desportivas, em si mesmas, já são um espaço de atuação que extrapola o universo particular e privado. Ou seja, se inicialmente as mesmas eram praticadas por uma elite burguesa e restrita, tornam-se, nas primeiras décadas do século XX, uma área de interesse cada vez mais popular, principalmente o futebol. Podemos dizer que este esporte, assim como alguns outros, foi, no Brasil, um elemento integrador e catalisador da esfera pública.

Antes de citar as fontes para esta pesquisa, gostaria de informar também que dois autores foram muito importantes no auxílio do meu trabalho, no que concerne ao entendimento do papel simbólico e estratégico da imprensa. O primeiro é de Jean-Noël Jeanneney, que disserta sobre as dificuldades presentes em um trabalho sobre a história da imprensa escrita.²¹ Neste artigo, o autor relativiza o papel da mídia e o poder do Estado, sugerindo uma investigação mais microscópica sobre a função e a história pessoal dos dirigentes dos veículos de comunicação, além dos seus respectivos jornalistas.

O segundo é de Jeffrey Hill, que trata especificamente da tríade história, jornais e esportes.²² Dentre algumas discussões úteis ao meu trabalho, o autor analisa o fato dos jornalistas esportivos criarem uma forma específica de contar uma notícia, possibilitando, desta forma, um maior interesse do leitor pelo veículo de comunicação e pelo próprio campo esportivo. Trata também do relacionamento dos jornais esportivos com a cultura local das cidades, além da relação entre os jornalistas e os clubes esportivos.

Sobre as fontes utilizadas, cabem aqui algumas notas sobre a metodologia. A base documental da pesquisa foi formada pelos jornais, principalmente, pelo *Jornal dos Sports*, no período de março de 1931 aos primeiros meses de 1950.

Para tanto, e ciente de que o jornal em análise é um diário, utilizei várias edições do mesmo, porém selecionando-as de acordo com um determinado critério. Escolhi uma edição por semana, tendo o cuidado de, a cada edição, dar conta de todos os dias da semana. Desta forma, todas as semanas foram cobertas e todos os dias da semana (segundas, terças etc).

²¹ JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 213-230. Outro artigo interessante, mas que trata das questões sobre a opinião pública, tema que não foi o interesse principal de minha pesquisa, pode ser conferido em BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René. Op. Cit.

²² HILL, Jeffrey. Anecdotal Evidence: Sport, the Newspaper Press, and History. In: PHILLIPS, Murray (Org.). *Deconstructing Sport History*. Nova Iorque: State University of New York Press, 2006. p. 117-129.

Informo, que, em muitas vezes, várias edições seguidas foram analisadas, tendo em vista a necessidade de entender melhor um determinado assunto.

Além dos temas principais em cada edição, as notícias propriamente ditas, me interessei pelos assuntos que foram discutidos nas colunas do jornal. Dentre estas, destaco “Críticas e Sugestões”, espaço destinado ao editorial do *JS*, onde a opinião institucional era declarada.

Para dar conta da proposta do primeiro capítulo, analisei, também, edições de jornais da chamada grande imprensa, como *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Porém, a pesquisa, nestes casos, foi bem pontual e exemplar.

Utilizei, também, o Projeto Memória do Esporte na Imprensa, que se encontra no Laboratório de História do Esporte e do Lazer, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Pude, inclusive, compreender o espaço que era destinado ao tema esporte nos grandes jornais e como a cobertura deste tema era tratada pelos jornalistas da época. Neste caso, utilizei exemplos pontuais da cobertura jornalística nas primeiras décadas do século XX (1920 e 1930).

Tendo como grande objetivo deste trabalho a análise do papel de uma imprensa especializada na construção de notícias sobre práticas esportivas de um jeito particular, entendo que o *Jornal dos Sports (JS)* é o melhor exemplo no estado do Rio de Janeiro, e um dos pioneiros no Brasil, por se tornar o primeiro periódico diário com este fim.

Portanto, no primeiro capítulo procurei dar conta de uma história e de uma memória da imprensa esportiva. O capítulo tem por objetivo responder à seguinte questão: em que contexto da imprensa esportiva surge o *Jornal dos Sports*? Melhor dizendo, como era a forma de produzir notícias esportivas na chamada grande imprensa na época de criação deste periódico (anos 1930) e como eram tratadas tais notícias nas décadas anteriores (anos 10 e 20). Portanto, neste capítulo abordarei os primórdios da imprensa esportiva no Rio de Janeiro. Para tal, a análise estará concentrada nos jornais da cidade do Rio de Janeiro das décadas de 1910 e 1920. As matérias utilizadas foram levantadas a partir da consulta ao banco de dados do *Projeto Memória do Esporte na Imprensa*.

Em um item específico, analisei a criação do *Jornal dos Sports* e seus primeiros números. Interessava fazer um histórico de sua criação, identificando os seus primeiros proprietários e os jornalistas envolvidos nessa empreitada. Além disso, atento ao suporte, descrevi a forma material como o jornal se apresentava aos leitores. No caso, interessa as seguintes informações: o número de páginas; os preços de venda; se existiam ou não assinaturas; a qualidade e a quantidade das imagens presentes no periódico; quais anúncios

eram veiculados e para quem eram destinados; quantas e quais colunas eram publicadas e, principalmente, quais eram os temas de que tratavam os primeiros editoriais. Enfim, trabalhei com a análise da parte gráfica do jornal e seu respectivo formato.

Por fim, neste primeiro capítulo, me propus a entender qual tipo de imprensa esportiva que existia no momento de criação do *Jornal dos Sports* (1931). Quais temas eram abordados pelos jornais da “grande imprensa” que atuavam neste período são importantes para compreender as circunstâncias em que se desenvolveu e se fortaleceu uma imprensa especializada em esportes. Em suma, busquei, mesmo que de forma bastante inicial, compreender o lugar dedicado aos esportes nos outros jornais da época. Tais jornais apresentam seções e cadernos voltados para a área esportiva, diferentemente do *Jornal dos Sports*, um veículo de comunicação especializado.

No segundo capítulo, o objetivo central foi analisar matérias publicadas pelo *Jornal dos Sports* na busca de compreender as diferenças presentes na sua linha editorial em dois momentos: da fundação, em 1931, e da compra do mesmo, em 1936, pelo jornalista Mário Filho. As matérias analisadas no capítulo são relacionadas a todo tipo de esporte, pois o capítulo seguinte é o que aborda as específicas sobre o futebol, esporte que recebia uma atenção especial da imprensa especializada, principalmente a partir da década de 1930.

Um dos objetivos deste trabalho é compreender a linha editorial inaugural do *Jornal dos Sports*, criada por seus fundadores Argemiro Bulcão e Oséias Motta. Sua edição ficaria por conta de Bulcão e este teria um papel decisivo na formação de um padrão editorial para o *JS*. Analisarei as colunas, as temáticas e quais esportes eram privilegiados, para além do futebol, no período de 1931 a 1936. A cobertura da preparação para as Olimpíadas de 1932 (Los Angeles – EUA) e a importância que era destinada para cada esporte são alguns dos exemplos que utilizarei para efetuar a análise.

Entendendo 1936 como um momento de corte na linha editorial, dedicarei algumas páginas para traçar uma breve trajetória pessoal e profissional do jornalista Mário Filho, novo proprietário do *JS*. Não tenho a intenção de construir uma biografia da personagem, mas sim ressaltar algumas características importantes que fariam, posteriormente, a diferença no momento de produzir uma nova forma de escrever sobre os esportes.

Ainda neste segundo capítulo, continuarei a analisar o conteúdo presente no *Jornal dos Sports*, porém no período de 1936 a 1950. O recorte se explica por conta da compra deste veículo de informação pelo jornalista Mário Filho, que deu um novo direcionamento para a cobertura dos esportes por parte da imprensa. Dentre os temas a serem pesquisados, selecionei, a princípio, os assuntos que foram tratados logo após a compra do jornal, mais

uma vez, à exceção do futebol, que será explorado no capítulo seguinte. As Olimpíadas Operárias e as políticas de Estado, principalmente as voltadas para a valorização das práticas de educação física e de saúde, serão temas privilegiados de nossa análise.

Por fim, dediquei um capítulo inteiro para perceber, no futebol, um campo de atuação privilegiado para a imprensa especializada. No caso do *Jornal dos Sports*, o tratamento não seria diferente. Muito pelo contrário, a década de 1930 seria exemplar, pois futebol e imprensa cresceram juntos com uma velocidade até então pouco percebida.

Analisarei o tratamento que o *Jornal dos Sports* dava ao futebol no período da linha editorial liderada por Argemiro Bulcão (1931-1936) e de como este esporte dominava as páginas do referido periódico. Lembro que o *Jornal dos Sports* se caracterizava por imprimir uma estratégia de noticiar uma gama muito variada de atividades esportivas, tentando valorizar todas as práticas desportivas disponíveis na cidade do Rio de Janeiro.

Destacarei, também, o período de 1936 a 1950, enfatizando temas relevantes para a imprensa esportiva, como a consolidação do futebol profissional no Rio de Janeiro, a preparação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938 (França), os exageros sensacionalistas das chamadas para as partidas de futebol e a consolidação da importância das crônicas esportivas na leitura do jornal. Desta forma, verifico que a imprensa se torna um dos veículos de formação de uma identidade nacional em torno do futebol. Destaco ainda a visão do jornal de cobrir não só as partidas de futebol como também de informar o antes e o depois de cada partida, ou seja, tentando dar conta dos bastidores deste esporte.

Por fim, e não menos importante, trato da campanha empreendida pelo *Jornal dos Sports* para que o estádio, posteriormente conhecido como Maracanã, voltado para abrigar os jogos da Copa do Mundo de 1950, fosse construído no bairro próximo ao Rio Maracanã e não na zona Oeste, em Jacarepaguá, como propuseram alguns políticos da época. Nesta parte do trabalho, reforço a ideia de como o *Jornal dos Sports* se consolidou como um periódico opinativo e com pretensões reais de intervenção no cotidiano esportivo da sociedade carioca.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA IMPRENSA ESPORTIVA

1.1: Pontapé Inicial: Primórdios do jornalismo esportivo carioca

Pretendo, mesmo que de forma breve, abordar os primórdios da imprensa esportiva no Rio de Janeiro. Para tal, a análise estará concentrada nos jornais da cidade do Rio de Janeiro das décadas finais do século XIX e nas iniciais do século XX, mais precisamente os anos 10 e 20. Apesar de minha pesquisa tratar da imprensa esportiva a partir da criação do *Jornal dos Sports*, no ano de 1931, faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre o trabalho dos periódicos e jornalistas que se empenharam, em décadas anteriores, em noticiar o esporte para os cariocas. As matérias utilizadas foram levantadas a partir da consulta ao banco de dados do *Projeto Memória do Esporte na Imprensa*, construído e disponibilizado pelo Laboratório de História do Esporte e do Lazer, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Poderemos, inclusive, a partir desta breve análise, compreender o espaço que era destinado ao esporte nos grandes jornais e como a cobertura do tema era feita pelos jornalistas da época.

Tal tarefa, todavia, não foi fácil, devido à escassez de uma historiografia que pudesse dar suporte a pesquisa sobre uma história da imprensa esportiva nas primeiras décadas do século XX. Temos, muito recentemente, alguns trabalhos (pouquíssimos acadêmicos) que dão conta deste tema e que serão utilizados por mim. Parece ser quase um consenso de que faltam trabalhos mais apurados sobre a importância da imprensa esportiva para a formação cultural da sociedade carioca e brasileira.

Parte do acervo encontra-se microfilmado e disponível para consulta na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional, porém, muitos jornais e revistas da época, principalmente os periódicos do século XIX e as publicações especializadas em esporte, não deixaram vestígios para que pudéssemos investigá-los.

Tal dado se explica, em parte, por serem periódicos de caráter efêmero e que não conseguiam driblar as adversidades em um mundo empresarial que era crescente e em constante transformação. Felizmente, em muitos jornais da chamada grande imprensa, havia um espaço destinado à cobertura das práticas desportivas na cidade. E é justamente a estes periódicos que recorreremos para a realização do trabalho, pois a continuidade na publicação destes foi fundamental para que sua preservação e memória fossem viabilizadas.

O trabalho de Victor Andrade de Melo mostra um caminho para iniciar uma análise da imprensa esportiva carioca, na medida em que considera que o desenvolvimento de uma

imprensa esportiva relacionava-se com um mercado consumidor ligado às práticas esportivas no século XIX.²³ A imprensa carioca deste século vai acompanhar paulatinamente a importância que as práticas desportivas teriam na sociedade do Rio de Janeiro. E o lucro trazido pela cobertura destas práticas era muito bem-vindo, pois boa parte da sua manutenção era derivada dos anúncios realizados por empresas ligadas direta ou indiretamente ao mundo dos esportes. Além disso, o interesse do grande público pelos esportes aumentava gradativamente a procura e a venda de jornais, mesmo em um momento onde as taxas de analfabetismo eram altíssimas.

É importante esclarecer, todavia, que quando tratamos de esporte ou práticas desportivas no final do século XIX e início do XX, falamos essencialmente do turfe e do remo. Parece um pouco óbvio dar tal informação, porém, para muitos jornalistas e historiadores que pesquisam o esporte, o futebol seria a única modalidade esportiva que mereceria registros pelo alcance e grau de importância que atingiria na cultura brasileira. No entanto, nosso foco maior nesta pesquisa é a imprensa e, portanto, não poderíamos confundir a história de uma imprensa esportiva com a história do futebol, como alguns autores acabam fazendo.

Todavia, por conta de uma dificuldade em ter disponível uma bibliografia sobre a imprensa esportiva, utilizo no trabalho uma série de autores que tratam de uma história do futebol, seja porque usam fontes importantes para a minha análise – os jornais –, seja porque fazem com que possamos entender o desenvolvimento histórico que o futebol teve em nosso país e como a imprensa acompanhou e colaborou neste processo.

Dadas estas devidas explicações, podemos retornar ao trabalho de Melo e entender como alguns jornais, ainda no século XIX, passaram a dar espaço para os esportes, mesmo que restritos ao turfe e ao remo.

A *Gazeta de Notícias*, por exemplo, em meados da década de 1870, produzia algumas matérias sobre esportes, e, em suas páginas, era possível vermos anúncios das competições esportivas (corridas de cavalos e regatas).²⁴ Além disso, existiam crônicas enaltecendo as

²³ MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas*. 3. ed. São Paulo: IBRASA, 1999. p. 99.

²⁴ *Ibidem*. p. 100-101. Sobre a *Gazeta de Notícias*, podemos dizer que “foi um dos jornais mais influentes do final do século XIX. Inicialmente era um jornal com perfil dedicado às elites, mantido pelo comércio de portugueses (o que o levou a ser queimado várias vezes, em razão de conflitos com esses comerciantes, e contribuiu para reduzir a sua popularidade). Posteriormente, mudaria de perfil, adotando um tom mais popular e um alcance maior. Relevantes também são as crônicas publicadas neste jornal, as que pioneiramente tematizaram o esporte, bem como a presença constante de competições esportivas na seção 'Folhetim', uma das mais lidas.” Informação retirada de MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do Esporte no Brasil: Do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. Verbete “*Gazeta de Notícias*”. p. 77.

provas de regatas e cobrando a maior presença de recursos estatais na continuidade deste esporte.

Na verdade, este jornal, assim como outros periódicos da época, reconheciam no remo um campo de atuação de um projeto modernizador da sociedade e que aliava o jogo, a atividade física e a saúde. Segundo Melo,

*As imagens da competição sempre procuravam mostrar um grande número de pessoas ao redor do mar. O remo marca bem uma nova forma de convívio, mais mundana e na qual o lazer passa a ser encarado como estilo de vida para as elites. Se grande público era mobilizado ao redor das competições, mais acessíveis do que o turfe por se realizarem nas praias e nos rios, isso não significava acesso igual a todos. (...) Ao grande público restava assistir e torcer. (...)*²⁵

Desta forma, a atividade de remo era acompanhada pelo público carioca, e, mesmo sendo praticado pela elite, ainda assim chamava a atenção dos setores menos abastados. Portanto, entendendo a imprensa como veículo difusor e criador de ideias para um determinado grupo social no tempo e no espaço; e levando em conta que se tratava de uma empresa que precisava vender jornais para se manter em um ambiente empresarial cada vez mais competitivo e modificado pela conjuntura de final de século; era de se esperar que o interesse do grande público fosse acompanhado de perto pela imprensa.

Em se tratando do remo, este ainda levava uma vantagem em relação à cobertura do turfe, pois este último estava relacionado às apostas e ao jogo de azar, moralmente condenados por parte da população mais conservadora. Porém, o interesse pelo remo surge *a posteriori* e alcança nas páginas dos jornais um espaço maior e mais equilibrado em relação ao turfe.

Outro bom exemplo da cobertura jornalística de fins do século XIX é o jornal *O Paiz*, que, segundo Melo, assim como o *Gazeta de Notícias*, também abria espaços em suas folhas para as chamadas de competições e eventos esportivos.²⁶ Por volta de 1884/1885, *O Paiz* já publicava anúncios de materiais esportivos. Além disso, em meados da década de 1890, este periódico criaria a primeira coluna para o desporto náutico no Brasil, sob a responsabilidade de Benjamim Mota.

²⁵ MELO, Victor Andrade de. 2007. Verbete “Remo”. p. 140-141.

²⁶ MELO, Victor Andrade de. 1999. p. 102. e 2007. p. 127. Sobre o jornal *O Paiz*, Melo informa que: “foi um dos jornais mais importantes do Brasil no século XIX, (...), pelo seu caráter popular, notadamente em virtude da colaboração de Arthur Azevedo, um dos mais ativos e reconhecidos jornalistas da época. (...) chegou a ser o jornal de maior tiragem e circulação na América do Sul.” In: MELO, Victor Andrade de. 2007. p. 127-128. Informo ainda que *O Paiz* fora fundado por Quintino Bocaiúva e tornara-se uma grande bandeira pelo movimento republicano. Durante a República Velha era situacionista. Maria de Lourdes Eleutério informa que este jornal obtivera grande prestígio e tiragens elevadas durante sua existência, mas não informa os números. Cf. ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Imprensa a Serviço do Progresso*. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 87.

Apesar dos grandes jornais destacarem a presença das práticas desportivas em suas páginas, os leitores ainda achavam pouco, como nos mostra uma carta publicada pelo *O Paiz* de um leitor (cujo nome era Nemo) em 1895: “Quem lê a secção de sport dos jornaes francezes e lê a dos jornaes fluminenses, chega a ter náusea dos reporters cariocas incumbidos desse serviço, ao passo que vê naquelles simplesmente a parte noticiosa de uma folha”.²⁷ Percebemos um forte interesse do público por mais e melhores informações, o que pressionava a imprensa a ampliar os seus espaços para noticiar o esporte, além, a curto e médio prazos, de criar modismos e uma linguagem mais dinâmica.

Por fim, podemos citar o *Jornal do Brasil* como grande exemplo de publicação que dedicava uma coluna específica para o mundo dos esportes desde o seu início, 9 de abril de 1891.²⁸ Esta coluna, intitulada “*Sport*”, apesar de tímida e não sendo publicada diariamente, era um espaço conquistado e construído pela importância que os esportes passaram a ter na sociedade carioca. Outras colunas, como “Avisos sportivos”, criada em 1893 para divulgar as apostas e “Vida sportiva”, que surgiu em 1895, além das frequentes notícias sobre esportes (turfe, remo e, eventualmente, ciclismo), mostram que os espaços nos jornais eram conquistados à medida que o campo simbólico dos esportes também ganhava força na sociedade carioca.

Se, em um momento inicial, os espaços nas páginas dos jornais eram destinados a pedaços espalhados pela publicação e restritos a informar as competições e seus respectivos resultados, coube ao *Jornal do Brasil* dar um novo tom a esta cobertura esportiva:

*Os aspectos “sociais” eram ressaltados, as fofocas contadas, os “tribofes” esmiuçados. (...) Dedicando grande atenção ao turfe, o Jornal do Brasil era um centro de referência para os leitores e para os “especialistas”, além de ser um órgão de cobrança por melhorias, seja do governo, seja dos clubes. Inova por constantemente trazer notícias “turfísticas” de outros estados e mesmo internacionais. (...) Muitas foram as crônicas dedicadas às peculiaridades da prática esportiva da época, escrita inclusive por ilustres intelectuais, como José da Silva Paranhos e Machado de Assis.*²⁹

Portanto, percebemos que, mesmo timidamente, ainda no final do século XIX, a imprensa esportiva vai se preocupando em ampliar a sua área de atuação e incorporar para si a ideia de dar conta de uma cobertura social do meio esportivo, seja por seu papel de valorizar a

²⁷ *O Paiz*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1895. p. 3. Apud de MELO, Victor Andrade de. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 187.

²⁸ MELO, Victor Andrade de. 1999. p. 102. Sobre o *Jornal do Brasil*, Melo escreve que: “(...) foi um dos primeiros a ter íntima ligação com o esporte, de tal ordem que era referência obrigatória para os interessados no assunto. Começa a publicar notícias de outros estados e países, a apresentar crônicas em que o esporte era tema central e assume um papel de reivindicação de reconhecimento do esporte como algo importante para a sociedade brasileira, o que, logo, deveria significar a concessão de investimentos governamentais. (...)”. In: MELO, Victor Andrade de. 2007. p. 104-105.

²⁹ MELO, Victor Andrade de. 1999. p. 102-103.

prática dos esportes como sinal de modernidade de uma elite europeizada, seja por sua função reivindicatória de mediadora da relação entre o Estado e a população.

A fim de termos uma boa noção da quantidade de publicações que surgiram no período, proponho o seguinte quadro:

Quadro 1: Publicações Esportivas surgidas no Rio de Janeiro no século XIX e no início do século XX³⁰

Títulos	Período de criação	Tipo de Publicação
<i>O Binóculo: folha litterária, sportiva e theatral</i>	1894	Esporte como conteúdo central ou importante
<i>A Arena: jornal sportivo, litterário, humorístico e noticioso</i>	1897	Esporte como conteúdo central ou importante
<i>O Turf</i>	1889	Esporte como conteúdo único
<i>O Remo</i>	1899/1900 ³¹	Esporte como conteúdo único
<i>O Cyclismo</i>	1900	Esporte como conteúdo único
<i>Revista Sportiva</i>	1894	Esporte como conteúdo único
<i>O Sportsman</i>	1887	Esporte como conteúdo único
<i>O Sport</i>	1887	Esporte como conteúdo único
<i>Semana Sportiva</i>	1889	Esporte como conteúdo único
<i>Sport Nautico – orgam official da Federação Brasileira de Sociedades de Remo (suplemento da Revista da Semana)</i>	1902	Esporte como conteúdo único
<i>A Canoagem – revista sportiva</i>	1903	Esporte como conteúdo único
<i>Brazil Sport</i>	1907	Esporte como conteúdo único

³⁰ Quadro construído a partir de informações retiradas de: MELO, Victor Andrade de. 1999. p. 104. e 2001. p. 199 e RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. p. 26 e 35.

³¹ Há uma controvérsia sobre o surgimento deste jornal, dirigido por João Canabarro, diretor do Club de Regatas. Em algumas publicações, encontro a data de 1899 e, em outros, em 1900.

<i>Revista Sportiva</i>	1908	Esporte como conteúdo único
-------------------------	------	-----------------------------

As publicações, apesar de múltiplas, eram efêmeras. A crescente procura por notícias ligadas aos esportes, principalmente ao turfe e ao remo, nesta ordem de maior cobertura pela imprensa, não se traduzia numa continuidade empresarial por parte destes periódicos especializados. Ou seja, a formação de um público ávido por conhecer, entender e participar um pouco mais de um mundo mais moderno, civilizado e saudável, de acordo com os padrões eugênicos da época, não era suficiente para garantir a manutenção de jornais e revistas que pudessem seguir adiante no espaço empresarial sem os comuns arroubos de crise financeira.

Enfim, podemos resumir, sob a luz do trabalho de Melo, que as publicações esportivas do século XIX, no Rio de Janeiro, noticiavam três tipos básicos de informações: os esportes mais desenvolvidos e organizados na época, e, portanto, contavam com um grande público – é o caso do remo e do turfe-; outros menos desenvolvidos, mas que também eram praticados, como, por exemplo, o atletismo, o ciclismo e a natação e, finalmente, uma série de outras atividades, que hoje não mais incluiríamos em um campo esportivo, mas que naquele momento, fora noticiado como esporte – caso das touradas, jogo do bicho e brigas de galo.³²

Ainda no século XIX, Melo aponta que a imprensa esportiva já atuava de forma ativa na organização de eventos relacionados ao esporte e criando modismos e formas próprias de comunicação com os leitores. Se, neste início de jornada, esta imprensa estava completamente comprometida com uma linguagem estrangeira (no caso, principalmente, a língua inglesa), com o uso corriqueiro de um vocabulário particular, nos anos e décadas seguintes, apesar de muitas palavras também nesta língua, várias expressões seriam criadas e modificadas com o objetivo de se aproximar dos leitores.³³ Um bom exemplo disto é a palavra “bacamarte”, que seria, para este autor, uma legítima criação nacional da imprensa, tendo em vista a finalidade de criar um entendimento mais claro com o leitor e o ouvinte. Chamo a atenção para este último, pois as notícias, de forma geral, eram absorvidas e comentadas por quase toda a população. No entanto, se lembrarmos que a maioria desta era analfabeta, chegamos a uma grande contradição. Esta, por sua vez, se dilui quando entendemos que os jornais tinham um alcance bem maior, para além do consumidor e leitor dos mesmos. As informações, notícias e, até mesmo, fofocas da sociedade carioca eram debatidas e discutidas de forma oral, criando

³² MELO, Victor Andrade de. 1999. p. 105-106.

³³ As palavras estrangeiras eram em um número muito significativo. Podemos citar algumas, apresentando entre parênteses também o seu significado numa interpretação livre: *starter* (*responsável pelo início das partidas ou corridas*), *entrainer* (*treinador*), *sportsman* (*homem aficionado ou participante de práticas desportivas*), *referee* (*árbitro*), *forward* (*atacante*), *corner* (*canto do campo ou escanteio*) etc.

uma rede de formação de opiniões múltiplas que tentavam fugir da dificuldade de uma taxa alta de analfabetismo, resultado da ausência de uma educação formal e abrangente no período.

Nas décadas posteriores, no entanto, a sobrevivência das práticas desportivas e da própria imprensa especializada passaria pela questão de incorporar o crescente interesse popular pelos mesmos, principalmente em relação a um novo esporte que surgia no Brasil: o futebol.

Mesmo defendendo e divulgando um modelo de *sportsman* e de uma sociedade civilizada e pretensamente moderna, contribuindo para o estabelecimento de um elitismo no meio esportivo, Melo considera que a imprensa tinha como meta primaz a venda de jornais e que, por conta disto, muitas vezes contrariava a alta sociedade carioca ao noticiar as confusões, “tribofes” e brigas nos ambientes esportivos, principalmente nas corridas de cavalos, sem falar na crítica que se fazia diante das constantes falcatruas ocasionadas no jogo de apostas do turfe.³⁴

É difícil mensurar qual era o objetivo maior da imprensa esportiva neste período, pois sendo uma instituição de caráter burguês e capitalista, caminhava na dualidade interessante de se posicionar conservadora dos padrões elitistas de sociedade, mas tentando ser revolucionária e transformadora ao noticiar novos interesses da população, sejam pertencentes à elite, sejam às classes menos ricas e poderosas. O gosto e o interesse pelos esportes se disseminavam e pressionavam a imprensa a buscar um novo posicionamento: dual, mas, certamente, mais abrangente. Novas publicações em São Paulo, apesar de efêmeras, surgiam no final do século XIX e no início do século XX, além das já citadas: *A Platea Sportiva* (1891), o jornal *O Sport* (1895), a revista *O Sport* (1898) e *Gazeta Sportiva* (1898). Logo após, veio *A Vida Sportiva*, que sucedia *O Sportsman* (1895).³⁵

Na virada do século XIX para o XX, o futebol já dava os primeiros passos para se tornar um entretenimento de muita procura. Nos seus primórdios, é promovido e praticado apenas pelos membros da elite, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Pouco tempo depois, no entanto, os bairros mais populares incorporam esta prática esportiva, seja pelo interesse no que a elite praticava, por meio dos jogos dos clubes que surgiam, seja pela própria característica deste esporte, importado da Inglaterra e que fascinava o público por conta do jogo em equipe, das possibilidades de novas jogadas, do imprevisto, da metáfora da guerra (a defesa *versus* o ataque), as estratégias etc.

³⁴ MELO, Victor Andrade de. 2001. p. 192.

³⁵ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 26-27. *A Platea Sportiva* era um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Já o jornal *Gazeta Sportiva* não tem nada a ver com o futuro periódico homônimo e que faria história na capital paulista.

Devemos considerar também que a conjuntura trazia novos ventos europeus que, para além do jogo e do esporte, viabilizava um novo projeto de sociedade e de sociabilidade. Para tanto, a prática de esportes, como modeladora de um novo homem, civilizado, saudável e moderno se fazia cada vez mais presente.

O jornalista André Ribeiro descreve, em seu livro sobre a imprensa esportiva, como o futebol surgiu como diversão e lazer das elites e como a organização de ligas e campeonatos ditos oficiais se tornavam nichos para a manutenção de um *status* social e de uma ordem que privilegiava a elite paulista.³⁶

Este trabalho, porém, peca por privilegiar uma história da imprensa esportiva identificada quase que exclusivamente por uma história do futebol. Pouquíssimos registros sobre os demais esportes são encontrados em fins do século XX até o final da década de 1940. Além disto, o autor, ao pretender dar conta de construir uma história da imprensa esportiva brasileira, centra as suas considerações sobre o tema principalmente em São Paulo, apesar de citar, em várias oportunidades, os primórdios da comunicação esportiva carioca. Em outros estados, todavia, sobram raríssimas informações.

Ao dividir os capítulos de sua obra em períodos, vemos uma tentativa de acompanhar uma evolução da imprensa e do próprio esporte em nosso país. Vislumbrados os problemas, para a nossa análise, podemos entender como a imprensa paulista conseguiu abocanhar espaços maiores nas páginas dos jornais. Como Ribeiro aponta, esta tarefa não fora fácil, mas não demorou a se concretizar:

São Paulo queria ser cosmopolita, o centro irradiador de padrões para o resto do país. Milhares de imigrantes, italianos, alemães e portugueses, eram recrutados para o trabalho nas indústrias, ferrovias e construção civil. Com tantos fatos importantes, sem contar a política local e nacional, o espaço para a divulgação do futebol, jogado nas várzeas e campos de terra da cidade, era praticamente zero, apesar de o esporte ser o lazer dessa turma toda de imigrantes.

Emplacar pautas relacionadas ao futebol naquele cenário de São Paulo era muito difícil. Mas fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grave erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época. Porém, como a elite também imperava nas redações, a criação da primeira Liga do Futebol Paulista, no final de 1901, com apenas cinco clubes da elite, virou notícia. E a estratégia para que isso acontecesse foi simples, mas planejada.³⁷

Ribeiro, então, indiretamente, concorda com Melo sobre a visão de uma nova imprensa que estava atenta com a possibilidade de aumentar a venda dos jornais. Acrescento, mais uma vez, entretanto, que tal fato não destoava do projeto da imprensa em divulgar uma sociedade comprometida com as práticas civilizatórias e modernas que os

³⁶ Ibidem. p. 19-55.

³⁷ Ibidem. p. 23.

esportes poderiam contribuir, principalmente e, durante as primeiras décadas, exclusivamente, se exercidas por interesses voltados para o lazer e o aperfeiçoamento físico e mental do homem. Desta forma, as práticas desportivas deveriam ser amadoras, com o único comprometimento do homem com o lazer, a saúde, a cordialidade e a urbanidade da elite e, com as manifestações lúdicas do esporte.

Comandado pelas elites paulista e carioca, o futebol, por meio de seus recém-dirigentes (fundadores e diretores de clubes e associações esportivas) iniciava uma trajetória em busca de visibilidade pelos grandes jornais das duas capitais.

No Rio de Janeiro, também, a formação de uma liga de futebol envolvendo os principais clubes da época seria uma oportunidade clara e rara para que os jornais da época pudessem construir novos espaços em suas páginas. Leonardo Affonso de Miranda Pereira, no trabalho sobre a história do futebol no Rio de Janeiro em suas décadas iniciais, afirma que a criação da liga carioca fora saudada com euforia pelos cronistas e jornais de então:

Organizando a prática esportiva dos clubes futebolísticos da cidade, a nova liga tentava assumir um papel de liderança sobre os rumos do esporte inglês no Rio de Janeiro, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinada do jogo. A iniciativa foi saudada com entusiasmo pela crônica esportiva dos jornais, que reafirmavam que à nova entidade estavam filiados “os centros de foot-ball mais importante da nossa capital”. (...) Construindo uma série de obstáculos para o reconhecimento dos clubes menores, incapazes de satisfazer as condições exigidas, a liga servia como um meio de definição mais clara do caráter que os sportmen dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento de difusão do futebol.³⁸

Como analisa Pereira, a intenção dos *sportmen* dirigentes era que o verdadeiro espírito do futebol fosse preservado e que a imprensa pudesse seguir tal movimento. Se neste momento inicial a imprensa acompanha este ritmo, em breve, com o aumento de popularidade deste esporte e com a necessidade capitalista do comércio de jornais, a mídia abriria suas páginas para os clubes da periferia, suburbanos, operários ou de imigrantes.

A primeira partida entre clubes no Rio de Janeiro, disputada pelo Paysandu Cricket Club e o Rio Cricket and Athletic Association, segundo Ribeiro, apenas deu origem a uma pequena nota no recém-criado *Correio da Manhã*.³⁹ O que o autor não enfatiza, apesar de mencionar, é que este jornal, por ser novo, já tinha uma coluna esportiva chamada “*Sport*”. Se o futebol ainda apresentava desconfianças, os esportes (turfe e remo) já eram uma certeza. Para valorizar o esporte bretão, era necessário criar determinadas ações como a formação de

³⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 63-64.

³⁹ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 23. O jogo entre estas duas equipes pioneiras no futebol carioca data de 22 de setembro de 1901.

ligas e campeonatos. Vale a pena conferir, no entanto, a falta de interesse inicial dos jornalistas e uma certa má vontade com a cobertura do futebol:

O mais curioso dessa partida não foi o fato de haver menos público do que jogadores, mas a forma como o jornalista escalado para a cobertura tratou o assunto. Apesar da manchete - "Pela primeira vez, no Rio de Janeiro, uma partida de foot-ball" -, a pequena nota mostrava a decepção do repórter com o resultado da partida, que terminou empatada em 1 a 1. Acostumados à cobertura de competições como remo e turfe, que sempre tinham um vencedor, o jeito foi escrever que "o placar esteve indeciso".⁴⁰

Esta situação precisava mudar e o contato dos dirigentes entre as duas cidades favoreceu o encontro dos seus respectivos clubes em jogos amistosos, o que passou a ser noticiado com destaque pela imprensa de ambos os lugares. De acordo com Ribeiro, foi justamente a amizade de Mário Cardim, então jornalista de *O Estado de São Paulo*, com membros da elite paulista que possibilitou a entrada do futebol nas pautas dos principais jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo.⁴¹ Exageros do autor a parte, parece evidente que a união de forças entre os dirigentes dos dois locais onde o futebol se desenvolvia mais rápido no país e a utilização de relações pessoais para aumentar a visibilidade deste esporte foram importantes para um novo posicionamento da mídia em relação ao futebol.

O meio para que isto pudesse se tornar realidade era uma dupla de jogos entre jogadores paulistas e cariocas, fato inédito até então. Apesar do sucesso momentâneo dos idealizadores das partidas interestaduais, a prática jornalística em noticiar os esportes ainda estava em construção.

As partidas eram noticiadas de forma bem objetiva, em poucas linhas, apresentando dados pontuais como quais clubes disputariam as partidas, em que local e o resultado final. Nos raríssimos textos assinados usava-se pseudônimo. De acordo com Ribeiro, esta estratégia se explicava pela falta de pessoal nas redações e um jornalista tinha que escrever várias colunas e matérias.⁴² Apesar de entender que este era um artifício comum em jornais e utilizado por vários cronistas, no caso do futebol, se explica, também, em parte, por muitos ainda não terem a certeza deste esporte ter futuro ou de ser um assunto que seria realmente lido pela sociedade. O momento, portanto, era de incerteza e poucos gostariam de emprestar o seu nome para uma matéria que talvez não tivesse tanta repercussão. Um bom exemplo desta desconfiança dos jornalistas é o texto que noticiava em *O Combate*, uma partida entre dois principais clubes da capital paulista, elaborado pelo repórter José Carvalho:

⁴⁰ Ibidem. p. 23.

⁴¹ Ibidem. p. 24-25. O autor cita que as partidas foram noticiadas pelo *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*.

⁴² Ibidem. Op. Cit. p. 25.

No prado do Velódromo, ontem, dois puro-sangues: Paulistano e Mackenzie. Ambos galoparam bem, demonstrando estar nas pontas dos cascos. Chegaram juntos, porque cada um deles fez o focinho, a bola, entrar uma vez ao disco com rede. Não foi fornecido o resultado do rateio. Serviram-se ao final, bebidas e salgadinhos...⁴³

Com ironia e sátira, presentes em toda a parte em nossa imprensa brasileira, ou por puro desconhecimento de como noticiar uma partida de futebol, o fato é que esta técnica de escrever o esporte sofreria mudanças ao longo das primeiras décadas do século XX.

Este mundo de incerteza foi gradativamente deixado para trás, com a crescente cobertura pelos jornais cariocas e paulistas dos campeonatos, recém-criados pelas ligas de futebol. No Rio, o *Gazeta de Notícias* inaugurava uma seção fixa e diária chamada de “Gazeta dos Sports”. O público presente nos estádios e campos aumentava a cada ano e a procura por mais informações, idem. A média de público, em São Paulo, girava em torno de 2 mil espectadores e nas finais, atingia o número de 6 mil pagantes. No Rio, os números são parecidos. Dois anos após o surgimento da liga carioca de futebol, em 1908, o público presente nas partidas era significativo, conforme nos informa Pereira sobre um amistoso entre um selecionado argentino contra um combinado de cariocas. Mesmo em um jogo de excepcionalidade, por ser uma disputa internacional, é marcante a presença do público:

Dentro do ground, a assistência era calculada em cerca de seis mil pessoas, enquanto do lado de fora uma multidão “encarapitava-se nos muros, nos carros”, para assistir à partida. (...) “O dia policial teve vazias a horas durante as quais se empenhou o match”, ironizava um cronista da Gazeta de Notícias – impressionado com a presença maciça no jogo de um grande número de indivíduos que, para ele, estariam mais bem representados nas colunas policiais.⁴⁴

Nas passagens acima, fica evidente o interesse crescente pelo público em partidas de futebol, principalmente as mais importantes, inclusive internacionais, e, também, a visão ainda elitista do jornalista que se incomodava com a presença de muitos populares no evento.

Destaca-se, neste momento, as crônicas de Paulo Barreto, conhecido por João do Rio, que enaltecia a participação dos jogadores brasileiros contra o selecionado argentino e lançava ideias sobre um sentimento nacionalista, cujo palco de manifestação viria do campo de futebol, preencheria a arquibancada e ultrapassaria os muros do estádio.

A importância destes amistosos atingiu um grau tão alto que, pela primeira vez, o futebol era manchete de primeira página em um grande jornal – no caso, a *Gazeta de Notícias*.

⁴³ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. p. 177. Apud de RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 26.

⁴⁴ “O segundo match internacional”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1908 e “Pequena crônica da cidade”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1908. Apud de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. Cit. p. 104-105.

No entanto, os jornalistas esportivos, no afã de valorizar a elite propulsora da modernidade civilizatória, passaram a investir numa escrita em que subestimava a capacidade de interação social de jogadores e clubes menos abastados. Estes eram considerados e tratados como homens agressivos e brutos, incapazes de compreender a beleza e a jovialidade do esporte bretão. Em São Paulo, por exemplo, o jornal *A Fanfulla*, voltado para todas as notícias relacionadas ao mundo dos imigrantes italianos na capital paulista, abria espaços para os jogos e campeonatos de várzeas e, posteriormente, seria o porta-voz do Palestra Itália, clube fundado por imigrantes italianos.⁴⁵ No Rio, cerca de 70 clubes de bairros suburbanos eram criados para a prática do futebol. Isto tudo no ano de 1907, quando a prática e o interesse pelos esportes ainda estava em um processo de desenvolvimento e crescimento. *O Paiz*, inclusive, criaria uma seção para divulgar notícias sobre estes clubes, suas recém-criadas associações e seus respectivos torneios.⁴⁶

A técnica e os métodos de redação dos jornalistas se tornavam mais árduos, de acordo com a nova necessidade dos mesmos: a de noticiar cada vez mais informações sobre a nova coqueluche das cidades. Em pouco tempo, no intervalo de menos de 5 anos, os jornalistas passaram a substituir microtextos com breves notas sobre os jogos, como já citamos, por “descrição (...) longa e confusa, e chegava a ter vinte parágrafos, como comprova o artigo publicado (...) do *Correio Paulistano* em 1903 (...): 'Descrever minuciosamente o jogo é tarefa árdua, se não impossível, pois tantos e múltiplos seriam os fatos a narrar'”.⁴⁷ Ou seja, os jornalistas teriam que dar conta de uma descrição minuciosa dos jogos, tentando encontrar a fórmula correta de criar notícias sobre o futebol.

Assim como os clubes e jogadores de bairros e classes mais pobres eram subestimados pela imprensa, o público mais popular nos estádios também o era. Os jornais da época resistiam em noticiar a presença de pessoas de classes menos abastadas nas partidas de futebol. A estes cabiam, pela imprensa, protagonizarem duas situações: ou eram seres “invisíveis”, pois sua participação era ignorada pela imprensa ou apareciam em situações onde eram considerados indivíduos “bárbaros”, com pouca educação e sem a possibilidade de compreender a importância civilizatória de uma partida de futebol.

As fontes que os jornalistas encontravam para a elaboração de seus textos vinham, em muitas das vezes, de sócios e aficionados pelos clubes e pelo próprio futebol. As informações

⁴⁵ *A Fanfulla* “entrou para a história como o jornal de maior circulação na década de 1920”. In: RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 46.

⁴⁶ Ibidem. p. 32-33.

⁴⁷ MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000. p. 73-74. Apud de RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 29.

eram as mais diversas possíveis e, invariavelmente, publicadas pelos jornais. No entanto, no ofício de repórter, deste período, eram raros aqueles que acompanhavam o dia-a-dia do clube, e mais raro ainda aqueles que se entusiasmavam pelos bastidores do jogo de futebol. Entrevistas com jogadores ou dirigentes ainda não faziam parte da pauta destes profissionais.

O fim da primeira década do século XX, no entanto, marcou uma mudança gradual da postura dos mesmos, pois, segundo Ribeiro, o público se apaixonou pelo futebol e sentia a necessidade de buscar cada vez mais notícias sobre tudo que pudesse se relacionar com este esporte. Segundo o autor:

O respeito por esse novo público consumidor passou a ser obrigatório. Até mesmo em períodos como o carnaval, os jornais eram obrigados a se desculpar com seus leitores por conta da redução do noticiário. O foco da notícia também se ampliava. Com jornais específicos, começaram a surgir notícias dos bastidores, envolvendo as vidas dos protagonistas do espetáculo. Jogadores tratados como ídolos de suas torcidas passaram a ter suas vidas investigadas. No Rio de Janeiro, alguns jogadores que eram vistos “paquerando” moças pelas esquinas viravam assunto nas páginas esportivas do dia seguinte.⁴⁸

Notamos, portanto, uma clara mudança de interesse dos temas a serem tratados pela imprensa, pois, mesmo incipientes, já se buscavam novas abordagens do mundo do futebol, que pudessem satisfazer a sede de informações dos leitores e aficionados pelos esportes, fossem eles “*sportmen*” ou não.

A década de 1910 seria propícia para o crescimento da imprensa esportiva brasileira. Tudo isto se explica pela continuidade dos campeonatos organizados pelas ligas estaduais, pelo aumento do público visitante nos estádios, pelo crescimento do público leitor e comprador de jornais, além dos interessados nas notícias esportivas. Incluo também, neste rol, a rivalidade que surge nas páginas do Rio e de São Paulo, entre os clubes de futebol, suas respectivas importâncias na busca pela representatividade nacional e, finalmente, sob um aspecto crucial de relevância em nossa análise, a capacidade de interpretação dos jornais desta rivalidade, contribuindo para a criação e sustentação da mesma.

Os jogos interestaduais tornavam-se frequentes.⁴⁹ E a consequência mais evidente deste processo era o aumento da área esportiva nas páginas dos grandes jornais. Como exemplos, podemos citar o *Jornal do Brasil*, que, em 1912, dedicou uma página inteira aos esportes e, em 1913, o *Correio da Manhã* foi mais além ao instituir uma competição entre paulistas e cariocas, chamada de Taça Correio da Manhã. A imprensa, neste último caso, saía de sua atuação noticiosa, para entrar, de vez, na participação da organização dos esportes. Não

⁴⁸ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 35.

⁴⁹ Em 1911 foram realizados cerca de 13 jogos envolvendo equipes paulistas e cariocas, além de excursões praticadas em outros estados. Informação retirada de RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 40.

mais iniciativas pessoais e que exigiam o estabelecimento restrito de redes de sociabilidade, como no caso de Mário Cardim, em São Paulo; mas uma atuação mais plural e institucional, numa relação com os clubes, mas deixando claro um comprometimento com o público leitor e aficionado. No Rio, por exemplo, a figura de Coelho Neto tornou-se importante para fortalecer as crônicas sobre futebol, devido à sua relação muito próxima com o Fluminense, clube pelo qual era um apaixonado.⁵⁰

Esta atuação da imprensa fica evidente no posicionamento quanto à formação de ligas paralelas de futebol. Em São Paulo, por exemplo, a maior parte da imprensa fica do lado da APEA (Associação Paulista dos Esportes Atléticos), entidade criada pelos principais clubes paulistas que tomaram um rumo pela continuidade da elitização do futebol, sendo contrários, portanto, à popularização do mesmo. No Rio, o processo era semelhante: a imprensa defendia a manutenção de uma liga de grandes clubes (a Liga Metropolitana), em detrimento de uma nova criada pelo Botafogo chamada de Associação de Futebol do Rio de Janeiro.

Além disso, a própria imprensa, ao defender o *status quo* das ligas consideradas “legais”, percebia a necessidade de se organizar, também, enquanto campo de profissionalização de sua área. Desta forma, era criada, em 1917, na cidade de São Paulo, a Associação dos Cronistas Esportivos, com o objetivo, mesmo que não tão claro para a época, de posicionar este tipo de imprensa diante de uma série de transformações pelo qual os esportes, incluindo o futebol, a imprensa e a própria sociedade passavam.

Leia-se “ficar do lado” das ligas, como continuar a divulgar os jogos dos clubes destas agremiações prestigiadas pela imprensa e, simplesmente, ignorar, parcialmente ou, senão, por completo, os demais jogos. Aliás, com o fortalecimento dos clubes, o espaço na imprensa era mais dedicado aos grandes clubes, esquecendo, muitas vezes, que o futebol já era praticado em todos os cantos das principais cidades brasileiras, inclusive, com uma certa organização (formação de clubes, ligas e campeonatos suburbanos).⁵¹

Se a rivalidade entre Rio e São Paulo já crescia nas linhas editoriais da imprensa esportiva, esta se acirrava com a possibilidade e necessidade daquele momento de criar uma organização que pudesse representar o futebol brasileiro. O caminho mais rápido para tal empreitada seria disputar jogos envolvendo, em um mesmo time, jogadores dos dois principais centros de futebol.

⁵⁰ Coelho Neto era jornalista, poeta e romancista, morava praticamente em frente à sede do Fluminense, em um palacete em Laranjeiras e teria dois filhos jogadores deste clube, Mano e Preguinho, este último chegando até a seleção brasileira.

⁵¹ Segundo Ribeiro: “Essa força dentro do gramado também se refletia na cobertura da imprensa da época: sobrava pouco espaço no noticiário para os outros times que disputavam a competição”. In: RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 46.

Foi exatamente o que ocorreu quando o time inglês do Exeter City excursionava pelo Brasil. Se o futebol vindo da Inglaterra, no século passado, possibilitou a criação e expansão deste esporte de forma meteórica no Brasil, agora, por conta de um time inglês, se formava uma “proto-seleção brasileira”. Ainda no ano de 1914, os jogadores brasileiros comemorariam a conquista da Copa Roca, na Argentina.⁵² E finalmente, também neste ano, a formação da seleção brasileira passaria a ser da responsabilidade da recém-criada Federação Brasileira de Sports e que, em 1916, se chamaria Confederação Brasileira de Desportos (CBD).⁵³ Com sede no Rio de Janeiro, a federação carioca levava vantagem nesta briga política no mundo esportivo. Segundo Ribeiro:

Se fora dos gramados a luta pelo poder incendiava a política, dentro dos estádios a imprensa esportiva começava a se assustar com o clima quase de guerra que se observava em alguns jogos disputados no Rio e em São Paulo. Notícias sobre brigas entre jogadores e também entre torcedores nas arquibancadas tornaram-se frequentes, principalmente com o fato de o público muitas vezes superar a marca de 10 mil pessoas. Até mesmo o policiamento nos estádios, por causa dos constantes distúrbios, passou a ser obrigatório. Nos jornais cariocas, notícias sobre esfaqueamento, tiros e outras confusões ocorridas durante os jogos tornaram-se comuns. A paixão desenfreada dos torcedores garantia a venda dos principais jornais do Rio e de São Paulo; tanto é verdade, que quase todos mantinham seção esportiva diária.⁵⁴

Ao que parece, a imprensa esportiva tinha, agora, uma série de assuntos para cobrir, principalmente, ligados ao futebol, como, por exemplo, a briga entre as ligas para se tornarem hegemônicas no cenário nacional, o aumento dos frequentadores, a violência que se torna mais presente nos estádios e que inundam as páginas dos jornais desta década.

Voltando para a questão da rivalidade entre paulistas e cariocas, a tendência em fins da década de 1910 era de uma disputa acirrada na defesa pela hegemonia do esporte bretão: “Havia uma ‘guerra’ declarada entre a imprensa das duas principais cidades do país. Trocavam xingações e desaforos, principalmente no período em que equipes paulistas e cariocas se enfrentavam.”⁵⁵

Outra questão importante nesta época era a dinâmica do tempo. Até meados da década de 1910, era muito comum que os torcedores e aficionados tivessem que esperar até o dia seguinte para conhecer o resultado das partidas. Com a evolução tecnológica das gráficas, que importavam um maquinário mais ágil e dinâmico, e com o próprio desenvolvimento da técnica de escrita, já era possível, para aqueles que não iam ao estádio ou nas suas imediações,

⁵² A Copa Roca era um mini-torneio disputado entre as seleções do Brasil e Argentina e, nesta edição, foi conquistada no dia 27 de setembro de 1914.

⁵³ Posteriormente, em 1979, a CBD se transformaria na atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

⁵⁴ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 44-45. Grifo nosso.

⁵⁵ Ibidem. p. 49.

conhecer o resultado em três ou quatro horas, pois os jornais passavam a publicar várias edições diárias.

Se o tempo era um fator que se tornava um facilitador para o crescimento da imprensa esportiva, em fins da década de 1910; o vetor espaço dificultava a cobertura jornalística devido às circunstâncias financeiras e sociais em que o país se encontrava:

Se não havia dinheiro para nada no país, muito menos para os jornais gastarem com a cobertura esportiva. A viagem a Santos, no litoral paulista, a apenas cem quilômetros da capital, tornava-se uma eternidade para jornalistas interessados na cobertura dos jogos que os clubes da capital realizavam na cidade. Para receber a visita dos principais jornais de São Paulo, dirigentes do Santos Futebol Clube mandavam dinheiro para os cronistas poderem viajar até a cidade praiana. O dinheiro para as despesas, 20 mil réis, era enviado por banco ou via pessoal. Pode parecer pouco, mas na ponta do lápis dava e sobrava: a passagem de ida e volta custava 6 mil réis; o almoço, 8 mil; o lanche, 2 mil; sobravam, portanto, 4 mil réis. Como comparação, um árbitro de futebol ganhava 30 mil réis.⁵⁶

Nesta citação, podemos compreender que a vida do jornalista esportivo não era amena e fácil, o que ainda vai ser mantida nas décadas subsequentes, apesar do aumento de importância dos esportes e da própria imprensa esportiva. Esta “dependência” dos jornalistas com os clubes tornava-se uma prática comum e aceitável no meio midiático, principalmente em tempos de crise econômica e social.⁵⁷

Apesar da crise econômica e da gripe espanhola, o que marca bem a imprensa no final da década de 1910 é o Campeonato Sul-Americano de seleções, disputado no Brasil e vencido pelos anfitriões. Destacamos que, de vez, o tema esportivo inundava as páginas dos grandes jornais, e ter este tema como primeira página era comum durante o torneio. O jornal *O Paiz* havia instalado um letreiro em sua sede para informar à população o andamento das partidas, e as “dicas” vinham do Estádio das Laranjeiras, imediatamente repassadas por telefone.

O autor e pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva resume bem, quando analisa o final da década de 1910, as mudanças gradativas nos textos dos cronistas esportivos:

No início da década, os textos eram geralmente curtos, com uma linguagem altamente padronizada e uma estrutura textual fixa, que apenas raramente apresentava variações. À medida que as matérias se tornaram mais longas, a linguagem e as estruturas textuais se diversificaram e novas formas de abordagem do esporte foram, aos poucos, sendo exploradas. O vocabulário polido e o tom laudatório foram sendo timidamente invadidos pelo

⁵⁶ DE VANEY, Adriano Neiva. *Álbum de ouro do Santos Futebol Clube*. Edição do Clube. p. 119. Apud de RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 51.

⁵⁷ Cabe observar que o fim dos anos 1910 também é o período em que a população brasileira sofre com a epidemia de gripe espanhola. Além do medo da morte, evitava-se também estar em grandes contingentes de pessoas, como nos estádios e jogos, por exemplo. Um outro exemplo desta relação íntima e próxima de jornalistas e os clubes foi quando, em 1925, numa excursão pela Europa do Paulistano, importante clube de São Paulo a época, dois jornalistas de *O Estado de São Paulo* e do *São Paulo Esportivo* acompanharam a delegação, com passagens pagas pelo próprio clube. O primeiro, Américo Netto, ainda era o intérprete e o “relações públicas” da delegação. In: RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 64.

*humor, pela presença explícita da subjetividade dos cronistas, pela violência dos debates inflamados pelas rivalidades clubísticas e regionais etc.*⁵⁸

Todavia, apesar de concordar com as características acima citadas, cabe observar que o humor se fazia presente na imprensa desde o século passado e que as rivalidades regionais refletiam também insatisfações em âmbito da política nacional.

O que mais nos chama a atenção, porém, é em relação ao tratamento destinado às fotografias, pois a quantidade e a qualidade das imagens revelariam, ao longo desta década, uma preocupação com o dinamismo e a ação, próprias do esporte. Das fotos quase “marciais” dos jogadores perfilados em tom de altíssima seriedade, tornam-se frequentes as imagens de atletas em ação, da torcida do público, de charges e caricaturas cômicas. Segundo Silva: “Embora os grandes jornais também participassem desse movimento, foi particularmente importante, (...) o papel dos periódicos especializados em esportes e das revistas de variedades, com suas grandes 'reportagens fotográficas', compostas por ricos mosaicos de fotos, (...)”⁵⁹ Apesar de uma certa evolução na linguagem, o autor, porém, enxerga muito mais traços de continuidade estrutural do que de ruptura do modo de fazer imprensa.

No Rio, em poucos anos, surgiram vários periódicos (jornais e revistas) especializados como *Cigarra Esportiva* e *Vida Esportiva* (1917), *A Época Sportiva* e *O Diário Desportivo* (1919), dentre tantos outros. A efemeridade permanecia, entretanto, agora minimizada pela pluralidade e quantidade pulsante de publicações esportivas.

Cabe destacar ainda, que a Associação dos Cronistas Esportivos passou a se preocupar com a falta de padronização na escrita dos esportes, inclusive realizando várias reuniões e chegando a publicar um dicionário para substituir as palavras e expressões inglesas por adaptações para o português:

*(...) como corner que virou escanteio; dribbling, que virou finta; foul, que virou falta; back, que virou zagueiro; center-half, que virou centro médio. A lista era enorme, e a principal polêmica foi provocada pela definição da palavra-chave do jogo: football. Pelas sugestões apresentadas, por pouco nosso futebol não se transformou em “podosfera”, “balípodo” ou ainda “bolapé”. O futebol venceu. As novas expressões foram adotadas apenas em São Paulo; a imprensa carioca demorou vários anos para adotá-las.*⁶⁰

⁵⁸ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 42-43. O autor utiliza como fonte primária de seu trabalho um álbum de recortes de matérias de diversos periódicos, condensados por Marcos de Mendonça, goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira na década de 1910. O objetivo de Marcos era manter uma memória de sua trajetória enquanto atleta e serviu posteriormente para análises e pesquisas mais profundas sobre o futebol e sobre a própria atuação da imprensa no período.

⁵⁹ *Ibidem*. p. 43.

⁶⁰ RIBEIRO, André. *Op. Cit.* p. 54.

Mesmo entendendo que Ribeiro tenha a intenção de construir uma história da imprensa brasileira elevando ao máximo a participação paulista nesta empreitada, a informação apresentada é bem interessante e peculiar.

Porém, devemos enxergá-la numa conjuntura de disputa entre duas cidades, representando dois estados importantes da União que divergiam em relação aos rumos políticos do Brasil. No campo esportivo, esta briga não era menos amena. Muito pelo contrário, refletia o que se podia fazer pelo homem mais simples, pelo torcedor, pelo aficionado, pelo apaixonado por um clube ou por uma identidade urbana. Uma ação mais próxima de rivalidade dava a sensação de uma participação ativa do homem comum, quando o seu mundo poderia ser defendido de forma próxima, não tão distante como as rivalidades políticas em um plano nacional.

Além disso, lembramos que este período – final da década de 1910 e início dos anos 1920 – é também marcado pela discussão da identidade da cultura nacional pelo fenômeno modernista. Notamos, então, uma disputa que se reflete no meio do jornalismo esportivo, quando São Paulo dava um pontapé inicial neste jogo simbólico de representar a cultura brasileira, do qual, agora, também fazia parte o futebol.

Angela de Castro Gomes, ao descrever os contatos e encontros entre os intelectuais cariocas e paulistas, no início dos anos 20, constata que:

O Rio era o espaço da Academia e dos parnasianos e simbolistas, contra os quais essa bandeira investia duramente. Viajar para a Capital Federal era mesmo cutucar a onça da “cultura estabelecida”, mesmo porque as vinculações dos intelectuais cariocas às tradições de sua cidade eram complexas e, se não excluía desafios e conflitos, não comportavam a “radicalidade” paulista.⁶¹

Se esta radicalidade realmente existia, na forma de construir novos parâmetros para a identidade cultural brasileira, podemos enxergar também um rescaldo dela na forma de escrever sobre o esporte. Não por acaso, a partir de 1925, *O Estado de São Paulo* já adotava uma estratégia que podemos chamar de “radical”:

O Estado de São Paulo já adotava a política de apertuguesar ou adaptar as expressões inglesas. O subsecretário da redação, José Renato Pantoja, encarregava-se de policiar o uso desses termos e, quase apoplético e de dedo em riste, advertia severamente o transgressor. Sua maior idiossincrasia era a palavra gol, terminantemente proibida e substituída por tento ou ponto.⁶²

⁶¹ GOMES, Angela de Castro de. Essa Gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, nº 11, 1993. p. 68. A bandeira a que se refere a citação é uma criação de Hélios ou Menotti del Picchia e fazia referência aos artistas e intelectuais paulistas que iam mostrar os seus trabalhos em terras mais conservadoras, segundo ele. No caso, o Rio de Janeiro. Vale a pena também conferir o artigo de SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, nº 11, 1993. p. 78-88.

⁶² RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 54.

Ainda que hoje em dia a palavra “tento” seja utilizada por locutores e radialistas, essencialmente paulistas, já, na época, soava estranho para os ouvidos do público que se acostumara com “goal” (objetivo), e, logo depois, “gol”. Mais do que um ponto ou uma vantagem, esta palavra denotava ação, dinamismo, interação com a partida.⁶³ No entanto, o que mais nos chama a atenção é a forma mais radical de atuar das instituições de mídia, por meio de seus dirigentes (editores, chefes de setor, gerentes etc.). O fim maior era estabelecer uma linguagem moderna e culturalmente viável para a população ávida por mais informações sobre os esportes.

A década de 1920 tornou-se uma conjuntura em que novas discussões sobre o esporte foram incorporadas pela imprensa. De uma forma geral, podemos dizer que os temas prioritários foram: o acirramento na rivalidade entre paulistas e cariocas; a discussão entre amadorismo e profissionalismo; a violência empreendida por torcedores; e o interesse pela seleção brasileira. Estes foram apenas alguns exemplos do que passou a ser realidade, nas páginas esportivas dos anos 20 e 30.

Sobre a violência, inclusive, é interessante ponderar que, apesar da imprensa esportiva execrar qualquer ação de violência dentro e fora de campo e dos estádios, a origem dos atos de vandalismo e barbárie sempre viriam, para ela, das classes sociais mais baixas. A defesa do estilo do “verdadeiro *sportman*” deveria ser garantida nos jornais. Todavia, seja por uma questão de se dirigir diretamente ao público ou pela circularidade das ideias da época, a linguagem dos jornalistas se tornava mais parecida com a dos torcedores, devido às paixões pelos clubes ou regionais (cariocas X paulistas, por exemplo).

Desta forma, a autonomia setorial do jornalismo esportivo, diante da chamada grande imprensa, foi tomando mais forma e corpo. Os anos 30, todavia, tratariam de consolidar uma nova técnica de escrever sobre os esportes, sendo que analisaremos este assunto mais adiante.

Sobre a questão racial, por exemplo, seguiu-se também um debate importante acerca da participação de negros e mulatos no futebol e, mais precisamente, na formação da seleção brasileira. Discussão ampla que, apesar do campo esportivo, tratava-se de uma questão em nível nacional.

Já sobre o debate entre tornar ou não os atletas jogadores remunerados pelos clubes ou por empresas ligadas aos mesmos, este era cada vez mais frequente na mídia. Aos poucos, os jornais que eram quase unânimes em combater o profissionalismo, semiprofissionalismo ou “amadorismo marrom”, tornavam-se mais receptivos a esta nova ideia. Tal dado se explica

⁶³ A palavra “gol” também, até hoje, é designada para sinônimo de meta, baliza, local onde o goleiro atua.

muito mais pela aceitação dos próprios clubes e ligas que tornavam suas regras menos rígidas em favor da competitividade entre as equipes. Adotar estas práticas, mesmo que de forma discreta, era o caminho que deveria ser seguido.⁶⁴

As críticas às formas profissionais de atuar dos jogadores ainda eram redigidas por alguns cronistas, com destaque para Max Valentim, que escrevia para *O Imparcial*, sob o pseudônimo de Afonso Várzea, com duras linhas sobre tal tema. Ao problematizar tal questão, o jornalista, que vinha de uma experiência de noticiar a área política, contribuiu para inovar o estilo literário da crônica esportiva, ao abandonar a descrição minuciosa das partidas pelos comentários mais ágeis, analisando os erros e acertos dos jogadores. A página sobre futebol, pelo menos duas vezes por semana, duplicava de tamanho neste jornal.

No Rio e em São Paulo vários jornalistas se destacavam pela facilidade em acompanhar as principais notícias sobre os esportes e obtinham fama com isto, como, por exemplo, Thomaz Mazzoni⁶⁵ (*São Paulo Esportivo*, *Almanaque Esportivo*, *O Combate*, *São Paulo Jornal*, *Diário Nacional*, *A Estampa Esportiva* e *A Gazeta*) e Mário Rodrigues Filho (*A Manhã*, *A Crítica* e *O Globo*).

Sobre este último, Mário Filho, tornaria-se um dos mais importantes jornalistas esportivos do Brasil ao trabalhar em várias frentes de defesa do esporte, como veremos mais adiante. Neste trabalho, que privilegia o estudo de parte significativa da imprensa esportiva nas décadas de 1930 e 1940, Mário Filho não poderia ficar de fora de nossa análise.

Mazzoni, ao chegar ao *A Gazeta*, jornal paulista de propriedade de Cásper Líbero, para trabalhar no caderno de esportes *A Gazeta Esportiva*, semanário no formato tablóide, lutou para tornar este último um diário independente.⁶⁶ Todavia, a primazia pela criação de um diário especializado em esportes caberia ao Rio de Janeiro com o surgimento, um pouco mais tarde, do *Jornal dos Sports*.

Na disputa incessante entre a imprensa das duas grandes cidades, já esportivas, neste ponto o Rio de Janeiro ganhava um *round* ou, em outras palavras, fazia um tento, ou melhor, um *goal*. Os anos 1930 seriam um palco onde atuariam alguns craques nas principais páginas dos jornais brasileiros. Era preciso ter espaços privilegiados para eles. O *Jornal dos Sports* tornou-se um desses.

⁶⁴ Neste ponto, a conquista do Vasco da Gama em 1923 foi crucial para despertar a atenção dos grandes clubes cariocas para a aceitação ou não do profissionalismo. Para entender mais sobre este tema, ver em PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. Cit. Especialmente p. 308-330.

⁶⁵ Thomaz Mazzoni receberia o apelido de “Olimpicus” por conta de seu conhecimento e interesse em várias modalidades esportivas.

⁶⁶ *A Gazeta Esportiva* só conquistaria o direito de se tornar um diário a partir da década de 1940.

1.2: Uma arena de notícias: a fundação do *Jornal dos Sports* e os seus primeiros editoriais

O início da década de 1930 pode ser considerado como um marco da imprensa esportiva. Tal observação se justifica por alguns fatores importantes.

Como já foi visto, a imprensa em geral e, particularmente, a esportiva, desde o século XIX, se fez presente no cotidiano da sociedade e procurou trazer informações a respeito das práticas desportivas e da própria formação de uma cultura identitária da população atingida, mesmo que seguindo, fortemente, os padrões burgueses.

Todavia, a forma de criar representações coletivas por meio do esporte sofreu uma série de modificações ao longo das primeiras décadas do século XX e criou um campo específico de atuação da imprensa. Além disto, foi construída, também, uma forma específica de escrever neste período e esta estava ligada às novas técnicas de produção literária que a conjuntura histórica do modernismo trazia à discussão.

Neste ponto de reflexão, utilizo o trabalho da autora Flora Sussekind que analisa, dentre outras questões, as transformações técnicas ocorridas no início do século XX e o quanto estas influenciaram a produção cultural. Desta forma, destaco a seguinte questão:

*Não se trata mais de investigar apenas como a literatura representa a técnica, mas como, apropriando-se de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema, ao cartaz, transforma-se a própria técnica literária. Transformação em sintonia com mudanças significativas nas formas de percepção e na sensibilidade dos habitantes das grandes cidades brasileiras então.*⁶⁷

Desta forma, entendemos que o esporte estava intimamente ligado ao nascimento destas novas formas de percepção e sensibilidade, às quais Sussekind cita em seu trabalho. Porém, esta “onda moderna” de percepção das novas representações sociais e da própria forma de reinventar a escrita literária, além de um outro olhar para a relação do homem com a tecnologia, principalmente devido à aquisição pelos jornais de novos equipamentos tecnológicos, não foi uma unanimidade. Longe disso, vários escritores, inclusive alguns já prestigiados pela imprensa e pela sociedade, se mostraram refratários a esta nova realidade.

Alguns autores como Olavo Bilac, prevendo um futuro menos literário e mais dinâmico na imprensa, criticava, no jornal *A Notícia*, que:

⁶⁷ SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 16.

Já se anuncia bem de perto o jornal do futuro, falado e cinematografado, entrando rapidamente pelos olhos e pelos ouvidos, graças à ação combinada dos fonógrafos e das fitas do Pathé. Já os artigos longos cansam a atenção do público leviano. Quase todos os leitores dos jornais diários limitam a curiosidade à leitura dos telegramas, das curtas notícias, nas quais, em poucas palavras, se diz que o que houve nas câmaras, nas secretarias e nas ruas.⁶⁸

Como podemos observar, o público “leviano”, para Bilac, seria, ou aquele que consumiria as novas modalidades de estilo literário, incluindo aí a própria imprensa “moderna” e “dinâmica”, ou, também, as camadas mais baixas da sociedade.

De qualquer forma, esta não só era uma discussão daquele momento, onde a agilidade e o dinamismo da imprensa causavam efeitos danosos à valorização da literatura mais clássica e formal para alguns autores, como ainda é hoje, por outros motivos, como, por exemplo, o uso das novas ferramentas da tecnologia de comunicação e informação e a crise do setor editorial.

Sussekind afirma que muitos literatos hesitavam diante da máquina de escrever, entendendo que literatura deveria ser uma arte artesanal e personalizada. Para tanto, a autora cita os escritores Lima Barreto e Godofredo Rangel, como exemplos desta crítica às novidades tecnológicas.

Diante destas afirmações, podemos compreender que a imprensa esportiva, no início da década de 1930, acompanhava este novo ritmo dinâmico, ágil e moderno que já vinha sendo construído em anos anteriores e que agora chegava ao seu ápice.

Uma linguagem curta e rápida nas páginas dos jornais esportivos, além de imagens que pudessem se transformar no retrato fiel do dinamismo do jogo, tornaram-se características das matérias jornalísticas.

Para conquistar um público leitor e interessado nos esportes, cuja própria vida nos grandes centros urbanos passara por transformações de ritmos; agora mais acelerado e pulsante como a prática desportiva, surgia um jornal, cujo objetivo era se consolidar no mercado editorial e que pudesse dar conta de um imaginário urbano (e suburbano) centrado no esporte. Desta forma, o *Jornal dos Sports* se tornaria um jornal esportivo, um veículo diário de comunicação, e, principalmente, um ávido defensor da prática dos esportes entre a população carioca, como veremos na análise de alguns textos editoriais do mesmo.

No entanto, cabem, inicialmente, algumas considerações acerca do surgimento do próprio jornal, a fim de entendermos a lógica de construção de um novo veículo de comunicação na década de 1930.

⁶⁸ PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. V. II. p. 551. Apud de SUSSEKIND, Flora. Op. Cit. p. 21. Com o objetivo de explicar ao leitor, informo que o Pathé era um cinema localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Seu primeiro proprietário foi o jornalista Argemiro Bulcão, um importante administrador de jornais da época. Depois de dirigir durante muito tempo o *Rio Sportivo*, Argemiro Bulcão planejou fortalecer a imprensa esportiva no mercado, ao aumentar a periodicidade dos impressos (até então o *Rio Sportivo* chegava às bancas apenas duas vezes por semana). Por volta de 1930, Bulcão propôs sociedade a Ozéas Mota, dono das oficinas onde eram impressos os jornais. Desta forma, em 13 de março de 1931, o *Jornal dos Sports* foi fundado com um ativo de seis contos de réis.

Bulcão e Mota permaneceram como donos do *Jornal dos Sports* até outubro de 1936, data em que Mário Filho e Roberto Marinho comprariam o *JS*. Esta última informação será discutida mais a frente, no momento em que abordaremos a entrada de Mário Filho como proprietário e principal mentor editorial do *JS*.

O jornal seguia os padrões da época, impresso em preto e branco, possuindo poucas páginas. Inicialmente, a edição diária era composta por quatro páginas, apesar de alguns problemas que, invariavelmente, ocorriam. Um dos problemas era quando os trabalhadores gráficos, impedidos pelo sindicato de trabalharem aos domingos, impossibilitavam que a edição de segunda-feira chegasse aos leitores.⁶⁹

Suas medidas eram em formato de página inteira, divergindo do modelo tablóide. As fotografias eram comuns em seu corpo, porém, em muitas edições ainda eram privilegiadas as poses estáticas de jogadores e dirigentes, apesar de existirem também algumas fotos dos eventos esportivos, como as partidas de futebol, por exemplo.

O logotipo do nome do jornal dava um tom de pluralidade esportiva, pois apresentava figuras de homens praticando várias modalidades esportivas, sem, no entanto, hierarquizá-las. As figuras, que se entrelaçavam com as letras do título do jornal (uma criação artística interessante e uma novidade gráfica para a época), eram do mesmo tamanho e representavam vários esportes. Estavam presentes, em ordem de apresentação, o lançamento de disco, o levantamento de peso, o tênis, o futebol, o golfe, a natação, o remo, a corrida (atletismo), o boxe e o hipismo.

Desta forma, o jornal anunciava seu objetivo: o de privilegiar qualquer prática que se identificasse com o esporte e com o corpo, mesmo que não houvesse ainda uma identificação com a cultura nacional, como o golfe, por exemplo. Outros esportes também não cabiam nesta classificação, mas eram olímpicos, e mereciam destaque numa publicação que pretendia ser a voz dos esportes.

⁶⁹ Posteriormente, este problema seria resolvido com acordos trabalhistas sob a vigilante tutela do Estado getulista.

O destaque no corpo do jornal, todavia, era voltado para o futebol, os jogos organizados pela ligas e associações esportivas, os campeonatos “oficiais” e os criados por agremiações menores e suburbanas. Os jornalistas tinham muito material quando da visita de times e seleções estrangeiras ao Brasil e vice-versa, além dos embates entre clubes paulistas e cariocas.

No entanto, era uma constante, em toda edição, a existência de notícias e informes sobre outros esportes, especialmente o turfe, os esportes aquáticos (remo e natação), o boxe e o atletismo.

As colunas principais do jornal eram o seu editorial, intitulado “Críticas e Sugestões”; a coluna intitulada “Turf”, que dava conta das apostas, resultados e sugestões neste esporte já consolidado na sociedade carioca; e a “Últimas Notícias”, que, pelo título, pode ser interpretada de duas maneiras: a de que era publicada na última página do jornal e/ou de que pretendia trazer notícias e informações recentes, atualizadas, recém-apuradas pelos repórteres.

O jornal utilizava um grande número de palavras de origem inglesa, como, por exemplo, *football*, *match*, *record*, principalmente ao tratar do futebol. Aliás, até hoje o periódico recebe o nome de *Jornal dos Sports*, com “s”, numa clara alusão ao seu passado. Além de matérias e colunas esportivas, destinava espaço para cartas dos leitores e publicava notícias sobre bailes de carnaval, peças de teatro e filmes.

Sobre o projeto gráfico, inicialmente, temos um conteúdo disposto em quatro (logo depois, seis) páginas impressas em papel cor-de-rosa (cor que seria mantida na década seguinte, porém mais vibrante), diagramação da manchete em cima do logotipo do jornal, publicação de algumas fotografias, sendo que o texto sobressai em relação à imagem e também da utilização de ilustrações.

Nos créditos do jornal, em seu início, aparecia somente o nome de seu proprietário: o de Argemiro Bulcão (como diretor), o que nos leva a entender que o periódico já nascera a partir de uma visão personalista de um jornalista engajado numa causa específica: a da divulgação e valorização dos esportes. Bulcão não era um simples empresário das comunicações, pois já havia iniciado um empreendimento semelhante: o *Rio Sportivo*. Era, sobretudo, um especialista, que almejava vencer no mercado editorial a partir de uma proposta empresarial bem específica: a ideia de que os esportes vendiam e poderiam vender muito mais jornais. Daí, portanto, a iniciativa de lançar um diário.

Logo a seguir dos créditos, vinha o endereço do jornal, situado na Rua São José, 79, centro do Rio de Janeiro, como praticamente todos os demais periódicos da época.

O valor de cada edição, no seu início, era de 100 réis na capital e de 200 réis nos demais estados. As assinaturas, informadas desde a sua primeira edição, eram no valor de 10\$ (trimestral), 18\$ (semestral) e 30\$ (anual), para o Brasil e 18\$, 35\$ e 60\$, respectivamente, para o exterior.

Sabendo da dificuldade em ter informações financeiras sobre o custo de vida e os valores monetários de um outro período histórico, procurei estabelecer comparações, cruzando dados fornecidos pelo próprio jornal. Por exemplo, uma das propagandas frequentes neste periódico era a de restaurantes, como a do Restaurante do Alexandre, situado à época, na Rua Sete de Setembro, nº 174. No anúncio da edição de nº 3 do dia 16 de março de 1931, o estabelecimento informava que a refeição tinha o custo de 600 réis (avulsa) ou 27\$ (20 refeições).⁷⁰ Desta forma, podemos concluir que o valor de venda avulsa do *JS* era seis vezes menor do que o valor de uma refeição em um restaurante no centro da cidade. Seguramente, para uma análise mais detalhada, nos faltam algumas informações mais precisas, como a qualidade da refeição e o tipo de restaurante em questão, ou seja, se era frequentado por classes mais ricas ou mais populares. De qualquer forma, esta comparação já nos fornece uma pista de que o preço da edição do jornal não era caro, apesar de ser um empreendimento audacioso e, em se tratando da especialidade esportiva, transitava em um mundo de efemeridade empresarial, apesar de sua importância cultural e social.

A propaganda de produtos e serviços de diversas empresas era normalmente veiculada. Já que mencionamos a publicidade e os anúncios, percebemos que tanto o público feminino como o masculino eram contemplados na propaganda das empresas, como, por exemplo, a Casa Vieira Nunes, o Theatro São José, os cigarros Luiz XV e Betty (Companhia Castellões de São Paulo) e Chevalier, os Cursos da ACM (Associação Cristã de Moços, em parceria com o Colégio Triângulo), a Casa Alberto, a Electro-bal, a Alfaiataria Estrella Branca, os Bombons Patrone e a Pharmácia Mem de Sá.⁷¹

Mesmo sendo um grande defensor dos esportes, das práticas corporais e da manutenção de uma vida saudável, era frequente a publicidade de cigarros, por exemplo. Tal fato se explica pela necessidade de manter um jornal (por si só, um grande desafio) e de apostar em um diário especializado. Incluímos nesta análise, também, o fato de que o fumo, apesar de já ser considerado prejudicial à saúde, ainda não sofria uma campanha severa por

⁷⁰ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 03, 16 de março de 1931.

⁷¹ Cabe lembrar que a loja Electro-bal se assemelhava com uma loja de material esportivo, o que nos chama a atenção para entendermos o alcance da prática de esportes na sociedade carioca. Tal explicação carece de uma maior investigação, pois os anúncios nem sempre eram claros e objetivos, como neste exemplo.

parte da mídia e dos órgãos públicos de saúde. Para além da questão da saúde e do corpo, fumar era uma prática, também, de distinção social.

Os outros anunciantes, também, eram voltados para o universo masculino, apesar do discurso do jornal estar voltado, inclusive, para as iniciativas de inserir e divulgar novas práticas desportivas voltadas para as mulheres.

Chama-nos a atenção, ainda neste campo da publicidade, os cursos oferecidos por alguns estabelecimentos como a ACM. A ideia desta associação era utilizar um veículo de comunicação voltado para os esportes, anunciando cursos de educação formal e de complementação, ou até mesmo, de formação profissional; no caso, a datilografia. Educação, esportes e publicidade tornavam-se sócios deste novo conjunto de informações que interessava cada vez mais os leitores.⁷² Temos, portanto, uma relação com o novo homem. Não mais um indivíduo parnasiano, mas com características modernas.

Por fim, antes de passarmos para a análise dos primeiros editoriais, é interessante perceber que a memória institucional do *JS* foi construída a partir da ideia de uma formação e valorização de uma identidade nacional, processo no qual o próprio jornal seria protagonista. De acordo com o que está publicado no *site* atual do *JS*:

*O jornal buscava, através do futebol, a construção de uma identidade nacional. O veículo de informação foi o principal divulgador da Copa de 1938. Reforçou-se a ideia de que aquela não era uma mera disputa esportiva, mas sim uma afirmação da força do Brasil, do seu povo, a partir do futebol. Houve forte identificação da população brasileira com as crônicas esportivas do jornal. Apesar da derrota da seleção brasileira para a italiana, o jornal proporcionou um grande impulso no sentimento nacionalista.*⁷³

Concordamos com a importância que a participação brasileira na Copa do Mundo de futebol de 1938 (na França) vai ter para a construção de um imaginário de identidade nacional. O desempenho da seleção brasileira, com destaque para o craque Leônidas da Silva, cujo apelido era Diamante Negro, e o apoio político e institucional do governo brasileiro – Estado Novo de Getúlio Vargas – seria uma mistura perfeita para a criação de um jeito de assimilar o esporte bretão e torná-lo muito mais verde e amarelo do que antes.

Porém, para além da congruência de análise entre o nosso trabalho e a memória institucional do *JS*, cabe ressaltar que esta construção da função identitária do jornal é forjada desde os seus primórdios, ou seja, a partir de sua fundação.

⁷² Além de cursos de datilografia, eram oferecidos cursos de admissão, seriado, preparatório, comercial, de estereógrafo e de línguas. Esta relação ou conjunto de informações já existia no século XIX. O início do século XX, porém, vai aumentar e desenvolver ainda mais este apelo para a conformação de uma vida do homem moderno.

⁷³ O *site* atual do *Jornal dos Sports* é www.jsports.com.br. O *site* apresenta um breve histórico da empresa além de uma evolução da linha editorial e do projeto gráfico, desde os anos 30 até os dias de hoje.

Se a mudança de proprietários em 1936, passando o controle editorial para o jornalista Mário Filho, daria um novo impulso para o veículo no âmbito da imprensa esportiva, por razões diversas e que ainda iremos discutir, não podemos, de forma alguma, esquecer o trabalho de Bulcão na primeira fase do *JS*.

Em nossa interpretação, foi justamente, neste período, que as bases para construção do papel formador de identidades coletivas e de novas representações sociais, tendo o mundo dos esportes como palco, foram criadas.

Para que possamos avançar nesta chave de interpretação, vamos compreender quais eram os principais temas de debate que o *JS* se propôs a discutir em seus editoriais inaugurais. Como opção metodológica, escolhemos os editoriais do mês de fundação do jornal, ou seja, de março de 1931, para que pudéssemos entender, desde a fundação, qual seria a proposta editorial do *JS*. Infelizmente, não nos foi possível ter contato com a edição nº 1, de 15 de março de 1931, pois o mesmo não se encontra disponível na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional. Também não foi possível consultar o arquivo do *JS*, pois o mesmo encontrava-se em obras há vários meses, sem previsão de reabertura.

De qualquer forma, mesmo sem analisar o primeiro número, conseguimos traçar um perfil editorial a partir da edição nº 2. As notícias principais e os temas a serem debatidos nestas edições serão apresentados no próximo capítulo.

Na edição nº 02, de 16/03/1931, o *JS* criticava a legislação existente para a prática de futebol entre os clubes. Este conjunto de regulamentos, criado pela Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), agremiação que reunia os clubes de futebol e organizava campeonatos oficiais, ainda era, mesmo no início da década de 1930, rigoroso com as práticas comerciais que já existiam, principalmente envolvendo clubes e jogadores.

No caso, a questão central era em relação à transferência de jogadores para outros clubes, que, segundo a legislação vigente, determinava que os atletas tivessem que ficar no período mínimo de dois anos, pelo menos, no segundo quadro do novo clube até poder ser utilizado no primeiro quadro.

Cabe explicar que o segundo quadro era formado por jogadores mais jovens, ainda em experiência, ou por reservas que não tinham qualidade técnica para jogar no primeiro quadro. Tal forma de agrupar os jogadores foi perdendo o efeito, pelos clubes, ao longo das décadas do século XX. No lugar de primeiro e segundo quadros, passou-se a utilizar a denominação de

time titular e reserva. Todavia, mais recentemente, alguns clubes voltaram a colocar em prática a ideia de separar seus atletas em dois grupos: o principal e o B.⁷⁴

O *Jornal dos Sports*, contrário à divisão dos jogadores em grupos, julgando-a como indutora para a criação de um esporte menos dinâmico, informava em seu editorial:

*(...) Que se exija do jogador transferido um anno de permanência no segundo quadro, até certo ponto se tolera e há razões que podem, em alguns casos justificar a medida. Não nos parece cabível que se imponha a um jogador que se não adaptou num novo club a condição de figurar dois annos no segundo quadro, (...) hypothese de outra transferencia. Isto é tirar o estímulo dos jogadores e negar-lhes o direito de ascender, de elevar-se ao quadro principal.*⁷⁵

Apesar dos clubes pertencerem à AMEA, e, juntos, organizarem campeonatos e regulamentos, em muitos casos, não respeitavam o que havia sido acordado em atas e reuniões das associações. Se era importante organizar e planejar enquanto grupo, no dia-a-dia prevalecia o interesse maior de cada clube.

O impedimento de transferência imediata de jogadores ainda era um resquício das décadas anteriores, quando se buscava garantir que o futebol só pudesse ser praticado pela elite, os considerados legítimos *sportsmen*. Tornar este esporte comerciável era considerado por alguns como uma chaga que deveria ser abominada no meio dos esportes amadores.

No entanto, no início da década de 1930, os clubes já mantinham vários jogadores contratados, apesar da proibição vigente quanto ao profissionalismo, e a transferência se tornava uma consequência real para esta nova relação clubes-jogadores. Não por acaso, o amadorismo no futebol dos grandes clubes findaria oficialmente em 1933.

O *JS*, então, apesar de declarar suas ressalvas, apoiava um futebol mais dinâmico e moderno e, para tanto, era necessário atualizar a legislação esportiva com a realidade dos novos tempos.

Se a rigidez e o comprometimento com o passado elitista eram alvos de crítica do jornal, estas não estavam relacionadas com a obrigatoriedade de um associativismo esportivo. Muito pelo contrário, em seu editorial do dia 18/03/1931, na edição nº 4, intitulado “Precisamos de entidades especializadas!”, o jornal reclamava da falta de entidades comprometidas com os esportes no Rio de Janeiro.⁷⁶ O *JS* chega a falar de uma grande

⁷⁴ No Brasil, o caso mais conhecido é o time do Palmeiras, que mantém um time B disputando a Segunda Divisão do Campeonato Paulista e aproveita esta situação para testar uma série de jogadores inexperientes. Já entre os clubes da Europa, esta prática é bastante comum e serve, também, para adaptação de jogadores de outros centros formadores de atletas.

⁷⁵ As Inscrições dos Amadores na AMEA. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 02, 16 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2. Optamos, ao citar o texto do *JS*, por manter a grafia original, com o objetivo de preservar a linguagem da época e suas formas de expressão.

⁷⁶ Precisamos de entidades especializadas! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 04, 18 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2.

defasagem em relação ao estado de São Paulo e até de outros países. Para o jornal, era muito importante que estas entidades pudessem dar uma atenção maior às diversas modalidades de práticas desportivas que estavam sendo exercidas no Rio de Janeiro.

Cita ainda o atletismo como principal vítima da falta de estímulo e recursos e diz que alguns pessimistas acreditavam que os demais esportes (exceção ao futebol) poderiam sucumbir em nossa cidade, no caso, obviamente, o Rio de Janeiro.

Desta forma, de maneira um tanto quanto dramática, e não por acaso, mas já como construção de uma técnica literária específica, o jornal compreendia que a prática de esportes deveria passar por um modelo de organização, com criação de entidades e associações, com regras e legislações específicas, mesmo que estas viessem a sofrer críticas do próprio *JS* e da sociedade. Mais do que valorizar a disseminação do esporte pelos subúrbios cariocas e pelas classes menos favorecidas, era preciso, sobretudo, organização, disciplina e um mínimo de planejamento para que pudesse se desenvolver.

Fica claro, ao pesquisarmos as fontes, que a competição com o estado de São Paulo é uma das linhas editoriais do periódico e como o projeto carioca de valorização dos esportes deveria estar sempre na vanguarda, como faziam vários outros países. O Rio de Janeiro, desta forma, não poderia “ficar para trás”, em relação à São Paulo. Era preciso chegar em primeiro lugar nesta corrida pela adequação ao que já era moderno na Europa, ou seja, a organização dos esportes e sua respectiva prática na sociedade.

Para tanto, era preciso criar organizações e, principalmente, estimular as competições esportivas no Rio de Janeiro, como revela o editorial do dia 20/03/1931:

Nunca será demasiado apellar para quem de direito, no sentido de ser augmentado, tanto quanto possível, o numero de competições athleticas entre nós. Honestamente, fazendo-se justiça aos novos technicos e atletas, não se pode negar que o desenvolvimento tem sido razoavel. Todavia, levando-se em conta o devotamento de um punhado de dedicados e as qualidades naturaes que possuem os brasileiros, o progresso será muito mais accentuado no dia em que augmentarem as competições. Em São Paulo, o atletismo reúne maior numero de praticantes, consegue despertar o interesse do publico, logrando mesmo assistencias grandes porque constantemente se realizam competições de modalidades diferentes, inclusive nocturnas, como a importante prova rustica chamada “São Sylvestre”, que é corrida na ultima noite de cada anno. E aqui? Raras são as reuniões (e tão fracas!) organizadas além das disputas officiaes, da prova, “Oscar Costa” e da Taça “Correio da Manha”. Havendo mais competições, o numero de athleticas augmentará e, consequentemente, o publico irá se apercebendo do quanto é lindo e emocionante o atletismo. Enquanto tal não acontecer, duplicará o trabalho dos defensores do salutar sport basico e o producto será relativamente pequeno.⁷⁷

Mais uma vez, neste outro editorial, o jornal enfatiza que, para alavancar o desenvolvimento dos esportes na capital federal, era preciso ter organização, e esta passava

⁷⁷ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 05, 20 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2.

pela existência de competições importantes, com boa participação de atletas e com um número significativo de público espectador. A competição particular com São Paulo torna a ser mencionada devido à deficiência carioca de acompanhar a organização dos esportes atléticos. Para o Rio, inclusive, há a solicitação de competições noturnas, como na outra cidade.

O jornal construiu um discurso de defensor dos esportes, procurando, na maior parte das vezes, exigir e solicitar iniciativas do poder público, mas sempre, valorizando a qualidade inata do povo brasileiro. “As qualidades naturaes que possuem os brasileiros” são apontadas como matéria-prima de grandes e possíveis resultados. Sobre este ponto, podemos interpretá-lo, também, como a tentativa do jornal em falar quase sempre em nome da nação, quando se tratar de iniciativas e projetos dos esportes cariocas; no caso, o progresso no aumento das competições esportivas.

Chamamos a atenção, também, para as competições patrocinadas e apoiadas pelos veículos de comunicação, como a Taça Correio da Manhã, e que, posteriormente, esta estratégia seria seguida pelo *Jornal dos Sports*. Há aqui uma ideia de que a imprensa não só desenvolve um canal de comunicação com o mundo dos esportes, mas constrói e interfere diretamente na consolidação do gosto e interesse pelo mesmo.

O *JS*, desta forma, tentava dar conta de uma série variada de modalidades esportivas, apesar de o grande apelo estar voltado para o futebol. O jornal valorizava a essência dos esportes, sempre informando os leitores por meio do uso de ideias de “progresso”, “desenvolvimento”, “beleza” e “emoção”. Tais palavras seriam frequentes nas reportagens e editoriais do jornal.

Voltar-se para uma vida moderna, segundo o jornal, era adotar o esporte como prática fundamental para o homem e o dinamismo desta nova modernidade poderia ser belo e, acima de tudo, emocionante. A racionalidade da tecnologização do meio urbano, por conta dos avanços nas áreas de transporte, comunicações, urbanização e mundo do trabalho, não contrastava com o discurso em busca da emoção encontrada nos esportes. Pelo contrário, mais do que um paradoxo, era um casamento ideal, uma composição adequada, um relacionamento íntimo, que o homem encontrava em seu dia-a-dia. O quanto mais depressa o brasileiro pudesse reconhecer esta nova integração, mais rápido se desenvolveria enquanto ser humano.

A questão da valorização da brasilidade voltaria a ser destacada no editorial do dia 22/03/1931. Nesta edição, o *JS* exaltava uma história recente dos esportes aquáticos brasileiros, quando o Brasil possuía uma hegemonia na América Latina. Faz menção, inclusive, aos Jogos Latino-Americanos ocorridos em 1922: “É oportuno lembrar que as

nossas victorias em water polo foram obtidas por ‘scores’ elevadissimos, que tornaram inadmissível qualquer duvida sobre a nossa superioridade.”⁷⁸

No início da década de 1930, o *JS* criticava a atuação brasileira diante dos adversários sul-americanos, informando que o Brasil havia perdido o posto para Argentina e Chile: “Ou os nossos *sports* aquaticos entraram num período de declínio ou os nossos vizinhos progrediram de modo excepcional, de forma tal que não nos foi possível acompanhá-los.”⁷⁹

O tom ufanista e nacionalista daria conta da continuação da posição do jornal diante deste problema: “Não nos interessa pesquisar, no momento, as causas que nos impossibilitaram de seguir os argentinos e chilenos, na sua brilhante ascensão, não nos restando duvida é que ella não deve ser atribuída à incapacidade dos nossos homens.”⁸⁰

O jornal procura transitar entre a crítica do desempenho dos atletas brasileiros, sem questionar a sua qualificação, valorizando ao máximo o esforço de “nossos homens”, o que era um símbolo da própria ideia de representação da brasilidade nos esportes.

Ainda neste editorial, ocorre um breve informe sobre o Campeonato Sul-Americano de Remo, ocorrido no Uruguai (nas águas históricas do Rio do Prata). E, mais uma vez, a apelação ao sentimento nacionalista é verificada quando o jornal informa que:

*Maiores não poderiam ser as esperanças que depositamos nos remadores brasileiros. Aqui, ficamos confiantes em que os nossos destemidos patricios tudo saberão fazer para elevar o renome do Remo Brasileiro. Elles poderão perder, mas antes esgotarão as suas ultimas energias, com o pensamento voltado para a Patria distante.*⁸¹

A competição sul-americana de remo é informada como sendo um momento perfeito para que o Brasil reassumisse o trono dos esportes aquáticos no continente. Mais do que um torneio, era a chance de elevar o nome da pátria brasileira e de sua gente. Se, hoje, é relativamente fácil percebermos isto, ao longo da história recente brasileira, principalmente, em momentos de Copa do Mundo de futebol, naquele momento não o era.⁸²

Não por acaso, as palavras remo brasileiro e pátria estão destacadas no texto com letras maiúsculas, pois o jornal queria criar uma identificação direta entre as mesmas. Para o *JS*, naquele momento, a “Pátria” era representada pelos remadores, suas armas eram as pás de remo, e o palco da batalha era o Rio do Prata.

⁷⁸ Os brasileiros no Campeonato Sul Americano de Remo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 06, 22 de março de 1931. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2.

⁷⁹ *Ibidem*.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² Outras manifestações semelhantes podem ser destacadas no período da Primeira República, como a disputa e a conquista dos Campeonatos Sul-Americanos de Futebol de 1919 e 1922.

Se no passado recente, os brasileiros derramaram seu sangue neste rio, agora, era hora do suor e das “últimas energias” destes representantes da pátria, heróis da construção da brasilidade esportiva. Tendo a expectativa de vitória merecido a atenção do *JS*, o que não dizer da confirmação da mesma, o que é publicado em 23/03/1931, na primeira página do jornal:

SALVE, BRASILEIROS! Estuante de patriotismo, sentindo vibrar em nós, a alma heroica do nosso povo, regosijamo-nos immensamente, hontem. Sentimos, como nunca, o orgulho de ser brasileiros, de haver nascido ao abrigo dessa Patria grandiosa de predestinados! A pujança de uma raça privilegiada de homens fortes, evidenciou-se, hontem, ainda uma vez. Nas aguas remansosas do Prata, duas guarnições nossas, triumpharam com quanta galhardia, como maior não era possível. Numa competição em que a vitalidade de nossa raça se comprovou, os Brasileiros conquistaram as honrarias da victoria, em duas das tres provas em que competiram. O vigor dos nossos musculos, synthetizado nas nossas representações, sobrepujou, com brilhantismo inexcédível, os seus competidores. Duas guarnições nossas, impellindo com excepcional ardor, os seus barcos, olhos postos na Patria distante, onde os corações palpitavam ansiosos, singraram as aguas, celeres, sem conhecer esmorecimento e, lindamente, atingiram a meta gloriosa da victoria. BRASILEIROS! Homens que venceram! BRASILEIROS! Remadores que elevaram o nome da Patria! Jornal dos Sports, interpretando o sentimento do nosso povo, sauda-vos com effusão! (...)⁸³

O jornal que defendera os atletas brasileiros na véspera da competição, festejaria a vitória da pátria (sempre impressa com letra maiúscula, assim como “Brasileiros”), com esta primeira página digna de qualquer intelectual ufanista. Palavras interessantes como “predestinados” e “guarnições” nos chama a atenção. A primeira por se tratar de uma forma de expressar uma qualidade da nação brasileira: a de antevisão do sucesso, a de um povo que tem e terá tudo para “dar certo”, apesar das dificuldades. A segunda, por fazer referência, mesmo que leve, a um estado de luta, de guerra, de defesa da pátria.

Várias outras palavras e expressões enaltecem a vitória brasileira, de forma nacionalista, como “galhardia”, “orgulho”, “alma heróica” e “brilhantismo inexcédível”. Outras são usadas para a construção de um discurso comprometido com a emoção, como “corações palpitantes”, “singraram as águas”, “meta gloriosa da vitória”. O texto do *JS* chama o leitor a participar da vitória, tornando-o mais do que um espectador, um participante também do resultado maior.

A pátria é valorizada ao seu extremo e levava-se em conta que a conjuntura política brasileira remontava a um Estado de reconstrução, de criação ou reafirmação de uma identidade nacional.

⁸³ Os brasileiros campeões sul-americanos de remo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 07, 23 de março de 1931. p. 1.

Cabe analisar também o uso da palavra “raça” (usada por duas vezes) para chamar a atenção e para valorizar a formação do tipo brasileiro, um povo miscigenado e voltado para vitórias cada vez maiores. A força de nosso povo (“raça privilegiada de homens fortes”) estaria, dentre outras origens, na nossa mistura, na capacidade de adaptação (assim foi com a assimilação do futebol inglês e, depois, elitista das classes mais ricas), na natureza de desenvolver grandes resultados por meio da prática dos esportes.

O jornal acreditava que ainda existia um fosso separando o sucesso que os esportes alcançavam na população e o interesse dos dirigentes políticos pelo assunto, já que nesta mesma edição lembrava, em seu editorial, sobre a importante visita do príncipe de Galles ao Brasil. O *JS* exaltava esta visita e identificava neste governante um ideal de dirigente, assim como em outros, todos europeus, por conta de seu apreço pela prática desportiva. Segundo o jornal,

Nota-se na quase totalidade dos nossos dirigentes, uma accentuada ogerisa pelos sports. Indivíduos rachiticos, enfesados, anêmicos, alguns até intellectualmente, não supportam aquelles cuja robustez physica se faz notar, aquelles que se tornam merecedores de applausos pelas suas manifestações de vitalidade.⁸⁴

O *JS*, nesta passagem de seu editorial, enfatiza a visita de um governante europeu às terras brasileiras, porém, mais do que um exercício de colunismo social, a grande motivação do periódico, ao retratar tal fato, se deu por conta da crítica ao comportamento dos dirigentes políticos brasileiros diante da importância que os esportes adquiriram nos últimos anos.

As palavras do jornal, inclusive, denotam um discurso eugênico, ao citar as capacidades físicas e intelectuais dos políticos brasileiros. Ser raquítico e anêmico, por exemplo, impediriam estes dirigentes de enxergar a beleza física e os valores morais, além dos resultados saudáveis para o corpo humano, que os esportes poderiam trazer para a nossa sociedade. Comportamento político e característica física se misturam neste argumento de valorizar a prática esportiva e cobrar mais atitude e interferência positiva na organização dos esportes no Brasil.

O jornal continuaria sua “campanha”, informando que:

Raramente, as nossas altas autoridades comparecem a uma praça de sports e, quando o fazem, demonstram cabalmente o seu completo desinteresse pela competição e evidenciam a contrariedade que os domina. Sentem-se mal num ambiente sportivo. A elles pouco se lhes dá estimular com a sua presença, aquelles que estão concorrendo com o seu trabalho, para que tenhamos um typo ethnico apreciável, perfeito.⁸⁵

⁸⁴ Uma lição expressiva ministrada pelo príncipe de Galles aos nossos governantes. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 07, 23 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

⁸⁵ *Ibidem*.

Mais uma vez, evidencia-se a ideia de uma campanha por um aprimoramento físico e étnico do brasileiro. Comparando com outras matérias e editoriais do *JS*, chegamos à conclusão que este processo de modernização comportamental da sociedade brasileira só atingiria altos níveis de aceitabilidade, quando os dirigentes políticos investissem na educação pelo esporte. Para o *JS*, a matéria-prima já existia, ou seja, o povo brasileiro, miscigenado e forte, bastando ser “lapidado” por um novo projeto de sociabilidade, este voltado para a prática e organização dos esportes.

A comparação com o mundo europeu tornava-se inevitável, principalmente, devido à boa aceitação dos esportes naquele continente. Na continuação deste editorial, o jornal cita dirigentes europeus, como Lloyd George (primeiro-ministro inglês), que praticava golfe, como Poincaré e Gaston Doumergue (ministros franceses), além do rei espanhol Afonso II, também um estimulador da prática de esportes em seu país. Até mesmo o líder Mussolini é citado, recebendo elogios do *JS*: “(...) é frequentador assíduo das praças de sports e tem sempre palavras animadoras para os que se empenham em luta e jamais deixa de felicitar os vencedores.”⁸⁶

Neste último caso, todavia, o jornal não envereda por uma análise mais crítica da formação de um Estado totalitário e nacionalista, caso da Itália, e que utilizou os grandes eventos de massa para propagar sua ideologia fascista. Não podemos dizer com isto que o jornal apoiava tal ideologia ou regime político. Seria um exagero de nossa análise.

O que podemos dizer, entretanto, é que o jornal não media esforços para empreender uma campanha que divulgasse um novo padrão de comportamento social, mais de acordo com as transformações sociais, tecnológicas e políticas que ocorriam em nossa sociedade.

No Brasil, o Príncipe de Gales participaria de competições de pólo e de equitação, além de assistir a jogos de futebol. Tal fato, então, tornava-se uma grande oportunidade para o *JS* escrever mais um capítulo em sua campanha “civilizatória”.⁸⁷

Na conclusão deste editorial, o jornal lançava um desafio: “Em que situação embaraçosa ficarão os nossos homens de Estado quando virem o futuro dirigente do maior império do mundo, mostrar-se ágilimo, dextro e entusiasmado pelos sports?”⁸⁸

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Ao utilizarmos este termo, estamos nos apropriando da teoria de Norbert Elias sobre o processo civilizatório e como a sociedade atual foi construída a partir de padrões comportamentais. Posteriormente, vários autores ligados ao estudo da História e Sociologia dos Esportes contribuíram com a análise da relação da obra de Elias com a importância social dos esportes. Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizatório*. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990; ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992. Cf. também GEBARA, Ademir e PILATTI, Luiz Alberto. *Ensaio sobre História e Sociologia nos Esportes*. Col. Norbert Elias. V. 2. São Paulo: Fontoura, 1995.

Desta forma, mais do que um comportamento entre políticos de países e continentes distintos sobre um assunto específico, estava em jogo a comparação de modelos diferenciados de sociedade, o que apontava, de acordo com o jornal, para um caminho a ser seguido, ou melhor, a ser copiado.

Além da não participação dos dirigentes políticos nas ações e eventos esportivos, em muitas situações, estes mesmos homens atrapalhavam o pleno desenvolvimento dos esportes, seja por uma falta de visão moderna e saudável, seja por questões relacionadas estritamente à moral.

No editorial de 25/03/1931, o jornal apela para o bom senso das autoridades que proibiram o uso de vestuário mais adequado para o ambiente das praias e que exigiram que o corpo dos homens fosse coberto por alguma roupa, por conta de um controle moral da sociedade carioca, conforme podemos conferir no trecho selecionado:⁸⁹

(...) Copacabana era um grande sanatório para os doentes dos nervos e dos ossos, pois está demonstrado que o sol calcifica o organismo e auxilia o desenvolvimento dos músculos. As crianças, por exemplo, são muito beneficiadas com os banhos de sol. A polícia, entretanto, moralizou as praias tapando os thoraxes dos rapazes rachíticos e atléticos. Dahi, a gripe e outros males que são parasitas da sombra... (...) Os maliciosos é que são essas interpretações para o regalo de um povo que se cria sem fazer sport e vae morrendo, aos poucos, ao saber da indolência que ankylosa os músculos. Se a questão é de decoro, cubra-se a cara e descubra-se o peito.⁹⁰

Percebemos uma certa irritação do jornal com as medidas impostas pelas autoridades policiais diante do uso de vestuário específico para os homens nas praias cariocas. O *JS* identifica no pudorismo e no moralismo elementos de uma sociedade atrasada e não comprometida com a modernidade tão almejada por diversos setores, como a própria imprensa.

Os argumentos cientificistas são utilizados para reforçar o discurso em prol dos esportes. Além do lazer e das boas práticas de sociabilidade criadas pelos esportes, a saúde seria também um forte elemento em defesa destes e que, por conta disto, estaria acima de qualquer resistência, mesmo vindo das autoridades políticas e policiais. Se compreendermos a situação da saúde pública e coletiva nas primeiras décadas do século XX, podemos analisar melhor o quanto este discurso passa a ser utilizado por parte da imprensa, em especial a esportiva.

⁸⁸ Uma lição expressiva ministrada pelo príncipe de Galles aos nossos governantes. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 07, 23 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

⁸⁹ A heliotherapia como factor sportivo. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 08, 25 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

⁹⁰ *Ibidem*.

Cabe refletir ainda, que estamos tratando de um espaço de sociabilidade coletivo que era a praia. Se já existiam os estádios, os jôqueis clubes e as próprias ruas para serem os palcos dos *sportmen*; a praia tornara-se um destes e, por seu tamanho e acessibilidade, podemos dizer que era um *locus* privilegiado para praticar e desenvolver os esportes.

Sobre o papel que as praias tinham no imaginário esportivo do carioca, nos auxilia a análise do editorial do dia 26/03/1931, quando o jornal descrevia (na verdade acreditamos que a palavra correta seria “criava”) uma campanha em favor dos esportes aquáticos e lembrava o sucesso recente do remo brasileiro em águas platinas.

O *JS* solicitava à Federação de Remo que esta pudesse aproveitar o momento propício para fazer ressurgir o interesse por esses esportes. Para tanto, o jornal chamava a atenção para a memória dos leitores acerca do sucesso que o remo e outros esportes aquáticos faziam em outros momentos da vida do carioca:

As competições de remo ou de natação atraíam milhares de pessoas. A praia de Botafogo apresentava um aspecto festivo, brilhantemente ornamentada com uma assistência elevadíssima, onde se destacavam, com especial realce, as figuras femininas. Vibrando de entusiasmo, num nervosismo incontido, a assistência acompanhava, com vivo interesse, o disputar das provas. E eram assás eloquentes as manifestações com que se coroaram os esforços dos vencedores.

Mais tarde, os sports aquáticos entraram num período de indisfarçável declínio. Ou seja porque o football, ao nosso publico, se lhe apresentava como sport mais farto em phases sensacionaes, ou em virtude de razões outras, decresceram sensivelmente as assistencias as competições aquaticas.⁹¹

Para aumentar o interesse pelos esportes aquáticos, como em períodos anteriores, estes deveriam conviver com a concorrência do futebol que, neste momento, se tornava o esporte preferido do carioca e do brasileiro. Portanto, medidas que se preocupavam mais com a moral e menos com a saúde, segundo o *JS*, estariam prestando um desserviço ao desenvolvimento do esporte na praia.

Importante também perceber que além dos praticantes dos esportes aquáticos, um público espectador era significativo e aumentava a importância destes nas primeiras décadas do século XX. Todavia, agora, “(...) o vozerio azocrinante, que cortava o espaço outr’ora, já se não faz ouvir”.⁹² Era preciso realizar uma campanha para que os esportes, para além do futebol, pudessem sobreviver. O *JS* procurava ser um dos bastiões desta defesa, mantendo coerente sua tônica em valorizar todas as práticas e experiências esportivas possíveis, apesar do maior espaço dedicado ao futebol.

⁹¹ Façamos propaganda dos sports aquáticos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 09, 26 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

⁹² *Ibidem*. Para compreender a importância que o remo tinha na sociedade carioca ver: MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

Além dos esportes aquáticos, o atletismo também foi alvo de interesse do *JS* em seus primeiros editoriais. Em 27/03/1931, o jornal apresentava uma iminente disputa nesta modalidade entre cariocas e paulistas, com o objetivo de formar uma seleção brasileira que disputaria o Campeonato Latino Americano de Atletismo.⁹³

O jornal enfatizava a rivalidade entre cariocas e paulistas, porém, procurava construir um tom de neutralidade ao informar que o mais importante nesta contenda era unir forças em prol do Brasil, pois apesar da disputa regional, todos eram brasileiros. Ao apresentar a ideia de um fim patriótico, o *JS*, em mais uma oportunidade, posicionava-se em defesa da pátria, da união, da conciliação, alinhando-se à ideologia do Estado de Vargas que governava, naquele momento, de forma provisória. Desta forma, o *JS* escrevia que:

Com destino a São Paulo, seguiu viagem hontem, a representação carioca de atletismo que vae competir com os athletas paulistas. A luta que se vae travar entre paulistas e cariocas é interessantíssima e se reveste de especial importância de vez que são provas eliminatórias para formação do quadro que representará o Brasil no Campeonato Latino Americano de Athletismo. Todo sportman é sempre dominado pelo desejo de vencer e esse desejo se torna maior, agiganta-se quando da victoria resultará a missão honrosíssima de representar a Patria estremecida. É fácil de imaginar, pois, o esforço extraordinário que empregarão paulistas e cariocas para conquistar o triumpho, dando ás provas, um relevo inusitado, tornando-as sensacionaes.

Jornal dos Sports, que vê nas competições esportivas um elemento decisivo de aproximação dos povos, um factor admiravel de confraternização, confia plenamente em que sucesso sem par ha de coroar a competição. Lutando pela conquista da victoria, paulistas e cariocas lembrar-se-ão, antes de mais de que são brasileiros, filhos da mesma grande Patria (...), os athletas da Guanabara e do Tieté empregarão o maximo de seus esforços para a obtenção do triumpho, num louvável desejo de perfeição, de ver o atletismo brasileiro condignamente representado no grande certamen continental.

Acima dos seus interesses pessoaes e do seu bairrismo, cada um saberá collocar os altos interesses da nacionalidade.

Jornal dos Sports no momento em que se seleccionam os elementos que devem formar a representação nacional, não vê paulistas nem cariocas: contempla apenas brasileiros irmanados num campo de sports. O nosso desejo maior é que triumphem realmente os melhores, cariocas, ou paulistas, para que a representação brasileira seja, em verdade, uma expressão exacta do nosso poderio sportivo, possa dar uma idéia da capacidade dos nossos homens.

*Acima de tudo, de clubismo ou de bairrismo, cumpre pensar no nome do Brasil, nas gloriosas, invejaveis tradições dos nossos sports.*⁹⁴

Mais uma vez, em um editorial do mês inaugural do próprio jornal, o *JS* enfatizava a questão da pátria e de como os interesses estaduais e regionais (os “bairrismos”) deveriam ser colocados, neste momento, de lado. As palavras “pátria” e “nacionalidade” são utilizadas para expressar o discurso ufanista e alinhado com o Estado varguista, mesmo que de forma discreta.

É interessante perceber, também, que o jornal deixava bem claro que se posicionava de forma neutra, apesar das diversas matérias cotidianas que exaltavam os atletas e clubes

⁹³ As Eliminatórias para o Campeonato de Athletismo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 10, 27 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

⁹⁴ Ibidem.

cariocas, em detrimento dos paulistas. Dizer-se neutro, todavia, apesar de ser uma peça de discurso retórico de qualquer imprensa, significava dizer, naquele momento, que era preciso que os esportes estivessem alinhados com o novo projeto de Estado e de sociedade brasileiros.

Apesar da disputa, a união; da força do estados, a pátria. Além disto, a necessidade de conciliação entre paulistas e cariocas no campo dos esportes (o que se estendia no campo político) não apagava a própria característica do esporte, o desejo pela vitória, o entusiasmo causado pela rivalidade esportiva, o esforço a ser recompensado etc. O jornal, portanto, construía um discurso que pudesse dar conta desta dualidade entre união e rivalidade, enfatizando, de acordo com a postura ideológica e editorial do *JS*, ora um, ora outro.

Para disseminar os valores esportivos e patrióticos, todavia, era preciso investir na educação escolar e infantil, o que seria bastante explorado no governo Vargas, principalmente com as reformas educacionais promovidas, a partir de 1934, por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde. Sobre este ponto temos um significativo editorial, escrito em 28/03/1931, que exaltava a importância da prática desportiva entre as crianças:

Em todos os países adiantados, dispensam-se cuidados especiais com a educação da infância. (...) Nos países cultos, a educação da infância é encarada sob o triplice aspecto: physico, intelectual e moral. A criança doente, que não mantém o seu organismo em estado de hygiene, não póde dedicar-se aos estudos com real aproveitamento e aquelle cujo caracter não se formou num ambiente de moral sadia, não será um homem digno.

Na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados Unidos, na Hollanda, na Austria, na Hungria, vemos uma infancia sadia, forte, bem disposta, robustecida pela pratica constante dos sports. Nos países citados, os campeonatos sportivos despertam um interesse extraordinário e concorrem admiravelmente para a formação de um povo forte, que sabe lutar e vencer, sem esmorecimento, sem escassez de energias.

Os resultados obtidos pela infancia com a pratica dos sports nos países vanguardieiros da civilização têm sido os mais benéficos possíveis. Não fosse isso real e, certamente, nos alludidos países já se teriam tomado medidas prohibitivas contra a pratica dos sports pela infancia. Entretanto, o que vemos são os governantes e os medicos empenhados justamente em intensificar esse regimen, procurando attrahir cada vez mais as crianças para os sports. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Allemanha, etc, temos o espectáculo deslumbrante de crianças de 10 e 12 annos, disputando competições sportivas, habituando-se a lutar, a vencer ou perder com dignidade.

(...) Precisamos aqui cuidar com desvelo do robustecimento da nossa infância, attrahindo-a para os campos de sports. No Uruguay, as "Praças de sports" e nos Estados Unidos os "Player grounds" produziram resultados surprehendedentes. Urge, sejam creados aqui, campeonatos infantis de football, de natação, de atletismo, de basketball. A criança que seja submetida a exame medico e aquelles cujos organismos permitta, que sejam levados a dedicar-se aos sports fortalecendo cedo o seu organismo para as lutas que advirão. É obra sadia de patriotismo concorrer para o desenvolvimento da infância. (...)⁹⁵

O *JS* afirmava que o desenvolvimento social alcançado por outros países, em sua maioria mais ricos, passava pela relação fértil destes com o compromisso de estabelecer políticas públicas voltadas para a educação infantil e, em especial, uma política que valorizasse a educação pelo esporte.

⁹⁵ Robustecemos a infancia. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 11, 28 de março de 1931. p. 2. Coluna Críticas e Suggestões.

Sinal de desenvolvimento e de modernidade, a educação pelo esporte garantiria, inclusive, a formação de um “povo forte”. O nosso atraso, portanto, seria explicado, também, por não termos uma atenção especial para o trinômio educação-esporte-infância. Poderíamos incluir, tendo como base o trecho citado, mais uma palavra: a “saúde”. Ao fazer referência à atuação de médicos, naqueles países desenvolvidos, fica evidenciado que os esportes seriam capazes de envolver a saúde e a educação públicas, tendo como objetivo final a formação de uma raça mais desenvolvida e forte. Mais uma vez, a campanha eugênica do *JS* ganha espaço e força com o discurso médico.

Além disso, agora em outro contexto, a questão do espaço público é colocada em xeque pelo *JS*, já que as praças e praias eram territórios privilegiados para a divulgação e desenvolvimento dos esportes, fugindo bastante do elitismo do espaço privado, exemplificados pelos clubes e associações desportivas.

Por fim, e não menos importante, a frase final do texto citado é exemplar, pois, uma vez mais, identificava-se o campo de atuação dos esportes como um espaço para a discussão da nacionalidade e do patriotismo. Desta forma, o *Jornal dos Sports* encontrava, em seu discurso diário, um campo para divulgação e reflexão acerca da importância que os esportes iam tomando no imaginário social e cultural do carioca.

Em resumo, o que temos, então, nesse casamento entre imprensa e esportes, é a possibilidade de alcançar novos espaços simbólicos e culturais de atuação de uma sociedade que se propõe moderna, não apenas em termos tecnológicos e industriais, mas no entendimento e na construção de um mundo mais frenético, dinâmico e ditado por um outro ritmo. Um ritmo onde a relação tempo e espaço já não era mais a mesma, onde os esportes teriam, definitivamente, a partir de então, um *locus* privilegiado na mentalidade do carioca e do brasileiro.

Um casamento múltiplo, a bem da verdade, se levarmos em conta as diversas faces da imprensa (grande, pequena, jornal-empresa, especializada ou não) com as várias manifestações e modalidades esportivas (principalmente, no início do século XX, o turfe, o remo e o futebol). Portanto, esta aliança renderia filhos prósperos com o nascimento de uma identidade coletiva, forjada a partir de uma visão de sociedade mais moderna, ágil, dinâmica, saudável e, por certo, esportiva. A imprensa ao noticiar este novo nicho de interesse do público (leitor ou não), criava, então, um campo de publicização de códigos e valores que identificavam os esportes e o próprio modelo de indivíduo desta sociedade.

Enfim, o *Jornal dos Sports*, no início da década de 1930, largava na frente dos demais periódicos e adotava um discurso em tom de campanhas diversas, porém tendo a saúde, os esportes, a educação e a própria formação de povo brasileiro, como temas relevantes.

Todavia, é necessário, para compreendermos a inserção do *Jornal dos Sports* no mundo empresarial e cultural da cidade do Rio de Janeiro, por meio da divulgação e promoção do nicho esportivo, olhar, mesmo que brevemente, como os demais jornais da chamada grande imprensa cobriam tais notícias.

1.3: No campo do adversário: o olhar da concorrência na grande imprensa

Apesar de entendermos a importância que o *Jornal dos Sports* teve para a construção de uma nova linguagem no campo do jornalismo esportivo, é importante que façamos uma comparação com os demais jornais da chamada “grande imprensa” do período para podermos compreender as diferenças e semelhanças de seus discursos e preocupações temáticas. Mesmo sabendo da dificuldade em comparar um jornal específico com “jornais gerais”, cujo objetivo é tratar de todos os temas possíveis, pensamos em entender a lógica da elaboração da notícia esportiva na imprensa do início da década de 1930. Mesmo as publicações notadamente especializadas tendiam a repetir o tratamento dado às matérias esportivas, com um pouco mais de destaque. Todavia, a funcionalidade e a mera descrição dos fatos permaneciam como características essenciais destes periódicos.

Devemos lembrar, inclusive, que o próprio fundador do *JS*, o jornalista Argemiro Bulcão, que administrava alguns jornais da cidade do Rio de Janeiro, havia iniciado sua “aventura esportiva” em outro periódico, o *Rio Sportivo*, criado em 1926.⁹⁶ Motivado pelo crescente interesse do público leitor, Bulcão era um jornalista, um homem de seu tempo, pois investia alto em um momento propício para o crescimento dos jornais, com o desenvolvimento de uma sociedade mais atenta com os avanços tecnológicos e urbanos, apesar da incerteza da conjuntura econômica, política e social brasileira e, principalmente, do ineditismo de lançar um diário esportivo.

No entanto, para além de todas as dificuldades, o mercado editorial relativo à imprensa esportiva estava cada vez mais aquecido, pois ela havia crescido desde 1912, quando saltou de

⁹⁶ Infelizmente, até a presente data, não nos foi possível analisar este jornal, por conta de sua efemeridade e, principalmente, por falta de exemplares arquivados. Não encontrei nenhum exemplar, nem mesmo no vastíssimo arquivo da Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional. A única informação de que possuo é de que o mesmo não era um diário e sim publicado, em, no máximo, duas vezes por semana. Em um exercício de dedução, todavia, penso que, assim como o *JS*, o *Rio Sportivo* era um jornal personalista e alimentado pelas ideias de Argemiro Bulcão.

cinco para cinquenta e oito jornais em 1930, retratando um aumento de 1.060%. Enquanto isto, os demais jornais cresceram, neste mesmo período, em um percentual de 72,2%.⁹⁷

O próprio Mário Filho, que compraria o *JS* posteriormente, em 1936, seria uma peça chave para este sucesso editorial, tendo sido convidado, inclusive, para trabalhar com Argemiro Bulcão em sua nova empreitada.

Por questões financeiras – Bulcão pagava muito pouco, por conta das dificuldades iniciais do projeto e pelo tamanho da família Rodrigues, que era grande –, Mário Filho tinha um objetivo maior: o de ter o seu próprio veículo de comunicação. Desta forma, surgia o *Mundo Sportivo*, um sonho, mas que durou pouco. Era hora de continuar a trabalhar para um jornal, porém mais bem-estruturado.

Começava, então, a sua empreitada no *O Globo*, de seu amigo Roberto Marinho, que via naquele, mais do que a retribuição de uma boa amizade e sim a oportunidade, também, de vender jornais e aumentar a fortuna que recebera por herança.

Apesar de nossa preocupação ser a do jornalismo esportivo impresso, cabe observar, mesmo de forma muito breve, que o rádio já dava os seus primeiros passos e, certamente, não poderia deixar de lado a nova coqueluche da imprensa e da própria sociedade, ou seja, o interesse pelo futebol. Segundo Ribeiro, sobre a participação da imprensa esportiva no período entre 1931 e 1934, podemos concluir que:

*O futebol no início da década de 1930 fazia vender qualquer coisa. Ao perceber sua força, os donos das poucas rádios existentes no Brasil resolveram investir no esporte a partir de informações enviadas por telefone pelos repórteres da emissora, em vez de apenas noticiar os resultados das partidas durante a programação, como fizeram até 1931.*⁹⁸

Se o rádio caminhava na cobertura dos eventos esportivos, em relação essencialmente ao futebol, podemos entender que os jornais já estavam no final de um estágio de transmitir os eventos esportivos, ou seja, partiam para um momento de consolidação e de transformação.⁹⁹

Em outras palavras, podemos dizer que alguns jornais, além do *JS*, davam um espaço significativo para o tema esporte. Além da importância do espaço físico, podemos dizer, também, que alguns jornais, como *O Globo*, a partir da fase de atuação de Mário Filho, passaram a modelar um novo padrão de noticiar os eventos e fatos esportivos.

⁹⁷ Pesquisa realizada por *Brazil of Today: 1931*. Rio de Janeiro, Ministry of Labor, Industry and Commerce, 1931. Apud de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. Cit. p. 317.

⁹⁸ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 75.

⁹⁹ Podemos destacar várias rádios que se propuseram a cobrir os jogos de futebol, como, por exemplo, a Educadora, em São Paulo e a Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro. Outras seguiram o mesmo caminho, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, como: a América, a Cultura, a São Paulo, a Difusora, a Cruzeiro do Sul, a Cosmos, a Excelsior, a Gazeta, a Tupi e a Tamoio. Porém, a que teve um papel mais significativo nesta função foi a Record. *Ibidem*. p. 85.

Para tanto, é importante entendermos que um dos fatores que mais contribuíram para esta nova linguagem do jornalismo esportivo teve a ver com a ascensão da ideia de implantação do profissionalismo no futebol brasileiro. Esta foi uma discussão que marcou as páginas de vários periódicos e que se tornava cada vez mais frequente. Mesmo quando o assunto não era tratado diretamente, ou seja, discutindo os pontos favoráveis e desfavoráveis ao profissionalismo dos jogadores de futebol, o tema era levado a tona. Um forte exemplo da exploração desta questão por parte dos jornais está relacionado com o espaço que era dado nas páginas para a ida de jogadores brasileiros para atuar em clubes europeus ou sul-americanos, como na Argentina e no Uruguai, como atletas profissionais.¹⁰⁰

Porém, mesmo aqueles jornais que ainda eram resistentes a esta nova conformação da condição do atleta de futebol, aproveitavam-se também da discussão causada por esta controvérsia. O início da década de 1930 via jornais como *O Imparcial*, *Jornal dos Sports*, *O Dia*, *Diário Popular* e *Diário da Noite* atuando efusivamente a favor da oficialização do profissionalismo, enquanto o *Jornal do Commercio* e *O Estado de São Paulo* eram declaradamente contrários a esta posição, defendendo, portanto, uma postura amadora e elitista do esporte.¹⁰¹ Não por acaso, os jornais mais conservadores e mais alinhados com o discurso dos grupos sociais mais ricos e elitistas eram os que defendiam a “pureza” social do esporte, ou seja, voltado para o diletantismo, para o lazer, enfim, para os “verdadeiros” *sportsmen*.

Em 1933, todavia, o discurso que era controverso e dúbio, apesar do quadro social do esporte apresentar uma realidade voltada para o profissionalismo sem mais retorno, tornava-se homogêneo e, sem nenhuma coincidência, a reunião, que oficializou a nova condição do atleta como trabalhador legitimamente remunerado, no Rio de Janeiro, contou com a presença de vários jornalistas como Teixeira de Carvalho (*Jornal do Commercio*), Carlos Alberto de Magalhães (*Revista Olympia*), José da Silva Rocha (*A Noite*) e Mário Filho (*O Globo*).¹⁰²

Não concordo com a visão de Ribeiro quando este autor afirma que este novo discurso jornalístico estava vinculado com a ideia do repórter ter que deixar de ser “amigo de clube ou jogador”. Percebo tal fato por outro prisma: a substituição de um discurso mais dinâmico e menos conservador se dava pela aproximação física e comunicativa com o mundo do atleta.

¹⁰⁰ André Ribeiro informa que, no ano de 1931, 39 jogadores brasileiros foram atuar no exterior, se aproveitando de um profissionalismo ou de um semiprofissionalismo mais estruturado que no Brasil, onde, oficialmente, ainda era proibido. *Ibidem*. p. 81.

¹⁰¹ *Ibidem*. p. 82.

¹⁰² *Ibidem*. p. 83.

Sua vida seria esmiuçada, revirada pelo avesso, e suas entrevistas seriam destaques nas páginas.

É de se supor que o interesse pela vida particular dos jogadores e dos dirigentes esportivos causasse, naturalmente, uma aproximação dos jornalistas com os atletas e não uma refração entre os mesmos. O jornalismo esportivo da década de 1930, portanto, traria novos interesses para o público leitor. Um destes, certamente, seria a espetacularização da vida social e privada dos jogadores.

O *Jornal dos Sports*, portanto, teria fortes concorrentes na imprensa “noticiosa” ou a “grande imprensa”. Desta forma, podemos destacar alguns destes veículos que davam espaços privilegiados para o tema “esportes”.

Desta forma, devido à sua importância, levando-se em conta os critérios de escolha quanto à circulação, histórico de formação e diversidade de assuntos e temas a serem publicados, selecionamos três jornais que tinham cadernos ou colunas destinadas a cobrir os esportes: o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã* e *O Globo*. Portanto, podemos então, realizar um exercício de comparação com a forma de noticiar o mundo dos esportes entre o *Jornal dos Sports* e as publicações mais gerais da chamada “grande imprensa”.

Jornal do Brasil

O *Jornal do Brasil* tinha uma seção bem no final do periódico, geralmente na página 12, cujo título era Diário Desportivo. Interessante que o jornal informava logo abaixo ao título desta coluna que esta era o “órgão oficial das entidades desportivas”.

Tal fato retrata a preocupação do jornal em criar um espaço para que as associações e entidades desportivas pudessem dialogar com o seu público. Também percebemos uma preocupação, como em todos os jornais da época, em noticiar as partidas de futebol, em detrimento de outras modalidades esportivas.

O *Jornal do Brasil* tinha uma característica de órgão de imprensa com um tom popular, pois servia também como um balcão de anúncios (suas três primeiras páginas só tratavam praticamente desta finalidade) e de reclamações dos leitores, e privilegiava cada vez mais o futebol, que, apesar de ainda manter características elitistas, se tornava dia a dia mais próximo dos interesses da população carioca.

Cabe lembrar que o ícone que ilustra a seção “Diário Esportivo” era uma imagem de um homem praticando lançamento de disco, um esporte olímpico, mas que não representava

nem o gosto nem a prática do esportista ou aficionado pelo esporte no Rio de Janeiro, aliás, nem no Brasil.

Na cobertura deste jornal, eram comuns matérias relacionadas a eventos e atividades organizadas pelas ligas e entidades desportivas, e, em sua grande maioria, o tom da redação tinha um olhar elitista e seletivo.

Como exemplo da atuação deste jornal ao retratar o futebol, temos uma matéria que, no melhor estilo de colunismo social, divulgava um evento esportivo promovido por clube do subúrbio carioca, o S. C. Mackenzie, no Méier, e que envolvia a participação de clubes importantes daquela época, como o América e o São Cristóvão:

(...) O S. C. Mackenzie, para maior brilhantismo desse festival resolveu offerecer às pessoas que a elle comparecerem, ricos escudos de ouro, com brilhantes chatelaines do mesmo metal, de accordo com as sympathias de cada torcedor. Assim todos os ingressos serão numerados e muitos delles serão entregues aos seus portadores por ocasião da entrega ao porteiro. No intervallo do primeiro para o segundo tempo da prova principal uma das filhinas de um dos directores do S. C. Mackenzie sorteará, em pleno campo, a vista do publico, três algarismos, cujo resultado será communicado a todos por intermédio de um porta-voz. (...)¹⁰³

Esta matéria segue dando informações dos prêmios, das jóias, se os detalhes destas eram em ouro ou prata, das instruções aos vendedores, para quem e onde deveriam se dirigir para resgatar os presentes e informava, ao final, que o evento cobraria os ingressos pelo mesmo valor do campeonato carioca de futebol, porém, não o revelava. Quando chegamos ao fim da segunda coluna desta notícia, temos a nítida sensação de que o mais importante não era o jogo e sim os prêmios a serem distribuídos para a elegante e seleta arquibancada.

A surpresa e a emoção estariam reservadas para o sorteio no intervalo da partida de futebol e não para os embates travados dentro de campo. Ao analisarmos as trinta e duas páginas da edição de domingo, percebemos um pouco de tudo, ou seja, notícias urbanas, nacionais, internacionais (poucas, é bem verdade), anúncios, reclamações, colunismo social, cultura e lazer (cinema, teatro, literatura e música), publicação de leis e atas de reuniões de associações diversas e, neste período especial, os atos administrativos e legais do interventor federal.

O esporte também tinha o seu espaço, de meia página, a mesma que fornecia informações sobre o carnaval e a música. Numa edição de domingo, e com a importância que o futebol tinha naquela sociedade carioca, o *Jornal do Brasil* adotava uma postura elitista e quase irreal do futebol.

¹⁰³ O festival sportivo de hoje no campo do Flamengo. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, nº 53, 1º de março de 1931. p.12. Coluna Diário Sportivo.

Esta meia página (frise-se meia) ainda deveria ser ocupada com a coluna fixa de Turfe (chamada simplesmente de “Turf”), pois era um esporte, mesmo tendo perdido um pouco da sua força em relação ao futebol, que ainda tinha um público fiel e interessado, principalmente, pela emoção dos prêmios, dos palpites fornecidos pelo próprio jornal – as chamadas “barbadas”. A coluna de turfe seria uma constante na cobertura jornalística carioca, inclusive no *Jornal dos Sports*. Porém, é no *Jornal do Brasil* que a identificação com as camadas mais altas da sociedade era mais frequente.

Em uma das provas de turfe, a imprensa seria tratada de forma próxima e íntima, como nos lembra a matéria de 3 de março de 1931: “(...) e o Dr. Zozimo Barroso, thesoureiro da sociedade, satisfeito pelo êxito, ofereceu, no intervalo do 8º para o 9º páreo, uma taça de champagne à imprensa, que tanto tem auxiliado o Derby nessa phase de portiada luta.”¹⁰⁴ A imprensa então, era um veículo excepcional para a manutenção dos *status quo* de uma sociedade que passava por uma série de transformações.

Mais uma vez, percebemos que os intervalos eram espaços de uma socialização elitista que batalhava para continuar existindo e, com isso, contando com a colaboração e o protagonismo da imprensa. Aqui não vale a máxima de que os fins justificavam os meios. Na verdade, para o *Jornal do Brasil*, em se tratando de cobertura esportiva, o meio era o fim e o fim era o meio.

Quem vencia ou perdia não tinha uma real importância, pelo menos na análise deste estilo jornalístico. O que chamava a atenção era quem e como participava, desde que as camadas mais populares fossem “invisíveis”. Para estas, nem jóias, nem champanhe. Apenas a excitação do jogo.

Para o futebol, ainda que se tratando de clubes grandes, como já vimos, a forma de noticiar era fria e apenas descritiva, já que não havia espaço para a criação, muito menos para a mitificação. As manchetes da página esportiva, relacionadas aos grandes clubes, limitavam-se a informar o que ocorria, sem exageros, sem invenção, sem emoção. Informavam-se as escalções, as breves descrições dos gols marcados, o placar, o local da partida e quem era o árbitro. Muito pouco ou nada do público, nem a emoção e os sentimentos dos jogadores e treinadores (antes ou depois), protagonistas das partidas. Aliás, estes não eram os protagonistas; os números da partida, sim.

Numa análise de uma coluna itinerante chamada Clubs da AMEA, as notícias referentes aos clubes recebiam um tratamento ainda mais especial. Todavia, na edição de nº

¹⁰⁴ As corridas de ante-hontem no Derby e Jockey Club. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, nº 53, 3 de março de 1931. Coluna Turf. p. 15.

54, de 4 de março de 1931, fica bem clara a intenção do *Jornal do Brasil*, ou seja, a de retratar assuntos nitidamente sociais, pois das cinco notas presentes nesta coluna, apenas uma falava de um treino realizado pelos jogadores do Flamengo. Sem coincidência, esta era a nota de menor tamanho. A nota “O treino de hoje no Flamengo” perdia em espaço e em importância para outras mais badaladas como “A próxima festa do Tijuca Tennis Club”, “O sorvete dansante de amanhã, no Fluminense F. Club”, “A próxima festa do C. R. do Flamengo” e “Uma reunião festiva dos aspirantes Flamengos”. Nesta última nota, inclusive dava-se destaque para uma “cangicada, à moda do Norte”.¹⁰⁵

Cabe ressaltar ainda o estilo das imagens apresentadas no jornal, pois apesar de já apresentarem fotografias dos jogadores utilizando os respectivos uniformes dos clubes, em detrimento das imagens mais formais do início do século, quando os atletas vestiam ternos e roupas mais formais ou quando apareciam apenas mostrando os seus rostos; aquelas ainda eram muito estáticas e sempre capturadas no início das partidas. Imagens no desenvolvimento dos jogos eram raras. Todavia, não era raro termos edições sem imagens ou fotografias na página esportiva.

Correio da Manhã

Um outro bom exemplo desta linha editorial e/ou gráfica da imprensa esportiva em anos iniciais da década de 1930 é o *Correio da Manhã*, fundado por Edmundo Bittencourt. Este diário teria bastante popularidade no período, sendo considerado um dos principais jornais da época. Sua pretensão era se tornar o maior do Rio de Janeiro e procurava dar conta de uma série de notícias e temas, enfatizando sempre os assuntos políticos e internacionais.

No campo esportivo, tinha uma coluna fixa chamada *Correio Sportivo* e que ocupava uma ou duas páginas do jornal, que tinha uma média de paginação diária que variava entre 12 e 16 páginas no total. Tal dado se explica devido a uma composição de anunciantes e classificados. A edição de domingo tinha um suplemento de variedade e tratava de assuntos que iam da cultura às dicas de saúde e de beleza para as mulheres, além da publicação das correspondências. Este suplemento tinha uma média de oito páginas e em muitos textos o discurso científico era utilizado para orientar e sugerir ações convenientes para o mundo moderno, principalmente em relação ao universo feminino.

¹⁰⁵ Coluna Clubs da AMEA. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, nº 54, 4 de março de 1931. p. 20.

Já que o nosso interesse é investigar como a imprensa cobria os esportes neste período, cabe uma breve menção a um artigo publicado no suplemento deste jornal, no dia 1º de março de 1931. Neste artigo as mulheres são incentivadas a praticar esportes para o bem de sua saúde e procura classificar quais são os melhores esportes para o mundo feminino.

O artigo, assinado pelo médico Eudino Ferreira, constituía a coluna Palestras Médicas e tinha uma linguagem científica e meticulosa, como podemos observar logo abaixo no trecho selecionado:

(...) Na marcha em terreno elevado ou montanhoso, a attitude ligeiramente flexionada para deante, obrigatoria neste exercício e que os marchadores de profissão adoptam voluntariamente mesmo em terreno plano, é de grande vantagem para a mulher, corrigindo e attenuando os efeitos da fadiga pelviana pela longa permanencia em posição completamente vertical. Nesta attitude flexionada nas articulações coxo-femoraes, são aliviadas e o esforço abdominal é desviado para o sacro. (...)¹⁰⁶

Por conta de uma necessidade física do ser humano, o discurso é voltado para o convencimento da sociedade de que o esporte, se bem praticado e feito de forma adequada e adaptada para a mulher, seria importante para constituirmos uma modernização dos comportamentos individuais e coletivos.

Note-se que o discurso em favor dos esportes, presente todo o tempo no *Jornal dos Sports*, ganha eco numa imprensa que quer acompanhar um novo ritmo de sociabilidade da qual apenas entender o avanço tecnológico por si só não dá conta das ideias criadas naquele momento. Na maior parte dos jornais, este discurso, todavia, vem acompanhado das teorias científicas e modernizantes relacionadas à saúde e à higiene do homem.

O *Correio da Manhã* era um jornal com muitos anúncios e boa parte destes era produtos e serviços ligados à área da medicina e da higiene pessoal, como laxantes, pastas de dente, perfumes, água filtrada e remédios para todos os fins. Mais uma vez, enfatizamos que esta característica estava presente em muitos jornais e que a associação com os esportes foi, além da questão comercial (com a possibilidade de ampliação das vendas), uma orientação que juntava o discurso científico com a divulgação da importância que os esportes passaram a ter pela imprensa. Esta, por sua vez, procurava, em uma espécie de via de mão-dupla, acompanhar o interesse e o gosto do indivíduo e, também, criar situações de apelo para o novo, para a surpresa, para o dinamismo social.

Voltando para a seção *Correio Sportivo*, o jornal tentava dar conta de uma gama de esportes, fornecendo informações sobre uma variedade de modalidades. Na verdade, existia

¹⁰⁶ FERREIRA, Eudino. O desenvolvimento physico da mulher. Os sports III. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, nº 11.104, 1º de março de 1931. Suplemento. p. 2. Coluna Palestras Médicas.

pouco espaço para cada uma delas, mas o pensamento de seus editores era muito mais ampliar o espectro de esportes do que explorar e aprofundar cada um deles.

Aliás, tal linha editorial tem o seu padrão estampado na primeira página do jornal, pois naquele espaço, conforme já dissemos, existia uma preocupação com os grandes temas nacionais e internacionais, procurando informar brevemente aos seus leitores sobre o “estado da arte” da informação daquele dia. Temos uma nítida sensação de que o jornal procurava dar conta de tudo, logo na página de apresentação do veículo. Nossa comparação com a página esportiva deste mesmo jornal possibilita enxergar um padrão que estava bem longe de ser aleatório ou coincidente.

Apesar da existência de uma página de esportes que procurava ser múltipla, devemos esclarecer que o conteúdo dedicado a este tema ainda era pouco. Uma ou duas páginas não retratavam com clareza o espaço real da cobertura esportiva, pois esta disputava diariamente seu campo de atuação com informações funerárias e propagandas.

Além disso, como era comum em diversos jornais, existia uma coluna chamada Turf, destinada às apostas e corridas de cavalo. Porém, comparando com outros jornais da época, esta era bem mais objetiva, pois apresentava informações breves e funcionais. Ou seja, não era habitual o diálogo com o leitor e sim uma prestação de serviços de apostas bastante racional.

Também chamamos a atenção para um tipo de informação diária, com a mesma hierarquia espacial para os demais esportes, sobre o que faziam os escoteiros do Rio de Janeiro. Desta forma, a página esportiva teria mais um concorrente no campo das letras: o escotismo. A bem da verdade, mais do que um concorrente, o escotismo era considerado, para o jornal e para muitos naquela sociedade, não como uma modalidade estrita do mundo dos esportes, mas como uma forma de aperfeiçoamento mental e físico, além do controle disciplinar do corpo e da prestação de serviços sociais. Para muitos contemporâneos, era uma clara identificação com o que representava o valor dos esportes para a sociedade daquele momento.

Nesta mesma perspectiva, era comum encontrarmos, com esta similar forma espacial e gráfica, notícias sobre excursões e passeios, misturando em um mesmo campo de divulgação, o esporte e o lazer. Diferenciar estes dois conceitos ainda hoje é tema de discussões entre os pesquisadores da área. Portanto, imaginar que um jornal da década de 1930 pudesse fazê-lo é uma ingenuidade a qual não procuramos alimentar. Todavia, tal fato reflete, mais uma vez, a tentativa do periódico em traçar uma gama de informações funcionais, aproximando-as em blocos de interesse do leitor.

O *Correio da Manhã*, apesar de valorizar mais o futebol do que os demais esportes, uma característica de todos os jornais da época, o que retrata a importância que o futebol passou a ter em finais da década de 1920 e início da de 1930, adotava uma forma bastante resumida do que tinha ocorrido ou mesmo do que seriam as partidas. Ou seja, em resumo, podemos concluir que a página esportiva era quase um painel de dados, sem editoriais, sem opiniões de seus jornalistas. Uma notícia dita fria, sem análise, sem criação de campanhas ou discussão de temas relevantes neste campo. Apenas como exemplo, segue uma destas matérias sobre a modalidade water-polo:

O campeonato carioca
Os jogos do próximo domingo
A tabella do campeonato de water-polo marca os seguintes encontros:
1ª divisão – São Christovam x Guanabara.
2ª divisão – Fluminense F.C. x Natação.
Torneio dos terceiros quadros
Em continuação do torneio dos terceiros quadros serão realizados os seguintes jogos:
Boqueirão do Passeio x Vasco da Gama; Fluminense F.C. x Flamengo.¹⁰⁷

Poderíamos cair na tentação analítica de acreditar que o water-polo era informado dessa forma por conta de sua importância relativa em relação a outros esportes, como o futebol. No entanto, a importância da modalidade para o interesse geral da sociedade era refletida no tamanho da matéria, não em seu formato, que mantinha uma certa homogeneidade no trato com as laudas. Para verificarmos esta constatação e com o objetivo de compararmos este formato editorial, cito outra matéria sobre o futebol, divulgada em 7 de março de 1931:

IMPORTANTES RESOLUÇÕES DA AMEA
Caiu o estágio de 4 annos
Em reunião legislativa, o Conselho de Fundadores da AMEA tomou diversas deliberações que interessam vivamente ao meio sportivo carioca.
Revogou a lei do estagio de quatro annos e abriu inscrições para aquelles que até agora não podiam participar dos seus campeonatos.¹⁰⁸

Desta forma, o jornal retratava uma importante discussão no meio do principal esporte daquele início de década sem apostar em um comentário, seja criticando ou defendendo o tema em questão. Limitava-se a apresentar os fatos sem explicações ou opiniões adicionais, sem mesmo procurar descrever ou apontar as partes envolvidas.

¹⁰⁷ O campeonato carioca. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, nº 11.108, 6 de março de 1931. p. 11. Coluna Correio Sportivo.

¹⁰⁸ Importantes resoluções da AMEA. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, nº 11.109, 7 de março de 1931. p. 9. Coluna Correio Sportivo.

A entrevista com os jogadores e dirigentes esportivos era uma raridade. Tão raro quanto a opinião dos protagonistas dos esportes era o material iconográfico, pois as imagens não eram apresentadas nesta páginas.

Em alguns eventos de caráter internacional, como o Campeonato Latino-Americano de Atletismo, as fotos eram publicadas, mas sem o compromisso com o registro do evento ou das provas em ação.¹⁰⁹ Publicavam-se imagens fixas, às vezes superpostas e bem centradas no atleta. Porém, convém que repitamos que esta prática ainda assim era uma exceção e não uma regra.

Por fim, e não menos importante, percebemos que as manchetes esportivas, salvo no caso dos eventos mais relevantes, conforme o exemplo supracitado, raramente alcançavam o lugar da primeira página do *Correio da Manhã*. Isto em um jornal que apresentava, em sua página de apresentação, uma miríade de pequenas manchetes, compondo um painel noticioso, que resumia bastante o conteúdo do jornal, pelo menos em relação às notícias.

O Globo

Sobre o jornal *O Globo*, podemos dizer que este periódico vai manter esta estrutura de apresentação das notícias dos demais concorrentes. Todavia, a partir de 1931, após o mundo jornalístico “desabar” para a família Rodrigues, devido ao empastelamento do jornal *Crítica*, fundado por seu pai, Mário Rodrigues, por conta da Revolução de 1930, Mário Filho receberia um convite para trabalhar no jornal de Roberto Marinho.¹¹⁰

Por conta da participação de Mário Filho no jornal *O Globo*, este periódico torna-se um veículo exemplar para compreendermos a lógica comunicativa e esportiva da época. Porém, durante um determinado período, neste mesmo jornal, coexistiram duas formas de atuação da imprensa esportiva: uma mais tradicional, conservadora e funcional e outra mais moderna, inovadora e emotiva.

Pretendemos discutir mais sobre as origens da emotividade no discurso jornalístico de Mário Filho, mesmo porque este profissional é um dos nossos focos de análise, já que seria proprietário e editor do *Jornal dos Sports* a partir de 1936. Tal discussão, todavia, será

¹⁰⁹ Refiro-me aqui à imagem dos nove atletas que venceram as suas respectivas provas, cujos nomes eram: Gerner, João de Deus, Andradas Padilha, Xavier, Paquié, Kassab, Jamaracú, Murillo Araujo e Joaquim Duque. In: Para o Campeonato Latino-Americano. As eliminatórias de ante-hontem. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, nº 11.111, 10 de março de 1931. p. 10. Coluna Correio Sportivo.

¹¹⁰ Cabe lembrar que Mário Rodrigues apoiava o governo federal no final dos anos 20, liderado por Washington Luís. Com a Revolução de 1930 e o governo provisório de Getúlio Vargas, vários jornais foram empastelados e ficaram apenas para a História, não voltando sequer a continuar existindo. Este foi o caso do *Crítica*, deixando a família proprietária em uma crise financeira sem precedentes.

realizada mais adiante, quando nos atermos aos temas divulgados por este periódico. Por ora, achamos ser importante entender como o jornal *O Globo* divulgava as matérias relacionadas aos esportes.

O Globo era um jornal pouco menor do que os seus concorrentes. Tinha cerca de oito páginas no total, não costumava sair aos domingos e tinha o hábito de lançar duas ou três edições diárias.¹¹¹ Utilizamos a obra de Silva, já citada, para compreendermos a rivalidade que seria criada nas páginas deste jornal, após maio de 1931.¹¹²

Nos primeiros meses de 1931, porém, o espaço para os esportes vinha aumentando significativamente. Se nas edições iniciais do jornal, ainda na década de 1920, o espaço para o esporte era em torno de duas colunas, posteriormente, as edições na década de 1930 ampliariam este espaço gráfico, acompanhando sempre a importância que as práticas desportivas e o debate sobre a educação física teriam na sociedade carioca.

Nas edições das manhãs das segundas-feiras, havia espaços interessantes para as competições e jogos esportivos na capa do jornal, principalmente aqueles ocorridos no domingo imediatamente anterior. Além disso, as páginas 2 e 8 também destacavam as notícias sobre os esportes.

No restante da semana, porém, o espaço destinado para este fim era reduzido, podendo ser de duas colunas ou uma página inteira, geralmente a de nº 8. Nesta, era mantida de forma fixa a seção “*O Globo nos sports*”. Independentemente destas partes fixas, o noticiário esportivo poderia invadir a seção, também fixa, sobre as notícias recém-saídas das ruas para a redação. Não por acaso, esta seção se chamava “Última Hora” e trazia informações bem próximas do fechamento da edição e que poderiam, por ventura, ser mais bem detalhadas nas edições seguintes.

A equipe deste jornal que lidava com os esportes era dirigida pelo jornalista Netto Machado, contando com o trabalho de Henrique Barboza, Ernani Aguiar e Carlos Gonçalves, sob o olhar cuidadoso do diretor Eurycles de Mattos, que havia ficado no lugar do falecido Irineu Marinho, pai de Roberto Marinho, futuro diretor e proprietário da empresa.

Segundo Silva, “apesar desse relativo destaque, as páginas de esporte desse jornal ainda eram produzidas segundo uma concepção jornalística bastante **tradicional**, muito semelhante à que predominou ao longo das três décadas anteriores em toda a imprensa esportiva brasileira.”¹¹³

¹¹¹ A edição de segunda-feira costumava ter três edições e os demais dias da semana, duas, uma matutina e outra vespertina.

¹¹² SILVA, Marcelino Rodrigues da. Op. Cit. Especialmente o capítulo 2, p. 92-161.

¹¹³ Ibidem. p. 99-100. Grifo nosso.

Se o espaço nos jornais, como no caso de *O Globo* e outros veículos de comunicação, estava conquistado e praticamente cristalizado, era hora, entretanto, de incrementá-lo e torná-lo mais dinâmico. O padrão de imprensa jornalística na época ainda apresentava resquícios da cobertura esportiva em um passado recente, ou seja, nas primeiras décadas do século XX. Ainda era possível ler sobre o colunismo social e a ênfase sobre o mau comportamento dos atletas e torcedores nos dias de jogos, além do registro de dirigentes e jogadores em vestimentas e poses formais e sisudas.

Este tradicionalismo também era refletido na estrutura gráfica do jornal,

As diversas notícias ainda eram dispostas em um só texto e precedidas por um comentário inicial que as submetia a um enquadramento analítico único. No alto da página, o título da seção, “O Globo nos sports”, impresso por um clichê que incluía um desenho de cenas esportivas, abaixo do qual vinham todas as notícias, separadas por subtítulos em tipos pouco maiores do que os do texto, encarregava-se de dar expressão gráfica a essa organização discursiva. Na página 2 das edições matutinas de segunda-feira, o relato dos eventos da véspera era precedido por um lead com uma rápida sinopse do noticiário e por um comentário inicial em que os acontecimentos eram avaliados. Nos outros dias, a seção “O Globo nos sports” também era aberta por um comentário, em que os fatos do momento eram analisados e hierarquizados. Muitas vezes esses comentários apareciam sob o subtítulo “Reparo do dia”, ganhando a feição de uma coluna de opinião que, embora não fosse assinada, era certamente de autoria de Netto Machado. Nesses espaços de análise e opinião que enquadravam o noticiário, continuavam a ser exaltados valores como civilidade e cavalheirismo e defendidas as fronteiras físicas e simbólicas que separavam a vida esportiva das elites.¹¹⁴

Apesar de concordar com Silva sobre a forma tradicional de destacar o noticiário esportivo, devemos fazer uma ressalva na comparação de *O Globo* com os demais jornais, como, por exemplo, o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. Apesar do conservadorismo elitista na postura jornalística de cobrir as notícias, acreditamos que a existência de colunas e espaços para os comentários torna-se um indício relevante para a nossa interpretação. Ou seja, não era muito comum, aliás muito raro, que os jornais opinassem sobre os eventos esportivos e que traduzissem os argumentos e ideias do jornal-empresa, jornal-instituição ou menos do editor e/ou proprietário. É bem verdade que ainda existia nas instituições jornalísticas a noção de que a imprensa mais real e ideal seria aquela que informasse o seu leitor e, para tanto, o quanto mais próximo da verdade, melhor. Com isso, muitos periódicos, no afã de informar mais e opinar menos, estabeleciam critérios de publicação das notícias, sem levar em conta as opiniões de quem as redigia.

Portanto, o diálogo com o público leitor, mesmo eivado de preconceitos e mentalidades comprometidas com o elitismo, tradicionalismo e conservadorismo da sociedade

¹¹⁴ Ibidem. p. 100-101.

carioca, é uma ferramenta moderna para o trato editorial com o mundo esportivo e com a própria relação comunicativa entre a instituição jornalística e o público leitor.

O próprio Silva, que nos explica sobre a atuação de *O Globo* ao tratar dos temas esportivos, acredita, mesmo que timidamente, que este jornal já lançava bases para uma mudança de comportamento da imprensa esportiva. Um exemplo destas mudanças, percebida por aquele autor, é a presença do fator da comicidade nas páginas esportivas, com a aparição cada vez mais frequente de quadrinhas, charges e caricaturas cômicas sobre os jogadores, os clubes, os clássicos etc.¹¹⁵

A partir de maio de 1931, no período que coincide com a ida de Mário Filho para o jornal em questão, outras mudanças puderam ser percebidas como o aumento do número de páginas destinado ao esporte. Se antes a página 8 privilegiava este tema, os esportes venciam também a página 7. Além disso, percebemos um aumento no número de fotos e desenhos, ilustrando as matérias em pauta com mais dinamismo.

Um outro ponto-chave de mudança significativa na linha editorial do jornal era o aparecimento de entrevistas de jogadores e dirigentes, uma raridade naquela conjuntura, e que recebiam um tratamento gráfico diferenciado, fugindo duplamente do tradicionalismo: de conteúdo e gráfico. Este último se explica por uma nova forma de enquadramento, escapando da padronização gráfica vigente.

Porém, destacamos também, por ser uma transformação bem importante, a nova linguagem utilizada, coloquial e preocupada em encurtar a distância com o leitor. A proposta, naquele momento, era atingir a um público mais diversificado e que este também tivesse mais rapidez ao “digerir” as mensagens esportivas.

Tais mudanças serão seguidas por vários periódicos em um momento posterior, possibilitando a consolidação desta área especializada da imprensa por meio de uma linguagem mais ágil e moderna.

Um fato interessante é que no próprio *O Globo*, conforme já informamos, duas formas de noticiar o esporte disputavam espaços nas páginas. O jogo editorial via a página 7, mais conservadora e tradicional, rivalizar com a página 8, com matérias mais autônomas e com uma linguagem diferenciada, mais popular. A página 2, das segundas-feiras, também continuava a manter o padrão mais antigo do jornal. Ainda segundo Silva,

¹¹⁵ Silva cita a atuação do desenhista Parpagnoli que apresentava, em muitas das vezes, a combinação de desenhos e narrativas. Além deste, a partir de julho de 1931, é incorporada à equipe o artista Antônio Nássara, que também havia trabalhado no *Crítica*. Ibidem. p. 101-102 e 105-106.

Embora essa divisão espacial tenha permanecido mais vibrante e criativa, publicando textos inusitados, alimentando polêmicas, inventando colunas fixas dedicadas a assuntos antes inexplorados e valorizando cada vez mais a diagramação e as imagens, num claro contraste com a monotonia e o tradicionalismo da página 7.

Em algumas oportunidades, esses dois espaços editoriais chegavam a se contrapor ostensivamente, emitindo opiniões francamente contrárias sobre algum momento. Na página 7, costumavam aparecer até mesmo algumas críticas bastante explícitas ao modo como o esporte era abordado na página 8.¹¹⁶

Se durante o segundo semestre de 1931, o jornal vai apresentar esta disputa de qual deveria ser a linha editorial no trato com os esportes; no ano seguinte, o novo formato de notícias esportivas conquistaria de vez o campo esportivo de *O Globo*. Uma coluna mais tradicional chamada “O Reparo do Dia”, publicada na página 7, era um dos ícones de defesa de uma imprensa mais imparcial, neutra e fria.

A partir daí, as mudanças foram mais significativas e rápidas como, por exemplo, quando da forma de publicar as fotos dos jogadores. Se antes eram comuns as imagens retratarem homens sérios e vestidos com ternos e gravatas inundadas de sobriedade, as fotos, a partir desta mudança da linha editorial, privilegiavam os jogadores com os seus uniformes de clubes, quando não utilizavam imagens da própria partida ou prova a ser disputada.

Desta forma, temos como novos interesses da página esportiva, a publicação do universo particular do atleta e que passava a se acomodar em uma esfera pública, à medida que suas opiniões, questionamentos e expectativas tornavam-se assunto de interesse dos jornalistas esportivos. As polêmicas envolvendo atletas, clubes e associações faziam parte das pautas mais “quentes” e eram absorvidas com muito interesse pelo público leitor e, principalmente, torcedor.

O treino dos times de futebol passou a existir nas páginas dos jornais, já que, até então, este assunto não era tratado pelos jornais. Além dos treinamentos, os bares e cafés eram locais propícios para que os repórteres pudessem conseguir os seus “furos” e estes, então, tornavam-se grandes matérias, quando não passavam a ser matérias-primas para uma invenção jornalística. Apesar deste termo ser um tanto forte, é justamente na experiência de investigação policial que seria aproveitada, agora para o campo esportivo, uma forma ágil e dinâmica de atuação dos repórteres. Sobre este assunto, procuraremos aprofundar mais esta discussão no próximo capítulo. Todavia, cabe uma consideração sobre a inventividade dos jornalistas, pois estes aumentavam propositadamente a importância de uma questão relativa à vida privada dos jogadores, por exemplo.

Já em outras situações, os repórteres chegavam a algumas conclusões por pura dedução, com o objetivo maior de causar um impacto entre os leitores, gerar uma ou mais

¹¹⁶ Ibidem. p. 103.

dúvidas, aumentando o campo de possibilidades das notícias em questão. Esta atuação completamente ativa dos jornalistas combinava com a atuação da instituição empresarial, o próprio jornal, quando este criava concursos, partidas e torneios na área cultural e esportiva e que, obviamente, eram noticiados pelo mesmo veículo.

Era hora de aumentar a área de atuação dos jornalistas esportivos: a polêmica e a espetacularização da vida particular do atleta tornavam-se essenciais para ampliar, então, esta área. Uma das ferramentas para conseguir isto era a técnica e a respectiva publicação da entrevista para conseguir obter informações, que poderiam ser óbvias, do conhecimento geral, mas poderiam também revelar informações valiosas do atleta, do clube ou de uma associação. Valiosas literalmente, pois tornavam-se jóias a serem desencavadas nos bastidores do esporte e, a seguir, vendidas pelos jornaleiros.

Com a entrevista, poderiam ser exploradas as possibilidades de vitória dos times, o valor de cada atleta, as emoções escondidas pelos jogadores e dirigentes, antes e depois dos jogos, as decisões tomadas pelos árbitros durante as partidas e que poderiam render intermináveis discussões. Tudo era aproveitado para fazer e refazer as notícias num amálgama de regras racionais e de reações emocionais.

Para o leitor-torcedor ou torcedor-leitor era, por sua vez, reservado todo um discurso valorizado na emotividade e as disputas clubísticas e regionais eram exploradas nas páginas de *O Globo*. A rivalidade vendia. Portanto, era necessário incentivá-la também com vigor. Tal fato combinava com a nova linguagem das manchetes e das próprias matérias, que exploravam o exagero, o suspense, a interrogação, o mistério da escalação dos jogadores e do próprio resultado das partidas. Se dizemos hoje que os estádios são o palco dos espetáculos de futebol, naquele momento, pelo menos, poderíamos dizer que o roteiro era escrito pelos repórteres e que estes não estavam nos bastidores, mas também se tornavam protagonistas de verdade.

Portanto, *O Globo* tornava-se um grande exemplo da mudança editorial que os jornais passaram a adotar no início da década de 1931. A atuação do jornalista Mário Filho seria fundamental para esta nova fase da imprensa esportiva. De certo que tal empreitada gerou resistências, mesmo entre seus pares, mas também tornou-se um paradigma para a maneira de como se devia fazer jornalismo esportivo naquele momento.

Utilizando, mais uma vez, a obra de Silva sobre a análise do jornal *O Globo*, destacamos que:

Nas antigas análises das atuações de times e atletas, os cronistas esportivos buscavam atenuar o clima de conflito, sobrepondo aos interesses e paixões clubísticas um critério de avaliação imparcial, que deslocava a atenção para valores que deveriam ser compartilhados pelos adversários. Nas páginas dirigidas por Mário Filho, todo o esforço se destinava justamente a estimular a disputa, explorando o caráter conflituoso do esporte e a subjetividade dos personagens esportivos.

(...) A “cegueira” da paixão clubística, a insatisfação com a derrota e o desejo encarniado de vencer já não eram mais vistos como cancros a serem extirpados do mundo esportivo. Pelo contrário, eram valores cultivados pela publicação das palavras passionais dos jogadores, pelas interrogações insistentemente lançadas aos torcedores e pelo clima de suspense construído pelos comentários.¹¹⁷

O Globo e Mário Filho inauguravam um discurso inovador no trato com as notícias esportivas, e que seria compartilhado em um movimento simultâneo pelo *Jornal dos Sports*, fundado em 1931, ano marcante desta “virada jornalística”. Fazer jornalismo esportivo a partir deste ano seria diferente, pois transformaria as bases de atuação deste campo, explorando possibilidades até então muito tênues.

A sociedade carioca e brasileira que mudavam a cada instante por meio de movimentos culturais, sociais e políticos, percebiam, gradativamente, que o mundo dos esportes era uma parte que crescia e se tornava inerente aos anseios da sociedade. Assim como o Rio de Janeiro, que se modificava, por meio das tecnologias de comunicação e de transportes, além de um processo de urbanização transformador, a vida social já não era mais a mesma. Os esportes, e em especial o futebol, acompanhava e ditava este processo em um movimento dual de incorporação de ritmos dinâmicos da sociedade e de criação de ansiedades coletivas em torno do jogo.

Nesta perspectiva, acreditamos que o *Jornal dos Sports*, em suas duas fases, propiciou um destaque especial para a formação de uma mentalidade carioca mais próxima dos esportes, das atividades físicas, da identificação com o discurso voltado para a saúde do indivíduo e, em especial, para a adequação da paixão pelos clubes e pelo desejo pela vitória. Atuar neste novo tempo não era fácil, devido a uma série de dificuldades sócio-econômicas da imprensa-empresa, principalmente os periódicos menores. Porém, ao mesmo tempo em que atuava nesta conjuntura que se pretendia modernizadora, o papel do *Jornal dos Sports* e de toda uma imprensa esportiva tornava-se mais pretensioso do que simplesmente sobreviver a este mundo, mas, sobretudo, era o de criá-lo e representá-lo a sua maneira.

¹¹⁷ Ibidem. p. 114.

CAPÍTULO 2: O JORNAL DOS SPORTS E A CONSOLIDAÇÃO DE UMA IMPRENSA ESPECIALIZADA

2.1: Caleidoscópio esportivo: Bulcão no Ataque

O objetivo deste capítulo é analisar matérias publicadas pelo *Jornal dos Sports* na busca de compreender as diferenças presentes na sua linha editorial em dois momentos: da fundação em 1931 até a compra do mesmo em 1936, pelo jornalista Mário Filho e a partir daí até 1950, às vésperas da Copa do Mundo realizada no Brasil. As matérias analisadas no capítulo são relacionadas a todo tipo de esporte, já que o capítulo seguinte é que abordará as que tratavam do futebol, esporte que recebia uma atenção especial da imprensa especializada, principalmente a partir da década de 1930.

Um dos objetivos deste trabalho é compreender a linha editorial inaugural do *Jornal dos Sports*, criada por seus fundadores Argemiro Bulcão e Oséias Motta. Sua edição ficaria por conta de Bulcão e este teria um papel decisivo na formação de um padrão editorial para o *JS*.

Já iniciamos esta discussão no capítulo anterior quando tratamos da análise dos editoriais inaugurais do periódico em questão e pudemos compreender quais eram as linhas mestras de diálogo com o público leitor. Desta forma, destacamos que a defesa incontestada de qualquer prática desportiva, a organização e a disciplina que os esportes trariam para a sociedade como benefício para o homem, para a mulher e para as crianças, o apelo à elaboração de políticas públicas que pudessem reconhecer e consolidar o papel saudável das práticas desportivas e um discurso cientificista e eugênico eram alguns grandes exemplos lançados na coluna Críticas e Sugestões que era assinada pelo fundador do *JS*, o jornalista Argemiro Bulcão.

Se Bulcão, por um lado assumia a linha intelectual e editorial do jornal, Oséias Motta era o responsável pela parte gráfica, desde a preocupação com o papel até a sua elaboração e confecção finais, já que era dono de gráfica. No entanto, todo o mérito intelectual do jornal cabia a Bulcão, pois é justamente seu nome que constava nos créditos como diretor. Aliás, analisando os créditos do jornal, percebemos que este empreendimento nasceu com poucos funcionários. Esta hipótese justifica o fato de que em boa parte do ano de criação do jornal, ou seja, em 1931, o nome de Bulcão apareceria de forma isolada nos créditos, sendo seguida, posteriormente, pelo nome do redator chefe, Tenório de Albuquerque. Podemos compreender,

entretanto, que Bulcão dirigia o periódico de forma personalista e centralizadora, principalmente no ano inicial.

Todavia, no ano seguinte, em 1932, a equipe do *JS*, estaria mais completa e, então, teríamos a seção dos créditos com uma série de nomes, principalmente dos redatores. Faziam parte da equipe, em 1932, os secretários Everardo Lopes e Isaías Lopes (este antes, era o “redator secretário”); os redatores Attila de Carvalho, Mello Junior, Álvaro Nascimento (este, antes, também era o gerente e, agora, acumulava o cargo de chefe de publicidade), Sylvio Vasques, Alberto Smith, Archimedes Valentim, Arlindo Monteiro, Raul Loureiro; o gerente João Wanderley; o corretor Olavo Cardoso e os “únicos” cobradores Pedro Rodrigues e Sebastião C. de Souza. Portanto, por conta do sucesso editorial empreendido no ano anterior, era possível contratar uma equipe maior, especialmente de redatores, para fazer com que o jornal crescesse cada vez mais.

Em relação à análise das matérias e notícias que eram veiculadas neste jornal, podemos informar que o futebol, no início da década de 1930, já monopolizava o noticiário esportivo. No *JS*, portanto, não seria diferente esse comportamento jornalístico, que, na verdade, era reflexo do que este esporte significava no próprio cotidiano da sociedade.

Todavia, o grande diferencial deste jornal neste período era chamar a atenção para uma prática poliesportiva e para a cobertura dos mais diferentes tipos de esportes na sociedade carioca e brasileira. Procurava-se dar espaços para todas as modalidades esportivas, inclusive com a publicação de colunas fixas como a do turfe (“Turf”), boxe (“Pugilismo”), basquete (“Basket-Ball”), e outros.

Se o futebol era a menina dos olhos do *JS*, como detalharemos mais no próximo capítulo, assim como da própria imprensa esportiva em geral, este periódico tinha o objetivo e a missão de publicar e, também, publicizar os eventos, as ligas, os torneios e as notícias ligadas aos atletas de diversas modalidades. Tudo isto, todavia, na linha do jornal, era uma meta pedagógica de associar o esporte como capital simbólico de uma sociedade que pretendia ser moderna. Para tanto, era preciso uma cidade saudável e que eliminasse as doenças e males do homem com a ajuda e a valorização dos esportes, de todos, dos mais representativos como o futebol até o jogo de petecas.

O discurso do *JS*, apesar de moderno e plural, ainda trazia consigo alguns ranços conservadores como o purismo nas práticas desportivas ao condenar, por exemplo, o envolvimento de lutas entre modalidades distintas, como o jiu jitsu e a capoeira. Se havia espaços para todos os esportes e jogos nas páginas do jornal, não existia uma tolerância para a

mistura e a deturpação dos mesmos, pela desorganização das regras específicas de cada modalidade.

As questões referentes à sociedade, ou seja, às relações sociais travadas no ambiente esportivo e que também alimentavam as páginas do *JS*, geralmente eram tratadas em dois espaços específicos, ora nos espaços referentes aos eventos dos clubes (ricos e suburbanos, diga-se de passagem), ora na coluna “Turf”.

Mesmo quando a primeira página enfatizava o futebol, a coluna “Turf” correspondia a um significativo espaço do jornal, chegando, em algumas ocasiões, como na edição número 2, de 15/03/1931, a uma página inteira (neste caso, a terceira).¹¹⁸

É interessante perceber que o *JS*, além das notícias restritas diretamente ao esporte equino (como as informações dos páreos, cavalos etc), tanto no Jockey Club quanto no Derby Club, procurava informar nesta coluna as notícias “periféricas” deste mundo esportivo. Ou seja, era comum a veiculação de notas sobre as novas aquisições dos proprietários de animais, as informações de disputas políticas nas associações de turfe (tanto no Rio de Janeiro quanto em outros estados), os destaques para os importadores de animais etc.

Sem exageros, podemos compreender que a coluna “Turf” era realmente uma verdadeira coluna social, nos moldes de como a conhecemos hoje, pois dividia com os seus leitores os “bastidores do esporte”, as relações sociais e políticas locais e regionais, tentando abranger tudo que fosse possível publicar e interrogar, conforme o exemplo que se segue: “Segundo notícias vindas do Rio Grande do Sul, um grupo de amigos do Sr. Raul Sebastian, procura convencer-o que não deve de desistir da presidência da Protectora de Porto Alegre. Qual será o motivo?”¹¹⁹

As notícias relativas ao turfe paulista eram normalmente veiculadas no *JS*. Todavia, a concorrência com a rede de notícias e informações de São Paulo permitia a este periódico descrever as matérias (muitas das vezes, pequenas notas) com uma “pitada de ironia”:

Em São Paulo será disputada hoje, no hippodromo da Mooca, a (...) Mappin Webb em que se acham alistados Flutter, Gungazo, Pons, Guante, Huno e Ugolino. Segundo a opinião dos “sabidos” da Paulicéa, a Victoria deve pertencer ao cavallo Flutter mas, há quem julgue que o velho Pons e o valoroso Guante não serão derrotados tão facilmente como calculam. Pons continua a ser a prata da casa...¹²⁰

A ironia do *JS* brinca com a “sabedoria” dos jornalistas e especialistas do turfe paulista pois o campo dos esportes e dos espetáculos, conforme discutimos no primeiro capítulo, era o

¹¹⁸ Nesta edição, a primeira página do *JS* enfatizava o encontro futebolístico entre um time do Uruguai, o Sud America e um combinado carioca no Estádio de São Januário. Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2, 15 de março de 1931. p. 1.

¹¹⁹ Ibidem. p. 3. Coluna Turf.

¹²⁰ Ibidem. p. 3. Coluna Turf. Grifo nosso.

espaço de consagração da rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo, mais visível no âmbito da política nacional.

Portanto, em resumo, o espaço da coluna “Turf” dividia-se entre as seções técnicas do Jockey Club e do Derby Club e de uma seção voltada para o colunismo social com o subtítulo “notas e informações”.

Além do turfe, outros esportes também recebiam atenção como os esportes náuticos, principalmente o remo e a natação, porém ainda eram notícias com informações muito técnicas, ou seja, com dados muito específicos e funcionais como a disposição dos competidores (tratada como páreos, por exemplo, em clara alusão à linguagem utilizada no turfe). A vida dos clubes, atletas e dirigentes ainda era pouco explorada no início da cobertura poliesportiva do *JS*.

No entanto, dava-se destaque para atletas e jogadores internacionais como, por exemplo, os lutadores de boxe. Um bom exemplo deste tipo de cobertura jornalística é a matéria que exaltava a vinda do lutador uruguaio Manuel Cardenez, por meio de uma entrevista e chamando a atenção para os feitos do pugilista, que, no entanto, estava no Rio de Janeiro acompanhando o time de futebol uruguaio Sud América, como massagista, para uma excursão contra alguns times e combinados do futebol brasileiro.¹²¹

Tal matéria nos faz refletir acerca do caráter amador do pugilismo na América do Sul, o que não mudou muito no continente ainda neste início de século XXI, apesar do esporte ter se consolidado com uma grande bolsa de apostas em vários países.

Também destaco, nesta matéria, a utilização de fotografia mostrando o repórter do *JS* (no caso, o redator Tenório de Albuquerque) realizando a entrevista ainda na cama do pugilista, sendo este retratado com seu pijama. A equipe do *JS*, portanto, ia atrás dos fatos, do que poderia ser notícia e passava nitidamente a mensagem de que, para tanto, acordava cedo para isto. Aliás, neste caso, acordava mais cedo até do que o fato em si. Além disto, ficava clara a intenção do jornal de valorizar o “trabalho esportivo” de um atleta esforçado, envolvido com o esporte em mais de um sentido, ou seja, além de grande boxeador, também fazia parte de uma equipe de futebol, mesmo não sendo um desportista desta última modalidade.

Na entrevista do *JS* com Cardenez, também destaco o espaço que o Fluminense dava aos demais esportes na seguinte passagem:

¹²¹ Manuel Cardenez, grande pugilista uruguayo está no Rio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2, 15 de março de 1931. p. 4.

- Agradar-lhe-ia disputar um combate aqui?
 - Seria motivo de grande satisfação para mim, disputar um combate aqui no Rio. Desde que se me apresente uma oportunidade, eu a aceitarei. Sei que o Fluminense, um club (...) e cheio de prestígio em toda a América do Sul, está promovendo a realização de espectáculos de box (...).¹²²

Mais uma vez temos a percepção do jornal em divulgar os esportes para além do futebol e procurando valorizar o trabalho dos clubes e associações em organizar e estimular os “espetáculos”. Esta palavra é bem apropriada pois, para o jornal, de acordo com as ideias de seus fundadores, mais do que um negócio, um empreendimento empresarial, a venda de periódicos como o *JS* era uma forma de divulgar valores modernos e colaborar, na visão de seus idealizadores, com a constituição de uma sociedade mais saudável e desenvolvida, nos moldes dos países do primeiro mundo (Estados Unidos e países da Europa).

Para tanto, era importante não só divulgar os acontecimentos esportivos realizados na cidade e fora dela, como também criar oportunidades para o pleno desenvolvimento de um “espírito esportivo” em nossa sociedade, chamando a atenção, em várias ocasiões, do e para o poder público. Este teria a obrigação de investir nesta linha ideológica de pensar uma sociedade moderna, o que ocorreria ao longo do primeiro governo Vargas (1930-1945).

Na passagem citada da entrevista, fica claro, para nós, que a intenção do jornal, para além da simples divulgação dos fatos é criar oportunidades para a geração de mais fatos. Ou seja, um processo de retroalimentação de novos dados e acontecimentos esportivos, ao instigar a possibilidade de uma luta do pugilista uruguaio no Rio de Janeiro, aproveitando-se, em particular, da iniciativa do Fluminense em promover tais eventos.

Desta forma, destaco aqui uma característica que vai nortear as ações do jornal, desde os anos iniciais até, pelo menos, a época de Mário Filho: a de intervenção direta do *JS* na ação de promoção e organização de eventos esportivos, por meio de campanhas, concursos, articulações políticas com os clubes e associações desportivas etc. O jornal não só divulgava o “mundo esportivo”, como também ajudava ativamente a construir um.

Um exemplo desta inserção do jornal em criar a própria notícia era um concurso, realizado em parceria com o *Diário de Notícias*, para custear as despesas de duas pessoas (no caso, um casal) para assistir *in loco* os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. Nas páginas do jornal eram publicados os cupons para eleger “A Rainha da Embaixada Sportiva do Brasil” e “O Embaixador da Torcida”. Todavia, não era uma eleição verdadeiramente democrática, pois os candidatos já estavam pré-selecionados e vinculados aos clubes

¹²² Ibidem.

esportivos e sociais espalhados pela cidade. Qualquer leitor do jornal poderia participar do processo eleitoral, desde que apresentasse o cupom original, anexado nas páginas do *JS*, porém estava alijado de concorrer ao cobiçado prêmio.

Neste concurso, a comissão julgadora selecionaria, dentre os dez candidatos mais votados, quem iria para os Estados Unidos. O jornal informava que a comissão era formada por dois artistas (não especificando de que área seriam), dois jornalistas (provavelmente, um de cada jornal envolvido no concurso), os presidentes da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, da Associação de Cronistas Desportivos e da ABI (Associação Brasileira de Imprensa).¹²³ Todavia, o patrocínio da promoção seria oferecido por uma série de casas e lojas comerciais do Rio de Janeiro, como joalherias, alfaiatarias, lojas de calçado e perfumarias.

Conforme já discutimos no capítulo anterior, ao tratarmos da criação do *JS* e da análise dos primeiros editoriais e algumas notícias principais, era sempre motivo de muito destaque as matérias referentes ao sucesso e às vitórias alcançadas pelos atletas e clubes brasileiros no exterior e mesmo em competições internacionais disputadas em casa. Um bom exemplo é a matéria cuja manchete era “Os brasileiros campeões sul-americanos de remo”, já tratada neste trabalho, e que fora destacada na edição nº 7 do dia 23/03/1931.¹²⁴

Mais uma vez, retomamos o nosso raciocínio acerca do que o jornal pretendia, do ponto de vista ideológico, ao cobrir tais eventos, ou seja, almejava-se valorizar ao máximo a prática de esportes no Rio de Janeiro e criar valores simbólicos que sintetizariam a força dos esportes ao aliar o sentido destes para a sociedade, inclusive o valor da vida saudável e eugênica, com o sentimento nacionalista e patriótico.

Desta forma, a conjuntura para formulação e criação destes símbolos culturais era a mais favorável possível pois o país passava, mesmo em um governo provisório (1930-1934), por um processo de centralização política de cunho nacionalista. Portanto, o projeto ideológico do *JS*, não por acaso, casava com a proposta nacionalista e de apelo patriótico do Estado getulista.

Além disto, como grande parte dos veículos de comunicação (senão, todos), o *JS* pretendia falar em nome da nação (o que era, certamente, uma grande pretensão) ao parabenizar os atletas do remo pela grande representação de nosso povo. Sobre este, a palavra

¹²³ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932.

¹²⁴ Conferir neste trabalho a análise da matéria. p. 53-55.

“raça” é bem explorada para valorizar a população brasileira, apesar de não deixar claro, mas, para nós, subentendido, a influência da miscigenação no sucesso de nosso povo.

Era comum, também, notícias sobre o mundo curioso dos esportes. Ou seja, de vez em quando o *JS* publicava notícias, imagens ou mesmo notas de casos e histórias pitorescas que, obviamente, chamavam a atenção do público leitor, como, no exemplo, da nota “143 a 1! O sensacional resultado de um jogo de basketball disputado por...moças”.¹²⁵ Mesmo dentro de um instante ímpar dentro das páginas do jornal, por conta de um notícia ou imagem “fora da normalidade”, o *JS* aproveitava o momento para um diálogo menos explícito com o leitor, mas, ainda assim, eivado de intenções da sua missão principal de promotor e defensor dos esportes.

Não só pela curiosidade e pelo evento inesperado, a notícia do time de um colégio chamado Magnolia (da cidade de Monticello, Arizona-EUA) derrotando outro time colegial feminino, oportunizava uma situação para que o jornal motivasse e divulgasse a prática de esportes entre as mulheres. Cabe lembrar que junto à matéria, era divulgada uma fotografia revelando o time do Colégio Magnolia, onde podemos perceber claramente qual era o padrão de força e de altura das alunas, ou seja, as meninas apresentavam uma altura condizente com a prática deste esporte e eram bem fortes.

Força e feminilidade eram conceitos que poderiam ser associados em prol e bem do esporte. Mais do que uma distinção, o padrão de beleza da mulher estaria mais voltado para a saúde, do bem estar físico, do que de uma sensualidade feminina. Em várias oportunidades, o jornal publicaria matérias e imagens das atividades e eventos esportivos que envolvessem a participação ativa da mulher. Esta estava presente, tendo como base o que era publicado pelo *JS*, no basquetebol, nos esportes náuticos (natação, principalmente), no voleibol (este, inclusive, era pouco divulgado pelo jornal, o que faz com que possamos refletir sobre a pouca disseminação deste esporte na cidade durante este período) e em vários outros eventos, como partidas de futebol, bailes das associações desportivas e clubes.

Em relação a estes últimos, eram frequentes (diria, com presença diária), as informações sobre os dirigentes dos clubes e associações desportivas. Para o jornal, não bastava cobrir apenas os eventos e competições organizadas pelos mesmos. Era preciso mais. O *JS*, então, realizava entrevistas com dirigentes, publicava atas de reuniões, divulgava matérias sobre campanhas políticas para a presidência dos clubes e associações e estimulava a interrogação do futuro destas agremiações. Apesar das imagens publicadas no jornal

¹²⁵ 143 a 1! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7, 23 de março de 1931. p. 4.

privilegiarem os atletas e os espaços para a prática dos esportes (estádios, quadras e piscinas, por exemplo), quase que diariamente, as fotografias dos “homens do esporte” eram retratadas nas páginas do mesmo.

O *JS* investia, desta forma, na aproximação com o mundo político do dirigismo esportivo, e conseguia, portanto, formar uma rede de alianças importante para a preservação de sua entrada nos espaços dos esportes. Como exemplo desta relação do jornal com os dirigentes esportivos, construída desde os seus primórdios, temos a publicação de uma coluna chamada “Às Segundas-feiras de Ariovisto de Almeida Rêgo”, cujo objetivo era relatar, por meio de crônicas, opiniões sobre os esportes náuticos.¹²⁶ Todavia, este senhor era simplesmente o Presidente da Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Portanto, além dos esportes, atletas, eventos e competições, clubes e associações esportivas serem matérias-primas para a construção e consolidação de uma imprensa esportiva especializada e para a formação de valores simbólicos e idiosincrasias específicos para uma sociedade que desejava ser moderna, os dirigentes esportivos também faziam parte do interesse do jornal. Não só como notícia, mas também como formador de opinião, conforme a intenção de criar uma coluna específica para tanto.

Em resumo, a linha editorial do *JS* era valorizar e se aproximar das associações desportivas e de seus respectivos dirigentes, tendo estes se tornado, cada vez mais “figuras fáceis” nas páginas dos jornais.

A visão do jornal ao cobrir os esportes para além do futebol, tinha um grande aspecto pedagógico e defendia a tese de que uma sociedade moderna deveria acompanhar o ritmo acelerado e civilizatório das transformações urbanas e industriais do século XX. Os esportes, portanto, tinham um papel fundamental ao criar no homem moderno uma cultura voltada para o dinamismo e a preservação do bem-estar, da saúde, da alegria, do espetáculo, enfim, do lazer.

Neste aspecto “instrucional”, o *JS* publicava uma matéria intitulada “O problema da educação physica no Brasil” que tratava das principais ideias de Cyro de Moraes, então vice-diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM): “Discute-se com ardor o problema da educação physica no Brasil, de summa importância, dos que mais de perto condizem com os altos interesses da nossa **nacionalidade**. É questão palpitante, que vem provocando debates e emissões de opiniões. (...)”¹²⁷

¹²⁶ Criada a partir da edição nº 7, em 23/03/1931.

¹²⁷ O problema da educação physica no Brasil. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7, 23/03/1931. p. 2. Grifo nosso.

No artigo percebe-se a intenção de discutir os esportes e a educação física como instrumentos do exercício da nacionalidade. Se o *Jornal dos Sports* tinha a intenção pedagógica de discutir as linhas mestras da modernidade carioca, por meio da divulgação e promoção das práticas esportivas, a discussão em torno da importância da educação física é mais do que relevante e pertinente, pois trata-se de uma disciplina que procurava ampliar os seus espaços no ambiente escolar, ou seja, no *locus* próprio de formação do novo homem.

Seguindo o artigo, tem-se a pergunta do *JS* que nortearia a continuidade do mesmo:

- *Como lhe parece poderia ser encarada a Educação Physica, no programma escolar?*
 - (...) *De começo diríamos que ella é um aspecto da educação geral cujos objectivos se deveriam interpretar de accôrdo com os fins exigidos pela pedagogia. Ponderando-se esse ponto descobre-se logo a difficuldade no esforço e empenho para incluil-a entre os objectivos escolares, pois, aggrega ao velho programma escolar novos objectivos, augmentando dessa maneira as finalidades da educação.*
 (...) *Modificou-se, porém, a feição da escola de hoje. Ella gradualmente vae juntando ao seu programma, uma por uma, estas actividades cultivadas outrora no lar e na communitade, systematizando-as pedagogicamente. A entrada gradual dessas actividades modificaram a finalidade total da educação escolar.*
Vê-se, pois, que a educação physica que se proporcionava no lar e na comunidade se estão praticando como funcção da escola e como tal lhe impõe nova revisão tendo em vista que a educação physica exige para a finalidade total os objectivos seguintes:
1. *A organização e direcção da vida infantil nas actividades do desenvolvimento muscular.*
 2. *As exigencias da vida do adulto com vistas ao reajustamento e condições sociaes no empenho de adquirir efficiencia.*
 3. *O desenvolvimento e a mudança das capacidades para se satisfazerem as imposições da vida.*
 4. *As leis sociaes e sua applicação nas actividades, desenvolvimento e progresso das sociedades.*
 5. *O estabelecimento das normas de hygiene e saúde.*
- (...) *Nestas palavras temos a opinião moderna e pedagógica de um dos novos directores de educação physica, sr. Cyro de Moraes, prestigioso e seguro elemento da Associação Christã de moços do Rio.*¹²⁸

Desta forma, temos no *JS* um veículo que sustentava uma percepção de que a prática dos esportes e da educação física deveria agregar novos valores educacionais a um antigo programa escolar. Tal dado corrobora para o que se pensava não só no ambiente escolar, mas na própria sociedade, sobre a importância que a prática dos esportes tinha para a mesma, ao trazer consigo benefícios na formação de um homem moderno.

O interlocutor do *JS* neste artigo, o sr. Cyro de Moraes, é apresentado com a alcunha de moderno e pedagógico, títulos aos quais o próprio jornal se intitulava ao enfatizar uma linha editorial voltada para tais objetivos.

Esta visão considerada moderna acerca da prática da educação física nas escolas destaca, além do desenvolvimento do corpo humano/muscular, a busca pela eficiência, a capacidade de adaptação às dificuldades da vida (leia-se aqui, em nossa interpretação, a uma

¹²⁸ Ibidem. Grifo nosso.

vida mais rápida, dinâmica e apressada), a uma condição de harmonização social, tendo em vista os objetivos de “desenvolvimento e progresso das sociedades” (aqui temos não só um progresso industrial, urbano e tecnológico, mas um progresso social, de harmonização coletiva, enfim um projeto de nação) e o discurso cientificista em torno da promoção da saúde e da higiene (que também pode ser considerado como parte de um projeto de nação e que se apropriava de um entendimento eugênico de sociedade).

Portanto, a inserção de dirigentes esportivos como cronistas ou como, pelo menos, escritores temporários ou casuais de colunas nas páginas do *JS* não é uma proposta editorial ao acaso e sim pensada e idealizada de forma coerente e racional, ao encurtar o caminho entre a imprensa e as agremiações e entidades que organizavam a prática dos esportes.

No caso do *JS*, a prática de todos os esportes possíveis, inclusive aqueles que eram identificados como jogo ou recreação por parte significativa da população como o tênis de mesa e a peteca. Sobre o primeiro, apesar do espaço reduzido, publicava-se algumas notas, geralmente sobre torneios e campeonatos, como, por exemplo, a Taça Francisco Villas Boas. O esporte, todavia, era chamado pelo seu apelido mais popular e conhecido, o “ping-pong”.

Já sobre o segundo cabe destacar uma matéria que aborda e estimula o desenvolvimento da prática da peteca como esporte saudável e, principalmente, por ser nacional, conforme podemos perceber no texto abaixo. A origem da notícia era basicamente em torno de um dirigente, Sr. João Botelho, que criara uma Liga Carioca de Peteca, tornando-se o seu presidente. Cabe lembrar que Botelho também era presidente de um dos clubes que pertenciam a esta nova liga, no caso o Sul-America P. C.

Como era uma prática comum do *JS*, a matéria é apresentada como um feito exclusivo do jornal ao descrevê-la, antes do texto, da seguinte forma “O sr. fala ao *Jornal dos Sports*” ou “O *Jornal dos Sports* procura tal pessoa ou clube para averiguar os fatos” etc. Tal iniciativa dava uma noção de ação ativa do periódico ao trazer entrevistas, declarações e outras informações para o público leitor. Esta técnica de apresentação das notícias seria bastante utilizada em boa parte das matérias com falas e opiniões de atletas e dirigentes do esporte.

Voltando à matéria sobre a peteca, temos o seguinte texto publicado pelo *JS*:

- *E acerca da nova entidade?*
 - *Há mais de 15 anos que venho me dedicando ao Sport da peteca sempre promptificando-me a postar informações e dando as instruções necessárias ao bom desenvolvimento do jogo. Os representantes dos clubs Pedro II, P. Brasil, Kosmos, Tuiuty, Amadores, Sul-America, Coimbra e Independentes, no firme propósito de fundar a Liga Carioca de Petéca, já em reuniões animadas e intensos debates aprovaram os seus regulamentos technicos e*

internos provisórios, para a boa ordem e melhor desenvolvimento do próximo Campeonato Carioca de Petéca.

*Contamos desta vez popularizar definitivamente o sport da peteca e para isso de muito nos valerá o auxílio desinteressado da imprensa e em particular do JORNAL DOS SPORTS, cujo interesse pela **diversão sportiva de criação nacional** é animador. (...)*¹²⁹

Nesta matéria, que reproduz a fala de mais um recém-dirigente da sociedade carioca, percebemos o valor da organização dos clubes em criar uma liga. Tal fato pode parecer óbvio em esportes que buscam os seus respectivos crescimento, desenvolvimento e difusão na sociedade, mas é, também, uma marca significativa da campanha do JS junto aos clubes e até mesmo junto ao poder público. Em várias ocasiões podemos perceber que o jornal apelava para o apoio a esta relação salutar para a prática dos esportes: organização e disciplina.

Para tanto, era mais do que necessário a criação de associações e ligas que pudessem integrar os esportes, tornando-os mais organizados, disciplinados e seus respectivos atletas e dirigentes cientes, literalmente, das regras do jogo. Mesmo com um discurso editorial universalizante quanto aos benefícios da prática dos esportes e da educação física, para a saúde, para a higiene, para o desenvolvimento do homem, da sociedade e da própria nação, em muitas ocasiões, os esportes, para o JS, só cresceriam com a formação de agremiações que pudessem criar regras pré-definidas e aceitas por todos.

Como vimos na entrevista do sr. João Botelho, vale muito a “boa ordem” para o pleno desenvolvimento da peteca. Ordem esta que, em uma conjuntura política nacional, também era a palavra da moda, ou seja, o país, naquele momento (a partir de 1930) vivia um processo de reforma do Estado via Revolução de 1930, que possibilitou repensar o papel deste quando Vargas reestrutura o país. Tais modificações traziam, em si, um projeto de centralização política e social do Estado, aumentando uma burocracia administrativa que possibilitava atingir partes da população que se mantinham até então excluídas das decisões de governo.

Para tanto, o projeto de trazer o apoio político dos trabalhadores para próximo da figura do estadista exigia uma disciplina e um rigor com as regras sociais, que não poderiam ser quebradas, a fim de interromper a aliança entre o governante e a classe trabalhadora. Para o governo Vargas, o corporativismo e o sindicalismo seriam palavras chaves para a manutenção do processo de fortalecimento e centralização do Estado e que, posteriormente, em 1937, com a criação do Estado Novo, esta etapa atingiria seu ponto mais alto.

Criar ligas e associações esportivas, portanto, não estão, em nossa visão, descoladas deste processo (e deste projeto de Estado e de sociedade), à medida que aquelas visam trazer ordem, disciplina e, por que não, o pleno desenvolvimento dos esportes.

¹²⁹ Pelo desenvolvimento da Peteca. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7, 23/03/1931. p. 2. Grifo nosso.

O apelo ao apoio da imprensa, na fala do sr. Botelho, é exemplar pois esta estaria apenas interessada em divulgar os esportes, em especial os de “criação nacional”. Sem dúvida, promover a prática e a difusão dos esportes era uma missão do *JS*, por exemplo. (Super)valorizar as atuações dos clubes e atletas brasileiros em jogos, provas e competições internacionais, em benefício de um discurso nacionalista e, por vezes, ufanista, também. Porém, cabe ressaltar que o jornal, como qualquer empresa, de comunicação ou não, visava o lucro, ou seja, a venda de exemplares.

Apoiar, portanto, iniciativas de criação de ligas de peteca, ou qualquer outro esporte, poderia ter qualquer adjetivo, menos “desinteressado”, tendo em vista que a publicação de eventos que envolvessem pelo menos oito clubes (pequenos ou não), aumentaria a venda do jornal entre os associados dos clubes e participantes dos jogos, além de um outro público mais periférico, mas que poderia também ser atingido como: patrocinadores dos clubes e dos torneios, comércio local próximo dos clubes, familiares e amigos dos jogadores.

Por fim, ao comentarmos esta matéria, chama-nos também a atenção pelo fato do *JS* grafar o seu nome, quando citado por algum entrevistado ou outro veículo de comunicação, quase sempre com letras maiúsculas, com o claro objetivo de realçar a importância do jornal na fala ou escrita do interlocutor, criando um grau de destaque gráfico para o conteúdo publicado. Desta forma, o jornal procurava “advogar em causa própria”, destacando o seu nome do restante da matéria, evidenciando uma clara técnica de *marketing* institucional, que nos deteremos um pouco mais, logo a seguir.

Nesta linha editorial de apoiar a criação e desenvolvimento de entidades esportivas, o jornal também destacaria o movimento de criação de uma instituição que pudesse organizar o basquetebol brasileiro. Portanto, em seu editorial, ele apontava que:

Ja está plenamente victoriosa a idea da emancipação do basketball, o emocionante Sport que tantas e tão difíceis qualidades exige dos seus praticantes.

Fundou-se a Associação de Basketball Carioca que, sem dúvida, irá concorrer efficientemente para o desenvolvimento do belíssimo Sport em nossa capital.

(...) Da unanimidade da imprensa, tem merecido justos louvores, a idéa da emancipação do basketball da AMEA e da criação de uma entidade especializada, capaz de propulsionar o desenvolvimento do empolgante sport.

*Deante dessa situação, não podia deixar de ser grande a nossa surpresa, ao ter conhecimento de que a veterana Liga Metropolitana se propos a organizar um campeonato de basketball. É uma iniciativa extemporânea, (...). Desde que se fundou a AMEA, a Liga Metropolitana despreocupou-se totalmente do basketball. Como explicar-se, pois, que só agora, depois de criada uma entidade especializada venha a velha instituição cogitar da organização de um campeonato? Com que elementos poderá ella contar? Quantos clubes lhe irão disputar o campeonato?*¹³⁰

¹³⁰ Uma iniciativa extemporânea. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 314, 20/03/1932. p. 2. Coluna Crítica e Sugestões.

Desta forma, todo apoio era dado às iniciativas para estabelecer uma organização institucional dos esportes, porém, em contrapartida, as entidades já existentes, mas que não apresentavam um mínimo de resultados e trabalho, eram sérios alvos da crítica do jornal. O esporte era um assunto tão importante que não merecia um tratamento desleixado por parte destas entidades e, neste caso, o jornal abria caminho em suas páginas para o novo, ou seja, projetos mais organizados, mais voltados para o engrandecimento do esporte, portanto, mais modernos.

Em relação ao *marketing* institucional que citamos acima, podemos comentar que o *Jornal dos Sports* sabia muito bem cumprir este papel. Prova disto é que, em sua primeira página, logo abaixo da sua logomarca, era impresso diariamente os seguintes dizeres: “O Diário sportivo mais completo e de maior circulação na América do Sul”. Infelizmente, não temos dados suficientes para comprovar tais informações. Podemos dizer, sim, que o *JS* foi o primeiro diário especializado em esportes no país e, por conta disto, tal fato contribuiria para uma maior cobertura dos esportes do que qualquer outro veículo impresso que fosse apenas semanal, quinzenal ou mensal. Não por acaso, já no ano seguinte à sua criação, o jornal acrescentaria aos seus títulos de o diário sportivo “mais antigo”, o que nos faz crer que outros diários pelo Brasil passam a ser criados a partir da experiência bem sucedida do *JS*. No entanto, é curioso perceber que tal dado também é utilizado por Bulcão para dar mais credibilidade ao periódico junto ao público e aos anunciantes.

Também, a partir da análise de sua linha editorial, pudemos perceber que o jornal tinha o real propósito de ser o mais completo possível, ao abrir espaços para uma série de esportes, competições e jogos, que eram, em sua maioria, ignorados pelos demais jornais, principalmente da grande imprensa. Porém, não podemos precisar se o *JS*, de fato, era o diário sportivo de maior circulação no continente sulamericano, já que nos faltam fontes para afirmar tal constatação, mesmo as secundárias. Todavia, com a forte presença de vários esportes nas páginas dos jornais, com um aumento significativo das propagandas e, também, com a chegada de novos funcionários na redação do jornal, acreditamos que se o *JS* não fosse o impresso sportivo de maior circulação na América do Sul, estava próximo desta meta.

No entanto, tendo ou não direito legítimo a este título, o jornal sabia explorar tal informação e procurava, também, criar uma distinção com as demais empresas jornalísticas. O fato de ser mais completo dava a ideia para o leitor da capacidade dos seus redatores de entender de todos os assuntos referentes ao mundo dos esportes e da educação física. Ao valorizar a prática da peteca, por exemplo, os pequenos clubes de bairros tinham a sua presença garantida nas páginas do jornal. Ao tratar da prática da educação física, o *JS*

conseguiria, desta forma, unir o universo esportivo com o espaço escolar e educacional, mostrando sapiência e entendimento de um ambiente mais científico como o da escola, do mundo acadêmico e dos espaços de discussão sobre a saúde e higiene. Tudo isso, com a missão de se tornar um veículo popular de imprensa.

Ao se auto-intitular como o de maior circulação, passava a imagem não só de maior profundidade no tema (“mais completo”), mas, também, de maior alcance numérico e espacial, já que era vendido para um número significativo de pessoas e em praticamente todos os bairros do Rio de Janeiro e em Niterói. O amante dos esportes não poderia ficar fora deste círculo de leitura, tendo em vista que o próprio jornal tentava se tornar um símbolo carioca de modernidade por três vias. A primeira, por ser integrante de uma imprensa que procurava se modernizar em suas técnicas gráficas de produzir impressos, ao importar maquinário do exterior, por exemplo, além das técnicas de redigir notícias com mais apelo ao popular, ao emocional, ao dinâmico. A segunda, por ser um veículo especialista em esportes, que por sua vez, também se tornaram símbolos sociais e culturais de uma nova sociedade e a terceira via, por meio de uma linha editorial voltada para uma modernidade comprometida com a relação do homem com um ritmo diferente, mais ágil, com a valorização da saúde e da higiene, idealizadas por uma prática de esportes quase (senão, por completo) de cunho pedagógico, com respeito às regras, à disciplina e à organização.

Nos anos seguintes de sua criação, o *JS* tornaria-se mais completo com um aumento de páginas (de quatro, passou para seis, já em 1932). Não só em tamanho, mas em inovações gráficas, como a publicação diária de charges e caricaturas de jogadores e atletas, principalmente do futebol e do boxe. É interessante notar que as charges e caricaturas eram, em seu início, muito menos para fazer humor ou graça com os “homenageados”, mas para substituir imagens fotográficas dos mesmos, com mais originalidade e que pudesse chamar a atenção do leitor do jornal.

Caricatura e charge, técnicas já bastante difundidas nos outros jornais, desde o século XIX, ganham uma nova roupagem quando o tema for esportivo, pois este, em si, já denotava um mundo de emoções, de resultados inesperados e de personagens que poderiam se transformar em heróis e ídolos, ou vilões e derrotados. Temas para tornar os desenhos mais interessantes, então, era o que não faltaria, apesar de no início, ainda termos imagens bem “conservadoras”, com pouco humor e mais voltadas para a substituição de fotografias. O espaço ideal, para elas, todavia, era privilegiado: a capa do jornal, que poderia chamar a atenção do leitor para o conteúdo das matérias e notícias.

Um dos indícios do crescimento do *JS* pode ser investigado com a publicação de uma matéria que tinha o objetivo de agradecer ao leitor pelo aumento das vendas, no primeiro dia do ano de 1932, ou seja, no segundo ano do jornal, conforme podemos verificar abaixo:

*JORNAL DOS SPORTS saúda, cordialmente, seus leitores, anunciantes e amigos, desejando-lhes farta messe de felicidades no Anno Novo. E, igualmente, se confessa grato, pelo generoso acolhimento que teve, traduzido na crescente prosperidade da folha que em pouco, atingiu o maximo da circulação que é lícito exigir-se de um órgão especializado. Em 1932 JORNAL DOS SPORTS espera, com o favor publico, pelo menos manter-se na mesma situação de progresso, a qual é motivo de justo orgulho e intensa satisfação de todos que nelle trabalham.*¹³¹

Portanto, fazendo, mais uma vez, uso do artifício gráfico de utilizar as letras maiúsculas para se dirigir a ele mesmo, como se tivesse tratando de uma personagem importante para o leitor, o jornal informa sobre o poder de circulação do veículo (apesar de não informar os números desta). Todavia, deixava claro que o número deveria ser relativizado se fosse comparado com o da grande imprensa, por aquele ser de uma empresa especializada. Portanto, “é lícito” que o seu limite de circulação fosse respeitado, pois a concorrência com a “imprensa geral” não poderia ser levada em conta, já que este não era o objetivo da empresa *JS*.

No ano que se iniciava, o jornal pretendia continuar com o mesmo sucesso do ano anterior e, para tanto, contava com “o favor público”, que, para nós, pode ser entendido tanto como a fonte de recursos financeiros do jornal, ou seja, leitores e anunciantes, como do poder público do Estado ao apoiar campanhas e projetos esportivos e educacionais do jornal. Não temos dados, entretanto, para afirmar que o Estado colaborasse financeiramente com o *JS*, fato que fora comum na Primeira República e mesmo no pós-1930 em vários veículos de comunicação.

Nos anos subsequentes à fundação do jornal, o destaque ao mundo poliesportivo vai continuar marcando o passo acelerado do crescimento da empresa. O boxe, por exemplo, ganharia uma coluna, que ocupava praticamente uma página inteira: era a consolidação do interesse por este esporte por meio da coluna/página “Pugilismo”.

Com direito a muitas imagens de pugilistas (inclusive de charges e caricaturas), e também a opiniões destacadas em minieditoriais (não muito comum no *JS*, pois já existia a seção “Críticas e Sugestões”, que era o editorial central, conforme já relatamos), o periódico percorria o mundo do boxe, usando e abusando do artifício das entrevistas, publicando

¹³¹ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932. p. 2.

notícias de lutas de exibição, de torneios e campeonatos, além de matérias sobre as principais lutas internacionais (principalmente nos Estados Unidos e na América do Sul).

Ainda sobre esta coluna/página, “Pugilismo”, podemos entender que a mesma está inserida na proposta editorial e ideológica do jornal em realizar campanhas favoráveis à organização e divulgação das práticas desportivas em novos espaços e ambientes como sugere a opinião com caráter de editorial (escrita em uma “caixa editorial”, distinguindo-se das demais notícias da página):

Bello Horizonte, um novo centro pugilístico
 É lamentável o atraso em que se encontra o pugilismo entre nós, sobretudo se fizermos um confronto com o que se verifica na Argentina. Em mais de vinte cidades argentinas, realizam-se, constantemente, espectáculos pugilísticos. Aqui no Brasil, tínhamos o Rio e S. Paulo e algumas vezes Santos. Felizmente, agora, já começaram a realizar-se espectáculos em Juiz de Fôra e em Bello Horizonte. Na capital mineira, está notando-se um grande entusiasmo pelo box, as assistências aos últimos espectáculos têm sido elevadas a animadíssimas. A continuar assim, dentro em breve Bello Horizonte se transformará num apreciável centro pugilístico.¹³²

Note-se que, além de valorizar a prática do esporte, a questão espacial e urbana era comentada, apesar da dualidade na forma de apresentação da opinião. Se há dúvida, e mais ainda, expectativa, na capacidade de Belo Horizonte se tornar um centro promotor de boxe, no título do texto já há quase uma certeza, uma afirmação. Tal técnica de redação tinha dois propósitos: dar mais destaque para a notícia, que apesar de apresentar um fato (espetáculos de boxe em duas cidades mineiras), tornava-se uma criação do jornal ao informar tal dado, e, em segundo lugar, possibilitava a dúvida, a interrogação, caso as lutas de boxe em terras mineiras fossem efêmeras e não tivessem continuidade.

Faz-se menção a um passado recente, quando Rio de Janeiro, São Paulo e Santos promoviam tais eventos e que, naquele momento, não tinham mais esta tradição. Portanto, a comparação com as cidades argentinas é exemplar, pois, na visão do *JS*, como em várias ocasiões, já citadas neste trabalho, precisaríamos correr contra o tempo, deixando o atraso de lado e alcançando, se possível superando, os adversários vizinhos, como a Argentina.

Mais do que espaços para treinamento e para promoção de lutas e torneios de boxe, era preciso organização e disciplina. Todavia, estas viriam pela plena capacidade e habilidade da atuação das associações e ligas desportivas, sem, no entanto, que existissem “apenas por existirem”, ou seja, para constar. Tal fato era lamentado pelo jornal, conforme notamos numa crítica feroz do *JS* em relação à atuação da Comissão de Box, entidade responsável pela

¹³² Bello Horizonte, um novo centro pugilístico. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932. p. 4.

organização de eventos pugilísticos, além da própria promoção e desenvolvimento do esporte em questão:

Um absurdo no nosso pugilismo

O numero excessivo de membros da C. de Box

Não há nenhuma comissão de box tão numerosa quanto a do Rio de Janeiro, nem tão cheia de irregularidades. Mais de 10 membros compõem a Comissão de Box do Rio de Janeiro. Quando ha um espectáculo desinteressante, comparecem dois ou três apenas e, às vezes, nenhum, mas, se se trata de um espectáculo importante, vão todos e alguns até se fazem acompanhar de amigos. Está claro que ninguém paga. São “caronas”, são “penetras”. Exigem os melhores lugares, querem ficar destacados da plebe, occupar posições de onde possam ser bem vistos e contemplados. E uns ha que, desconfiados de que são photogenicos, assumem posições interessantes, pretendem parecer John Gilbert, mas o publico os olha e lembra-se de logo de Haroldo Lloyd. Outros começam a dar ordens aos empresários, aos boxeadores, espalhafatosamente, cada qual mais querendo sobrepujar as façanhas de Tom Mix.

É innegavel que a Comissão de Box possui alguns membros trabalhadores, cheios de entusiasmo, aos quaes o pugilismo muito deve. Outros ha – e representam a maioria – que nunca fizeram nada pelo box nem poderão fazer, o seu entusiasmo resume-se em penetrar gratuitamente nos espectáculos e dar decisões, algumas vezes certas, mas quasi sempre de palpite ou por questão de sympathias pessoais.

Por que numero tão elevado de membros? Por que não são alijados os inúteis? É absurdo que uma empresa organize um espectáculo, com graves e pesados encargos financeiros, e, depois, se veja na contingência de desperdiçar os melhores logares, fornecendo-os gratuitamente a membros inúteis da Comissão de Box, que ainda, às vezes, se fazem acompanhar de amigos.

Se o numero de membros da Comissão de Box do Rio de Janeiro fosse reduzido para a metade, ainda haveria gente em excesso. Se um empresário lembra-se de officiar à 2ª Delegacia Auxiliar, consultando-a sobre qual o dispositivo legal que o obriga a fornecer tantas entradas de graça, qual será a resposta?¹³³

Desta forma, o JS procurava interferir no meio esportivo ao tecer uma severa crítica sobre a atuação da Comissão de Boxe no Rio de Janeiro que, segundo o veículo, estaria muito mais preocupada em usufruir dos privilégios proporcionados pelo cargo do que trabalhado duro a favor do esporte. Irritava o fato da improdutividade da referida Comissão, principalmente quando o jornal reconhece que os espaços para o boxe no Rio de Janeiro se tornavam menos frequentes em comparação com as cidades argentinas e, até mesmo, Belo Horizonte.

Alçados à condição de “inúteis”, os membros da Comissão de Boxe não estariam contribuindo para o desenvolvimento do esporte e, muito pelo contrário, trazendo prejuízos a quem realmente promove e estimula o “espetáculo”: os empresários. Estes, sim, seriam os principais prejudicados pela “farra” realizada pelos membros da Comissão. O jornal, no final da matéria, sugeria que os empresários buscassem ajuda junto ao poder público (2ª Delegacia Auxiliar) para se livrar do infortúnio de manter ingressos gratuitos para a Comissão.

Para aumentar ainda mais o escárnio do jornal contra os integrantes da Comissão, aquele irá associar a figura destes com o ator norte-americano Harold Lloyd (no Brasil,

¹³³ Um absurdo em nosso pugilismo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932.

conhecido como Haroldo Lloyd), muito conhecido no cinema por seus personagens cômicos, “palhaços” modernos e urbanos, e que arrancavam risadas das plateias, inclusive brasileiras.¹³⁴ Se aqueles integrantes da Comissão queriam ser John Gilbert, reconhecido ator norte-americano em filmes do cinema mudo, que interpretava sempre galãs, o *JS* os enxergava como palhaços, bufões do meio esportivo.

Se o *JS* era radicalmente contra à burocratização das comissões e agremiações esportivas e favorável aos patrocinadores dos espetáculos, podemos perceber que tal fato não era realizado apenas pelo apoio e “amor” aos esportes, mas, principalmente, pela defesa dos direitos liberais de quem de fato patrocinava os mesmos. Se pensarmos que o próprio *JS* era uma empresa liberal, ficamos com a sensação de que o jornal defendia os interesses de sua classe, além do que, protegia o patrimônio de quem, também, investia no próprio jornal, por meio de promoções e pagamento de propaganda publicada.

Outra característica neste primeiro período (1931-1936) era a forma como alguns atletas negros seriam veiculados no jornal. Sobre esta questão racial, o *JS*, apesar de apresentar um discurso poliesportivo, com textos enaltecendo os feitos de diversos atletas negros, publicando suas respectivas imagens (fotografias e desenhos), por vezes apresentava o negro com uma visão bastante estereotipada como podemos observar na matéria sobre a possível vinda de um famoso boxeador cubano:

Kid Chocolate no Rio

*O interesse extraordinário que despertaria uma exibição do famoso cubano – entre nós- Kid Chocolate, ou melhor, Elizio Sardinhas, o famoso **negrinho** cubano, é uma das sensações do box mundial. Depois de haver disputado 100 combates, tendo saído victorioso em todos, sendo que em nada menos de 86 por K.O., Kid Chocolate foi para os Estados Unidos. É tão espectacularo, tão brilhante é o seu estylo, que, **apesar de ser negro**, os norte-americanos lhe*

¹³⁴ **Harold Lloyd** (Burchard, Nebraska, 20 de abril de 1893- Beverly Hills Los Angeles, Califórnia, 8 de março de 1971), foi um ator de cinema norte-americano. Criou um tipo cômico de grande sucesso na era do cinema mudo americano. Fez 206 filmes durante a sua carreira, a grande maioria na era do cinema mudo, sendo considerado, junto com Charles Chaplin e Buster Keaton, um dos maiores comediantes da época. Até o final dos anos 30 fez filmes com menos frequência e no final dos anos 40 protagonizou seu último filme e se aposentou, mas no começo dos anos 60 dirigiu sem créditos um filme que era uma compilação de cenas de seus antigos filmes. No início de sua carreira, Harold Lloyd poderia se considerado só mais uma imitação de Chaplin, mas com roupas apertadas. Com o tempo, acabou trocando o bigodinho por um chapéu de palha e um óculos tartaruga, com certa elegância; "pouco inteligente mas afortunado" poderia ser o lema do personagem. Representava o americano médio confrontado pela freneticidade da urbanização: arranha-céus, negócios, médicos charlatões. (...) Harold Lloyd representa, de certa forma um microcosmo do que a comédia manifesta: o reconhecimento da platéia no ridículo, a luta com o objeto. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Harold_Lloyd>. Acesso em: 05/11/2010.

dispensam grande admiração, e elle se popularizou rapidamente, tornando-se uma grande attracção.

Pincho Gutierrez, “manager” de Kid Chocolate, conduziu admiravelmente o seu pupilo, de tal sorte que elle agora é um homem riquíssimo. De antigo jornalista, passou a proprietário. Tem uma plantação de fumo, possuiue duas baratas de luxo, fez grandes conquistas amorosas, envolve-se em raptos de moças, etc.¹³⁵

Nesta matéria, percebemos que o *JS*, ao identificar as aptidões do boxeador cubano, atribui a este a capacidade de ser um conquistador amoroso, não pelo seu charme, mas por ter muito dinheiro. Além disto, praticava o “rpto de moças”, que pouco definido como um crime, no mínimo interpretamos como uma ação brusca, mesmo que consentida, violenta, abrupta, irracional. Destacava também a capacidade do pugilista ser tão incrível que conquistara o público norte-americano, “apesar de ser negro”. Por mais que o jornal quisesse enfatizar a questão racial naquele país, utilizou uma expressão carregada de preconceito para destacar tal informação, como se não houvesse negros também naquele país e que participavam e admiravam este e outros esportes.

Além disto, a expressão “negrinho” não era muito utilizada nos textos do jornal, o que chama a atenção do uso inesperado da palavra, ratificando a ideia de uma inferioridade étnica do atleta, apesar de ser um reconhecido campeão.

Logo a seguir, no entanto, a matéria relatava as negociações de seu “*manager*” para levar o atleta a competir em Buenos Aires com o apoio de uma empresa argentina e terminava com a seguinte interrogação: “Iremos ter o prazer de assistir a uma exibição de Kid Chocolate?”.¹³⁶ Tal questão mostra uma tendência redacional do jornal de apoiar as iniciativas esportivas, porém revelando quase que inconscientemente um preconceito racial que existia no próprio seio da sociedade carioca.

A atuação de interferência do jornal na defesa dos esportes e no apoio de iniciativas que tivessem tal finalidade, encontrava um espaço em suas páginas para o lançamento de concursos e campanhas, conforme já mencionamos. No entanto, uma em especial nos chama a atenção: o apoio à participação dos atletas brasileiros nas Olimpíadas de 1932, em Los Angeles (EUA).

Desta forma, no primeiro semestre de 1932, o *JS* contribuía para a campanha, patrocinada pela CBD e que contava com o suporte financeiro do público leitor deste jornal. A promoção conhecida como “Quinzena Olympica” chamava a todos os brasileiros a participar na medida em que a CBD venderia selos comemorativos e cujos recursos seriam para garantir a viagem dos atletas brasileiros: “(...) Todos os brasileiros devem contribuir para

¹³⁵ Kid Chocolate no Rio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932. p. 4.

¹³⁶ *Ibidem*. p. 4.

essa cruzada, tal o fim alevantado que o determina – O nosso comparecimento a Los Angeles”.¹³⁷

O jornal, mais uma vez, inseria a sua participação no mundo social dos esportes por meio da publicação da campanha em suas páginas. Se o *JS* afirmara esta característica desde a sua fundação, agora, em relação ao principal evento esportivo do planeta, não poderia ter atitude diferente. A relação entre *Jornal dos Sports* e associações esportivas fortalecia-se a cada campanha explorada em suas páginas:

Que se revista de completo exito a campanha pró-olympiadas, patrocinada pela benemerita Confederação Brasileira de Desportos, são os votos que todos os bons brasileiros, os desportistas principalmente, deve formular.

Só com o sucesso completo da Quinzena Olympica, pode o Brasil, por intermédio da sua máxima entidade desportiva, dar uma demonstração do que tem feito em Sport. Ao governo, como acontece em quase todos os paizes, deveria caber o custeio da representação patrícia, principalmente quando sabe-se que os resultados da nossa ida a Los Angeles, beneficiarão mais ao Brasil e aos brasileiros, do que muitas embaixadas diplomáticas...

Mas assim não pensam os nossos governantes actuaes. Desse modo pensa, ou pensava, o ministro Raul do Rio Branco, externando-se em relatório enviado ao ministro das Relações Exteriores, asseverando que o Uruguay com a conquista do Campeonato Mundial de Football, em 1924 e a Argentina, pelo simples facto do boxeador Firpo haver se batido com Jack Dempsey, haviam logrado ficar sendo melhor conhecidos no continente europeu, que com o trabalho de todas as missões diplomáticas enviadas durante longos annos. Nesse relatorio, o ministro Rio Branco mostrava aos nossos homens do governo a vantagem que adviria para o Brasil, se participasse das olympiadas.

Releva sobresair que o Brasil foi o primeiro paiz sul-americano, que participou dos jogos olympicos, enviando a C.B.D. uma representação modesta à Antuerpia, em 1920.

Em 1924, um grupo de brasileiros, auxiliado por desportistas de São Paulo, esteve em Paris. Depois...nunca mais.

Contrastando com isso, os argentinos, uruguayos e chilenos têm comparecido desde 1924, cada vez mais progredido e adquirido um justo renome.

(...) Os sellos olympicos de 1\$000 e \$ 200, cuja aquisição deve ser feita pelos nossos “sportsmen”, podem ser encontrados diariamente em nossa redacção.¹³⁸

O *JS* argumentava sobre a importância de nossa participação nos Jogos Olímpicos de Los Angeles e, para tanto, faz uma crítica direta à atuação do governo por não se envolver diretamente com o financiamento para custear a viagem dos atletas brasileiros. Podemos perceber que o jornal utilizou a questão diplomática para servir de apoio às suas campanhas (tanto na prática, ou seja, a própria quinzena olímpica, quanto a editorial) de favorecimento ao esporte. Ou seja, para o *JS*, o esporte teria um poder de promoção do Estado e da nação muito maior do que os serviços prestados pelo corpo diplomático de um país. Por mais que o jornal tivesse o hábito de valorizar as iniciativas governamentais do governo de Vargas, neste ponto, lança um desafio ao Estado, ao comentar que em quase todos os países, o poder público atuava de forma incisiva no mundo esportivo. Todavia, a justificativa do jornal diluía o tom

¹³⁷ Será iniciada hoje a quinzena Olympica. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 250, 1º/01/1932. p. 6.

¹³⁸ Ibidem. p. 6. O título mundial de futebol, conquistado pelo Uruguai em 1924, refere-se à medalha de ouro no torneio de futebol dos Jogos Olímpicos daquele ano, em Paris (França), quando não existia Copa do Mundo de futebol. Esta passaria a existir somente em 1930, no próprio Uruguai, e também conquistada pelos donos da casa.

de crítica, tendo em vista as ideias de valorização da nação e da identidade nacional, caras ao governo Vargas.

Voltando à questão da atuação mais efetiva do Estado brasileiro na defesa dos esportes, o jornal publica um editorial comparando a atuação do governo francês nesta mesma empreitada, ou seja, a preparação nacional para os Jogos Olímpicos de 1932:

(...) Em outro local desta folha, noticiamos que o parlamento francez votou, sem debate, o credito de tres milhões de francos para auxiliar o deslocamento dos atletas nacionaes para as Olympíadas de Los Angeles, e, estuda um projecto, criando o Ministerio da Educação Physica. E se se considerar que na França existe, já, uma subsecretaria destinada a controlar esse ramo de actividades, havemos de convir que a França, que já domina o mundo da sua intelectualidade, em futuro próximo dominará, também, pela força dos seus filhos, que se tornarão, assim, os gregos do século XX.¹³⁹

O jornal também apela, como em outras matérias já analisadas neste trabalho, a um passado recente (1920), quando o Brasil fora o único país a representar a América do Sul nos Jogos Olímpicos da Antuérpia (Bélgica) e que, agora, a situação tinha se invertido, tendo os nossos vizinhos progredido e avançado mais do que nós.

Outra discussão que podemos pinçar nesta matéria é a referência feita a São Paulo, que teria apoiado a ida de atletas brasileiros para os Jogos de 1924, em Paris (França). Mais do que reconhecer a participação daquele estado na vida esportiva nacional, a referência parece muito mais provocativa ao informar que São Paulo ajudara os atletas brasileiros, como se este estado também não fosse brasileiro.

Por fim, e não menos importante, podemos ter mais uma noção do papel de interferência do *JS* ao perceber que os selos da CBD eram vendidos na própria redação do jornal, além de poder ser comprados na própria CBD e na Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro.

À guisa de compreendermos este papel que o jornal assume para si, temos a publicação de uma iniciativa do próprio *JS* em apoiar a natação brasileira, ao investir em uniformes mais apropriados para os nossos atletas:

Não é apenas a falta de piscinas a origem do nosso atrazo em natação. A indiferença dos clubs e das entidades que superintendem esse ramo de sport muito tem contribuido para estado quase primitivo dos nossos amadores. Os nadadores são collocados em plano inferior aos que praticam o football, embora estes pertençam a classes inferiores, enquanto que os primeiros formam a elite social.¹⁴⁰

¹³⁹ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 253, 05/01/1932. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

¹⁴⁰ Corrijamos os defeitos da Natação Brasileira! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 327, 05/04/1932. p. 6.

Logo no início, o insucesso da natação brasileira é identificado pela ausência de espaços específicos para a natação (piscinas) e pela desorganização dos clubes e entidades esportivas. Uma breve comparação com o futebol é realizada, em tom de crítica, pois se no futebol, as classes mais baixas da sociedade já participavam efetivamente do jogo, na natação, permanecia a elite da sociedade. Trata-se de uma dualidade do próprio jornal que mantém um discurso conservador quando lhe interessava, mas dava maiores e melhores espaços em suas páginas para o futebol. De qualquer forma, a questão da classe social é utilizada nesta matéria para chamar a atenção de esportes pouco populares como a natação. Ao fazer uma campanha em prol dos esportes aquáticos, valia tudo: até apelar para a valorização da elite social e sua participação nos esportes.

Ainda em comparação com o futebol, comentava que havia muitos recursos para a participação da seleção na Copa de 1930: “(...) Os nossos footballers, além de receberem grossas ajudas de custo, levaram uniformes de alto preço. A CBD teve a preocupação de levar águas minerais brasileiras e o trivial feijão e carne seca para que os ‘meninos’ não estranhassem o regimen alimentar...”¹⁴¹

Contudo, o *JS* aponta que apesar do investimento, o futebol fracassara e outros esportes, com pouquíssimos ou nenhum investimento/patrocínio, como a natação e o water pólo, venciam importantes provas internacionais. Depois do argumento em relação à classe social, aqui se utilizava a ideia de rendimento e da relação entre investimento e aproveitamento esportivo. O futebol, apesar de ser popular, não atingira êxito em grandes competições internacionais recentes, como a Copa do Mundo de 1930, vencida pelos uruguaios.

Finalmente, o terceiro grande argumento tratava do material utilizado para confeccionar os uniformes dos atletas brasileiros, sugerindo, então, o uso de uma nova tecnologia, mais apropriada para um mundo esportivo cada vez mais competitivo, dinâmico e moderno:

(...) Nos treinos preparatórios e nas competições officiaes de ha muito vínhamos notando a difficuldade que ha em conseguir-se um bom tempo com os “maillots” actualmente usados pelos nossos nadadores. Assistimos a um tiro de Antonio Laviola, nadador “à la brasse”, e com tristeza verificamos que esse desportista fazia um esforço enorme para conseguir bater o seu próprio “Record”.

Notamos, então, que, a cada braçada do seu estilo clássico, a agua entrando pela parte superior do “maillot”, formava um enorme papo que lhe tirava grande efficiencia no deslissamento.

O mesmo facto verificamos nas provas de nado livre e de costas.

(...) Depois de um estudo acurado, chegamos à conclusão que os actuaes “maillots” não podem ser utilizados em provas de natação.

¹⁴¹ Ibidem. p. 6.

Com essas roupas inimigas da velocidade, nunca chegaremos a bater um “Record”, a menos que se verifique um milagre. A natação requer um “maillot” collante, de lã, e sem vislumbre de pernas. Os grandes nadadores do mundo, entre os quoes podemos contar Weissmuller, Kojac, Barany, Kalili, Makino, Zorilla e outros, jamais usaram roupas de algodão para as grandes provas que os celebrizaram.¹⁴²

O motivo do fracasso, ou seja, os maiôs utilizados pelos nossos nadadores precisavam ser substituídos urgentemente por modelos mais “velozes” e “ágeis” e que permitissem que tivéssemos rendimento semelhante aos melhores nadadores do mundo. O fator humano, ou seja, a habilidade e a qualidade do atleta não é colocado em questão, mas sim a tecnologia da vestimenta. Esta teria um peso significativo no resultado da prova.

Por conta disto, então, o *JS*, em acordo com o sr. Edmundo Fortes, dono da fábrica de maiôs “Vencedor”, solicitou o apoio para a confecção de um uniforme apropriado para os nadadores brasileiros. Fortes, além de empresário, era presidente do C. R. Boqueirão do Passeio, clube que tinha muito espaço nas páginas do jornal, por conta das provas aquáticas que organizava. Uma comissão fora criada para escolher o novo maiô, fabricado por Fortes, e, portanto, ele mesmo integrara o grupo, também formado por Álvaro Nascimento, redator e chefe de publicidade do *JS* e membro da Comissão de Sports Aquáticos da A. C. D. (Associação de Cronistas Desportivos), Armando Paes, representante da fábrica “Vencedor” e Elie Bassoul, nadador do C. R. Flamengo. A comissão fora nomeada pelo *JS* e a prova onde o nadador tentaria bater seu recorde seria patrocinada pelo próprio jornal. Tal fato seria publicado com o seguinte título: “Corrijamos os defeitos da Natação Brasileira!”, numa alusão clara à capacidade do jornal de interferir, de consertar, de corrigir. Esta atuação era aplaudida pelo próprio veículo ao lançar no subtítulo da matéria os seguintes dizeres: “Uma iniciativa de ‘Jornal dos Sports’ coroada de completo exito.”¹⁴³

Portanto, o papel de intervenção do *JS* no dia a dia esportivo da sociedade carioca era constante e, em muitas oportunidades, apesar do tom conservador e elitista, o jornal abria espaços cada vez mais opinativos em suas páginas, além de recorrer ao seu círculo de influência social para valorizar o trabalho dos clubes e das entidades esportivas que realmente atuavam em benefício da prática dos diversos esportes. Tratava-se, portanto, apesar da grande influência do futebol nos assuntos que eram publicados, de um periódico poliesportivo, que clamava por uma maior influência do Estado e de uma organização disciplinar no trato com o tema.

¹⁴² Ibidem. p. 6.

¹⁴³ Ibidem. p. 6.

Posteriormente, em 1936, com a entrada do jornalista Mário Filho na direção do jornal, perceberemos que algumas características permaneceriam. Porém, com mudanças na linha editorial do jornal, além de uma atenção cada vez maior ao futebol.

2.2: Mais um craque na área: Mário Filho e sua trajetória profissional e familiar

Mário Rodrigues Filho tornou-se um importante jornalista na área esportiva não só pelo empreendimento da compra do *Jornal dos Sports*, em 1936, mas pela relação que vai manter ao longo de sua carreira com o círculo da política e do poder. Não por acaso, leva hoje o nome de um dos maiores estádios de futebol do mundo (na época de sua inauguração, 1950, era o maior): o Maracanã.

Segundo Gribaudi: “Os modelos ‘micro’, ao sublinharem a ruptura existente entre forma e conteúdo, insistem ao contrário na dimensão da incerteza, da possibilidade. A continuidade histórica só pode portanto ser lida *a posteriori*, mas não desvenda, em si, suas leis”.¹⁴⁴ Portanto, é nesta ideia de possibilidade que escrevo este trabalho, vendo na trajetória de jornalistas fundadores a tentativa de (re)construir algo que ficou perdido tanto na história da imprensa brasileira quanto na própria história da cidade do Rio de Janeiro.

Vamos, então, partir para a história deste jornalista, acreditando que a escolha de alguns indivíduos nos darão pistas importantes para compreender as próprias instituições às quais pertencem. Lembrando Jacques Revel, “a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, mas um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve”.¹⁴⁵

Mário Filho nasceu em Recife, em 1908, mas veio para o Rio de Janeiro com apenas oito anos. Era quatro anos mais velho do que Nelson Rodrigues, o irmão que se tornaria também um importante cronista esportivo, além de famoso dramaturgo. Mário trabalharia com seu pai, Mário Rodrigues, proprietário do jornal *A Manhã* a partir de 1926 e, depois, do *Crítica* (após a morte de seu pai, vai dirigir este jornal por poucos meses). Vai se firmar como repórter esportivo e era aficionado por futebol e chegava a torcer pelo Clube de Regatas Flamengo mas se animava também com o Fluminense Football Club. É identificado como o

¹⁴⁴ GRIBAUDI, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas*. A Experiência da Microanálise. FGV Op. Cit. p. 123.

¹⁴⁵ REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas*. A Experiência da Microanálise. FGV. p. 21.

criador da expressão Fla-Flu, para designar o encontro destes dois grandes clubes cariocas.¹⁴⁶ Vai adotar uma linguagem mais ágil e dinâmica, criando um estilo de escrita mais próximo do leitor do que os rebuscamentos linguísticos da época. Era apaixonado também por outros esportes como o remo e o turfe.¹⁴⁷ Casa-se cedo, aos dezoito anos com Célia, que conheceu na Praia de Copacabana.

Chega a fundar um jornal de conteúdo esportivo, *Mundo Sportivo* (1931), porém, não consegue mantê-lo. Ainda em 1931 trabalharia no jornal *O Globo* e lá se dedica ao jornalismo esportivo. Em 1931, como já vimos, é criado também o *Jornal dos Sports*. Mário Filho, provavelmente, iria acompanhar muito de perto o caminhar deste último jornal. No jornal *O Globo*, assumiria a dupla função de editor e redator, criando uma linguagem com o público leitor bastante peculiar e que vai identificá-lo durante toda a sua carreira e, aliás, até os dias de hoje. Os craques da década de 1930 se tornariam grandes lendas do esporte nacional. Não podemos dizer que Mário Filho criava talento onde não existia. Os que alçavam a condição de mito eram, realmente, grandes jogadores. Porém, Mário Filho inaugura uma forma de torná-los mais especiais, seja na hora de minimizar os feitos dos dirigentes esportivos da época, seja no momento de maximizar os valores ao mesmo tempo humanos e sobre-humanos (quase deuses) do esporte, em especial do futebol.

Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto dos Santos seriam os ícones prediletos de Mário Filho nos anos 30. Segundo o jornalista João Máximo, nasceriam aí os textos ou crônicas que mais tarde iriam virar livros, os primeiros sobre futebol com qualidade literária.¹⁴⁸ Mário Filho, na verdade, a partir da sua “virada esportiva” torna-se muito mais um literato, um cronista do que um jornalista. “Romances do futebol” e “Primeira fila” reuniram crônicas escritas para o jornal *O Globo*. Já a obra “Copa Rio Branco de 32”, segundo Máximo, “é uma narrativa quase épica das vitórias dos brasileiros sobre os uruguaios, dois anos depois de terem estes ganhado a primeira Copa do Mundo.” Heroísmos ou criações a parte, é sempre bom lembrar que a seleção uruguaia era a melhor daquela época, tendo sido além de campeã mundial (1930), bicampeã olímpica de futebol (1924 e 1928), por isso conhecida até hoje como “celeste olímpica”, alusão feita à cor do seu uniforme e aos feitos olímpicos na década de 1920.¹⁴⁹

Iria escrever ainda “Histórias do Flamengo”, homenageando este clube e, mais para o final da sua vida, “O rosto”, “Copa do Mundo de 1962” e “Viagem em torno de Pelé”. Seu

¹⁴⁶ MÁXIMO, João. 40 Anos sem o pai do Maracanã. *O Globo*. 17/09/2006. p. 54.

¹⁴⁷ Antes mesmo da popularização do futebol, o turfe sempre teve espaço nos jornais da Primeira República.

¹⁴⁸ MÁXIMO, João. Op. Cit.

¹⁴⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sele%C3%A7%C3%A3o_Uruguaia_de_Futebol>. Acesso em: 04/01/2008.

livro mais consagrado, todavia, foi “O Negro no Futebol Brasileiro”, cuja primeira edição data de 1947.¹⁵⁰ Nesta publicação, o jornalista narra, inclusive sobre o ponto de vista épico, a trajetória do negro e do mulato no futebol brasileiro e o quanto este se transformou e se desenvolveu a partir da maior inserção daquele. Em resumo, Mário Filho acreditava que a miscigenação do povo brasileiro se traduziria numa melhor forma de jogar um esporte cujas habilidades exigidas seriam a ginga, a maleabilidade, o vigor físico e o “jogo de cintura” do brasileiro.¹⁵¹

Trata-se, na visão de Máximo, de uma história semi-romanceada do esporte no Brasil e, a despeito disto, e das muitas imprecisões, é praticamente o único texto em que se baseiam os cientistas sociais de hoje para discorrerem sobre o assunto.¹⁵²

As ideias de miscigenação de Mário Filho são claramente influenciadas pelo intelectual Gilberto Freyre que também defenderia o estilo brasileiro de jogar, as virtudes do mulatismo, a técnica coreográfica do negro ao driblar, ao passar, ao inventar, em oposição ao estilo anguloso do europeu. Não por acaso, Freyre vai prefaciar a primeira edição deste livro de Mário Filho, dando, desta forma, seu aval científico e acadêmico à obra do jornalista/cronista. Aqui temos uma clara e direta relação intelectual de Mário Filho com toda uma discussão daquele momento, levantada por Gilberto Freyre, sobre a miscigenação e, sobretudo, sobre a identidade racial do povo brasileiro. “O Negro no Futebol Brasileiro” é uma verdadeira ode aos feitos de jogadores mulatos e negros e uma crítica feroz às injustiças esportivas que alguns destes jogadores sofreram em momentos cruciais de suas vidas.

Máximo afirma que Mário Filho era um grande empreendedor e apesar de megalomaníaco, conseguia concretizar suas ideias quase que sozinho. Se na idealização isto podia ser verdadeiro, na execução, porém, é deveras duvidoso. Inclusive, há um ponto de dúvida sobre a compra do *Jornal dos Sports* em 1936. Máximo informa que Mário Filho vai comprar este periódico do também jornalista Roberto Marinho (futuro proprietário das Organizações Globo). Porém, é sabido que os antigos proprietários do *JS* eram Argemiro Bulcão e Oséas Motta. Na verdade, seu concunhado José Bastos Padilha e seu amigo Arnaldo Guinle o ajudariam neste negócio, além do próprio Roberto Marinho. Mais adiante explicarei o porquê do fechamento do jornal *Mundo Sportivo*, mas me parece que o sonho de Mário Filho de ter um jornal inteiramente dedicado ao mundo dos esportes só foi possível quando este se aproximou das famílias Marinho, Padilha e Guinle. Mário Filho e Roberto Marinho

¹⁵⁰ Há uma segunda edição datada de 1964, atualizada e com dois novos capítulos. As edições mais recentes datam de 1994 e 2003, ambas com novos prefácios.

¹⁵¹ Expressão neste texto colocada entre aspas, porém podemos entendê-la em seu sentido literal quando tratamos de futebol.

¹⁵² MÁXIMO, João. Op. Cit.

eram amigos e parceiros de jogo de sinuca.¹⁵³ Enquanto a primeira abria as portas do mundo da imprensa no Rio de Janeiro, depois da queda da família Rodrigues com a Revolução de 1930, as duas últimas abriam as portas dos clubes e, no caso da compra do *JS*, dos cofres também. Em relação aos clubes, explicamos que a família Padilha era ligada ao Flamengo, enquanto a Guinle, ao Fluminense. Mário Filho, portanto, saberia jogar bem o seu Fla-Flu particular em sua vida pessoal e profissional. Suas redes de sociabilidade permitiriam uma entrada cada vez maior na sociedade carioca.

Ainda no *Mundo Sportivo*, em 1932, organizaria o Concurso de Escolas de Samba, tentando aproximar o universo esportivo do samba, casando duas paixões culturais e colaborando para torná-las mais populares, principalmente a primeira.

Mário Filho, a frente do *JS*, vai dar um novo fôlego para o jornal e torná-lo um sucesso editorial. Suas relações com a política oficial do governo Getúlio Vargas (1930-1945) vai ser, agora, muito mais próxima. Mesmo no período pós-Vargas, continuaria ainda muito próximo do poder político, ao criar, pelo *JS*, os Jogos da Primavera (1947), que contava em sua abertura com a presença do presidente da república; os Jogos Infantis (1951), Torneio de Pelada no Aterro, a Copa Rio (um verdadeiro torneio mundial de clubes de futebol, ambicioso e de curta duração)¹⁵⁴ e o Torneio Rio-São Paulo (que envolviam inicialmente clubes de futebol do eixo Rio-São Paulo e, posteriormente, de outros estados), que seria o protótipo do atual Campeonato Brasileiro, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), cuja primeira edição data de 1971. Porém, considerada uma das grandes realizações de Mário Filho e do próprio *JS*, destacamos a campanha para a construção de um estádio gigante e moderno, símbolo da importância do futebol brasileiro e sede da Copa do Mundo de 1950. Uma das suas ideias era utilizar o terreno do Derby Clube, no bairro Maracanã¹⁵⁵. A oposição à construção neste terreno era de que o mesmo já estava ocupado e que em breve os arredores estariam congestionados. Mostrando a habilidade de negociação e de ter a simpatia com o seu público leitor, conseguiu a adesão do prefeito do Rio de Janeiro, Ângelo Mendes de Moraes, que autorizou as obras a partir do dia 02/08/1948.¹⁵⁶ Mário Filho tinha o apelo popular e recebeu de seu irmão Nelson o merecido apelido de “criador de multidões”. Aquele estádio,

¹⁵³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Rodrigues_Filho>. Acesso em: 04/01/2009.

¹⁵⁴ Até hoje, ano de 2010, os clubes Palmeiras e Fluminense buscam o reconhecimento da FIFA pelos títulos conquistados neste torneio respectivamente em 1951 e 1952.

¹⁵⁵ Mário Filho vai comprar briga com os então vereadores udenistas Carlos Lacerda e Ary Barroso que tinham a ideia fixa de que o melhor lugar para a construção do estádio municipal fosse o longínquo bairro de Jacarepaguá, com áreas livres para futuros empreendimentos habitacionais e comerciais.

¹⁵⁶ SANTOS, Marco. Mário Filho: “O Criador de Multidões”. Disponível em: <<http://www.fimdejogo.com.br/blog/2008/06/04/a-caminho-do-mario-filho/>>. Acesso em: 04/01/2009.

como já disse, leva seu nome em sua homenagem não por qualquer motivo. Trabalharemos mais esta questão no próximo capítulo.

Mário Filho mostrava que tinha carisma, habilidade literária, capacidade de gerenciar um bom negócio (quando possuía um suporte financeiro adequado para tal empreendimento) e boas relações no círculo de poder, seja no âmbito local (prefeitura do Rio de Janeiro), seja na instância federal (presidência da República). Além disto, gozava de boa recepção nos clubes que seus jornais cobriam, pois valorizavam seus jogadores e promovia os jogos de futebol e outras modalidades como ninguém.

Na verdade, podemos entender a capacidade de Mário Filho em se relacionar bem com os políticos da época e o poder oficial a partir do exemplo que teve em sua própria casa. Seu pai, Mário Rodrigues, teve em sua vida um longo relacionamento jornalístico com o mundo da política e, muitas das vezes, sofreu consequências graves por tomar partido de uma determinada força partidária ou política. Na verdade, mais do que partidária, Mário Rodrigues cultivava uma postura de defensor do público leitor e do que acreditava ser o objetivo do Estado em representar eticamente a população brasileira e sofrida. Deixo bem claro que esta postura era, na verdade, uma grande conveniência, pois em alguns momentos receberia subsídios públicos do Estado para os seus jornais. Era uma prática comum nesta época que isto ocorresse com os grandes jornais. Talvez, por isso, não considerasse uma atitude antiética.

Desde seu trabalho em Pernambuco até os conflitos no Rio de Janeiro, Mário Rodrigues iria se transformar numa espécie de arauto da ética e da justiça política. A bem da verdade, este jornalista tomava uma posição política e a defendia severamente. Assumiu o cargo de redator-parlamentar no jornal *Correio da Manhã* de Edmundo Bittencourt¹⁵⁷ em 1916 e pouco tempo depois se tornava editorialista deste mesmo jornal (1920).¹⁵⁸

Segundo Sodré, Mário Rodrigues era: “(...) uma das figuras mais interessantes e mais características do jornalismo brasileiro, como todos os seus grandes defeitos, de certo modo compensados por uma tarimba e por uma visão de imprensa que poucos tiveram, em seu tempo, e ninguém mais do que ele.”¹⁵⁹

¹⁵⁷ Edmundo Bittencourt fundou o jornal *Correio da Manhã* em 15 de junho de 1901, que tinha como característica fazer um jornalismo opinativo. Nascido em 1866, veio a falecer em 1943. Edmundo nasceu no Rio Grande do Sul, era advogado, instruído e aristocrático. O *Correio da Manhã* foi um dos periódicos mais lidos do país e ajudou a derrotar a República Velha. O jornal parou de funcionar em 1974. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmundo_Bittencourt>. Acesso em: 05/01/2009.

¹⁵⁸ CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 19 e 33.

¹⁵⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 369.

Porém, é justamente no processo eleitoral de 1922, na disputa entre Artur Bernardes (candidato do presidente Epitácio Pessoa) e do candidato da oposição Nilo Peçanha (apoiado pelos militares e por Hermes da Fonseca, pré-candidato de oposição) que Mário pai e o *Correio da Manhã* encontrariam seus piores revezes. Além de este jornal ter publicado supostas cartas de Artur Bernardes (depois, descobriu-se que eram falsas) difamando Hermes da Fonseca, e causando uma verdadeira crise política e militar, Mário Rodrigues seria processado e condenado, em 1924, por um artigo publicado, em 1923, sobre um episódio ocorrido em 1920.¹⁶⁰ O escritor Ruy Castro nos relata o episódio com propriedade:

(...) a doação de um colar no valor de 120 contos de réis à esposa do então presidente Epitácio Pessoa, dona Mary, pelos usineiros pernambucanos. O mimo destinava-se a realçar a elegância de dona Mary na recepção de gala aos reis da Bélgica, Elizabeth e Alberto, em visita ao Rio naquele ano. Ora, ninguém é proibido de dar presentes a primeiras-damas, ou isto não viveria acontecendo até hoje. Mas, segundo o “*Correio da Manhã*”, o colar pressupunha que Epitácio adocicasse certas restrições que ele mesmo impusera à exportação de açúcar e que estariam amargando os lucros daqueles usineiros.¹⁶¹

Como podemos observar, Mário pai mexeria com o mais alto grau do poder brasileiro, a presidência da República, por meio da sua arma mais mortífera: as letras. Por conta deste artigo, seria processado por injúria. Na verdade, quem escreveu o artigo foi o escritor Humberto de Campos, mas Mário Rodrigues assume a responsabilidade pela edição da matéria, além de proteger seu aliado e colega de profissão.

Se já não bastasse este episódio, um artigo escrito por ele, intitulado “Cinco de Julho”, vai celebrar a participação dos militares tenentistas envolvidos no episódio histórico conhecido como os “Dezoito do Forte”. Por coincidência, naquele dia estourava um levante militar em São Paulo contra o governo Artur Bernardes (1924). Coincidência em termos, porque Mário Rodrigues, Edmundo Bittencourt e o *Correio da Manhã* sabiam o que escreviam e viam nas páginas deste jornal uma oportunidade de combater o governo Artur Bernardes e conquistar aliados importantes, como os militares revoltosos.¹⁶² Mais uma condenação: agora por incitamento à revolta contra o governo e à ordem constitucional, estabelecida e contra o estado de direito. A pena seria de um ano de prisão, além da multa de dez contos de réis, uma pequena fortuna para a época. O *Correio da Manhã* ficaria oito meses

¹⁶⁰ Sobre esta crise ver em: SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 356-360.

¹⁶¹ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 38.

¹⁶² Nelson Werneck Sodré informa que o *Correio da Manhã* empreendia “campanhas virulentas” contra o governo de Epitácio Pessoa, que faria o seu sucessor, Artur Bernardes. In: SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 347 e especialmente a nota 278, que é uma citação de Laurita Pessoa Raja Gabaglia, informando, entre outras referências, que o *Correio da Manhã*, junto com o *Jornal do Comércio* era o principal matutino da época e tinha grande popularidade por ser de oposição.

impedido de circular e só retornou por uma ação judicial. Todos os jornais, naquele momento, passaram a ter um censor oficial, esmagando a tênue liberdade de imprensa.

Mário Filho vai saber aproveitar a experiência do pai e, apesar de sua época de atuação jornalística ser distinta, pois se consolida mesmo nas décadas de 1930 e 1940, vai entender que a imprensa poderia ser de fato o quarto poder. Porém, poderia ser também a própria ruína caso o jornal se tornasse uma oposição forte ao círculo do poder oficial. Não é por acaso que os eventos organizados pelo *JS* teriam a presença de políticos e representantes dos governos, pois legitimavam as iniciativas no campo dos esportes e da cultura em geral (é o caso, por exemplo, das exposições de escolas de samba).

Portanto, houve uma assimilação e um aprendizado de pai para filho, que, na família Rodrigues fora apreendido com bastante sucesso e que fez, em nossa visão, uma grande diferença no que diz respeito ao êxito alcançado no jornalismo esportivo empreendido por Mário Filho.

Para entendermos a lógica de atuação destes jornalistas no Rio de Janeiro é preciso conhecer sua linha genealógica e profissional. Mário Filho soube reconhecer, entender e aplicar sua herança imaterial de usar as letras para se aproximar do público leitor e, principalmente, de lidar com o poder político e com as redes de sociabilidade existentes no Rio de Janeiro.¹⁶³

Outra herança importante, na minha visão, foi o fato de Mário pai ter fundado um jornal, o *A Manhã*, após sair da prisão e perceber que seu chefe, Edmundo Bittencourt, aproximara-se de Epiácio Pessoa, seu inimigo político. Mário Filho, assim como seu pai, tinha percebido que ser jornalista era pouco para suas pretensões profissionais. Mais do que um jornalista ou repórter, era preciso ser formador de opinião e, para tanto, era fundamental ser proprietário do seu próprio jornal para garantir tal missão. Mário Filho tentaria duas vezes este empreendimento, só que no ramo dos esportes. Na segunda vez, com apoio financeiro das famílias Marinho, Padilha e Guinle, conseguiria atingir um importante sucesso.

Se estamos preocupados em entender um pouco sobre esta nova categoria de jornalista esportivo, vale a pena lembrar que apesar de serem formadores de opinião, quase literatos, os jornalistas, em geral, viviam com muita dificuldade, beirando, quase sempre, a pobreza. Se muitos escritores, alguns já famosos, contribuía com os jornais da época, podemos perceber

¹⁶³ O conceito de “herança imaterial” pertence a Giovanni Levi. No trabalho deste historiador, temos a trajetória de um padre exorcista do Piemonte no século XVII, Giovan Chiesa, e que não soube apreender o legado político e cultural de seu pai, Giulio Chiesa, administrador competente e eficaz e que teve como grande mérito organizar e manter a paz numa comunidade onde as disputas sociais e a incerteza eram comuns. Cf. LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

que os demais eram trabalhadores assalariados sem prêmios ou *glamour*. Sobre isto, Ruy Castro nos relata que: “Quando um desses monumentos assomava pela porta, os repórteres – quase todos esfaimados, mal vestidos, com os dentes em cacos e, alguns deles, às vésperas da tuberculose – só faltavam lambê-lo com a vista e pedir-lhe dinheiro emprestado.”¹⁶⁴

Se os jornalistas de áreas diversas (política, policial etc) eram mal remunerados e viviam ao sabor da boa vontade dos patrões (o próprio Mário Rodrigues vai receber gratificações extras de acordo com bons textos que produzia e também com o humor do seu então chefe, Edmundo Bittencourt), imaginem os jornalistas esportivos que adentravam num tema que não era o principal naquele momento. Até a tentativa, em 1908, de organizar uma associação que pudesse representar a profissão e que garantisse assistência e auxílio social à categoria e seus familiares (Associação de Imprensa) não conseguira bons resultados em seu início: fora despejada de sua sede por falta de pagamentos.¹⁶⁵

Além disto, o ingresso no mundo do jornalismo se fazia por meio da indicação, do conhecimento social. A grande maioria era formada por jovens estudantes de Direito, entre 16 e 20 anos, que tinham na carreira jornalística a chance de sobrevivência material e de exercitar a prática da escrita e argumentação. Marialva Barbosa revela que “Os méritos profissionais em nada contam.”¹⁶⁶ Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca lembram que os primeiros cursos de jornalismo no Rio de Janeiro e em São Paulo só surgiriam na década de 1940, porém as escolas de jornalismo só se consolidariam na década de 1960.¹⁶⁷ Os jornalistas trabalhavam seis vezes por semana e muitas das vezes até 12 horas por dia, não havendo horário estabelecido para a prática desta profissão, sem falar na péssima remuneração. Porém, a profissão tinha um caráter prático: se aprendia no dia-a-dia, assim como se aprendia a fazer tudo dentro de um jornal. Alguns aspiravam cargos e ocupações públicas, bem melhor remunerados ou, ainda melhor, um lugar na política.¹⁶⁸

No entanto, ser dono de jornal era muito lucrativo. A família Rodrigues, por exemplo, teria seu patrimônio aumentado significativamente a partir da fundação de *A Manhã*. A venda

¹⁶⁴ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 46.

¹⁶⁵ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 87. O nome desta associação passaria a ser posteriormente Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

¹⁶⁶ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 88.

¹⁶⁷ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. Introdução: Pelos Caminhos da Imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). Op. Cit. p. 15. O primeiro curso de jornalismo fora criado em 1947 na Cásper Líbero.

¹⁶⁸ BARBOSA, Marialva. Op. Cit. p. 90. Um bom exemplo desta aspiração: “Na maioria dos casos os jornalistas do governo eram contemplados com nomeações para cargos públicos, em repartições onde não tinham obrigação de aparecer”. Depoimento de LIMA, Paulo Motta. In: ABI, RJ. Centro de Pesquisa e Memória do Jornalismo Brasileiro. A Imprensa da década de 20. Rio de Janeiro, 1980 (mimeo). Apud de BARBOSA, Marialva. Op. Cit. p. 91. Grifo da autora.

de jornais se multiplicava com o crescimento urbano e industrial no Rio de Janeiro. Além disto, como dono de jornal, Mário Rodrigues, por exemplo, recebia pesadas subvenções de governos estaduais como Minas Gerais e São Paulo (quando fazia cadernos especiais de aniversários destes estados) além da aproximação com o governo federal.

Ruy Castro conta que a aproximação de Mário Rodrigues com o então presidente mineiro Melo Viana possibilitou evidenciar este político na capital federal e o ajudou a catapultá-lo na condição de candidato a vice-presidente de Washington Luís, sucessor de Artur Bernardes.¹⁶⁹ Mesmo sendo uma análise um tanto quanto exagerada, podemos compreender que as relações da família Rodrigues com o mundo do poder político eram muito próximas. Para o bem e para o mal. Apesar de criar um jornal cujo libelo era ser uma “metralhadora giratória” contra os maus políticos, Mário pai recebeu subvenção do governo Washington Luís. Mais um aprendizado para a herança de Mário Filho. É a partir desta subvenção que Mário pai fundaria o jornal *Crítica* que continuaria, obviamente, a apoiar o governo e seu candidato à sucessão presidencial, Júlio Prestes. Porém, a aproximação com o governo vai ser uma nova ruína para a família Rodrigues, pois a Revolução de 1930 vai colocar no poder os grandes rivais de Mário Rodrigues e das colunas ácidas de seu jornal. 1930 seria o início da derrocada da família Rodrigues. Mais uma vez, esta família ficaria “do lado errado do jogo político”, ou seja, vai lutar contra os seus desafetos, agora no poder.

A desgraça política se somaria à desgraça familiar, pois os Rodrigues seriam surpreendidos pela tragédia que se abateria sobre esta família quando Roberto Rodrigues, filho de Mário Rodrigues, foi assassinado em plena redação por conta de um caso policial mal esclarecido nas páginas do *Crítica*. Mário Rodrigues, com sua saúde precarizada, com um histórico de muito trabalho e álcool, adicionado ao fato de agora carregar um fardo da morte de seu filho por ter exagerado na dose de sensacionalismo policial nas páginas e matéria de seu jornal, faleceria um pouco mais de dois meses depois de encefalite aguda e hemorragia.¹⁷⁰

Se já não bastasse este fato, a vitória da Revolução de 1930 seria “a pá de cal” nas pretensões da família Rodrigues continuar no ápice da imprensa sensacionalista. O jornal seria “empastelado”. Segue abaixo uma citação de Hélio Silva, que está presente na obra de Sodré e

¹⁶⁹ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 54-56. Fernando de Mello Vianna (1878-1954) foi presidente de Minas Gerais de 1924 a 1926, antes de se tornar vice-presidente no governo Washington Luís. Em 1929 aliou-se à Concentração Conservadora, movimento incumbido de promover a campanha de Júlio Prestes em Minas Gerais, candidato governista às eleições presidenciais a serem realizadas no ano seguinte. Com a vitória da Revolução de 30, exilou-se por oito anos na Europa. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Melo_Viana>. Acesso em: 05/01/2009.

¹⁷⁰ As razões e as causas deste homicídio envolvendo a família Rodrigues podem ser lidas nos capítulos 6 e 7 de CASTRO, Ruy. Op. Cit. Principalmente p. 84-100.

que compõe um quadro aterrador para quem acreditava na força da liberdade de imprensa, muito tênue, na minha visão, para este período e para os anos e décadas subsequentes:

Grupos de populares começaram a depredar as redações dos jornais governistas. Líderes improvisados e conhecidos políticos aliancistas concitavam à destruição. Apareceram latas de gasolina que eram derramadas às portas dos edifícios, ateando-se incêndios. O majestoso edifício de O País, construído com a própria Avenida Central, em sua esquina com a rua sete de setembro, converteu-se num imenso fogaréu. Magotes invadiam o prédio, arrancando os móveis, livros e coleções, espatifando tudo e jogando material para a fogueira. A Agência Americana, instalada em um dos andares superiores, A Notícia, mais além, na mesma avenida, a Gazeta de Notícias, na rua do Ouvidor, a Crítica de Mário Rodrigues, a Vanguarda, de Oséias Mota, eram pilhadas e queimadas. A Noite, no edifício da praça Mauá que tem o seu nome, sofreu o vandalismo da revolução. (...) Pelas ruas, estendiam-se passadeiras brancas de bobinas de papel de jornal. A polícia, impotente, omitia-se.¹⁷¹

Podemos concluir que Mário Filho seria forjado enquanto profissional e pessoa com estes acontecimentos contemporâneos, principalmente os mais trágicos. Estar do “lado certo” do poder ou da “política”, identificar e personificar os heróis do mundo dos esportes, criar uma linguagem mais literária do que simplesmente textual, contar com capital de empresários do setor jornalístico e manter relações estreitas com uma elite do poder, da grande imprensa e dos grandes clubes esportivos da época seriam as suas grandes características como jornalista.

Sobre o papel da imprensa como grande empresa, Sodré conclui que a diversidade e quantidade de periódicos seria substituída por um processo de monopolização, com a criação de grandes grupos jornalísticos, aglutinando as mídias de rádio e televisão (e hoje, acrescento a *Internet*, também):

Tal como a importância de alguns latifundiários brasileiros deriva do fato de serem herdeiros de grandes extensões de terras – não teriam a mínima possibilidade de constituir propriedades territoriais extensas, dessas dimensões, hoje, por compra – a importância da maioria das empresas jornalísticas deriva do fato de terem sido herdadas: os seus proprietários atuais não teriam também a mínima possibilidade de montá-las, hoje, por investimento.¹⁷²

Mário Filho poderia ter herdado seu quinhão no latifúndio jornalístico carioca e brasileiro, mas, por conta dos acontecimentos em sua família, teve como legado a iniciativa de poucos (incluindo seu pai) de desenvolver um empreendimento quase do “zero”. Ou seja, com poucos recursos e muita influência no setor empresarial, soube dar a volta por cima. Seu legado foi saber tratar bem das letras, observar a sociedade carioca e reconhecer os seus desejos, suas motivações, suas paixões. Defendeu a profissionalização do futebol como poucos numa época em que o amadorismo era a grande matéria dos jornalistas e intelectuais quando o assunto era os esportes. Em 1933, ano chave da profissionalização do futebol no

¹⁷¹ SILVA, Hélio. Apud de SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 375. Nota de rodapé n° 305.

¹⁷² SODRÉ, Nelson Werneck. Op. Cit. p. 389.

Brasil, iria fazer uma campanha gigante a favor de uma nova etapa do esporte. Já defendia grandes causas (a construção do estádio Maracanã seria uma delas, em momento posterior). Em sua opinião, o público de arena aumentaria muito se houvesse uma valorização e uma organização deste esporte, o que causaria um crescimento substancial também do público leitor.

Sua experiência profissional seguiu uma linha meio autodidata pois, nas instalações de *A Manhã* e *Crítica*, iniciando aos 20 anos de idade neste primeiro jornal, teria a incumbência de tratar da página de esporte, considerada a menos popular entre os leitores. Teria como companheiros de redação os próprios irmãos (Nelson Rodrigues, Roberto Rodrigues e Milton Rodrigues). As estratégias de venda seriam importantes como a que seu pai adotaria com os jovens jornalistas prometendo-lhes a renda total do comércio dos jornais na ocasião do lançamento de *Crítica*. Segundo Ruy Castro, a cidade seria inundada por este novo periódico além de contar, a partir daquele momento, com a grata simpatia daqueles meninos.¹⁷³

No *Crítica*, realizaria profundas modificações na página de esportes. Vai contar com o trabalho do caricaturista paraguaio Andrés Guevara¹⁷⁴ para chamar a atenção para o futebol:

Numa época em que os jornais dedicavam uma ou duas míseras colunas ao futebol e em que tinham o maior dengo pelas regatas, Mário Filho resolveu investir nele. Guevara deu-lhe a infra-estrutura gráfica. Acabou com as fotos dos jogadores de terno e gravata, como se estivessem posando para o lambe-lambe. Passou a mostrá-los em ação, numa cena da partida, com as camisas e casquetes de seus clubes. Os closes eram ampliados até o tamanho natural – podia-se contar cada gota do suor que haviam derramado pelo time. E tudo isso com os textos recorridos, as manchetes explosivas e os pontos de exclamação. O futebol, que ainda era amador, passou a vender jornais e transformou os atletas dos outros esportes em potências de segunda classe.¹⁷⁵

A exclamação, a criação e o aumento de temas menos importantes, a defesa destes mesmos temas e o personalismo seriam características que acompanhariam a carreira de cronista esportivo de Mário Filho.

¹⁷³ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 69.

¹⁷⁴ Nesta sua primeira passagem pelo país ficou conhecido principalmente como chargista e ilustrador. Sua carreira no Brasil começou com as colaborações para *A Maçã*, entre os anos de 1923 a 1925. Em 2 de janeiro de 1926 o jornalista Mário Rodrigues lança no Rio de Janeiro o jornal *A Manhã* que conta com a participação de Guevara como chargista e de seu amigo Aparício Torelly, o Barão de Itararé, com uma coluna humorística. *A Manhã* encerra suas atividades em setembro de 1929 e no mesmo ano Mário Rodrigues lança outro jornal *Crítica*, no qual Guevara também colabora. Neste período ele também publicou seus desenhos em *Papagaio*, *O malho*, *Para Todos*, *Ilustração Brasileira* e *O Cruzeiro*. Em 1930 muda-se para a Argentina. Em Buenos Aires, Andrés Guevara foi designer gráfico e ilustrador no diário *Crítica* e para as revistas *Sintonía* e *Mundo Argentino*. A partir desta data passou a ser conhecido principalmente como o "artista gráfico", pois introduziu as modernas técnicas de Diagramação e planejamento gráfico nos jornais por onde passou, criou o projeto gráfico e desenhou o logotipo do jornal *Clarín* (lançado em 28 de agosto de 1945), em formato tablóide, sendo o primeiro veículo a utilizar este padrão na Argentina. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9s_Guevara>. Acesso em: 17/01/2009.

¹⁷⁵ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 80.

E por falar em cronista, esta habilidade especial de contar o fato sob uma “ótica literária” seria exercitada em sua segunda função no jornal de seu pai (a primeira fora de gerente ou diretor-tesoureiro), responsável pela página literária do jornal (ainda o *A Manhã*). Além de escrever em sua coluna “Espírito Moderno”, publicou dois livros “Bonecas” (1926) e “Senhorita 1950” (1927), duas coletâneas de contos que havia escrito em sua coluna sobre temas ligados ao amor e ao romance. Porém, era nos esportes e não na literatura que Mário Filho seria reconhecido.

Mário Filho não revolucionou apenas a imprensa esportiva no Brasil mas, também, transformou o futebol em um produto muito rentável pois este assunto passou a vender muito jornal.

Apesar do *Jornal do Brasil*, desde 1910, já dedicar uma página inteira para uma partida de futebol, esta apenas descrevia o que acontecera. Expectativas e suposições não existiam e histórias correlatas (clube, jogadores, negócios etc) nem ao menos eram comentadas. Aqui podemos refletir, mais uma vez, sobre a atuação destes profissionais da área esportiva. Veja a seguir como Ruy Castro enxergou estes jornalistas:

Em 1927, os repórteres de futebol ainda eram tão pobres-diabos quanto os da Assistência, encarregados de cobrir os atropelamentos. Não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome. Pena que os jogadores não treinassem todo dia.¹⁷⁶

O jornalista esportivo não tinha o mesmo *glamour* em comparação com a cobertura de outros temas. Justifica-se pela importância e espaço que o próprio tema vai ter nas páginas dos jornais. Existiam, ainda, os chamados escritores de clubes ou escritores profissionais. Ou seja, escreviam, às vezes de graça, apenas pela paixão pelo clube.

Mário Filho criou uma nova linguagem para este tipo de jornalismo. Interessava-se pela vida dos jogadores, pelo dia-a-dia dos treinos, o que pensavam, o que faziam depois dos treinos e jogos. Não era, todavia, um arauto da verdade jornalística. Para tentar tornar uma matéria mais interessante, chegava, às vezes, a inventar fontes e informações. Porém, esta prática era muito comum entre os jornalistas da época, independente do tipo de matéria. Simplificava os nomes: preferia “Bangu” ao invés de “The Bangu Athletic Club”, “field da rua Álvaro Chaves” tornava-se “campo do Fluminense”. Poderíamos até dizer que a experiência e a convivência literárias com grandes nomes do modernismo brasileiro como Oswald de Andrade, Agripino Grieco, Orestes Barbosa e Ronald de Carvalho (os três últimos

¹⁷⁶ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 114.

trabalharam em jornais da família Rodrigues) fizeram de Mário Filho um avesso aos nomes e à cultura estrangeira. Pode ser. Porém, a simplicidade de Mário Filho e a aproximação com o público leitor são fatores mais preponderantes nesta análise do cotidiano do carioca. Ou seja, os leitores, cada vez mais interessados no futebol, por exemplo, já chamavam seus clubes de interesse por nomes mais simplificados. Nada mais coerente do que acompanhar esta linguagem mais popular.

Depois da crise familiar e política, numa conjuntura bem hostil, a família Rodrigues já sem aliados, dinheiro e emprego vai encontrar a mão estendida da família Marinho. Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*, desde a morte do seu pai, Irineu Marinho (1925), era amigo de Mário Filho. Jogavam sinuca várias vezes por semana e Marinho tinha apoiado politicamente os vitoriosos revolucionários de 1930, o que lhe concedia o direito de existir enquanto jornalista/proprietário de jornal. Porém, em nome de uma longa amizade, fez o que nenhum jornal da época tinha coragem ou vontade: empregar qualquer membro da família Rodrigues. A página de esportes do jornal *O Globo* ficaria a cargo de Mário Filho e seu salário de 550 mil réis por mês, acima da média, revela que sua competência era reconhecida pelo amigo.¹⁷⁷ Além do respeito profissional e da ideia de Roberto querer modernizar e dinamizar as editorias deste jornal, as relações sociais construídas entre estas famílias possibilitariam também a ida de Nelson e Joffre Rodrigues (irmãos de Mário Filho) para aquele jornal.¹⁷⁸ Um ano depois, Nelson estaria recebendo o salário de 200 mil réis, a média do período.¹⁷⁹

Aliás, Roberto Marinho vai ser um verdadeiro protetor desta família, pois a ajudaria mais tarde em diversas oportunidades. Dentre elas podemos citar o acolhimento do jornal *Mundo Sportivo* (e depois também o *Jornal dos Sports* em 1936) na gráfica de *O Globo* por um aluguel justo, a participação de ambos os jornais em promoções mútuas¹⁸⁰ e o pagamento do salário a Nelson Rodrigues no período em que este estava internado numa clínica de

¹⁷⁷ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 115. Lembro ainda que a média salarial dos jornalistas era em torno de 250 a 350 mil réis e que o salário do jornalista esportivo ainda era menor. Barbosa revela que “Os salários variam entre 700 e 800 mil réis mensais para o chefe de redação e 150 mil réis para um redator comum. (...) Enquanto um funcionário público ganha em média 600 mil réis, um jornalista recebe 200 mil réis. Há ainda um número considerável de colaboradores que nada recebem. Apenas a distinção de ser jornalista...” In: BARBOSA, Marialva. Op. Cit. p. 90.

¹⁷⁸ Nelson e Joffre Rodrigues iriam para *O Globo* inicialmente sem receber salários, como ajudantes de Mário Filho. Posteriormente, passam a ser remunerados. Joffre seria editor de esportes dos jornais “A Nota” e “Diário Carioca”, antes de falecer em 1936. Depois, seu irmão Augustinho herdaria este posto.

¹⁷⁹ RODRIGUES, Nelson. O reacionário. Memórias e Confissões. Rio de Janeiro: Record, 1977. Apud de BARBOSA, Marialva. Op. Cit. p. 100.

¹⁸⁰ Um dos bons legados do *Mundo Esportivo* fora o concurso de escolas de samba. Logo após o seu fechamento, *O Globo* daria continuidade de organizar e apoiar esta empreitada. Até hoje o jornal promove o concurso “Estandarte de Ouro” premiando os melhores desempenhos no desfile de escolas de samba do Grupo Especial das escolas de samba do Rio de Janeiro.

tratamento para tuberculosos (14 meses, entre abril de 1934 e junho de 1935 e mais quatro meses em 1939).

A relação da família Rodrigues com a família Marinho era bastante amistosa já há algum tempo. Na ocasião da inauguração do novo prédio do jornal *A Noite*, na Praça Mauá, em setembro de 1929, o jornal *Crítica* publicaria uma ode, na primeira página, ao trabalho de Irineu Marinho, um dos fundadores daquele periódico. Poderia ser apenas o reconhecimento do trabalho de um bom jornalista. Porém, devemos levar em conta que Irineu, mesmo quando falecera (1925), já não era mais proprietário do *A Noite* e sim do *O Globo*. Segue um trecho do texto de *Crítica*: “Fundada, lá se vão anos, por um grupo de rapazes, tendo à frente essa figura por tantos e meritórios títulos admirável que foi Irineu Marinho, *A Noite* tornou-se, logo a aparecer, graças as suas reportagens sensacionais e a agudez de seus comentários, uma folha por excelência popular”.¹⁸¹

Além da família Marinho, Mário Filho vai conhecer e manter excelentes relações com a família Martins, proprietária de uma farmácia no bairro do Estácio, a “Santa Olga”. Mário Martins, filho do proprietário, seria mais tarde jornalista e político (chegaria ao cargo de senador) e era grande amigo de Mário Filho e lhe emprestou a quantia necessária para comprar o jornal *Mundo Sportivo*, seu sonho pessoal.¹⁸² O jornal duraria apenas oito meses pois nascera numa época indevida, prematuro, já que fora lançado no final do campeonato carioca de futebol de 1931, vencido pelo América. Além disto, competia com o também recém lançado *Jornal dos Sports*. Porém, mais um detalhe importante que se repete: apesar do fracasso empresarial, Mário Filho havia contratado o caricaturista Antonio Nássara, discípulo de Guevara, para paginar seu jornal.¹⁸³ Além do conteúdo e da forma de escrever e conquistar o público, a ideia também era de criar uma programação visual moderna e chamativa.

Por fim, e não menos importante, devemos lembrar das relações pessoais e profissionais de Mário Filho com dois nomes fortes do esporte carioca, aliás, dois presidentes

¹⁸¹ *Crítica*. 7 de setembro de 1929. p. 1. Apud de BARBOSA, Marialva. Op. Cit. p. 91.

¹⁸² CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 117. A quantia emprestada a Mário Filho era em torno de 26 contos de réis, uma quantia muito considerável para os padrões da época. Pouca, porém, para sustentar um periódico por mais de um ano, mesmo sendo um jornal pequeno.

¹⁸³ **Antônio Gabriel Nássara**, mais conhecido simplesmente como **Nássara** (Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1910 — Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1996) foi um compositor, caricaturista e desenhista brasileiro. Carioca filho de libaneses, começou a compor marchinhas carnavalescas nos anos 30, disputando e vencendo concursos com Lamartine Babo, Noel Rosa (seu vizinho de infância em Vila Isabel) e Ary Barroso. Frequentou o curso de Belas Artes, mas não se formou. Trabalhou nos jornais *Carioca*, *O Globo*, *Vamos Ler*, *A Noite*, *Diretrizes*, *O Cruzeiro*, *Mundo Ilustrado*, *Flan*, *Última Hora* e *Pasquim*. Seu maior sucesso foi a marcha "Alá-lá-ô", de 1941, em parceria com Haroldo Lobo. (...) É tido também como o primeiro autor de um *jingle* comercial do Brasil. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_N%C3%A1ssara>. Acesso em: 17/01/2009. Cf. também recentíssima publicação: DIDIER, Carlos. *Nássara passado a limpo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010 e artigo de LICHOTE, Leonardo. Renascentista boêmio. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, nº 28.273, 03/01/2011. p. 1. Segundo Caderno.

de clubes esportivos: Flamengo e Fluminense. Do primeiro era concunhado (sua esposa Célia tinha uma irmã chamada Lílian, que se casara com José Bastos Padilha). Além desta relação familiar, o interesse pelo esporte os unia. Também era grande amigo de uma família sofisticada no Rio de Janeiro: os Guinle. Daí ter entrada fácil e amistosa no Fluminense, pois Arnaldo Guinle era o seu presidente. Lembro também que o fruto desta relação amistosa iria propiciar a aquisição do *Jornal dos Sports* em 1936. A relação com o Fluminense não se restringia à família Guinle. Mário Filho conseguira recursos financeiros junto a um benemérito deste clube, Dr. Sotto Mayor, para pagar a internação de seu irmão Joffre, que sofrera de tuberculose e acabaria falecendo por conta desta doença. Até na tragédia a dupla Fla-Flu estava presente na família Rodrigues, pois o Flamengo doaria o túmulo para o sepultamento de Joffre.

Tornara-se, nos anos 1930, uma celebridade entre os atletas e clubes e era visto em vários bares e locais de competições, sempre realizando uma dupla função: trabalhando e anotando informações e estabelecendo relações sociais próximas com os jogadores e dirigentes esportivos.

Já era conhecido entre as torcidas e incentivava o aumento e a criatividade na atuação destas, conforme texto de Castro:

Inventou o campeonato de torcidas. Na semana de cada jogo estimulava os torcedores a se superarem. Os grupos mais criativos, mais festivos e mais organizados ganhavam taças e medalhas. Premiava o primeiro torcedor a chegar ao estádio. Sorteava uma geladeira entre a torcida. Rubro-negros e tricolores despertaram e começaram a aparecer o mar de bandeiras, os torcedores uniformizados, as charangas e, nos jogos noturnos, as lanternas, os fogos e os balões, tudo com as cores de Flamengo e Fluminense. Os torcedores levavam tambores de escola de samba, pratos de banda militar, clarins e até sinos. Mário Filho transformou o domingo de Fla-Flu num domingo de carnaval. (...) Folclorizou torcedores ilustres de cada time e transformou o passado do jogo Flamengo e Fluminense numa saga.¹⁸⁴

Chama-nos a atenção sobre a capacidade criativa e inventiva de Mário Filho e que estimulou a criação de tradições como a da rivalidade do Fla-Flu. Sobre este aspecto, Hobsbawm nos remete a uma ideia interessante de tradições inventadas que, acredito, cabe na análise do discurso e do trabalho de Mário Filho:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.¹⁸⁵

¹⁸⁴ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 132. Grifo nosso.

¹⁸⁵ HOBBSAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org). *A Invenção das Tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

Quando Mário Filho se referia ao encontro destes dois grandes times no passado, parecia que o distanciamento cronológico era ainda maior do que o tempo real, além de escrever como se estivesse contando o acontecimento histórico mais importante do planeta.

Além do futebol, dedicava-se ao jiu-jitsu, ao remo, ao boxe ou à corrida de carros. Sobre este último, uma passagem no texto de Castro é bem reveladora:

O primeiro “Circuito da Gávea”, em 1933, fora um fiasco. Mário Filho analisou a coisa e viu que, apesar de ser o circuito mais bonito do mundo, precisava de promoção. Para o de 1934, começou a falar dele em “O Globo” com meses de antecedência. Dava entrevistas com os possíveis corredores, registrava as inscrições dos volantes estrangeiros, explicava as características dos carros. Ninguém entendia porque “O Globo” estava gastando espaço de primeira página com aquele assunto. Mas a expectativa fora criada. No dia do circuito, os outros jornais viram-se obrigados a cobri-lo. (...) No ano seguinte, o duelo Von Stuck x Pintacuda levaria mais de duzentas mil pessoas à Gávea.¹⁸⁶

Enfim, concluo e aponto que a capacidade de adequação e adaptação da família Rodrigues, em especial Mário Filho, às diversas crises políticas e institucionais que abraçaram a imprensa e o próprio país foi fundamental para o sucesso editorial da nova imprensa esportiva dos anos 30. Nesta adaptação, leia-se com muita atenção a capacidade de interagir com o círculo do poder vigente além da manutenção de um relacionamento próspero e duradouro com as famílias bem-sucedidas do mundo empresarial. Seria injusto se não levasse em conta também a habilidade de Mário Filho em perceber a importância dos esportes para a sociedade carioca, em criar mitos esportivos e culturais e se aproximar de um cada vez mais crescente público leitor, ávido por informações acerca dos esportes. Não informações frias e impessoais, mas uma leitura passional, emotiva e que refletia os interesses do próprio leitor.

2.3: Reescrevendo o JS: a visão dinâmica de Mário Filho e Equipe

A edição nº 2.170, de 16/10/1936, foi a última com Argemiro Bulcão como diretor do *Jornal dos Sports*. Nesta época o jornal já ocupava outro endereço: Avenida Rio Branco, 129, ainda no Centro da cidade, como os demais grandes jornais do Rio de Janeiro.

Se não temos dados precisos sobre a negociação entre Bulcão e Mário Filho, a não ser pelo fato de sabermos que a mesma se deu pelo apoio financeiro e técnico fornecido pelas famílias Padilha, Guinle e Marinho àquele jornalista, na análise das páginas do JS,

¹⁸⁶ CASTRO, Ruy. Op. Cit. p. 133.

percebemos que não houve uma única menção à saída de Bulcão. Nem mesmo um editorial de despedida foi publicado para justificar a saída de seu diretor/proprietário.

A equipe de 1936, ainda maior do que antes, tinha o sub-secretário Antonio Cordeiro e contava ainda com os redatores Mello Junior, Archimedes Valentim, Arlindo Monteiro, Álvaro Nascimento e Raul Loureiro, acrescidos de outros nomes como Afranio Vieira, Paulo Varzea, Vasco Rocha, Santos Melo, J. A. Belém, Emmanuel Amaral e Manfredo Liberal. Isaías Rosa, que outrora era secretário, agora apontava como redator também.

O jornal contava ainda com um fotógrafo fixo, L. Sant'Anna e com correspondentes no exterior como Rafael de Freitas (Uruguai), Alfredo Smith (Argentina), Dr. Zoronabel Rodrigues (Chile), Luiz Sora y Canovas (Espanha), Léo Ozorio (Portugal) e Paulo Hasslocker (Estados Unidos). João Wanderley, que antes era o gerente, tornava-se o “Representante” e o setor de Publicidade que tinha Álvaro Nascimento como gerente, era dividido, agora, por este e mais J. A. Belém e Antonio Cardoso. Os chamados “únicos cobradores”, nas figuras de Pedro Rodrigues e Sebastião Coelho, recebiam a ajuda de Waldyr da Costa.

Portanto, vários redatores permaneciam no *JS* com a chegada de Mário Filho e em comparação com a equipe de 1932, houve um aumento de profissionais em todas as áreas da empresa, sejam elas a redação, publicidade e cobrança, por exemplo, além da atuação significativa de representantes no exterior.

A edição de estreia foi, conseqüentemente, a de número 2.171, de 17/10/1936. Nesta edição, estranhamente, também não houve um editorial inicial de Mário Filho. Todavia, acreditamos que a troca de direção no jornal (de um para o outro) fora abrupta e não permitiu, então, uma preparação de matéria ou editorial explicando a substituição de Bulcão. A única fonte que nos permite conhecer esta mudança se localizava nos créditos do jornal, onde já aparecia o nome do novo diretor/proprietário.¹⁸⁷

Nos primeiros meses, inclusive, o padrão editorial do *JS* permaneceu inalterado, tendo o jornal se mantido fiel ao estilo anterior e não houve, imediatamente, rupturas com o modelo gráfico e editorial liderado por Bulcão.

Nesta primeira edição, do novo período do jornal, destacava-se, dentre outros assuntos, o projeto de reforma do Ministério da Educação com a criação do Departamento Nacional de Sports, já indicando que o *JS* manteria a sua linha de apoiar o processo de organização institucional dos esportes, além de atuar na defesa da ordem e da disciplina da sociedade por meio da educação e da disciplina. Aproximar-se do Estado ainda era palavra de

¹⁸⁷ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.171, 17/10/1936. p. 2.

ordem na redação do *JS*, principalmente em se tratando de Mário Filho, cuja experiência familiar na política ainda estava bem recente em sua mente.

Várias outras matérias de capa ligadas ao futebol foram publicadas, além de um destaque para as provas de natação. Aqui destacamos uma informação que considero bastante relevante: apesar do tom poliesportivo do *JS* ainda continuar sendo a proposta do jornal, chama-nos a atenção o número cada vez maior de informações sobre o futebol. Isto ocorria por conta do aumento da popularidade deste esporte na sociedade carioca e brasileira, do interesse do público pela seleção brasileira e suas respectivas participações em Copas do Mundo (1934 e 1938), da maior atenção da imprensa em noticiar os bastidores do futebol etc. A própria imprensa no Rio de Janeiro mudava em relação ao espaço dedicado ao futebol em suas páginas.

Todavia, a forma e os assuntos ligados ao futebol serão tratados no próximo capítulo, quando poderemos explorar um pouco mais como o *JS* colaborava por criar este clima de interesse ou aumentar este processo de “febre coletiva” em torno de um esporte específico.

Cabe, agora, entendermos como o jornal liderado por Mário Filho concebe a ideia de esporte e como lida ao noticiar este assunto de forma mais abrangente, ou seja, dando espaços para uma série de modalidades esportivas. Nosso trabalho de comparação com o período anterior deve ser historicizado, conforme já anunciamos acima, pois o aumento do interesse pelo futebol crescia de forma desproporcional aos demais esportes e, se não levamos tal dado em conta, chegaríamos à conclusão errônea de que Mário Filho privilegiava o futebol em detrimento dos demais. Apesar da narrativa fictícia e literária deste último jornalista em criar situações e mitos ligados ao futebol, o mesmo ainda era dono de empresa. Um empreendimento que dera certo por cerca de cinco anos e que seu novo dono tinha o desafio da continuidade deste sucesso. Portanto, vender jornais ainda era muito relevante para Mário Filho e o que teríamos, então, era um novo diálogo com o público e que aumentasse a popularidade do *JS*, fazendo crescer também o seu público leitor.

A apresentação do seu novo diretor, entretanto, só ocorreria na edição seguinte, ou seja, a de nº 2.172, de 18/10/1936, quando é publicada uma chamada na página 2:

Direcção de “Jornal dos Sports”

Como os confrades de “O Globo” se referiam ao ingresso de Mario Rodrigues Filho naquelle posto

(...) Estaria errada a camaradagem, creada e desenvolvida num convívio de muitos annos, se nos forçasse a evitar a affirmação de que a escolha de Mario Rodrigues Filho é uma garantia de progresso e de brilhante futuro para o JORNAL DOS SPORTS.

A sua dedicação aos assumptos jornalísticos do sport, que às vezes raia pela abnegação, a sua probidade inatacável, a sua competência e conhecimento da profissão e dos meios sportivos, são os paragraphos brilhantes da sua fé de officio no “Globo”, que agora tambem

*se exercerão no JORNAL DOS SPORTS, dando novo impulso e vibração a uma folha que soube tornar-se prestigiada e (...) conseguir (...) jornaes matutinos mais diffundidos desta capital.*¹⁸⁸

O *JS* publicava esta matéria que havia sido noticiada nas páginas de *O Globo*, enaltecendo as qualidades pessoais e profissionais de Mário Filho que era grande amigo de Roberto Marinho, proprietário deste jornal. Percebemos nesta matéria que *O Globo*, já tendo a experiência de valorizar a página esportiva com Mário Filho, esperava que o mesmo ocorresse com o *Jornal dos Sports*, apesar de reconhecer que este era “uma folha que soube tornar-se prestigiada” e, também, um dos “jornaes matutinos mais diffundidos desta capital”. Mário Filho, então, conforme acreditamos, não estava ingressando em um jornal qualquer, mas um que já era considerado um sucesso editorial.

As iniciativas de inserção do jornal no mundo dos esportes, criadas por Bulcão, seriam mantidas e muitas outras criadas. Na coluna Basket-ball, permaneceria a tradição de promover e participar de eventos e ações esportivas. Uma imagem que ilustrava a matéria “Entregues, Hontem, pelo ‘Jornal dos Sports’ as Medalhas aos Officiaes do I Torneio Feminino De Lance-Livre” é bem interessante: o próprio Mário Filho entregando os prêmios neste evento criado pelo *JS*.¹⁸⁹

A presença deste jornalista tornaria-se frequente nos ambientes esportivos, possibilitando cada vez mais, na sociedade carioca, que imprensa esportiva e Mário Filho fosse uma associação muito comum e que se naturalizava com a ajuda das imagens publicadas no *JS* e no *O Globo*. Em comparação com Argemiro Bulcão, este era mais recluso, costumara enviar outros representantes em solenidades e eventos importantes. Já Mário Filho “gostava de aparecer”, mesmo quando não estava de bom humor e era uma figura frequente neste tipo de evento.

A segunda metade da década de 1930 e a década de 1940 seria um período de aumento na publicidade, principalmente de empresas e produtos ligados à saúde e ao bem-estar do homem. Economicamente, a sociedade brasileira encontrava no governo Vargas uma maior estabilidade econômica e que possibilitava o avanço da industrialização e da urbanização, em especial nas regiões Sul e Sudeste. A desconfiança com os resquícios da Crise de 1929 e com a Revolução de 1930 abria espaço para se pensar uma sociedade mais moderna e organizada, tendo o Estado como o grande mediador deste processo, principalmente, em relação às mudanças no mundo do trabalho.

¹⁸⁸ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.172, 18/10/1936. p. 2.

¹⁸⁹ *Ibidem*. p. 3.

As empresas cresciam e os trabalhadores poderiam usufruir de uma maior estabilidade econômica e dos avanços sociais trazidos pelo governo Vargas, tornando-se, então, alvos de uma publicidade que tinha a intenção de se tornar a mais abrangente possível, ao buscar conquistar um novo público consumidor.

Porém, na análise desta propaganda veiculada diariamente nas páginas do *JS*, chamamos a atenção a seguinte característica: boa parte desta publicidade impressa era de produtos e serviços ligados à beleza, à saúde e ao bem estar físico e mental dos homens e mulheres. São exemplos destas empresas e produtos: Lâminas Gillette, tônico Iosfoscal, Alfaiataria Oriente, Remédio para dor Guaraína, Immunol, Pynalgina (para dor de cabeça), Elixir Sorèt (“restaurador permanente dos nervos fracos e vigor central”), Injecção King (“Infalível na cura da gonorréia e de todos os corrimentos”), Salão Azul (“a maior casa de diversões do Largo da Lapa”, casa de bilhar), Pomada Secativa de São Lazaro (“usada em todas as feridas de qualquer origem mesmo as de mau caráter”), Antigrippal Martins (“no tratamento da gripe, resfriado, bronquite grippal e na pneumonia, o remédio indicado pelos médicos”), Elixir Castilho (“não transmita um sangue impuro ao seu filho”), Pílulas De Witt (“... não só vos libertarão dos vossos padecimentos como restaurarão o vosso vigor e a vossa vitalidade devido à sua magnética acção tônica”) etc.

O excesso de produtos e serviços voltados para a saúde e para a cura de doenças e malefícios do homem merece uma análise mais apurada. Apesar do nosso trabalho não explorar necessariamente as políticas públicas voltadas para a saúde, ou mesmo o impacto das doenças na sociedade carioca deste período, é interessante perceber que esta publicidade era comum em outros jornais, mas encontravam no *JS* o *locus* privilegiado para venda da solução saudável para os males de homens e mulheres.

Temos, então, um padrão de propaganda voltado para um público que gostava de esportes e que, desta forma, prováveis consumidores de produtos e serviços que fossem capazes de manter ou restabelecer a saúde humana. Lembro que os esportes já são muito praticados nas quadras, nos clubes (diversos e pequenos espalhados pela cidade, nos subúrbios), nas praças públicas, na praia, nos colégios privados e públicos etc, e, ainda, temos um público leitor do *JS* que não era totalmente praticante, mas bastante interessado no assunto.

Portanto, temos uma aliança, mesmo que forçada pelo interesse comercial, entre campo dos esportes e *marketing* da “indústria da saúde”, que, pelas páginas do *JS*, evidenciava, na segunda metade dos anos 30, um aumento significativo desta relação. Para

exemplificarmos esta proposta do jornal, verificamos a seguinte propaganda publicada em outubro de 1936, denominada “Os tres Oito”:

Os higienistas recommendam que o dia seja dividido em tres oitos: oito horas para dormir, oito para trabalhar e oito para distracções e outros misteres. Quem souber dividir o tempo entre o descanso, o trabalho e as distracções, leva sempre enorme vantagem sobre todos os que deixam a existência correr sem leme, isto é, sem ordem nem methodo. Cansam-se mais os que não trabalham, do que os que trabalham pacifica e ordenadamente. Ha muito gente “nervosa”, desanimada, irritavel, neurasthemica, só porque não sabe dividir o dia nos tres oito dos higienistas. Para combater o desanimo, a irritação, a neurasthenia, nada mais fácil: regularizar a vida, deitar-se nas horas convenientes e usar o esplendido Tonofosfan, que foi preparado por iniciativa e cooperação do Prof. Erum (?), director do Instituto Biologico de Francfort. (...)¹⁹⁰

Notamos que o texto, apesar de ser uma propaganda comercial e paga, tem algumas características distintas, pois seu enquadramento na página do jornal possui um formato de notícia. O texto, em si, tem uma justificativa cientificista, tratando com um caráter acadêmico os motivos que levam o homem a não ter uma vida normal e saudável, como, por exemplo, não dividir o dia nas três principais atividades apresentadas: o trabalho, o descanso e o lazer. Desta forma, percebemos, mais uma vez, um diálogo eloquente entre a propaganda e as informações publicadas pelo próprio jornal como matérias e editoriais voltados para a manutenção do bem-estar e da boa saúde, por meio das práticas desportivas.

Temos, neste caso específico, uma integração não só no formato do texto (caráter estético), como no seu conteúdo com a proposta editorial e ideológica do *JS*, apelando para a ciência para comprovar os efeitos de uma medicação, que, na verdade, seria um complemento da vida saudável que todos os homens e mulheres deveriam ter.

Ciência, neste caso, é utilizada para embasar uma verdade. Enfim, ciência torna-se uma verdade. Vemos uma teoria eugênica de sociedade plena que pudesse melhorar o desempenho, por meio de comportamentos voltados para a ordem, a disciplina e os esportes bem praticados.

Não por acaso temos um apelo para a valorização do trabalho. Trabalho, no período Vargas, significava sinal de cidadania. A carteira de trabalho, por exemplo, seria um documento distintivo de homem preocupado com o crescimento da nação e de respeito aos valores divulgados pelo próprio estadista, cujos padrões políticos recompensariam a sociedade com um governo que se preocupasse com os trabalhadores.

Engana-se quem pensa que o apelo à ordem, ao uso de métodos, à disciplina e organização dos esportes, neste período, por parte de alguns veículos de comunicação, como o

¹⁹⁰ Os tres Oito. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 20/10/1936. p. 3.

JS, fosse apenas uma coincidência. Certamente, não era. A regulação da sociedade pelo governo de Vargas, mesmo em um Estado ainda constitucional, tinha um projeto bem claro e definido: a valorização da profissionalização do meio esportivo, como no caso da grande discussão em torno do mundo do futebol, por exemplo.

A própria área jornalística alcançou na década de 1930 esta discussão, apesar de que, formalmente, apenas na década seguinte, ainda no governo Vargas, tínhamos escolas formadoras de profissionais da comunicação. No entanto, o campo de atuação do jornalista é cada vez mais amplo e justifica significativamente o aumento do campo esportivo e da indústria do lazer na sociedade carioca.

Podemos dizer que o *JS*, desde a sua fundação, tinha este propósito, inovando no objetivo de noticiar o campo esportivo, com um destaque para as capacidades de reprodução, criação e intervenção nos esportes, porém, com Mário Filho, estas características tendem a aumentar, com uma aproximação ainda maior com o mundo político e social da capital federal.

O grande diferencial de Mário Filho em relação a Argemiro Bulcão seria a sua característica lírica de noticiar, de publicizar inovações da capacidade de intervenção do jornal, de identificar o diretor e editor com o próprio veículo de comunicação, apesar da colaboração de vários cronistas importantes ao longo de sua carreira, sem falar nos vários redatores que trabalhavam no *JS*.

Mário Filho, então, teria como grande missão literária e jornalística, construir uma noção de brasilidade, em torno da forma como vemos o esporte, em especial, o futebol. Sobre este esporte, iremos explorá-lo mais no próximo capítulo, quando poderemos, mais uma vez, comparar o tratamento dado a este esporte nos dois períodos específicos.

Todavia, parece que o esporte, para estes dois nomes da imprensa esportiva (Bulcão e Mário Filho) dava conta da sociedade, ou seja, ao investir nesta área da comunicação de massa, além da questão comercial e empresarial, tinha-se a ideia de construção de uma missão instrucional de interferência na sociedade. Tal imprensa tornava-se mediadora da conformação do campo esportivo, em acordo com as mudanças sociais e com a própria vida das pessoas.

Com a entrada de Mário Filho, algumas tradições no campo esportivo seriam criadas como, por exemplo, o destaque para as notícias vinculadas aos clubes Flamengo e Fluminense. Estes clubes já possuíam um importante papel nas páginas do jornal e, por certo, não fora Mário Filho que criara a rivalidade entre estes dois times. Porém, o mesmo, muito habilmente, iria construir uma ideia de dependência de um com o outro, aumentando a

rivalidade positiva entre eles. Entenda-se a palavra dependência como uma relação de identidade recíproca entre os dois clubes, ou seja, se ambos eram times grandes com muitos torcedores, eram ainda maiores por serem rivais, pois um fazia o outro querer se tornar mais forte e competitivo.

Podemos visualizar esta identidade da dupla Fla-Flu expressa em várias colunas e matérias, inclusive para os demais esportes. Na edição nº 2.172, em 18/10/1936, por exemplo, na coluna “Athletismo”, havia um destaque para o Campeonato atlético de veteranos.¹⁹¹ Não só a competição mereceu comentários positivos por parte do jornal, como, também, os atletas envolvidos na mesma, principalmente, os vinculados ao Fluminense e ao Flamengo.

Aliás, para este último clube, Mário Filho tinha uma atenção e um tratamento especiais, pois era seu torcedor e utilizava o próprio jornal para realizar jornadas de ajuda ao esporte rubro-negro, como a campanha, transformada em notícia, para que os dirigentes do Flamengo organizassem a construção de uma quadra adequada para a sede do clube na Gávea. O título da mesma não poderia ser mais coerente com a campanha e com a própria construção da notícia: “Que Todos Ajudem O Flamengo a Recuperar Seu Prestígio No Basket!”.¹⁹²

Cabe sempre recordar que a aproximação de Mário Filho com a dupla Fla-Flu não era apenas em reconhecimento de seus méritos esportivos, mas, evidentemente, por conta do apoio financeiro que recebera da família Padilha, por meio de José Bastos Padilha, dirigente do Flamengo, e da família Guinle, através do presidente do Fluminense, Arnaldo Guinle. Com estes fortes apoios, a alta sociedade carioca abria espaço significativo para o retorno de um membro da família Rodrigues ao topo da imprensa do Rio de Janeiro. Agora, no entanto, o caminho seria por meio exclusivo dos esportes.

Mário Filho, inclusive, faria um livro sobre o Flamengo, com o título “Histórias do Flamengo”, que era, na verdade, uma grande coletânea de crônicas que escrevera sobre este clube. O interessante é que utilizaria o seu jornal para promover a publicação, com a divulgação da crítica positiva feita por diversos autores, todos empregados ou colaboradores do *JS*.¹⁹³

Podemos ter esta mesma noção, ao percebermos o privilégio dado a estes clubes na cobertura dos esportes aquáticos. O Flamengo, por ser um clube nascido para esta finalidade

¹⁹¹ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.172, 18/10/1936. Coluna Athletismo.

¹⁹² Que Todos Ajudem O Flamengo a Recuperar Seu Prestígio No Basket! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 3.599. 08/05/1941.

¹⁹³ Um exemplo da propaganda deste livro, com as respectivas críticas pode ser encontrada em diversas edições do ano de 1946. Neste caso, foi analisada a edição nº 5.025 de 3/01/1946. p. 4.

(chamado de Clube de Regatas Flamengo), era o grande destaque neste esporte no período Mário Filho. Como exemplo, temos a cobertura vibrante do *JS* sobre a atuação deste clube em uma competição de remo, em 20/10/1936: “Espectacular, A Victoria Do Flamengo Nos Campeonatos de Remo”.¹⁹⁴ Com direito a foto dos atletas, exaltava-se a força e o talento dos competidores deste clube. O mais interessante era que a foto mostrava os atletas do Flamengo em plena prova, criando uma imagem de intensa ação.

A imagem, como várias outras, teria a intenção de proporcionar um impacto ativo do esporte, no caso o remo, ao mostrar uma postura de agilidade dos atletas ao vencer a referida prova. Por sinal, se no período anterior tínhamos muitas fotos de atletas e dirigentes esportivos, além das charges e caricaturas, agora, com Mário Filho, estas imagens seriam melhor trabalhadas com uma significativa mudança editorial.

Ou seja, na estrutura gráfica do *JS* procurava-se dar mais destaque para as imagens, fazendo com que as mesmas saíssem do enquadramento tradicional (retangular, por exemplo, ao lado das colunas e caixas de textos) para uma posição mais multiforme, com o objetivo de expor o local e o ambiente do objeto selecionado.

Além disto, procurava-se dar uma ideia de dinamismo imagético, quando muitas fotografias pareciam saltar para dentro ou para o lado do texto. Uma nova “dimensão”, que antes era apenas referida, agora seria bastante explorada, buscando uma outra forma de diálogo, por meio da imagem, com o público leitor. Independente de privilegiar mais a dupla Fla-Flu e os seus feitos no mundo esportivo, a noção de ação tornava-se um padrão para as imagens selecionadas, inclusive no uso das charges e caricaturas.

Imagem e ação faziam parte de uma relação de valorização dos esportes e as idiossincrasias divulgadas pelo jornal para a sociedade traduziam um tratamento especial dado à primeira. O texto dinâmico sobre os esportes encontrava na publicação da força da imagem um aliado ideal e coerente.

Para nós, todavia, a linha editorial adotada por Mário Filho no *JS* fica mais evidenciada na década de 1940. A coluna “Críticas e Sugestões”, espécie de editorial, seria palco para as discussões esportivas no Rio de Janeiro, ganhando uma força extra pela forma literária com uma narrativa emotiva imposta e implementada por Mário Filho. À época o editorial passou a ser assinado pelo próprio, que sinaliza para a tentativa de fundir a identidade do jornalista com a do *JS*, criando uma fusão que não era possível em seu trabalho

¹⁹⁴ Espectacular, A Victoria Do Flamengo Nos Campeonatos de Remo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 20/10/1936.

no jornal *O Globo*, por mais que sua imagem estivesse muito vinculada à seção “O Globo Esportivo”.

Não por acaso, os créditos do jornal apontavam, além do nome do diretor e editor, a gerência de Henrique Gigante e a secretaria de Everardo Lopes, não acusando, portanto, os nomes dos redatores no expediente. Na década de 1940 seria comum, logo na primeira página, uma matéria ser previamente anunciada com a expressiva informação: “Mário Filho escreve:...”.

Colunas de diversos esportes, criadas no período de Bulcão, seriam mantidas, mas o futebol ganharia um espaço maior e privilegiado em detrimento de uma proposta mais poliesportiva existente anteriormente.

O jornal passaria a investir na divulgação cultural por meio de publicação da programação de filmes em cartaz nos cinemas do Rio de Janeiro. Aliás, também eram publicadas as críticas e as sinopses dos principais filmes em exibição e fotos dos atores protagonistas. Além destes, com o objetivo semelhante, existia a coluna “Theatro”, que divulgava as principais peças em exibição na cidade.

Com o propósito de conquistar o público feminino, seria criada uma coluna denominada “Notas Femininas”, que possuía, em geral, o seguinte conteúdo: tratamentos de beleza, regras de etiqueta, receitas, dicas de tratar a louça e os cristais, notícias sobre a vida dos artistas etc. Ainda que a participação da mulher nos esportes fosse tímida, refletida na cobertura do jornal, o *JS* percebia a necessidade de dedicar uma coluna para a mulher, com o intuito de atingir e fidelizar esse público leitor. O jornal, então, tinha a pretensão de atingir toda a família, aumentando o seu universo de recepção da leitura.

Uma coluna, assinada por A. M., chamada “Jazz”, procurava dar conta das apresentações musicais na cidade, nos clubes e nas rádios. A escolha da palavra “jazz” também não é por acaso. O estilo musical trazia a ideia de mistura, de diversidade de influências musicais. Se, inicialmente, a palavra “jazz” pode representar uma opção elitista, era justamente o oposto o objetivo do *JS*, já que as manifestações culturais e artísticas ganhavam espaços cada vez maiores nos teatros de diversos estilos, nas salas de cinema, e, principalmente, no crescimento do rádio na sociedade carioca.

Esportes e estas manifestações casariam perfeitamente nas páginas do *JS*, tendo em vista que o jornal pretendia tornar-se ainda mais popular. A própria ideia do esporte como entretenimento e lazer é estendida e incorporada pela sociedade carioca como prática cada vez mais comum, com os estádios e competições aumentando de importância por conta dos espaços de sociabilidade já existentes convergirem para a necessidade de lazer de uma

sociedade mais produtiva e dinâmica, que estão, neste momento, atingindo um auge de apoio por parte da política e da ideologia do governo de Getúlio Vargas.

Sobre este, inclusive, destacamos a matéria referente à comemoração do Dia do Trabalhador, ou seja, o 1º de Maio. Na primeira capa do jornal, enaltecia-se a data de forma bem significativa:

*Poucas vezes o estadio de São Januario acolheu tão numeroso publico, como ante-ontem, durante as festas comemorativas do “Dia do Trabalho”. Todas as dependências da magestosa praça de sports do grêmio cruzmaltino ficaram lotadas de um público entusiasta que acompanhou com enorme interesse o grandioso programa organizado pelo Departamento Nacional do Trabalho. Varias entidades sportivas desfilaram perante o chefe da Nação e altas autoridades do governo. A gravura fixa vários aspectos da grande cerimônia cívica. (...)*¹⁹⁵

Várias imagens são publicadas, e esta edição tornava-se uma das mais ilustradas em todo o período estudado neste trabalho, com fotografias do presidente Getúlio Vargas, sorridente e aparentando um estado de felicidade, do desfile de vários atletas de clubes e associações diversas, mostrando um ideia bem interessante: de que a ordem e a disciplina do desfile, por meio da marcha compassada dos atletas era compartilhada pela autoridade do chefe da nação.

Valorizava-se, também, a atuação do órgão responsável pelo evento, o Departamento Nacional do Trabalho, ligado ao Ministério do Trabalho, tendo, portanto, o *JS* contribuído com a missão institucional dos veículos de comunicação em divulgar a promoção das políticas para o trabalho e educação do Estado Novo de Vargas. Não só a imprensa tinha uma posição neste quadro, mas os clubes com sua “magestosa” praça de esportes, palco do desfile e de propriedade do Vasco da Gama e, também muito importante, sendo representados por seus atletas na ação considerada cívica pelo *JS*.

O desfile retratado pelo jornal, e pelos vários outros também, consolidava uma relação, para o seu público leitor, de harmonia e união entre as partes apresentadas, ou seja, a plateia presente, os atletas dos clubes, os próprios clubes, os estudantes e suas escolas e o Estado (representado pelo líder máximo da nação e pela estrutura burocrática estatal). O leitor do *JS*, então, era chamado a participar desta relação por meio da aceitação positiva do que era publicado.

Todas as manifestações esportivas em que houvesse a participação de atletas brasileiros continuavam a ter destaque no *JS* de forma ufanista e nacionalista, porém, com características mais chamativas, como o uso frequente de exclamações e letras garrafais para

¹⁹⁵ Os Festejos Comemorativos do “Dia do Trabalho”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 3.594, 03/05/1941. p. 1.

compor a manchete, além de usar e abusar da utilização de imagens. Bom exemplo disto é o reconhecimento do sucesso do atletismo brasileiro em uma matéria intitulada “Tri-Campeão Sul-Americano De Atletismo!”: “Esse, o honroso título assegurado pelo Brasil, ontem, embora somente hoje seja encerrado o magno certame”.¹⁹⁶ O jornal destacava em textos e imagens a participação de atletas femininas como, por exemplo, Crisca Jane, “a excelente atleta carioca, recordista sul-americana dos 800 metros com barreira”.¹⁹⁷

Apesar do *JS* manter um discurso nacionalista e instrucional, características da sua primeira fase, sempre que possível valorizava-se a atuação de atletas do Rio de Janeiro, bancando um “carioquismo”, que, por conta da rivalidade com os esportes de São Paulo (outra característica do primeiro momento do jornal), vendia bastante.

Os editoriais, ao longo da década de 1940, estariam mais voltados para a cobertura e para os assuntos do futebol, apesar do *JS* continuar cobrindo todos os esportes. Esta posição editorial se reflete nas demais páginas. Dentro dos demais esportes, todavia, ganhava mais espaço o basquetebol. A coluna “Basket-ball” aumentava de tamanho, chegando a uma página inteira e as notícias referentes a este esporte se tornavam cada vez mais frequentes e maiores. Outras colunas também continuariam a existir, mas destacando quase sempre o futebol, como no caso de “Sports em Nichteroy” e “O Football nos Clubes Independentes”. Tinha-se, ainda, a coluna “Cyclismo e Motocyclismo” e “Tennis”, mas que não eram publicadas diariamente e, sim, em dias específicos.

O papel de intervenção do jornal, por meio de criação e organização de eventos e concursos ligados aos esportes, também aumentava e se tornava mais corriqueiro. Na década de 1940, por exemplo, o *JS* lançava o “Concurso de Palpites Autorizados” que seria nada mais do que chamamos hoje de “bolão”.¹⁹⁸ Os leitores retiravam cupons em determinados pontos de distribuição, espalhados por toda a cidade e até fora dela (Centro, Zona Sul, Norte, Mesquita e Teresópolis) e concorriam a prêmios, após marcarem os palpites dos jogos estaduais entre os times de futebol. Jogo e participação ativa do leitor não seriam novidades no meio da imprensa. Alguns jornais já utilizavam esta fórmula desde o início do século, com o jogo do bicho, por exemplo. Porém, o *JS* inovara com as formas desta prática, envolvendo o mundo dos esportes e a popularizando com concursos e gincanas onde todos, sem exceção, poderiam participar de forma ativa. Mário Filho, portanto, criava então uma forma ainda mais direta de comunicação com o seu leitor, ao criar mecanismos de protagonizar a ação deste.

¹⁹⁶ Tri-Campeão Sul-Americano De Atletismo! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 3.596, 4/05/1941.

¹⁹⁷ Ibidem.

¹⁹⁸ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 3.597, 6/05/1941.

Já na metade da década de 1940, o *JS* perderia a sua logomarca de origem, com imagens poliesportivas de diversos atletas embarçados às letras do jornal. As letras que compunham o nome do periódico mudavam para um formato mais simples, sem imagens, muito menos uma relação com o universo multiesportivo, apesar do seu nome. Tal fato pode ser lido por três chaves de interpretação: a primeira de que o jornal passava para os seus leitores e anunciantes de que a empresa se modernizara e precisava adotar novos símbolos e marcas de sua evolução; a segunda, que derivaria da primeira, de que pretendia-se, desta forma, romper com um passado recente, dando a entender que aquele *JS* era diferente do deste, apesar de continuar o mesmo nome e a mesma empresa e, finalmente, o terceiro ponto, que poderia ser uma iniciativa de seu diretor em posicionar o jornal como realmente era, na década de 1940, ou seja, muito mais voltado para a cobertura do futebol, do que para uma cobertura poliesportiva, dando ênfase homogênea e em mesmo grau de importância para todas as modalidades esportivas, como a logomarca antiga sugerira.

Provavelmente, estas três hipóteses devem se encontrar na explicação dos reais motivos da substituição de uma logomarca por outra, porém, só podemos especular tais informações, pois as fontes utilizadas neste trabalho para esta questão específica só permitiram caminhar no campo da suposição.

Uma marca importante do *JS* nos anos 40 foi, sem dúvida, a publicação diária de colunas dedicadas a cronistas esportivos, para além de Mário Filho. Estas colunas, por suas características opinativas e muitas vezes polêmicas, eram muito populares entre os leitores, principalmente a de Vargas Neto. Outros nomes como Álvaro Nascimento, que participara desde a fundação do jornal e ocupara vários cargos na empresa, se destacando como redator, passaria a assinar a coluna “O Vasco em Dia”, que em nossa visão, era mais uma coluna social ligada ao clube cruzmaltino do que uma coluna essencialmente esportiva. Provavelmente, era uma forma, também de abrir mais espaços para o clube do Vasco, já que, como nós vimos, o apoio à dupla Fla-Flu era muito destacado. Existia ainda a coluna “Zé de S. Januário”, com o subtítulo “Uma pedrinha na Shooteira”, que apresentava um texto referente ao Vasco, como se tivesse sido escrito por um torcedor.¹⁹⁹ Na segunda metade da década de 1940, seria criada também uma coluna social dedicada ao Fluminense chamada “Carnet do Fluminense”, com informações sociais sobre as festas e eventos realizados por este clube. Esta era assinada por Mario Julio Rodrigues. Posteriormente, ao longo da década de 1940 foram criadas várias colunas como esta, ligadas ao meio social e esportivo dos

¹⁹⁹ Esta fórmula é utilizada ainda hoje, com características de humor e sátira, por alguns veículos de comunicação como o jornal esportivo *Lance* e alguns programas esportivos de rádio.

clubes. Eram elas a saber: “Voz do Madureira”, “O Dia do Bonsucesso” (de Isaac Cherman), “O América em Revista” (Luiz Bayer), “O Que vai pelo São Cristovão” (de Petrônio Rocha), “Diário do Flamengo” (de Pedro Nunes) e “Calêndário do Botafogo” (de Menezes Bastos).

A linha das crônicas de Vargas Neto era parecida com a de Mário Filho e seguia também a orientação editorial do *JS* de valorizar os grandes clubes, principalmente a dupla supracitada, assim como o papel de interferência nos assuntos políticos e sociais do mundo esportivo, conforme podemos perceber no exemplo abaixo:

*Cada clube deveria sempre eleger o presidente que fosse mais identificado com o seu presente, e sugerisse a melhor integração com o seu futuro.
Por esse motivo, a eleição de Hilton Santos para a presidência do Flamengo, não é apenas um ato de justiça a quem sempre se bateu pelo clube, a quem foi, em qualquer ocasião, uma sentinela indormida dos seus interesses, dos seus anseios e de suas tradições.
(...) E é por isso que o homem médio Hilton Santos pode botar, dentro do seu coração, o Flamengo de dentro e o de fora, e pode encerrar no seu peito uma alma do tamanho do Brasil.²⁰⁰*

Cabe considerar que em várias edições, a coluna de Vargas Neto era tão destacada, que se apresentava na primeira página, área nobre em qualquer periódico. Nesta crônica, podemos observar a opinião do autor sendo destinada ao público flamenguista e, mais principalmente, ao sócio que votaria os destinos políticos do clube.

O tom literário e curto do estilo da crônica com palavras vinculadas ao apelo sentimental são exemplos desta linha de comunicação. “Dentro do seu coração”, “alma do tamanho do Brasil”, “sentinela indormida” seguem um ritmo de linguagem que pretende vender uma ideia. Neste caso, vendia-se um candidato a presidência do Clube de Regatas Flamengo. Os cronistas, então, tinham uma linguagem rebuscada, mas ao mesmo tempo, direcionada para uma causa específica, uma campanha devida, um olhar direto sobre determinado evento ou situação e, desta forma, conquistava os leitores, ou mais adequadamente, seguidores.

Outro autor importante que também ocupava espaço nas páginas do jornal era José Lins do Rego, com a coluna “Esporte e Vida”, onde também ocupava espaço destinado principalmente aos comentários do mundo do futebol, conforme veremos no próximo capítulo.

Outros esportes passariam a receber mais atenção na década de 1940, como o voleibol, por exemplo, quase inexistente na década anterior e que agora recebia pelo menos um pequeno espaço no jornal. Porém, conforme já informamos, para além do futebol, o

²⁰⁰ VARGAS NETO. Hilton Santos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.025, 3/01/1946. Coluna A Cronica de Vargas Neto. p. 1.

basquetebol e o boxe eram os esportes que mais ocupavam espaço nas páginas, tendo, inclusive as suas colunas fixas. Como exemplo de como estes esportes eram tratados por este jornal, no referido período, temos a denúncia do *JS* sobre a má organização de um evento esportivo:

A notícia da realização do Campeonato Brasileiro de Basketball em julho, veiculada ontem, não trouxe o cunho oficioso que lhe poderia oferecer características de um rumo já traçado. (...) Em face, porém, da possibilidade da cogitação ganhar corpo, transformando-se em palavra de ordem para as entidades regionais, torna-se oportuno salientar a impropriedade da época. Em julho, os campeonatos desta capital e dos Estados estarão em pleno andamento. Sua interrupção importaria, é bem de ver, em prejuízos facilmente calculáveis. (...) Levando-se em conta, principalmente, o fato de que em princípio de 1947, deveremos organizar o Campeonato Sul-Americano, a realização do Campeonato Brasileiro no fim da temporada deste ano poderia até servir de “test” para a escolha dos “scratchmen” nacionais, vantagem a que se juntaria a de se não causar embaraços às entidades regionais, cujas disputas em novembro ou dezembro estariam concluídas desde que as não tivessem atrapalhado as atividades do calendário habitualmente incerto da Confederação Brasileira de Basketball. De qualquer forma, somos dos que pensam que a autoridade da Confederação não deve chegar ao ponto de prejudicar, sem necessidade, os interesses de suas filiadas. Preferimos, todavia, formar entre os que esperam ver, naquela escolha, um simples boato...²⁰¹

Aqui, levamos em conta dois fatores característicos desta fase do jornal: uma maior atenção ao basquetebol, que, em nossa interpretação, depois do futebol, era a modalidade esportiva que mais recebia atenção, juntamente com o boxe. Outro ponto importante: a disciplinarização do esporte deveria caminhar em harmonia com a sua organização. Ou seja, as entidades esportivas, defendidas pelo jornal, que teriam a missão de propor a difusão do esporte pela organização de campeonatos, amistosos, formulação de regras e leis específicas, não poderiam inverter este papel ao propor um calendário de atividades que fosse prejudicial à própria prática do esporte. Neste caso, o *JS* se posicionaria em favor do basquetebol e contra a CBB, pois, segundo ele, o excesso de poder desta Confederação não poderia sufocar as demais federações regionais.

Lembramos também que o tom desta matéria, que não era um editorial, era quase sempre de uma conversa com o leitor, com o jornal deixando bem clara a sua opinião, quando afirma “somos dos que pensam...”, pois criaria uma relação mais próxima e direta com o leitor. A informação, que no final do século XIX e no início do século XX, em relação à cobertura dos esportes, era bem breve e funcional, competindo com outras notícias consideradas mais relevantes, à exceção de momentos de grandes eventos esportivos, como o Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, por exemplo, sofreu, nas primeiras décadas do século vinte uma mudança significativa: um aumento da participação nos jornais. Porém,

²⁰¹ O calendário da CBB não deve ferir interesses de suas filiadas. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.028, 6/01/1946. p. 7.

apesar de um tamanho maior em número de linhas, colunas e imagens, ainda era uma forma de noticiar muito voltada para a descrição, tornando-se ainda mais funcional do que no período anterior.

As inserções dos jornalistas e de seus respectivos jornais na forma de narrar a notícia de forma opinativa e, por vezes, ficcional, é uma característica dos anos 30, com participação fundamental do *Jornal dos Sports* neste processo. Tal processo incluiria a elaboração de editoriais opinativos e, posteriormente, na década de 1940, no caso do *JS*, da consolidação das crônicas de escritores que exploravam a ficção.

Além da forma de escrever, o modelo de impressão das notícias passara a mudar com a fase de Mário Filho na direção do jornal. O uso de letras e palavras “garrafais” para apresentar as notícias, a exclamação constante, o apelo cada vez mais frequente à emoção que o esporte poderia causar no leitor são técnicas gráficas que se aliam ao novo modelo de redigir sobre o esporte.

Aumenta-se também, conforme tratamos anteriormente, a interferência do *JS* no diálogo com o público leitor por meio de concursos, gincanas e competições patrocinadas e organizadas pelo jornal, como, por exemplo, a “Competição de Torcidas”.

O jornal conseguira, com Mário Filho, ampliar a sua rede de influências entre o dirigismo esportivo por conta da publicação constante das competições e ações das dezenas de ligas, clubes sociais e esportivos e pessoas relacionadas ao esporte. Era comum a publicação de bilhetes e cartas que o jornal recebera felicitando pela cobertura jornalística, pelo apoio ao mundo do esporte e pelo trabalho desenvolvido ao longo de um ano.²⁰² Porém, os maiores destaques eram para os clubes, tanto os grandes quanto os pequenos clubes sociais e esportivos do subúrbio carioca.

Um outro grande assunto que passara a ganhar muito espaço no *JS* era o Carnaval. As festas, os bailes e qualquer assunto que se relacionasse com esta grande festa, ganhavam espaço nas páginas do jornal. A programação das festas e bailes era publicada ainda no mês de janeiro, praticamente semanas antes do calendário oficial. Percebemos que, em alguns clubes como o Flamengo, existiam bailes quase todos os dias nos meses de janeiro e fevereiro, o que nos faz pensar, mesmo sem ser o objeto central de nosso trabalho, de que a cidade do Rio de Janeiro aproveitava muito mais o Carnaval neste período do que hoje em dia.²⁰³

²⁰² Exemplos disto eram as felicitações de final de ano. Cf. Boas Festas a “Jornal dos Sports”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.327, 1º/01/1937. p. 2.

²⁰³ O Carnaval no Flamengo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.327, 1º/01/1937. p. 4. No fim da matéria, o *JS* avisava que “A directoria do Flamengo previne aos seus associados que é expressamente vedado o porte e uso de lança-perfume nas dependências do club”. Por conta deste aviso, percebe-se que este material era utilizado em muitas festas e, ao mesmo tempo, condenado e proibido oficialmente.

Anacronismos de lado, percebemos uma importância maior para as décadas de 1930 e 1940 na extensão dos dias festejados pelos cariocas nesta festa. Aliar comemorações festivas e culturais com os eventos esportivos tornava-se um casamento interessante para a consolidação de uma cobertura social da imprensa esportiva, o que fazia aumentar as vendas da mesma.

Aliás, comemoração, emoção e esporte eram ideias constantes no *JS*, e, em momentos de final de ano, o jornal não poderia deixar de cobrir a principal prova de atletismo no Brasil, que era a Corrida de São Silvestre.

Em 3 de janeiro de 1937, o jornal destacava o resultado desta corrida que celebra(va) o momento final da jornada esportiva brasileira na maratona percorrida nas ruas de São Paulo, na virada de um ano para o outro:

*Ocorreu-se mais uma S. Sylvestre. O estupendo certamen popular que “A Gazeta”, de São Paulo, realiza anualmente na noite derradeira do anno, teve um aspecto de excepcional grandeza, com as ruas por onde passaram cerca de mil corredores completamente tomadas de povo entusiasta e ordeiro.
 (...) Há detalhes curiosos que a reportagem do JORNAL DOS SPORTS vae fixando ao longo dos 7.640 metros rigorosos do percurso: (...)
 No borbolino dos primeiros collocados, lá está excepcionalmente um corredor carioca classificando-se honrosamente. É Desiderio Cesario Motta, o forte militar do Grupo Escola que surge em 12º lugar envergando a camiseta do Bomsucesso.
 (...) ao qual venceu conseguindo a melhor classificação até hoje atingida por um corredor do Rio justamente num anno em que a qualidade technica dos corredores se sobrepunha à própria quantidade de inscriptos.
 Desiderio cumpriu excellente performance. Um pouco mais atrás, Moreira da Silva, Anecio Macedo mais dois cariocas de boa classe.*²⁰⁴

Aqui retornamos o sentido do “carioquismo” imposto pelo *JS* aos seus leitores, pois apesar da maratona ser uma prova de caráter nacional (posteriormente, internacional, até os dias de hoje), o destaque maior da matéria investe na melhor colocação de um corredor carioca na prova, além de chamar a atenção para outros dois corredores, também cariocas, que teriam chegado em posições honrosas. Procurava-se dar destaque, então, aos atletas provenientes do Rio de Janeiro, mesmo que, em determinados momentos, como neste caso, ficassem em colocações bem abaixo dos atletas paulistas. O destaque para o vencedor era dado nos subtítulos do texto: “A victoria espectacular do corredor da A. A. Guarulhense – aspectos da sensacional competição – a figura dos cariocas – Desiderio Motta, o principal classificado do Rio”.²⁰⁵ Porém, não no pódio, mas nas palavras do texto do jornal, o vencedor da prova teria que dividir os louros da conquista com os seus colegas do Rio de Janeiro.

²⁰⁴ Mario de Oliveira, o novo “Az” Athletico que a S. Sylvestre Registrou. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.228, 03/01/1937. p. 2.

²⁰⁵ Ibidem. p. 2.

Uma causa cara ao *JS*, iniciada por Bulcão, mas ampliada por Mário Filho, era a campanha do jornal pela ampliação dos espaços esportivos na cidade do Rio de Janeiro e seus arredores. Não só os eventos deveriam ser prestigiados pela sociedade, mas o próprio poder público deveria investir mais neste setor. Para comprovar esta questão, selecionamos dois textos do *JS*, sendo o primeiro uma campanha para a construção de um estádio em Niterói e o segundo, a promoção da internacionalização do Rio de Janeiro, como praça de lutas de boxe:

*O prefeito de Nictheroy, comandante Miguelote Vianna, encaminhou à Camara Municipal da vizinha capital o requerimento do Sr. Eduardo Dias de Moraes Netto, para construcção de um estádio destinado à educação physica, desenvolvimento do turismo e pratica de sports, emfim uma obra sportiva que seja das mais importantes do paiz. Demonstrando a sua sympathia pela iniciativa, o Sr. Miguelote Vianna, na mensagem com a qual encaminhou o requerimento, accentua que 'Nictheroy muito carece de construcções e de empreendimentos impulsionadores do seu progresso e do seu embellezamento, como ocorre no presente caso.'*²⁰⁶

O empreendimento realmente notavel de fazer o Rio teatro de uma luta pelo campeonato mundial de box, merecia de todos o mais franco applauso, o mais decidido apoio. Basta attentar na bolsa fabulosa para o ambiente brasileiro, que exigiu Gustavo Roth, para que se tenha a certeza de que essa iniciativa visa mais imprimir um impulso vigoroso ao pugilismo nacional, do que um resultado financeiro. É uma tentativa arrojada, como nunca se imaginou que o Brasil comportasse. E isso representa acima de tudo, um enorme serviço ao sport indígena, si não formos olhar os outros aspectos verdadeiramente interessantes.

Na noite de 9 de janeiro, dentro de sessenta horas, antennas de todo o mundo captarão detalhes de choque sensacional. Aquelle rincão do estadio do Fluminense absorverá a atenção dos ouvintes de várias nações, servirá de motivo para as primeiras páginas dos jornaes de todo o mundo. Um título mundial será jogado pela primeira vez na América do Sul. E se alguém se julgou possível esse acontecimento, o mundo sportivo indicava Buenos Aires como scenario da pugna gigantesca. O esforço de um homem realizou um milagre: não seria Buenos Aires e sim o Rio quem assistiria a disputa de um campeonato do mundo.

*O mais doloroso é que nem todos comprehendem a significação desse facto para o Brasil, para o sport nacional. Não se mallogre o empreendimento, mas ficará, sem duvida, um mau aviso para os que se dedicam, desprendidamente, a prestar serviços ao sport, arriscando capitaes enormes.*²⁰⁷

Apesar do teor dos dois textos ser diferente, temos algo em comum: o de se discutir os espaços necessários para a prática e para a “assistência” do esporte na cidade do Rio de Janeiro e Niterói. O boxe, que recebia um tratamento privilegiado do *JS* e dos demais jornais da cidade, retratava uma sociedade que gostava deste esporte, apesar do Rio de Janeiro não estar incluído nos grandes centros mundiais desta luta, como Buenos Aires, por exemplo.

A comparação de nossa atuação na organização dos esportes fora muito comparada com a dos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. Portanto, a consagração do esporte nacional, também chamado de indígena, numa alusão ao espírito natural do brasileiro, viria com empreendimentos como estes, ou seja, pela criação de espaços para a prática dos esportes e da educação física, como

²⁰⁶ Quando as autoridades sportivas se desinteressam surgirá um estádio em Nictheroy, de iniciativa particular. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.228, 03/01/1937. p. 4. Coluna Sports em Nictheroy.

²⁰⁷ Um Empreendimento que Merece Todo o Applauso. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.231, 07/01/1937. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

pela organização de eventos internacionais, deixando claro, para todo o mundo, que o Brasil estaria civilizado o suficiente para ingressar em um circuito mundial de grandes momentos mundiais do esporte.

Posteriormente, este mesmo discurso seria utilizado para a organização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950. Vale a pena ressaltar que o segundo texto fora destaque da coluna “Críticas e Sugestões”, editorial do jornal assinado por Mário Filho, e que era raro a mesma não trazer grandes temas ligados ao universo do futebol.

Também chamamos a atenção para a oportunidade do *JS* valorizar o trabalho de homens que investiam em torneios e competições ligados ao esporte, de forma desinteressada, sem privilegiar a questão financeira, como, por exemplo, o próprio proprietário do jornal fazia. Tratar, desta forma, destas distintas pessoas da sociedade carioca era como se fosse advogar em causa própria, refletindo em um mesmo espelho, o que se entendia por *sportsmen*. Como já vimos, o papel do *JS* era mais do que cobrir e publicar as notícias do esporte e sim participar ativamente da sociedade, ao propor intervenções por meio da criação de grandes campanhas e da organização de importantes eventos esportivos.

Por fim, e não menos importante, o jornal daria muito destaque no final da década de 1940 às Olimpíadas Operárias, alimentando a ideia de que esportes, disciplina e mundo do trabalho eram conceitos muito próximos e que deveriam ser celebrados em momentos como este, como podemos perceber no seguinte texto que tratava da segunda edição deste evento:

A INAUGURAÇÃO da II Olimpíada Operaria assume maior importância porque é uma segurança de continuidade. A semente lançada há um ano frutificou. De tal forma que não se trata mais de um certame circunscrito a uma zona.

*É verdade que a I Olimpíada Operaria teve representações de Estados. A competição, porém, não atingia o caráter nacional de agora. A II Olimpíada Operaria reúne trabalhadores de todo Brasil. Assim, a chama olímpica que se acendeu, há um ano, em São Januario, estará acesa, hoje, em cada Estado da União. Milhares e milhares de operários – disputarão, pelo Brasil afora, provas de quase todos os sports. Nos campos, nas pistas, nos ginásios, nas oficinas. E milhares e milhares de operários estarão nas arquibancadas torcendo pela sua fábrica, pela sua empresa, pelo lugar onde trabalha. É preciso que se compreenda o valor que isso tem. Isto: a significação da Olimpíada Operaria, **aproximando empregados e patrões. Favorecendo um entendimento entre o capital e o trabalho.***

(...) A fabrica não será, apenas, para o operario, a máquina que ele movimenta, a loja não será apenas, para o empregado, o balcão que o separa do consumidor, será também uma camisa que ele aprenderá a amar como se ama a camisa e a bandeira de um clube.²⁰⁸

Se a palavra de ordem nos anos 30 para o *JS* era a defesa da nação e da pátria (invariavelmente grafadas com letras iniciais maiúsculas), disciplina e organização dos esportes, além da valorização eugênica dos esportes como instrumento de intermediação entre boa saúde e boa raça de brasileiros, a segunda metade dos anos 40, teria como mote, mais um

²⁰⁸ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.733, 1º/05/1948. p. 7. Grifos nossos.

capítulo na linha editorial do jornal: a de divulgação de uma ordem harmônica entre patrões e empregados, quando, superando qualquer possibilidade de desentendimento entre as classes, ou seja, “chutando para escanteio” a luta de classes entre trabalhadores e o “capital”. A própria afirmação do jornal em separar capital e trabalho, nos dá conta de que a ideologia liberal e capitalista dos dirigentes do jornal, principalmente Mário Filho, tinha uma ojeriza por teorias que pudessem dissociar estes dois mundos, como o socialismo, por exemplo.

Quando esta matéria foi publicada, em pleno governo Dutra, o Brasil passava por um momento de início de um período democrático liberal, com o retorno das eleições diretas e o surgimento do multipartidarismo, inclusive, alguns, com a pretensão de tornarem-se legendas com representação nacional, como a União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Todavia, apesar do final da ditadura do governo Vargas (1930-1945) e o surgimento de instituições e instrumentos democráticos, o país passara por uma onda conservadora muito forte, pois o Brasil alinhara-se, do ponto de vista da política externa e das relações internacionais e econômicas aos Estados Unidos, em um período inicial de Guerra Fria.

Um bom exemplo da atuação deste alinhamento fora, um ano antes, em 1947, a cassação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e de seus políticos, inclusive eleitos pela via popular e democrática, pela alegação de se tratar de um partido cuja ideologia era contrária à democracia. Desta forma, o *JS* contribuirá, em seu universo esportivo, para a divulgação dos modelos capitalista e liberal ao propor que o operário lutasse, com todas as suas energias, pelo seu ambiente de trabalho e que os demais estivessem, ao menos, na torcida por eles.

O símbolo da identidade destes trabalhadores atletas seriam, acima de tudo, a sua camisa que, durante as provas e competições, virariam o seu uniforme de trabalho. A vitória do trabalhador não teria sentido por ela mesma, ou seja, não seria um sucesso pessoal, mas sim, se fosse parte de um contexto maior: a representação da própria fábrica ou empresa, enfim, de um conjunto harmônico.

Na continuação do texto temos que:

O esporte sempre foi uma força de aproximação, de confraternização. Os jogos olímpicos, por isso mesmo, valem como um símbolo de paz e da harmonia. Através dele, patrões e empregados podem aproximar-se e confraternizar-se. A I Olimpíada Operária foi, sobretudo, uma demonstração. Embora alcançasse a realização continuou a ser uma ideia. Uma ideia que era preciso preservar, mas que só seria preservada se as fábricas e as empresas a aceitassem como um ideal. A II Olimpíada Operária superará, em vulto, a primeira. Os trabalhadores atletas se multiplicaram. Quase dez mil desfilarão hoje em todo Brasil. E mais de cem mil estarão presentes, como torcedores;

*(...) Chegará um dia em que nenhuma fábrica, em que nenhuma empresa estará fora das Olimpíadas Operárias. Todas ellas compreendendo o que significam as Olimpíadas Operárias para **um melhor entendimento entre capital e trabalho.** (...)*²⁰⁹

Portanto, mais uma vez, apelava-se para o “entendimento entre capital e trabalho” e fazia-se uma campanha em tom de chamada, para que todas as empresas investissem nesta participação esportiva e que representava a união entre o mundo dos esportes e o mundo do trabalho. Para tanto, fazia-se uma associação das Olimpíadas Operárias com os Jogos Olímpicos, pois os propósitos de ambos seriam os mesmos, ou seja, o de alcançar a paz e a harmonia. Se nos Jogos, a proposta era unir as nações por meio dos esportes, nas Olimpíadas Operárias, esperava-se a confraternização harmônica entre as classes sociais, para alcançar, assim, uma nação forte e unida.

Enfim, a entrada de Mário Filho daria um discurso mais vibrante ao *JS*, tanto em sua parte gráfica como editorial, e, também, encamparia projetos específicos de divulgação dos clubes e do esporte carioca e fluminense. A missão de Mário Filho, ao acompanhar o histórico opinativo do *JS* de Bulcão, além de seu caráter de interventor em grandes causas e campanhas esportivas seria a marca do jornal dos anos 30 e 40.

A associação com poder político e social também foi, em seu período, um momento muito maior de adesão do que de confronto, tanto no período de ditadura como no período de democracia liberal. Evitar divergências com o Estado e seus dirigentes maiores era um aprendizado, uma “herança imaterial” que o jornalista saberia muito bem utilizar em prol da consolidação de uma nova forma de noticiar os esportes.

Veremos, a seguir, como a principal estrela do *JS*, o futebol, era retratado em seus dois momentos históricos: o de Bulcão (1931-1936) e o de Mário Filho (1936-1950). A escolha por dedicarmos um capítulo a parte para tratarmos deste esporte é um reflexo da importância que o jornal dedicava ao mesmo, o que na verdade ocorria na própria sociedade carioca.

²⁰⁹ Ibidem. p. 7. Grifos nossos.

CAPÍTULO 3: O *JORNAL DOS SPORTS* E O FUTEBOL

3.1: Este esporte pegou de vez: futebol é o que interessa

O objetivo do capítulo é perceber, no futebol, um campo de atuação privilegiado para a imprensa especializada. No caso do *Jornal dos Sports*, o tratamento dado a este esporte não seria diferente. Muito pelo contrário, a década de 1930 seria exemplar, pois futebol e imprensa cresceram juntos com uma velocidade até então pouco percebida.

Vamos analisar o tratamento que o *Jornal dos Sports* dava ao futebol no período da linha editorial liderada por Argemiro Bulcão (1931-1936) e de como este esporte dominava as páginas do periódico. Lembramos que o *Jornal dos Sports* se caracterizava por noticiar uma gama muito variada de atividades esportivas, tentando valorizar todas as práticas desportivas disponíveis na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, era inegável que o futebol era a grande menina dos olhos dos jornais especializados e mesmo os da grande imprensa.

Nos anos iniciais do *JS* percebemos a preocupação de investir na cobertura dos jogos e no noticiário de todas as manifestações possíveis desta prática esportiva. Eram publicadas informações sobre os jogos considerados importantes, como os do campeonato carioca e os amistosos regionais, nacionais e internacionais, as excursões, entrevistas com jogadores e dirigentes dos clubes e das ligas, tabelas dos campeonatos etc.

Diariamente, o *JS* abria espaço para colunas e notas sobre os jogos realizados na segunda divisão do campeonato carioca, nas ligas independentes e nos subúrbios do Rio de Janeiro. O jornal cobria dos grandes aos pequenos clubes, sendo que o futebol, no final do anos 1920, já era popularizado e, nos anos 1930, passara a atingir patamares de grande relevância. Já não se praticava o futebol apenas nos colégios mais tradicionais e ricos como antes, mas em vários lugares, como nas praças públicas, nos espaços de lazer das fábricas, nos colégios públicos etc. Praticamente, em todos os bairros do Rio de Janeiro, existia, pelo menos, um clube que apoiava ou competia em torneios e campeonatos amadores. O futebol tomara, de vez, a cidade.

A imprensa, portanto, seguira esta febre e o *JS* inovara ao se especializar como um veículo de comunicação que nascera diário e investia na defesa de uma identidade dos esportes nacionais que pudessem melhorar a saúde e a higiene mental e física do brasileiro.

Para cobrir o futebol, algumas estratégias editoriais foram consagradas pela direção de Argemiro Bulcão. Podemos citar uma campanha visceral do jornal para acabar com a

violência nos jogos, tanto entre jogadores, como entre as torcidas. Para o *JS*, a prática do futebol era mais do que um esporte, era uma atividade física que representava o homem moderno e civilizado. Portanto, a falta de cordialidade, a tentativa de agredir, reclamar ou ludibriar o árbitro de uma partida, seria não resultado da tensão inata de um jogo, do dinamismo de um esporte que requer contato físico, mas sim, de uma falta de preparo dos jogadores e de seus clubes para praticar uma modalidade que exigisse um comportamento adequado do “verdadeiro” *sportsman*.

Não temos relatos de confusões ou agressões de atletas e público em outros esportes naquele momento, o que nos faz crer que, ou o jornal não cobria tais fatos ocorridos, ou o grau de tensão e de choque nos demais esportes, principalmente coletivos, como o basquetebol, não gerava conflitos nas arenas e quadras.

Como exemplo da forma de retratar a violência nos jogos de futebol, temos a seguinte matéria acerca de uma partida disputada entre os clubes América e Bonsucesso:

A refrega que teve um ligeiro arranhão disciplinar, não deve ser dispensado nesse aspecto, um severo commentario.

Isso porque, players dos dois bandos procuraram varias vezes perturbar o seu transcurso, pondo em pratica jogadas perigosas. Convenhamos que taes procedimentos além de anti-sportivos, são também prejudiciais á technica. De um lado Alfinete e de outro Oscarino foram os principaes executadores dessa modalidade de jogo, se bem que o half rubro sem revide.

*Bata-se mais uma vez a mesma tecla: já é tempo de se acabar com o jogo “perigoso”!*²¹⁰

Percebemos um tom de irritação pela repetição desta prática nos jogos, a ponto do jornal apontar os dois times como “bandos”, por apresentarem jogadas perigosas contra a integridade física do adversário.

O jornal, todavia, não culpava o árbitro da partida, pois apesar de apontar os seus erros, os mesmos eram sempre minimizados e nunca tidos como responsáveis pelo aumento dos ânimos agressivos dos atletas: “O Sr. Jorge Marinho foi o dirigente do prélio, tendo actuado com rigorosa imparcialidade. As pequenas falhas que teve não acarretaram qualquer prejuízo ao desenrolar da peleja.”²¹¹ O juiz da partida, símbolo da autoridade e da disciplina que o jogo deveria ter, recebia, em quase todas as oportunidades, as melhores críticas dos redatores do jornal. A culpa, então, sobraria para os atletas. Não por acaso, o subtítulo desta notícia enfatizava que: “Quando a disciplina é relegada a plano secundário”. Como já vimos

²¹⁰ O America Impôz Ao Bomsucesso o Revéz de 3 x 1. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 1.119, 08/01/1935. p. 4. Grifo nosso.

²¹¹ Ibidem. p. 4.

no capítulo anterior, disciplina era uma palavra chave para compreender que tipo de esporte o JS defendia.

Em outro jogo, travado entre o São Cristóvão e o Vasco da Gama, temos o seguinte texto:

(...) A technica foi desprezada. Prevaleciam as jogadas rápidas e impetuosas. Dez minutos depois de começado o último periodo, Lamana, shoota na trave, a bola volta e Nena emenda. Francisco atira-se mas não consegue deter a pelota. Zé Luiz num grande esforço corre para dentro do goal e rebate, mas o couro já havia transposto a linha da meta. Era o segundo ponto dos vascaínos.

Os locaes reclamam e o match se interrompe por alguns minutos. Quando prosegue é para mostrar ao publico, a violência de alguns elementos, principalmente de Armando, que castiga barbaramente a Kuko, repetidas vezes. A disciplina se esconde por detraz das archibancadas...

De prélio amistoso que estava combinado, passou a ter o caracter de um embate decisivo pelo titulo maximo. O juiz é apupado fortemente. Os espectadores falam da inexistência do Codigo de Penalidades para reprimir os excessos e indagam da data de installação da Federação Metropolitana...

(...) Pouco depois o jogo se interrompe novamente. Vicente e Fausto trocaram pontapés e quasi se atacam. Directores dos dois clubs entraram em campo e as vaias estrugem de todos os lados. Durante seis minutos se discutiu no grupo que se formou, e os paredros fizeram ver aos players que o match era amistoso... Felizmente os factos não tiveram gravidade maior.²¹²

Aqui temos mais um exemplo de violência no futebol carioca, ou de como o jornal enxergava tais atos, inclusive com a participação de dirigentes dos dois times. O jornal lembrava que o jogo não fazia parte de uma competição oficial; era, apenas, um amistoso, um jogo que tinha o objetivo de manter os atletas em boa forma física ou celebrar alguma data específica.

Assim como na outra matéria, a preocupação maior do JS era com o desenvolvimento da técnica que, com os casos de violência, arruinaria a capacidade de jogar de forma positiva o futebol. Para além da técnica, todavia, a preocupação era com a disciplina social dos atletas, investindo numa propaganda de civilidade no campo esportivo. Mais uma vez, lembramos que a disciplina era uma palavra-chave na sociedade brasileira, tendo o governo Vargas se esmerado por implantar uma política de disciplinar e ordenar o mundo do trabalho e a sociedade.

Em um terceiro exemplo desta campanha pela não violência e pela disciplinarização do futebol, temos a seguinte matéria:

(...) O chronista, pondo de parte “a xaropada” de “fulano passa para beltrano”, que shoota para sicrano defender”, ficou de lápis em punho, anotando cousas que servem, agora, valiosamente.

Podemos attestar, por exemplo, sem o mínimo receio de contestação, que o numero de investidas dos suburbanos foi maior que o das incursões cruzmaltinas.

²¹² O S. Christóvão Não Soube Manter a Supremacia E O Vasco Igualou A Contagem. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 1.119, 08/01/1935. p. 1 e 4.

Sobre o árbitro da partida:

Foi esse sportsman o elemento escolhido pelo Bangú para “Bóde Expiatorio”.

Não encontrando outro motivo para justificar a derrota – quando deviam attentar para a flagrante diferença de classe – (...) do Bangú resolveram fazer carga cerrada sobre o juiz.

Não se deve, entretanto, culpar o juiz, sem mostrar as suas falhas.

Ahi vae a nossa opinião:

- Jorge Marinho errou bastante, mas esteve longe de alterar o resultado numérico!

(...) Jorge Marinho foi insultado e agredido como se tivesse annullado meia duzia de goals do Bangú e validado outros tantos tentos illegalmente feitos pelo Vasco!

Marinho foi chamado summariamente de ladrão, embora seja um rapaz distincto, correcto e talvez muito mais honesto do que muita gente que duvidou de sua probidade...

*O mais interessante é que um guarda civil, naturalmente adepto do team que perdeu, teve o desplante de cortar a fuga do juiz, agarrando-o pelo pescoço, afim de facilitar a tarefa dos agressores! **É preciso acabar com isso!**²¹³*

Este jogo, que se caracterizou por uma violência contra o árbitro da partida, continuaria a ser motivo de notícias por parte do jornal nos dias seguintes, com o objetivo de execrar a falta de disciplina do time do Bangu. Mais uma vez, a arbitragem é “salva” pela ação dos redatores do jornal, assim como é explicitada a insatisfação do JS pelo fato ocorrido, deixando claro que tais atos não seriam tolerados por este veículo.

Nesta matéria destacamos, também, a forma de comunicação do jornal com o seu leitor. Isto é, havia uma tentativa de direcionar mais o diálogo, ao sair de uma mera descrição do jogo, uma “xaropada”, de acordo com o jornal, para uma avaliação mais direta, opinativa e com conteúdo sobre os fatos. Não temos dúvida neste diálogo, mas sim, certezas absolutas. O JS se apresentava como o tradutor de uma única realidade: o juiz não influenciou o resultado da partida e os jogadores do Bangu (“os suburbanos”), assim como o guarda civil, perderam o controle psicológico e emocional durante o jogo.

A mera descrição dos jogos já fazia parte de um passado recente e que se procurava superar. No entanto, as palavras ainda estavam em um nível bem “cavalheiresco”. Palavras bem formais eram usadas para descrever o universo do futebol, como, por exemplo, “players”, “half”, “match” e “prelio”. Por mais que o leitor conhecesse o significado das mesmas, ainda eram carregadas com o significado do universo do esporte estrangeiro, principalmente o inglês, e que, portanto, fazia sentido apelar para que houvesse mais gentileza e cavalheirismo nos jogos.

Como dissemos, este último fato também foi tema do editorial do dia seguinte:

*Deixaram attonita a assistência, os deploráveis acontecimentos de domingo último, no Estadio do Fluminense. **Mais um juiz foi estupidamente esbordado...** E foi duplamente lamentável o facto, porquanto o seu autor é um jogador limpo, que sempre se conduziu com correcção, como é Ladislau. Em um momento de desvario, em um estado de semi-inconsciência, possivelmente produzido por um excessivo dispêndio de energias, Ladislau*

²¹³ A Classe Indiscutível Do Quadro Do Vasco Invalidou Todas As Energias Dos Homens Do Bangú. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 952, 26/06/1934. Grifo nosso.

desmandou-se e assumiu uma atitude que o seu passado desautorizara. Foi um acto impensado, de um jogador cuja fé de officio deve ser tomada em consideração.

Uma atitude interessante, que merece um realce especial, é a do arbitro Jorge Marinho. Apesar de ter sido vítima de uma inopinada agressão, com um gesto elevado de nobreza, está buscando (...) a culpa do seu agressor, atribuindo-lhe o gesto a uma momentânea privação de sentidos, conseqüente do ardor com que a partida fóra disputada. Elle não se quer prevalecer da sua posição para sobrecarregar o jogador, dando maiores proporções ao seu acto impensado.

Não, Jorge Marinho, como um “sportsman” distincto que é, responde á agressão e ás insinuações perversas, com uma attitude nobre.²¹⁴

O jornal, então, em seu editorial, condenava a ação e revelava que este tipo de atitude se tornava comum ao informar que “mais um juiz foi estupidamente esbordoado”. O preocupante, para o *JS*, era que o autor principal da agressão, o jogador banguense Ladislau, não tinha um histórico deste tipo de jogada. O receio do *JS*, portanto, era de que o fato se banalizasse e que o cavalheirismo no futebol fosse substituído pela agressividade, violência e ausência de disciplina.

Se faltava cordialidade por parte dos jogadores, ao árbitro, o mediador da disciplina esportiva, sobrava gentileza e distinção e, diante de tudo que sofrera durante o jogo, acenava com uma atitude de nobreza. A arbitragem, então, ainda seria um nicho da nobreza disciplinar que o futebol estava perdendo.

Além da violência no futebol, um tema bastante explorado durante a primeira metade da década de 1930 nas páginas do *JS* era a questão do profissionalismo deste esporte. Desde a década passada, vários clubes já adotavam esta prática, sendo apelidada de “semiprofissionalismo” ou “amadorismo marrom”. Ou seja, os clubes contratavam os seus jogadores em troca de salários para defendê-los em torneios e campeonatos, o que feria o regulamento das associações existentes, que valorizava uma prática do futebol nobre e sem objetivos financeiros. A ideia central era “o esporte pelo esporte” e não por lucro ou como meio de vida.

Todavia, mesmo na década de 1920, vários clubes utilizavam esta prática como subterfúgio para contar com atletas de qualidade, que possibilitariam um maior rendimento do seu time em relação aos outros. Por mais que as associações fossem representadas pelos próprios clubes e estes mantivessem um discurso em prol do amadorismo no futebol, na prática a conversa era outra: os times buscavam a superação dos adversários em detrimento do diletantismo no esporte.

O *JS* nascera numa conjuntura favorável ao profissionalismo, quando a maior parte dos clubes, senão todos, exerciam esta prática, em maior ou menor grau. Daí para a

²¹⁴ Uma Atitude. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 953, 27/06/1934. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões. Grifos nossos.

oficialização, ocorrida em 1933, foi um período em que o jornal fizera uma forte campanha em prol do futebol profissional. O jornal argumentava que a prática já estava consolidada, não tendo como voltar atrás. Além disto, a sociedade urbana brasileira passara por uma série de transformações e que o ritmo ditado por este novo tempo era sinal de que as relações sociais e de trabalho precisavam ser rediscutidas. Em se tratando do campo esportivo, esta discussão não poderia ficar de fora, pois os esportes, na verdade, eram símbolos de uma modernidade humana que se desejava alcançar, ao valorizar a saúde e o bem-estar do homem, em um momento onde a agilidade e o dinamismo eram marcas de uma vida social cada vez mais frenética e pulsante.

Durante todo este período, o jornal publicaria notícias, entrevistas com jogadores e dirigentes, editoriais e cartas de leitores defendendo o profissionalismo no futebol, que possibilitaria ampliar um espaço de qualidade da técnica de se jogar este esporte, já que muitos ficavam alijados desta prática por ter que trabalhar em outra área. Com o profissionalismo, o Brasil teria mais sucesso nas competições internacionais e a técnica dos atletas poderia ser aprimorada, pois os mesmos teriam apenas este ofício para se concentrar.

É interessante percebermos que a luta da imprensa esportiva em defesa do profissionalismo no futebol é também um olhar sobre a sua própria condição, já que o processo de profissionalização do jornalista também corria *pari passu* com o dos jogadores do futebol, apesar de quase não se discutir sobre este assunto nos veículos de comunicação da época. O processo de melhoria das condições de trabalho dos repórteres e jornalistas seria um dos fortes motivos que levaram à criação de associações de classe como a Associação dos Cronistas Esportivos e a Associação Brasileira de Imprensa, por exemplo.

Voltando à questão da defesa do profissionalismo no futebol, o seguinte artigo apontava um balanço esportivo do ano de 1932:

Extinguiu-se o anno de 1932. Que teria sido elle para os nossos sports, benefico ou prejudicial? É bastante difficil dizer-te, através de um balanço rápido tivemos o “pic-nic” de Los Angeles, de tão lamentáveis consequências. Em materia de jogos internacionaes aqui, nada houve de importância. Os campeonatos nacionaes não foram realizados. O football carioca atravessa um período de innocultavel declínio, desaprimora-se-lhe a technica e as assistências decaíram sensivelmente. Numerosos problemas de innegavel importância aguardam solução ainda, etc. Felizmente, tivemos um fecho admiravel para o anno de 1932, as tres lindíssimas victorias conquistadas de modo honrosissimo, pelos nossos patrícios, em Montevidéo .

*Findou o anno, outro que se inicia, uma vida nova que se deve começar. Cumpre haver maior disposição, mais coragem por parte dos dirigentes para enfrentar os problemas sportivos e dar-lhes as soluções necessárias. Ah! temos, antes do mais, a **imprescindibilidade de regulamentar-se o profissionalismo**, cuja existência entre nós ninguem sériamente poderá negar. A questão do numero de clubs componentes da primeira divisão da A.M.E.A, que deve ficar definitivamente resolvida, a fim de que alguns clubs não se vejam numa situação de constante ameaça, dada a sua instabilidade.*

*Outro caso importantíssimo, cuja, resolução não póde ser protelada, é a pacificação entre a A.M.E.A e a A.P.E.A. É incompreensível, é sobremodo deplorável, que os dois maiores nucleos sportivos do paiz estejam separados, inimistados. JORNAL DOS SPORTS faz sinceros votos para que o nosso progresso sportivo se accentue de modo positivo em 1933.*²¹⁵

Dentre os temas esportivos mais relevantes, nesta breve retrospectiva do *JS* para o ano de 1932, temos a necessidade de regulamentação do profissionalismo, tendo em vista a sua “existência entre nós” e que “ninguém seriamente poderá negar”. Mais do que uma profecia, o jornal sabia que dificilmente o ano de 1933 terminaria sem que antes este tema fosse tratado e regulamentado de vez. A técnica do futebol carioca também, de acordo com o jornal, declinara, em parte pela falta de uma generalização da atividade profissional por todos os clubes, o que gerava a falta de preparação física, e, em parte, por conta da violência que assombrava os jogos e as arquibancadas.

Nesta mesma edição, o *JS* publicava na primeira capa, com continuação no interior do jornal, uma matéria revelando a condição salarial de vários jogadores argentinos, com o intuito de fomentar uma mentalidade profissional entre os nossos clubes e também entre os próprios leitores.

*Subsidios Para o Nosso Profissionalismo
Quanto Percebem Os “Cracks” Do Racing, De B. Aires*

Agora que se cuida de estabelecer, entre nós, o profissionalismo ás claras, é opportuno saber quanto ganham elementos profissionaes de um club do nosso continente.

A propósito, vamos informar a importância que percebem os footballers do Racing, de Buenos Aires.

PATERNOSTER – Percebe 350 pesos mensaes.

Firmou contracto em 30 de maio de 1931, recebendo de “luva” 3.000 pesos. Renovou o contracto ate 29 de maio de 1934. Faz jus, também, a uma bonificação de 50 pesos por match.

DELLA TORRE – Ganha 350 pesos mensaes. Assignou o contracto em 30 de maio de 1931, quando embolsou 3.000 pesos. Vencido o contracto em 29 de maio de 1932, renovou-o até 29 de maio de 1934. Não cobra bonificação por jogo.

BOTASSO – Recebe 300 pesos mensalmente, além dos 2.000 que lhe deram ao firmar o contracto em 1931. Esse contracto se venceu em 27 de maio de 1932, quando foi renovado para 27 de maio de 1934. Tem 50 pesos de bonificação por partida disputada.

(...)

*Para que os nossos leitores possam fazer uma idéa segura sobre os vencimentos dos jogadores profissionaes argentinos, fazemos saber que o peso vale, actualmente, em moeda brasileira, a quantia de 3\$524 (cotação do dia).*²¹⁶

Com esta informação o jornal acreditava que prestava um serviço para que o leitor tivesse pelo menos uma noção de quanto um jogador de um clube considerado grande, como o Racing, na Argentina, poderia ganhar como salário. Os contratos eram diferenciados em tempo, valores, se recebiam bonificação por jogo ou não, o “bicho”, como seria chamado no

²¹⁵ Novo ano, vida nova. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 558, 1º/01/1933. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

²¹⁶ Subsidios Para o Nosso Profissionalismo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 558, 1º/01/1933. p. 1 e 4.

Brasil etc. No final, fazia uma rápida equivalência com a moeda brasileira, o que tornaria a notícia bastante útil para quem quisesse conhecer os benefícios, para os jogadores, da oficialização do profissionalismo.

A comparação com o futebol argentino era inevitável, já que se buscava concorrer com o desenvolvimento do futebol no restante do continente sul-americano, almejando atingir o topo que, naquele momento, pertencia ao Uruguai (campeão mundial em 1930 e bi-campeão olímpico em 1924 e 1928) e à Argentina (vice-campeã mundial e vice-campeã olímpica em 1928).²¹⁷

Para termos uma pequena noção do valor recebido por um jogador de futebol na Argentina, e o quanto poderia receber um brasileiro, o jornal informava, que um atleta que recebesse 300 pesos equivaleria a um conto de réis e 57.200 réis, tendo por base a equivalência de 1 peso para 3.524 réis.

Associando a valores de produtos da época, temos, por exemplo, o valor avulso do *JS*, custando 100 réis. Outros produtos podem ser comparados na tabela a seguir:

Quadro 2: Valores de alguns produtos para o ano de 1933²¹⁸

Produtos	Valores (em réis)
1 garrafa de álcool	1\$800
1 pacote de algodão	\$440
1 vassoura piaçava	2\$100
1 resma de papel almaço	16\$000
1 caixa de giz branco	2\$000
1Kg de sabão lavadeira	1\$180
1 toalha para rosto	1\$500
1 vidro de iodo	1\$800

²¹⁷ Cabe informar que os organizadores das Olimpíadas de 1932, em Los Angeles (EUA), não incluíram o futebol na disputa dos jogos, devido à baixa popularidade deste esporte naquele país. Além disto, a organização da primeira Copa do Mundo em 1930 organizada pela FIFA criou uma competição a parte com o COI. Duas competições mundiais de futebol em um prazo curto de dois anos parecia algo impensável para a época em questão.

²¹⁸ Esta tabela simplificada foi retirada de uma tabela maior sobre produtos e valores a serem comprados por um grupo escolar no ano de 1933. Cf. REIS, Amada de Cássia Campos. Grupo Escolar “Costa Alvarenga”: um marco na história da educação de Oeiras – 1929 a 1950. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT13.PDF>>. Acesso em: 16/11/2010.

Portanto, levando esta referência para o Brasil, os jogadores receberiam um salário apenas razoável para o seu sustento, mesmo que a inflação do período fosse um adversário forte.

De qualquer forma, a campanha empreendida pelo *JS* seguia firme e mais matérias eram publicadas pelo jornal, como a própria carta dirigida à recém-criada Liga Carioca de Futebol, que surgira justamente para que os clubes cariocas pudessem organizar um campeonato oficial de profissionais, já que a liga existente, a AMEA, com o apoio da CBD, não autorizara tal feito. Os clubes “rebeldes” recebiam o seguinte documento:

A NOSSA ATTITUDE

A Regulamentação Do Profissionalismo Não Alterará As Praxes de “Jornal Dos Sports”

À directoria da novel Liga Carioca de Foot-Ball, JORNAL DOS SPORTS dirigiu, hontem, a seguinte carta:

“Afim de evitar interpretações menos justas da attitude deste jornal, collocando-se francamente ao lado da causa honesta da regulamentação do profissionalismo, que defendeu sempre com o maior entusiasmo, como ponto de vista há muito adoptado, servimo-nos da presente para comunicar a v.v. s.s. que, como até agora, na vigência do chamado amadorismo, JORNAL DOS SPORTS continuará publicando gratuitamente todo o noticiário relativo a jogos de foot-ball, quer officiaes, quer amistosos, bem como os comunicados distribuídos por essa nova entidade, que contenham assumptos sportivos de interesse geral, o que pedimos seja communicado aos clubs seus filiados.

Servimo-nos da oportunidade para apresentar a v.v. s.s. os votos sinceros que formulamos pela prosperidade sempre crescente da novel entidade.”²¹⁹

Em clima de apelo pela regulamentação do futebol profissional no Brasil, com campanhas fortes dos clubes, brigas e rachas entre ligas cariocas, paulistas e nacionais, e dos diversos jornais de grandes centros urbanos, o *JS* se posicionava claramente em favor da nova liga e seu propósito: o de estabelecer um novo padrão nas relações entre clubes e atletas, o que mudaria, de fato, a própria ideia de futebol brasileiro.

A publicação desta carta retrata o papel do jornal em deixar claro, para o seu leitor e para quem mais tivesse interesse em saber, como as ligas que apoiavam o amadorismo (a AMEA, por exemplo), duas informações importantes: a de que ficava ao lado da campanha pelo profissionalismo e que apesar disto, a sua relação com os clubes continuaria a ser lícita e ética, sem interesses financeiros e ou “subornos” por parte dos clubes agora profissionais. Tal noção dava ao jornal, diante de seus leitores, uma percepção de isenção da matéria e de credibilidade, pois o que importava mesmo era o desenvolvimento dos esportes e, no caso, do futebol.

Todavia, se os jornais, como o *JS*, procuravam se posicionar desta forma, existiam relatos de que os seus jornalistas e redatores não pensavam da mesma maneira, como nos informa, por exemplo, Ribeiro acerca do jornalista Paulo Várzea, que escreveria para o *JS*:

²¹⁹ A Nossa Attitude. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 584, 1º/02/1933. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

Pelo testemunho de Paulo Várzea, percebe-se que jornalistas esportivos extrapolavam suas funções na luta pelo profissionalismo, inclusive ele próprio. Várzea assume, declaradamente, que chegou a indicar vários jogadores para clubes do Rio de Janeiro, um deles Fritolli, do América. Após uma contusão séria, o jogador acabou abandonado pelo clube. Utilizando-se de seu prestígio como jornalista esportivo e panfletário do profissionalismo, Várzea conseguiu que os dirigentes pagassem as despesas do tratamento, mas teve de tirar dinheiro do próprio bolso para conseguir comida, medicamentos, frutas e doces para o jogador e para diversos atletas que o procuravam (...).²²⁰

Nesta passagem percebemos duas informações importantes para a nossa reflexão: a de que os jogadores de futebol, em momentos de amadorismo ou mesmo de início da fase profissional, eram mal tratados pelos clubes em caso de lesões ou problemas pessoais. O atleta, como trabalhador, servia bem aos interesses do clube enquanto estivesse bem de saúde. Do contrário, poderia ser dispensado com pouquíssima ou nenhuma ajuda financeira. Porém, neste caso, o que mais nos interessa é que o jornalista esportivo estava envolvido diretamente na negociação, podendo receber um quinhão de participação financeira na venda de jogadores e sendo, como no exemplo de Paulo Várzea, um verdadeiro tutor do jogador ao apoiá-lo em momentos de crise pessoal.

O próprio Várzea daria um depoimento sobre a sua atuação interventora no universo do atleta de futebol:

Durante anos fiz tudo pela vitória do profissionalismo; desde as mais avançadas escaramuças da cavalaria da publicidade até o gesto positivo e prático de arrancar rapazes da miséria, de um gorgetismo em agonia, para fazê-los assinar contratos que examinei e me pareceram aceitáveis para um princípio moralizador. Examinei e testemunhei.²²¹

Da ajuda financeira e do socorro pessoal à consultoria trabalhista na realização de bons contratos para os jogadores, Várzea atuava, mesmo que ocasionalmente, como um empresário ou “*manager*” de hoje em dia. Esta última palavra, inclusive, designava esta função para outros esportes como o boxe, por exemplo.

Se alguns jornalistas, como Várzea, utilizavam seus conhecimentos do meio esportivo e da comunicação para agir diretamente na defesa do profissionalismo, Ribeiro nos relata que outros jornalistas agiam da mesma forma, porém o atacando. Ou seja, se o apelo pessoal e financeiro ajudava alguns jornalistas a se posicionar em favor do profissionalismo, o mesmo ocorria em benefício da manutenção de um amadorismo puro. Sobre isto o autor informa que:

Apesar de a maioria dos jornais paulistas e cariocas apoiarem o futebol profissional, alguns cronistas das duas cidades continuavam a boicotar a Liga Carioca e a APEA, que

²²⁰ RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 84.

²²¹ CORREA, Floriano Peixoto. *Grandezas e misérias do nosso futebol*. Flores & Mano Editores, 1933. Páginas Introdutórias. Apud de RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 84.

*comandava o futebol paulista. No auge dessa disputa, havia jornalistas que viviam de “vales” patrocinados por clubes amadores. Recebiam entre 20 e 30 contos por mês para esvaziar a luta dos dirigentes que defendiam o profissionalismo.*²²²

Apesar da ausência de fontes ou ao menos a indicação das mesmas por parte do autor, o que cria, certamente, um embaraço para o trabalho historiográfico, tal afirmativa não seria uma inverdade completa, tendo em vista que os jornalistas, mais ainda os esportivos, recebiam baixos salários. Além disso, o apoio dos clubes para financiar viagens e alimentação na cobertura dos jogos, torneios e campeonatos era uma prática corriqueira.

Portanto, tínhamos uma guerra generalizada entre os que defendiam o profissionalismo e aqueles que valorizavam o amadorismo no futebol, apesar dos primeiros serem em maior quantidade em termos de jornalistas e periódicos.

Podemos entender, então, porque o *JS* fazia questão de informar aos seus leitores de que nada recebera dos clubes ou da Liga que os mesmos passaram a compor para defender o profissionalismo ou mesmo para divulgar os novos jogos e campeonatos. Verdade ou não, o que nos importa é entender que o *JS* nascera com este propósito e o defendera, principalmente em anos derradeiros para esta questão, como em 1932 e 1933.

Em uma coluna chamada “Opinião de nossos leitores”, publicava-se uma carta que investia na opinião dos atletas envolvidos, tornando assim, o documento favorável à instituição do profissionalismo:

Uma sugestão sobre o profissionalismo

Escrevem-nos

“Neste período de férias do campeonato da cidade, o assumpto discutido é o profissionalismo.

O football no Brasil, já atingiu ao formidável desenvolvimento das “grandes potencias sportivas”, sendo considerado como uma das grandes potencias entre as grandes.

Para resolver a causa, espera-se hoje a opinião do presidente do Vasco, amanhã a do Botafogo, depois a do America, Fluminense, Flamengo, etc...

Os dias se vão passando com alternativas, ora favoráveis, ora desfavoráveis á questão.

Ninguém será mais favorecido ou prejudicado com tal regimen que o jogador.

Nenhum de nós ignora que aqui existe realmente o profissionalismo ás escondidas.

Não são raros os passes de um club para outro sob o compromisso de grandes sommas.

(...) Essa passagem de dinheiro pelas costas diminue o valor moral tanto de quem recebe como de quem passa, e todos se julgam com direito de criticar o acto, embora muitos já o tenham praticado várias vezes. Os juizes que tentados pelo dinheiro tomam attitudes tristissimas em campo não são tambem poucos.

Os presidentes dos clubs cúmplices, theoreticamente nunca tomam parte nestes factos, têm sempre seus agentes especiaes.

Já que a questão vae affectar em cheio mais aos jogadores que a quaesquer outros elementos dos clubs, porque não se procede a eleição entre os “elementos inscriptos nos 1º e 2º quadros do campeonato findo” para saber se a causa é ou não sympathica á maioria.

Uma eleição criteriosa com a cédula assignada pelo interessado podia com facilidade dar solução a uma questão que os proprios presidentes mesmo depois de resolverem, não sabem se agradaram ou não aos componentes da classe.

*Muito agradece a publicação desta carta com as correções que julgar necessárias o leitor. – (a) A. Fonseca.*²²³

²²² RIBEIRO, André. Op. Cit. p. 83.

Este documento é interessante, pois em uma coluna que não era publicada diariamente, defendia-se o protagonismo do jogador na solução desta grande questão. Apesar da dúvida em saber quem fora o verdadeiro autor desta carta, pois fora assinada por “A. Fonseca”, não nos dando a oportunidade de saber se o mesmo era leitor ou se era um personagem fictício do próprio jornal (reflitamos sobre os motivos de não se identificar a assinatura de um artigo), criado para a campanha em prol do profissionalismo.

Porém, real ou não, o que sabemos é que a carta deixava pistas sobre as relações comerciais e fraudulentas criadas, por conta do pagamento de passes dos jogadores, entre os clubes, a atuação suspeita dos árbitros que poderiam definir o resultado das partidas e a “isenção” dos presidentes dos clubes que de nada sabiam, mas tinham possivelmente “agentes especiais” para lidar com estas situações.

O profissionalismo, então, resolveria o assunto, desde que os jogadores pudessem opinar sobre o mesmo. Como a grande parte deles vivia em situação financeira difícil, imaginava-se que tal procedimento estabeleceria um novo rumo na vida dos mesmos e do próprio esporte.

Esta questão foi tão importante na primeira metade da década de 1930, que atingiu a própria seleção brasileira em 1934, na participação da Copa do Mundo, na Itália, pois a CBD privilegiou a formação de um selecionado formado por atletas que não tinham identificação com o futebol profissional, já que havia um conflito com a entidade chamada de Federação Brasileira de Futebol (esta, a favor do profissionalismo).²²⁴ Todavia, a FIFA, órgão máximo do futebol internacional, reconhecia apenas a CBD como entidade representante do futebol brasileiro. Apesar de 1933 ter sido o marco oficial da implantação do profissionalismo no Brasil, a seleção brasileira ia para a Itália sem aproveitar vários jogadores dos clubes que optaram por estabelecer relação de trabalho com os atletas.

Todavia, o que se esperava por parte da imprensa esportiva brasileira acabou ocorrendo: Brasil eliminado no primeiro jogo, perdendo para a Espanha por 3 a 1. Desta forma, o jornal noticiava em 29/04/1934:

*A Victoria Dos Hespanhóes Sobre O Quadro Brasileiro
Collocando, Embora, Toda A Fibra E Entusiasmo A Serviço Do Triumpho, Os Nossos
Patricios Não Puderam Evitar O Revéz*

²²³ Uma sugestão sobre o profissionalismo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 584, 1º/02/1933. p. 3. Coluna Opinião de nossos leitores.

²²⁴ Cf. SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002. p. 52-55.

(...) *Mao grado a derrota sofrida na tarde de domingo, o seleccionado brasileiro deixou excelente impressão. Os commentarios da imprensa italiana e dos technicos de football que presenciaram o sensacional prello entre o scratch da C.B.D. e pujante conjuncto representativo da Hespanha, são unânimes em reconhecer as qualidades technicas dos defensores do nosso glorioso pavilhão e a tecer as criticas sobre os pontos vulneráveis da equipe.*

(...) *A impressão deixada pelos forwards nacionaes foi a melhor possível, adeantando os commentarios, como se poderá verificar do serviço da United Press que publicamos a seguir, que a falta de “chance” foi um factor preponderante a impedir que os players da selecção brasileira assignalasse um numero maior de tentos, conquistando a Victoria para o nosso paiz. Além disso, é criticada severamente a arbitragem do juiz alemão (...). que muito prejudicou os nossos defensores, provocando prolongadas vaias da assistência que apoiava, com os seus applausos demorados, as jogadas electrizantes dos nossos patrícios. (...)*²²⁵

Todavia, a surpresa não fora a derrota da seleção brasileira, aliás da CBD, e sim a sua capacidade de jogar bem contra o selecionado espanhol, um forte time da Europa. Devido à dificuldade de contato com a própria partida, já que o *JS* não enviara correspondentes para cobrir o evento, contando com o apoio de agências internacionais de notícias, como a *United Press*, ficava difícil para este veículo realizar uma cobertura mais apurada da participação da seleção brasileira e de seus atletas.

Sem ter o fato de perto para comentar, o jornal valia-se do apelo ao sentimento nacional e do valor que os atletas tinham para os brasileiros e para a própria imprensa internacional. Com isso, aliava-se à estratégia do *JS* de esconder a sua debilidade em acompanhar este evento, a utilização da cobertura dos campeonatos e jogos amistosos estaduais com o mesmo, ou maior destaque, do que o evento mundial realizado na Itália.

Apesar de valorizar a brasilidade do atleta mesmo na derrota, o jornal não se esquecera de que lado estava em relação à defesa do profissionalismo no futebol, conforme podemos perceber no editorial que comentava a eliminação precoce do Brasil:

Attitude Expressiva

Pessoas de visão curta ou de cérebros impermeáveis, com uma ingenuidade impressionante, não souberam compreender a nossa attitude, quando propugnávamos para que o seleccionado brasileiro para o Campeonato Mundial fosse mais forte possível. Pessoas cujos cérebros nos dão uma idéa perfeita do vácuo, imaginaram, si é que ellas imaginam alguma coisa, que tínhamos mudado de opinião, nós que éramos favoraveis ao profissionalismo quando elles ainda eram contrarios. Não podíamos exigir, positivamente, que insensatos fossem capazes de compreender que nos sentíamos no dever patriótico de, acima de tudo, collocar o Brasil, o renome e a representação de nossa Patria no estrangeiro.

Bem avisados andamos quando dissemos que, na hora da refrega, quando chegasse o momento emocionante da luta, todas as questões regionaes seriam postas á margem, todas as opiniões sportivas esquecidas, para voltar o pensamento unicamente para a representação nacional, para os brasileiros que iam pelear em campo italiano.

E foi o que se deu. Mais alto do que os resentimentos, falou a voz da razão, do patriotismo. O próprio Dr. Sergio Meira, presidente da Federação Brasileira de Football, em um almoço realizado no C. R. Vasco da Gama disse:

‘Peço licença á directoria do Vasco para duas palavras reunindo um voto. No momento em que, graças á nímia gentileza do C. R. Vasco da Gama, gosavamos a delicia de uma festa de confraternização com uma representante do football argentino, nesse mesmo momento, nossos irmãos footballers brasileiros defendem no estrangeiro as côres do Brasil. Certo de

²²⁵ A Victoria Dos Hespanhóes Sobre O Quadro Brasileiro. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 928, 29/05/1934. p. 1.

*interpretar cordialmente a opinião de todos os sportsmen brasileiros, levanto minha taça para um hurrah eloquente e sincero pela victoria do scratch nacional hoje em Genova'. Foi uma attitude expressiva que ha de impressionar aquelles que se não dão ao trabalho de reflexionar porque é sacrificio inferior ás suas condições intellectuaes.*²²⁶

Com este texto, o *JS* batia fortemente nas entidades que apoiavam o amadorismo como expressão do futebol brasileiro no cenário internacional. As pessoas que o jornal se refere também são jornalistas, poucos a bem da verdade, que, segundo o veículo, não conseguiam ver o futuro do esporte nacional. Citava, para tanto, a atuação cordial e cavalheira do presidente da FBF, Sérgio Meira, que, mesmo contrariado na representação da seleção brasileira junto à FIFA, saudava o conjunto dos atletas brasileiros momentos antes do jogo contra a Espanha.

Assim como este dirigente, o jornal defendia os interesses nacionais, ou seja, a identidade e as cores do Brasil no cenário internacional, ao propor uma seleção mais técnica, mais forte e, portanto, mais adequada e representativa do verdadeiro futebol brasileiro. Assim, a única Copa do Mundo coberta pelo *JS* no período de Argemiro Bulcão era um sinal de derrota não só da seleção brasileira, mas também, da oportunidade de mostrarmos ao mundo como os esportes nacionais estavam avançados e competitivos, símbolos de uma sociedade mais ajustada, moderna, ordenada e disciplinada.

O fiasco dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos de 1932 e a briga entre CBD e FBF na Copa do Mundo de 1934 eram perdas muito fortes, para o jornal, na construção de um novo brasileiro que merecia maior destaque no âmbito internacional.

Para o *JS*, o futebol já era, na primeira metade da década de 1930, um símbolo do valor do novo homem brasileiro, mais voltado para o futuro e para uma modernidade cujos sentidos fossem valorizar a excelência na relação entre trabalho, vigor físico e saúde perfeita, disciplina e organização.

Para melhorar a qualidade do futebol brasileiro, todavia, era necessário buscar mais amplitude do principal esporte nacional. Ou seja, era importante que o futebol, que já era praticado em todo o país, pudesse ser mais organizado e que contasse com a criação de clubes e ligas estaduais e regionais para além do eixo Rio-São Paulo. O futebol representava o homem brasileiro, que estava presente em todo o território nacional:

A Evolução do Football Brasileiro
Uma época houve em que o football brasileiro evolucionou bastante, surgiram jogadores de qualidades excepcionaes, tivemos conjunctos harmônicos que actuavam com uma notoria efficiencia. Veio, depois, um período de declínio, sensivelmente no Rio e em São Paulo. Foi imposta uma disciplina mais rigorosa, um regimen mais severo de treinos, de preparo

²²⁶ Attitude Expressiva. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 928, 29/05/1934. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

physico e surgiram, indiscutivelmente, quadros mais perfeitos do que ha alguns annos passados.

Uma vez que existe uma Federação Brasileira de Football é de presumir-se que a sua acção não se circunscreva ao Districto Federal e a São Paulo, no que concerne ao interesse pelo progresso technico e diffusão do football.

Deve ter maior amplitude e extender-se a outros Estados, o que pôde ser conseguido, entre outros meios, com um intercambio mais intenso, com a realização mais frequente de partidas interestaduaes, effectuadas não apenas em São Paulo e no Rio mas em outras cidades. Um seleccionado carioca e outro paulista que excursionassem através do Brasil, produziriam um notavel incremento no football, movimentariam grandes assistências, concorreriam, em summa, para a evolução do football brasileiro.²²⁷

Vemos nesta passagem a preocupação em associar a evolução do futebol com uma “disciplina mais rigorosa”, “um regime mais severo de treinos” e “preparo físico”, para justificar uma evolução natural da capacidade do brasileiro para jogar futebol. Portanto, para o jornal, com o desenvolvimento físico dos nossos atletas, o nosso futebol poderia se tornar mais competitivo e representativo.

Porém, era necessário regionalizá-lo, levando a *expertise* carioca e paulista para todos os cantos do país, informando, então, que a capacidade técnica e organizacional destas duas cidades da região sudeste era o futuro do melhor futebol brasileiro. Para continuarmos nesta linha de desenvolvimento esportivo, os demais estados, portanto, deveriam seguir o modelo construído e projetado por Rio e São Paulo.

O *JS*, desta forma, valorizava o esporte nacional, mas centralizava justamente este valor do esporte e como consequência, do homem brasileiro moderno, nestas cidades, pois ali seria a origem e o meio para o futebol seguir seu rumo vitorioso. Em contrapartida, além de poucas menções a Minas Gerais, o que já era raro, as referências do futebol praticado nos outros estados mereciam pouquíssimas ou nenhuma importância nas páginas do jornal.

Centralização na geografia do futebol brasileiro combinava, então, com a necessidade do desenvolvimento de uma prática física mais apurada, mais ordenada e, preferencialmente, orquestrada pelo Estado, como podemos perceber no editorial bem revelador, apresentado logo abaixo:

A eugenia do povo, o robustecimento da população, a formação de uma raça forte, sadia, hygida, devem interessar obrigatoriamente todos os governos. A educação physica e os sports são os factores principaes, essenciaes para o aperfeiçoamento racial. Dahi o interesse com que os governos consciós de sua alta missão demonstram pela evolução e diffusão dos sports. Nos paizes vanguardeiros da civilização, os sports estão enfeixados em mãos do governo, para uma fiscalização mais efficiente, para uma orientação mais racial, não sujeita a dissídio (...).

De ha muito já está scientificamente demonstrada, a imprescindibilidade dos sports como factor formador de povos fortes, capazes de realizar a sua missão histórica.

O Brasil, mais do que a quase totalidade dos demais paizes, necessita imperiosamente dos sports. Nação nova com uma raça ainda em formação, com um typo ethnico por definir-se,

²²⁷ A Evolução do Football Brasileiro. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 951, 24/06/1934. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

*amalgama de tres raças, assaz diversos, cujo resultado fino ainda se guarda, o Brasil deve interessar-se tanto quanto possível pela disseminação dos sports em seu território, não com o intuito de proporcionar diversões apenas ao povo e sim com o intuito de robustecel-o. Em face do exposto, é incomprehensível não é permissível a inercia do governo nosso deante do dissídio que sobreveio nos sports brasileiros, ora conturbados e, portanto impossibilitados de dar desempenho a sua relevante missão. Considerando a influencia decisiva dos sports na formação do nosso povo, a sua situação actual e a série enorme de favores governamentais obtidos pelos clubs, as nossas altas autoridades deviam sentar-se da contingência de intervir para fazer cessar o dissidio.*²²⁸

O *JS* defendia uma intervenção do Estado nas situações de “dissídio” nos esportes brasileiros, por conta da disputa política entre as ligas do futebol e outras modalidades, impedindo o avanço da nação brasileira e do próprio desenvolvimento da “raça” do novo homem brasileiro, tendo em vista a importância dos esportes para tal propósito.

O jornal, neste período, apesar das tentativas de aproximação com o Estado, entendia que este deveria ser mais rígido e mais interventor na organização dos esportes e da prática da educação física.

Este entende também que, em um processo eugênico, estas atividades físicas proporcionariam um robustecimento da população, já que a raça brasileira estaria ainda em processo de formação, procurando um “resultado fino”. Apesar de entender que a miscigenação no Brasil, proporcionada pelo “amalgama” de três raças, seria uma característica forte de nosso povo, explicita que este não chegara no seu ápice de desenvolvimento. A saída para tanto parece, no texto, ainda incerta, mas, o caminho dos esportes apontaria uma firme e conveniente direção.

Por fim, o jornal apela, como todo discurso eugênico que se preze, para o discurso científico, quando informa que “já está cientificamente demonstrada a imprescindibilidade dos esportes como fator formador de povos fortes”. Para o *JS*, mais do que diversão, a disseminação dos esportes corresponderia a uma missão maior, “histórica” inclusive, ao corroborar para a formação racial de nosso país. Para tanto, o Estado precisava agir de forma mais incisiva, justamente um Estado que tinha a intenção de regular a sociedade de forma mais autoritária e de se apresentar às questões não resolvidas pelos governos anteriores como o desenvolvimento de políticas eficazes e intervencionistas nas áreas da saúde, educação e no mundo das relações de trabalho.

A partir de 1936, já sob a direção de Mário Filho, o discurso de aproximação com o Estado continuaria a existir, entretanto, sob um viés muito mais liberal do que intervencionista. Quanto à formação racial do povo, Mário Filho e o *JS* contribuiriam para a valorização de um povo já formado, cujas principais qualidades seriam a miscigenação racial,

²²⁸ A Inercia Governamental. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 1.123, 12/01/1935. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

proposta por Gilberto Freyre. Para aqueles, o “resultado fino” de Bulcão já estava encontrado e procurava-se, então, iluminá-lo nas páginas do jornal cor-de-rosa.

3.2: *Jornal dos Sports*, Mário Filho e Futebol: um triângulo amoroso do esporte

O futebol continuaria a ser o principal esporte divulgado pela administração Mário Filho nas páginas do *JS*. Tal fato se explica pelo crescimento cada vez mais evidente do interesse da população por este esporte, sendo praticado em todos os colégios, nas praças, nos bairros dos subúrbios, nas fábricas etc. O futebol tornava-se um símbolo de brasilidade, quase sinônimo de esporte, e, sem dúvida, um signo de uma identidade nacional ainda em construção.

O mais interessante, todavia, é que a participação do Brasil na última Copa do Mundo, em 1934, apesar de ter sido vista como esperançosa, pelo bom futebol praticado na única partida que a seleção brasileira disputara no torneio, ainda era marcada pelo fracasso. Porém, o jornal apontava sempre que os fracassos do passado estavam associados com as disputas regionais (Rio x São Paulo) em 1930 e com a rivalidade de entidades e disputas políticas sobre a implantação do profissionalismo no futebol, como ocorrera em 1934.

A realização da Copa do Mundo de 1938 seria um marco do jornal na cobertura de eventos internacionais, pois enviaria correspondentes que acompanhariam oficialmente a delegação brasileira na França. Todavia, iremos detalhar mais sobre este assunto adiante.

Se em muitos aspectos houve claras características de continuidade com a direção de Argemiro Bulcão, o *JS* inovara na temporada de 1938, ao criar uma página, a última, com muitas imagens. A página inteira tinha uma série de fotografias que tentavam reunir, na segunda-feira, em edição vespertina, o resultado do final de semana com as fotos dos times, partidas etc.²²⁹

Na primeira página, o jornal retirava o lema “diário esportivo mais antigo”, muito provavelmente por conta de uma ideia de que esta expressão poderia trazer muito mais uma noção de antiguidade do que de tradição. Mário Filho e sua nova administração tentaria impor uma frente de modernidade, tanto no discurso como no aspecto gráfico do *JS*. Um jornal que se auto-intitulava como o mais antigo poderia estar atrasado e perdido no tempo, sem se qualificar para as exigências de um mundo mais moderno, dinâmico e em transformação.

²²⁹ Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.569, 03/01/1938.

Nesta fase, algumas inovações na ação de noticiar o mundo esportivo seriam bem interessantes e chamam a nossa atenção. Além do crescimento do número de informações sobre o futebol, comparado aos demais esportes, havia a adoção de uma estratégia exagerada, presente nos títulos das matérias, para atrair a atenção dos leitores para a realização dos jogos, como na edição 2.568, de 1º/01/1938: “FLUMINENSE E BOTAFOGO – Batalha que a Cidade Aguarda Como Um Acontecimento”.²³⁰ Nas letras impressas do *JS*, este jogo era apresentado como um verdadeiro embate, um acontecimento único, uma ação que causaria muita expectativa em toda a sociedade carioca. Certamente, esta forma de construir a notícia ajudava a criar ou reforçar um gosto por torcer pelos clubes de futebol.

Nesta mesma linha editorial, um simples jogo, de campeonato oficial, ou mesmo um amistoso, era noticiado ao longo de uma semana, dividido em três tempos específicos: com uma chamada prévia do jogo, mostrando a expectativa dos jogadores, dos dirigentes e dos jornalistas; com a descrição comentada do que ocorrera logo no dia seguinte ao jogo, com todos os detalhes disponíveis e, finalmente, nos dias subsequentes, com a repercussão do jogo na cidade, trazendo as consequências principais. O *JS* noticiava a frustração da torcida, a punição de jogadores que utilizaram a violência durante ou depois da partida e, por vezes, transformava o acontecimento em crônica esportiva.

Como exemplo desta forma de trabalhar a notícia, na edição seguinte, de 02/01/1938, foi publicado o resultado do jogo, mostrando, de forma exclamativa, que o evento poderia render mais páginas e, conseqüentemente, vender mais edições: “Vencedor O Fluminense – Numa Batalha De Panorama Sem Brilho – Dois A Um A Contagem Pela Qual Tombou O Botafogo”.²³¹ Apesar da partida ter sido descrita como insípida e sem graça, o *JS* dava um destaque especial em manchetes com letras garrafais. Ou seja, até um jogo morno virava uma batalha.

Sobre este jogo, o jornal destacava a preocupação com a violência, como podemos observar abaixo:

(...) O match realizado na cancha do Stadium Guanabara deixou muito a desejar pela feição que o jogo assumiu desde o início da luta, caracterizando-se todas ou quase todas as jogadas pela violência empregada pelos players, notadamente os do Botafogo. Em parte, a culpa coube ao arbitro que só pelo facto de consignar as graves faltas verificadas, de um lado e de outro, punindo o infractor, não quer dizer que tenha sido enérgico no desempenho de sua tarefa, dificultada, embora pelo excesso dos jogadores, que assim se aproveitaram para abusar do chamado jogo bruto. A complacência do juiz e as disposições em que se achavam

²³⁰ Fluminense e Botafogo – Batalha que a Cidade Aguarda Como um Acontecimento. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.568, 1º/01/1938. p. 1.

²³¹ Vencedor O Fluminense – Numa Batalha De Panorama Sem Brilho – Dois A Um A Contagem Pela Qual Tombou O Botafogo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.569, 03/01/1938. p. 1.

*os litigantes de se exhibirem fóra das normas disciplinares, infringindo as regras sportivas e esquecendo a cordealidade que deve existir entre profissionaes do mesmo officio, fizeram do embatem que estava sendo esperado com enorme interesse, uma das peores pelepas da presente temporada.*²³²

Portanto, o JS continuava a lutar contra o jogo violento nas partidas de futebol. Agora, além de uma questão de disciplina social, a questão técnica era também levada em consideração, pois a violência seria capaz de tornar uma partida superinteressante, uma verdadeira batalha anunciada.

Os relatos sobre os jogos das décadas de 1930 e 1940 permitem concluir que mesmo que a violência não fosse uma regra, também não era uma exceção, pois existiam várias formas de ação brutalizada, nas quatro linhas do campo e nas arquibancadas. Nesta mesma edição, foi publicada uma nota sobre uma grave circunstância do jogo:

*Dois Tiros Ecoaram na Archibancada
A Scena De Sangue Verificada No Match Fluminense Versus Botafogo
A pugna Fluminense x Botafogo motivou uma scena de sangue, que teve lugar nas archibancadas destinadas ao publico. Uma séria desavença entre dois “fans”, um dos quaes investigador de policia, encerrou-se com dois tiros disparados por este último, que alias não estava de serviço no local.*²³³

A forma de escrever o ocorrido misturava uma descrição policial com o evento esportivo. Na verdade, experiência profissional era o que não faltava a estes jornalistas, pois a maioria deles iniciou a carreira na cobertura policial de outros jornais, como Mário Filho. O jornal criticava tais eventos, mas os realçava de tal forma que parecia muito mais interessado em vender a notícia do que realizar uma campanha mais séria para eliminar a violência das partidas e das arquibancadas. A violência, então, era um elemento a ser comercializado nas páginas do JS.

As matérias eram transformadas em verdadeiras epopéias dos times e jogadores; a maior criação era fazer uma manchete de primeira capa. Procurava-se exibir uma notícia, realçando detalhes que passariam despercebidos em outros veículos de comunicação.

Um outro exemplo foi a cobertura de um jogo entre América e Fluminense, conforme podemos observar na comparação das manchetes de três dias subsequentes:

Quadro 3: Comparação de manchetes sobre o jogo entre América e Fluminense²³⁴

Edição	Data	Título da Manchete Principal
2560	04/01/1938	Em Laranjeira A Sensacional Peleja – AMERICA x FLUMINENSE!

²³² Ibidem. p. 1.

²³³ Ibidem. p. 1.

²³⁴ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2560, 2561 e 2562, 04/01/1938, 05/01/1938 e 06/01/1938. p. 1.

2561	05/01/1938	RUBROS OU TRICOLORS? INCOGNITA SENSACIONAL!
2562	06/01/1938	A VICTORIA CORÔOU A SOBERBA EXHIBIÇÃO DE TECHNICA E FIBRA CUMPRIDA PELO FLUMINENSE NA NOITE DE HONTEM

Percebemos, com a criação destas manchetes, que o jornal construía um ambiente particular na relação com o leitor, promovendo um jogo de forma espetaculosa e exagerando na importância do mesmo, como se nada mais fosse relevante naquele momento, como se a cidade parasse para acompanhar os bastidores da partida, da vida dos jogadores, das consequências positivas e negativas do confronto.

Além das palavras estarem escritas em letras maiúsculas, usava-se, como no terceiro exemplo, o artifício do negrito para tornar a chamada ainda mais atraente aos leitores.

Todavia, o exagero e a criação narrativa não ficavam restritos às manchetes e à primeira página do jornal. Ainda sobre este jogo, ou “duelo” para o *JS*, o texto divulgava que:

*A Cidade Empolgada Pelo Duello AMERICA E FLUMINENSE
Onde Os Rubros Surgem Como Uma Ameaça Aos Tricolores
(...) O cotejo desta noite entre os rubros e os tricolores está despertando o mais justificado interesse. Sabe-se, antecipadamente que os adversários se empenharão numa luta titânica que deverá assumir extraordinariamente proporções, mesmo porque os litigantes estão interessados pelo triumpho e vão se apresentar nas melhores condições de preparo tecnico. Os tricolores, que domingo ultimo deram mais uma demonstração do alto valor de sua homogenea equipe, certamente tudo farão para interromper a marcha victoriosa dos rubros. Estes, por sua vez, se empregarão com todo o entusiasmo e ardor para sobrepujar os rivaes, pondo em destaque a sua fibra e assegurando mais um bellissimo triumpho para o ser acervo de glorias. (...)²³⁵*

O texto é um exemplo nítido de que um jogo entre dois clubes cariocas transformara-se em uma “luta titânica”. Havia um clima de guerra, mas não porque fossem rivais históricos. O *JS* colaborou muito, por meio das matérias publicadas, na construção da rivalidade dentro e fora do campo. Os jogos eram momentos de catarse para o público carioca, com as emoções do esporte tomando os corações e mentes dos torcedores, o que, às vezes, resultavam em atos de violência.

A cobertura dos eventos, narrada desta forma peculiar, se unia com a elaboração de concursos e gincanas que traziam o leitor para um universo maior do que apenas assistir aos jogos. O leitor tornava-se protagonista quando era inserido em eventos patrocinados e organizados pelo jornal. O “Bolo Sportivo”, por exemplo, era uma rede de apostas sobre os resultados dos jogos de futebol que distribuía prêmios para os acertadores. Este concurso

²³⁵ Rubros ou Tricolores? Incognita Sensacional! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2561, 05/01/1938. p. 1 e 4.

criava uma relação entre futebol, apostas, imprensa e filantropia, já que, com os recursos adquiridos com as apostas, ajudava-se a realizar obras na Policlínica Geral do Rio de Janeiro:

EXPERIMENTE A SUA SORTE!

O “Bolo Sportivo” Da “Radio Transmissora” E “Jornal Dos Sports” Soluciona A Sua Situação Financeira

Que farão os nossos leitores com uma moeda de 500 réis? Tão insignificante quantia não dá sequer para uma passagem em alguns omnibus. Um refrigerante custa mais. Quase nenhum objecto de uso poderá ser adquirido por 500 réis. Isto importa em dizer que uma moeda de 500 réis pouco valor tem. Que devem fazer os leitores de JORNAL DOS SPORTS para ver multiplicada milhares de vezes essa insignificante moeda? Nada mais simples. Basta concorrer ao “Bôlo Sportivo” organizado pela Radio Transmissora e JORNAL DOS SPORTS e a moedazinha quase inutil terá um valor extraordinário. Dizem os filosofos “que o successo da vida depende da sorte”... isso contraria o proverbio popular que afirma em sua sabedoria: “Quem não arrisca não petisca”... A voz do povo é a voz de Deus. Entre a filosofia clássica e a popular, esta vence sempre. Assim sendo devemos “arriscar” e “petiscar”.

(...) Além dessas vantagens de ordem material, os concorrentes do “Bôlo Sportivo” prestam um beneficio á população necessitada da cidade, pois os 500 réis destinam-se ás obras da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Concorra ao “Bôlo Sportivo”, que ganhará dinheiro praticando o bem.²³⁶

O jornal apresentava uma fotografia com um “flagrante” dos apuradores do concurso, deixando claro que ninguém seria beneficiado de forma irregular, o que ajudava a garantir a lisura de todo o processo. Mais do que apenas investir em um jogo de apostas que pudesse trazer recursos financeiros para usufruto pessoal, o leitor era chamado a colaborar com uma ação destinada a beneficiar os mais pobres.

No entanto, a propaganda do prêmio é escrita com o mesmo exagero narrativo presente no noticiário esportivo, frisava-se a transformação social, humana e cidadã que o vencedor passaria ao receber o prêmio. Além disso, a filantropia e a solidariedade eram causas que o próprio jornal trazia para o leitor como forma de identificação de sua função de intervenção social, não restrita ao campo esportivo.

Se no campo social, o jornal buscava um destaque, na área dos esportes sua atuação interventora cada vez mais se consolidava. Criavam-se campanhas em torno de torneios, campeonatos, eventos esportivos e formação de ligas e associações esportivas, como, por exemplo, o campeonato de reservas:

A ideia de um campeonato de reservas nasceu de um comentario de JORNAL DOS SPORTS. Apontámos o erro da inactividade em que se conservava um grande numero de jogadores e jogadores que constituíam a unica esperança na adversidade de um team. Chegara-se a uma conclusão certa: sem reservas um quadro teria diminuída a sua chance para a conquista do campeonato. No amadorismo, o problema encontrava uma solução immediata com a disputa simultânea dos certamens de primeiros e segundos teams. O profissinalismo, sim, teve de enfrentar o problema apresentado de uma forma differente. O campeonato de amadores continuou sendo disputado normalmente, mas os clubs não poderiam contar com os amadores como reservas immediatos.

²³⁶ Experimente a sua Sorte! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2562, 06/01/1938. p. 2.

Estabeleceu-se uma escala logica para a classificação de elementos: juvenis, representando o quarto team, amadores representando o terceiro team, reservas e profissionaes effectivos. A logica indicava o preenchimento da lacuna. Se tínhamos de dividir os jogadores em quatro classes, de acordo com as suas possibilidades físicas e técnicas, ressaltava a ausencia de um campeonato indispensavel – tão indispensavel quanto os campeonatos de juvenis e amadores. Dahi a suggestão que partiu de JORNAL DOS SPORTS em editorial. Não bastava contratar reserva. Tornava-se necessário ter os reservas em “rigorosa promptidão”, como um effectivo. Sabe-se que o maximo de capacidade tecnica implica em detalhe imprescindível que se chama cancha, isto é, constancia na applicação pratica dos recursos de que dispõe o jogador, contacto com a multidão, noção rigorosa da responsabilidade, da missão a desempenhar, que só se adquire jogando.

A “cerca” tem annullado authenticos valores do football, estabelecendo o desanimo, estimulando a revolta. Assim a sabedoria popular da torcida retratou a psychologia dos reservas, apontando-os como incentivadores da indisciplina, como uma vontade alerta contra o “crack” effectivo, responsabilizado pela inactividade em que se encontra o substituto eventual.

O campeonato de reservas resolveria o problema de maneira categórica, favorecendo a exhibição dos valores escondidos. Financeiramente representará um allivio para os clubs que tinham um team inactivo, composto de elementos que valiam no momento em que foram contractados e que se desvalorizaram na cerca, cansados de aguardar um accidente que lhe favorecesse uma oportunidade. Segundo se anuncia, em caracter officioso, a Liga de Football organizará para a temporada de 38, um campeonato de reservas. Lisongea-nos sobremodo, que uma suggestão do JORNAL DOS SPORTS tenha exercido uma influencia decisiva, apontando o caminho a seguir. Alegra-nos mais, sem duvida alguma, a certeza de ter contribuído para solucionar um problema em que se debatiam todos os clubs.²³⁷

O jornal discutia a questão da inatividade dos reservas contratados para contribuir com a formação de um plantel para os times. Para tanto, criticava a ausência de oportunidades para colocá-los em ação. Sem uma atuação constante, os jogadores, quando escalados, não estariam preparados para ajudar os seus respectivos clubes. O futebol, para o JS, não poderia admitir improvisos e falta de planejamento. Criar meios e mecanismos para que o time estivesse preparado física e tecnicamente era uma das provocações que o jornal imprimia em suas páginas.

Lembramos que esta nova forma de constituir um plantel de jogadores seria uma consequência direta da profissionalização do futebol, que possibilitou formar novas relações de trabalho no mundo do esporte. Importa lembrar que, na década de 1930, o esporte não estava só nesse tipo de transformação, pois o governo de Getúlio Vargas produziu uma legislação que procurava regulamentar o mundo do trabalho, particularmente urbano. Mesmo que os demais esportes continuassem a defender o amadorismo, o futebol era profissional. Se na década de 1920 vários clubes escalavam seus jogadores de acordo com uma lógica profissional (ou mesmo semiprofissional), só a partir da década de 1930, com o aval da conjuntura varguista, que as discussões em torno destas novas mudanças são apropriadas pela sociedade, e, em especial, pela imprensa.

²³⁷ O Campeonato dos Reservas – Uma Victoria do “Jornal dos Sports”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2563, 10/01/1938. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

O jornal se orgulhava de ter “levantado a bola” do assunto, ter iniciado, sob um olhar vanguardista, a discussão de adaptação dos reservas a esta nova necessidade da seara futebolística. Mais uma vez, o *JS* passava a ideia de que teria contribuído para a realização de mudanças significativas no campo esportivo, antecipando problemas e colaborando na solução dos mesmos. O *JS* tentava consolidar uma imagem, criada desde Bulcão, de vigilante dos assuntos esportivos. Porém, agora, era também um consultor sempre pronto para ajudar a solucionar os grandes problemas que os esportes encontravam, utilizando, para tanto, a estratégia de uma visão antecipadora.

Para Mário Filho e os demais redatores e colunistas do *JS*, o futebol seria mais do que um esporte, representando, de forma exemplar, a identidade do brasileiro. Havia se popularizado em todas as classes sociais, ultrapassando barreiras territoriais e etárias. Interferir nesta área era dever do jornal, pelo fato de contribuir para o aprimoramento da representação do Brasil no âmbito internacional. Para tanto, o país deveria realizar bons campeonatos, aprimorar a técnica, desenvolver cada vez mais um “jeito brasileiro” de jogar e, finalmente, formar uma bela seleção nacional.

Não bastaria apenas selecionar jogadores de destaque em determinados clubes, era necessário ter em mente que a seleção só poderia representar bem o Brasil quando tivéssemos o apoio do torcedor, dos clubes, dos dirigentes e dos governantes. O *JS* identifica o ano de 1938 como importante para a consolidação de um interesse pelo futebol. A representação do Brasil em um palco internacional seria motivo mais do que suficiente para alimentar um sentimento nacionalista, cujo apelo estaria, neste momento, mais do que referendado pelos intelectuais e políticos ideólogos do Estado Novo. Além deste sentimento, o futebol já era, no final da década de 1930, um esporte que trazia muito público aos estádios e um assunto discutido nas rodas de amigos, em bares, ruas etc.

A Copa do Mundo possibilitaria tornar ainda mais intenso o interesse pelo futebol. Havia uma expectativa de ter uma seleção brasileira capaz de representar um bom papel no topo do cenário internacional do esporte. Isto se explica porque, pela primeira vez, a seleção brasileira iria viajar para o torneio da FIFA sem problemas internos, como os ocorridos em 1930 (rivalidade entre Rio e São Paulo) e 1934 (rivalidades entre associações pró e contra o profissionalismo).

Para aproveitar este aumento da demanda futebolística, era preciso incrementar a temporada de futebol e o *JS*, com o objetivo de aumentar as vendas, investia em campanhas pela organização de torneios e campeonatos que pudessem alimentar a fome da população por futebol. O campeonato de reservas, como vimos, é um bom exemplo desta estratégia. Da

mesma forma era o Torneio Início. Em um único dia, em um certo estádio, os clubes jogavam partidas eliminatórias em períodos reduzidos até que ficassem apenas dois clubes, que disputavam a final do torneio.

Além de promover o aumento da temporada de futebol, criava-se uma crescente expectativa pela chegada da Copa do Mundo, que não seria vista pelo público, mas apreciada de longe, com a cobertura dos jornais. O *JS*, todavia, largava na frente, pois agia não apenas como um veículo de comunicação cuja missão institucional era cobrir e noticiar os fatos. O jornal interagiu com o público e antecipava questões como a criação de campeonatos extras, como podemos verificar abaixo:

O Orgulho de Lutar por um Objectivo Nacional

Poucos compreenderam a importancia de uma cifra. Trata-se da renda do “Torneio Initium” – renda que superou toda e qualquer expectativa. Deante de um facto tão significativo como o do estadio do Fluminense, cheio de uma multidão entusiasta, para applaudir a abertura da temporada de 38, deve-se buscar uma explicação. Pelo menos há lugar para uma pergunta, para um gesto de curiosidade. O interessante é que não cabe aqui, em “Críticas e Suggestões”, a interrogação. Se nos batemos, intransigentemente, pela realização do campeonato extra, se, o certamen que se inaugura nasceu de uma campanha de JORNAL DOS SPORTS, não poderemos acolher a surpresa. O que fazemos, aliás, é ir em busca da surpresa, procural-a na physionomia dos que apresentaram objeções, considerando uma calamidade para os clubs a venda temporária dos “cracks” de maior nome.

Em primeiro lugar se devir encarar como inevitavel a participação do Brasil no Campeonato do Mundo. Em segundo lugar era preciso considerar o thema Campeonato do Mundo como uma força que colocaria o foot-ball – assumpto jornalístico de primeiro plano. Torna-se natural, então, que toda a emoção do publico se desvie para o espectáculo dos campeonatos. Assim não poderia surprehender a cifra alcançada pelo “Torneio Initium”. A Multidão quer ver foot-ball. E não são apenas os adeptos de cada club e sim os que são arrastados pela fascinação do thema Campeonato do Mundo. Eis o premio para os clubs que cedem jogadores, que se privam dos melhores “cracks”, para colaborar na tentativa que o Brasil vae realizar em Colombes.²³⁸

Para o jornal, que ia “em busca da surpresa”, temos uma campanha forte em torno de um objetivo maior do que os interesses dos clubes, que também eram importantes. Este era o “objetivo nacional”, do qual todos deveriam participar: o público ao querer mais e mais doses cavalares de futebol, os clubes aos cederem seus “craques” para o selecionado brasileiro, o Estado ao financiar a ida de nossos jogadores para a França, e os jornais que cobririam os fatos. Para além de noticiar, o *JS* procurava mediar os movimentos em torno do futebol que aconteciam às vésperas da Copa do Mundo. O futebol se tornava mais vibrante e lotava os estádios do Rio de Janeiro, o que possibilitaria esvaziar as bancas de jornais e os maços de *JS* das mãos dos jovens jornalheiros pela cidade.

A campanha e os bastidores da Copa do Mundo de 1938 foram grandes momentos retratados pelo *JS*. Era uma oportunidade rara de alargar ainda mais o interesse pelo futebol,

²³⁸ O Orgulho de Lutar por um Objetivo Nacional. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2646, 13/04/1938. p. 2. Coluna Críticas e Suggestões.

que crescia na cidade do Rio de Janeiro. Não por acaso, o jornal passou a publicar, a partir da década de 1940, diversas colunas retratando o dia-a-dia dos clubes, suas notícias, seus eventos etc. O torcedor de clube ganharia um espaço a mais no jornal para conhecer um pouco mais sobre o que se passava na instituição promotora de futebol, mas também de uma série de outras atividades esportivas e sociais. Desta forma, todos os clubes, dos pequenos aos grandes, conquistavam espaços importantes no dia-a-dia do *JS*.

Para explorar a conjuntura em torno do interesse pelo futebol, Mário Filho apontava ainda que:

Nada que se faz com esse espírito de cooperação para um objectivo de alto alcance nacional constitue um “déficit”: Pelo contrario.

Sem o Campeonato do Mundo não haveria esse movimento unânime e admiravel que se observa. O foot-ball está na ordem do dia, absorvendo o entusiasmo do brasileiro. Dessa maneira, o campeonato extra canalizará para as suas pelepas, todo o desejo de que se acha possuído o publico para assistir foot-ball, para conhecer foot-ball, para vibrar com o foot-ball.

Estamos, por assim dizer, não em um instante decisivo para o sport brasileiro – pois não poderíamos condicionar o destino do sport brasileiro a uma victoria final no Campeonato do Mundo – mas em uma phase excepcional pelas perspectivas que descortina. Tal instante exige ainda mais a noção de responsabilidade, o espírito de disciplina, o esbanjamento de todas as energias, de todos os entusiasmos pelo objectivo commum, verdadeiramente nacional.²³⁹

Para tanto, seria importante que o *JS* estivesse o mais próximo possível da seleção brasileira, e, de preferência, a acompanhando em todo o tempo. É justamente isto que iria ocorrer, por meio da presença de dois jornalistas do *JS* na delegação oficial da seleção. Apesar da importância do *JS* na cobertura diária dos esportes, cabe ressaltar que seus jornalistas também atuavam em outros jornais. A maior parte dos redatores, muito provavelmente, também atuava em outros jornais, tendo em vista que a remuneração não trazia tranquilidade financeira a estes profissionais.

Na edição 2.655, o jornal registrava, em sua primeira página, que Everardo Lopes e Afranio Vieira acompanhariam a seleção brasileira em toda a viagem para a França. Pela primeira vez, o jornal não dependeria exclusivamente das agências de notícias internacionais, pois estaria lá, no local, anotando tudo que pudesse repassar aos colegas que ficaram no Brasil.

Uma matéria sobre a aventura da imprensa esportiva na cobertura da Copa do Mundo mereceria um destaque especial:

A NOSSA imprensa sportiva estará representada no Campeonato Mundial de Football por dois dos seus elementos de innegavel expressão.

²³⁹ Ibidem.

Afranio Vieira, redactor da “A Noite” e um dos nossos prezados companheiros de trabalho, seguirá como representante official, por força do convite com que o distinguiu a C.B.D., a quem está affecta a organização da embaixada patricia.

Everardo Lopes, o zeloso orientador da nossa redacção, de que é o secretario, irá ao Velho Mundo recordando sua actividade vibrante de crítico, para attender aos desejos dos nossos confrades de “O Globo” no sentido de apresentar completa reportagem sobre o importante certamen e a participação dos brasileiros.

Ambos fazem jus a grande confiança que lhes foi depositada: Everardo Lopes é um velho lidador da imprensa, com uma folha de serviços que espelha muita dedicação e competência no propósito quotidiano de bem servir ao publico. Afranio Vieira, posto que mais novo na aspera e ingrata jornada, já fez o bastante para deixar indeleveis os traços marcantes da sua personalidade de homem de imprensa.

JORNAL DOS SPORTS, que se envaidece de ter em seu ambiente, os jornalistas que vao representar a nossa imprensa na Europa, congratula-se com os sportmen brasileiros, certo de que todos serão beneficiados com o desempenho das pennas que vao partir com o objectivo de bem informar aos patricios distantes.²⁴⁰

Desta forma, indiretamente, o JS se fazia representar na Europa por conta dos dois jornalistas que receberam convite da CBD e do jornal *O Globo*. Cabe destacar também, na análise do texto acima, que o jornal destacava que o trabalho do jornalista esportivo, apesar do desenvolvimento dos esportes, em especial do futebol, ainda era caracterizado como uma jornada “áspera e ingrata”. Ou seja, o próprio jornal como veículo de comunicação e empresa reconhecia que o trabalho de seus funcionários era árduo e pouco remunerado.

De toda forma, este era o momento de ganhar mais espaço na grande imprensa, na sociedade de forma geral e na própria consolidação do ofício de jornalista. Os grandes jornais, especializados ou não, deveriam aproveitar a conjuntura da realização da Copa do Mundo para destacar a profissão. Os jornalistas teriam o papel de noticiar um evento internacional com a participação importante do Brasil.

Podemos compreender que o ano de 1938 foi crucial para o desenvolvimento do JS e, provavelmente, da própria imprensa esportiva brasileira. Os campeonatos regionais e estaduais se consolidavam com a nova era do profissionalismo oficial, as brigas entre Rio e São Paulo tinham diminuído do ponto de vista político e se situado apenas no âmbito do esporte e da própria imprensa, a expectativa do público pela chegada da Copa do Mundo e o apoio do Estado getulista para as práticas desportivas voltadas para o lazer e para a educação física tornavam o ambiente cada vez melhor para o trabalho do jornalismo esportivo.

As edições de domingo do jornal passaram a ter oito páginas, ao preço de 200 réis, o dobro do que era cobrado, para que pudessem ter mais espaços para todos os esportes, apesar de privilegiar o futebol. A resposta do público leitor, apesar do aumento de preço, foi considerada a melhor possível pelo jornal: “(...) Como era de se esperar, o publico acolheu essa innovação com jubilo, pois o noticiário foi grandemente ampliado, satisfazendo dessa fórmula, indistinctamente, a grandes e pequenos clubs, e, em consequencia, aos nossos amigos

²⁴⁰ A Imprensa Sportiva no Campeonato do Mundo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.655, 24/04/1938. p. 1 e 8.

de todos os sectores.”²⁴¹ A palavra “amigos” traduz bem a relação que o *JS* procurava ter com os seus leitores e com os seus colaboradores, ou seja, os dirigentes e funcionários dos clubes e associações esportivas. Esta relação pessoal seria ampliada por Mário Filho.

Com a mesma força e iniciativa que o *JS* modificaria a forma de noticiar os esportes e o futebol, com investimento literário e gráfico, fazendo uso do exagero, da surpresa, do sensacionalismo jornalístico para as notícias locais, como no campeonato carioca, o tema relacionado à seleção brasileira também era bem explorado. Buscava-se comentar e aumentar tudo que pudesse chamar a atenção do público leitor, desde os bastidores da viagem até a expectativa da estreia brasileira. O jornal não poderia aguardar até a chegada do primeiro jogo para vender mais edições. Era preciso criar um clima de campeonato mundial, de adoração pela seleção brasileira, pela representação nacional. As manchetes eram impressas com letras e exclamações cada vez maiores.²⁴²

Um possível caso de indisciplina dos jogadores da seleção brasileira fora motivo de pelo menos três edições bem sensacionalistas e que provavelmente esgotaram nas bancas, pois o *JS* explorou como poucos a história. Mário Filho apontava em sua coluna que a seleção brasileira deveria ser o último lugar para apresentar tais atos de indisciplina ou de indulgência, tendo em vista que não se tratava de um time qualquer, mas de uma representação nacional em um momento peculiar, o de um time capaz de jogar bem o campeonato, mesmo que não o pudesse ganhá-lo. Sobre este assunto, o jornalista e editor do *JS* informava que:

Nenhuma confirmação esclareceu o incidente de Lisboa. Sabe-se apenas que alguns jogadores brasileiros foram presos e soltos mediante fiança.

Assim a indisciplina resalta, projecta-se para o primeiro plano, como personagem principal. Esquece-se o nome do culpado ou os varios culpados. Houve, realmente, o intuito de diminuir o escândalo. A prova está em que sómente uma agencia telegraphica divulgou o incidente, com um laconismo significativo.

(...) O Campeonato do Mundo oferecia e offerece ainda uma oportunidade magnífica para o sport brasileiro. Não se tratava apenas da conquista de um trophéo. A victoria em um certamen mundial depende de factores variados, alguns dos quaes imprevistos. Constitue uma eventualidade, um resultado de esforços não implicam (...) em entusiasmo (...) e sim, de forma cabal, em disciplina. Por outro lado a representação do Brasil no Campeonato do Mundo deixou de ser apenas uma questão sportiva, transformando-se em uma questão nacional. Dahi o movimento maravilhoso de incentivo, de solidariedade, que raiou ao sacrificio. Os clubs cedem os melhores “cracks”, nada exigindo em troca; a industria, o commercio, o povo, o governo, todos se unem para que o scratch brasileiro esteja apto a desempenhar uma missão sportiva no sentido de lealdade e de cavalheirismo.

*Por isso, vamos perguntar, sem ingenuidade, para que serve o compromisso de honra, sendo para ser cumprido, o programma de disciplina, senão para uma execução inflexível. Não ha logar para indisciplinados no Campeonato Mundial mas também não ha logar para indulgentes. A disciplina não admite hesitações ou recuos.*²⁴³

²⁴¹ A edição de domingo de “Jornal dos Sports”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n° 2.655, 24/04/1938. p. 3.

²⁴² Um bom exemplo disto é a manchete “Paris acolheu carinhosamente os ‘Scratchmen’ brasileiros!”. Cf. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n° 2.678, 17/05/1938. p. 1.

²⁴³ A indulgencia gera a indisciplina: não ha logar para indulgentes ou indisciplinados. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n° 2.678, 17/05/1938. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

A identificação da seleção brasileira com a nacionalidade é bem clara no discurso de Mário Filho. Neste texto em especial, a indisciplina e a indulgência seriam fantasmas que poderiam assombrar o caminho da nossa vitória. Na edição seguinte, marcada novamente pelo exagero e sensacionalismo jornalístico, o *JS* publicava em sua primeira página: “Tudo Não Passou de Mentira!” e “Lisboa Affirma Que Os Jogadores Brasileiros Não Promoveram Conflicto!”.²⁴⁴

Desta forma, o jornal desfazia a ideia de uma seleção irresponsável ou indisciplinada e criticava a atuação de agências de notícias como a *United Press*, que teria construído um fato que não existira. Os motivos, para o *JS*, seriam vários, desde o preconceito contra jogadores sul-americanos em terras europeias e “civilizadas” até uma tentativa de boicotar um time que teria reais condições de vencer o campeonato mundial de futebol, desbancando a força do futebol europeu, campeão na última copa, em 1934.²⁴⁵

Portanto, o jornal apelava para uma forma sensacionalista de criar polêmicas, mesmo quando o responsável pela criação fosse uma agência internacional. Todavia, neste caso, o jornal fomentava mais discussão, se posicionando, imputando dúvidas e reforçando o sentimento nacionalista que se tornava uma marca cada vez mais evidente em suas páginas.

Ao invés de uma retratação do *JS* neste episódio, em que colocara dúvida na capacidade de representação responsável do Brasil pelos atletas da seleção de futebol, o jornal mirava na incapacidade da agência internacional de notícias de respeitar o nosso povo e a própria nação, conforme podemos observar no editorial do dia 18/05/1938:

Noticias de Lisboa desmentem qualquer escândalo durante a curta permanência dos jogadores brasileiros.

(...) Não se comprehendia nem se admitiria que os “cracks” brasileiros, mal attingissem uma terra amiga e hospitaleira, se desmandassem, offerecendo um triste espectáculo de indisciplina. Mais grave, porém, do que a accusação é a falsidade da denuncia. Espanta que se distribua uma noticia de tal natureza, com o fito de diminuir a confiança depositada no scratch brasileiro, sem a certeza das verdades plenas.

Durante quarenta e oito horas se duvidou da disciplina dos “cracks” que defenderão o renome sportivo do Brasil e se buscou os culpados para uma punição severa.

Verifica-se agora que não houve incidente, que não houve escândalo, que não houve prisão de jogadores brasileiros. É indisfarçável, portanto, a responsabilidade da agencia que divulgou a noticia escandalosa.

(...) Não podemos consentir que se empreste aos embaixadores do foot-ball brasileiro vícios condemnados pela pura noção do sport, exhibindo-os aos olhos do mundo como indisciplinados e arruaceiros.

Venha sem a demora a explicação – restabeleça-se a verdade dos factos e retire-se a calumnia com a mesma pressa da divulgação do escândalo inexistente.²⁴⁶

²⁴⁴ Tudo Não Passou de Mentira! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.679, 18/05/1938. p. 1. Antes do texto desta matéria, o jornal informava que “A C.B.D. incumbiu a Agencia Havas de promover um inquérito rigoroso”.

²⁴⁵ Copa do Mundo disputada na Itália, e vencida pelos próprios donos da casa.

²⁴⁶ A United Press tem de explicar a divulgação de um escândalo inexistente. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.679, 18/05/1938. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

Com este editorial, o jornal procurava redimir a sua culpa e aproveitava o suposto escândalo envolvendo a seleção brasileira para vender edições que tratavam dos bastidores da Copa do Mundo. Todavia, o *JS* atentava para uma qualidade que deveria estar presente no dia-a-dia dos atletas: a disciplina, o que, na verdade, pretendia-se para a própria sociedade, já que Mário Filho e os próprios redatores do jornal acenavam com a possibilidade de um esporte nacional, que envolveria a própria sociedade. O esporte, para estes jornalistas, tornaria a sociedade brasileira mais vigorosa, disciplinada e orgulhosa de suas capacidades.

Se o caso de Lisboa fora devidamente explicado pelo *JS*, o jornal continuaria vigilante com a seleção brasileira em outros momentos, como na crítica feita à falta de concentração dos atletas e nos horários incompatíveis entre o propósito principal dos mesmos na França e o lazer destes jogadores.²⁴⁷ A responsabilidade de representar a nação estaria em xeque caso a disciplina não fosse priorizada nesta grande empreitada.

Portanto, além da própria cobertura da Copa do Mundo de 1938, o jornal se preocupava em cobrir “o clima da Copa”, criando representações específicas para o comportamento da seleção brasileira e de toda a expectativa gerada em torno de sua participação em terras europeias. Para tanto, o modelo gráfico e narrativo do jornal, marcas de sua presença no mercado das comunicações impressas, utilizavam o exagero e o sensacionalismo como chaves de sua tradução do mundo dos esportes e da própria sociedade.

A expectativa em torno da Copa, o apelo à disciplinarização dos atletas e da própria sociedade, a valorização do casamento entre futebol e identidade nacional e a narrativa simbólica do campo esportivo traduziam uma realidade que acompanhavam a importância que os esportes adquiriam para a sociedade, em especial o futebol.

As crônicas esportivas tinham um alto grau de importância no *JS*. Por meio delas, os cronistas tinham a missão de comentar brevemente um fato no campo esportivo, mas com altas doses de narrativas ficcionais. Em muitos casos, estes textos eram elaborados por literatos, poetas e escritores que tinham suas colunas fixas no *JS*. Nomes como José Lins do Rego, Geraldo Romualdo da Silva, Manuel Vargas Netto, sem falar no próprio editor e proprietário do jornal, Mário Filho, desfilavam suas técnicas literárias ao retratar os jogos, a vida dos atletas e dos clubes.

²⁴⁷ Não Haverá Concentração Absoluta! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.683, 22/05/1938. p. 1. Os subtítulos também são bastante representativos nesta campanha pela disciplinarização dos atletas: “Os ‘cracks’ podem divertir-se até meia noite! Uma estranha concessão de Pimenta que quebra a severidade do preparo dos players brasileiros”.

Vargas Netto, por exemplo, era além de cronista no *JS*, poeta, deputado federal e presidente da Federação Metropolitana de Futebol. Esta ligação dos profissionais do *JS* com os órgãos dirigentes do esporte brasileiro não era uma novidade, pois desde a gestão Argemiro Bulcão, esta “tradição” já era conhecida.

Portanto, a década de 1940 fora a fase mais dourada desta forma de noticiar os esportes, pois passara a contar com uma série de cronistas fixos e a desenvolver um apelo pelo heroísmo de determinados atletas e até mesmo dirigentes.

Um exemplo desta forma narrativa de emoldurar, em texto, uma pequena história esportiva, com apelos ficcionais, é a crônica de Manuel Vargas Netto:

Controle Médico

Os rapazes que jogam football quando sofrem qualquer restrição do médico, entendem que é perseguição ou má vontade do clínico. Em vez de agradecer ao médico pelo cuidadoso exame feito, o jogador, recusado ou posto em quarentena, revolta-se, fica zangado com o facultativo, como se este fosse o culpado das enfermidades ou deficiências físicas que outros apresentam.

Não é raro, em tais casos de recusa, ouvir-se de interessados torcedores ou do próprio atleta, que o médico errou, que aquilo é besteira, que o atleta jogou sempre, e nunca sentiu nada!

Muitos até insistem na prática desaconselhada deste ou daquele esporte.

Um dia a casa cai...

Quando o médico acusa um defeito é porque o encontrou. E se o encontrou é porque prestou boa atenção ao exame, teve zelo, e por isso só pode ser elogiado. O interesse não é de quem examina, mas do examinado. Tentar iludir o médico é iludir-se a si mesmo.

Agora no Rio Grande do Sul aconteceu um fato sobre o qual devem meditar todos os atletas.

Um rapaz de vinte e dois anos, forte, entusiasta, que era dianteiro de um clube de Osório, morreu em pleno impulso de um lance esportivo. Apoderou-se da bola, driblou toda a defesa adversária, e quando entrou na área do goal, sozinho, frente a frente com o keeper sem defesa, e todos esperavam o goal, o dianteiro caiu morto, fulminado por um ataque cardíaco. Se esse rapaz se sujeitasse a controle médico e o obedecesse, talvez, estivesse vivo até hoje, ou quem sabe, até muitos anos.

O controle médico é uma necessidade para o desportista.²⁴⁸

O cientificismo presente no texto de Vargas Netto, ao tratar o tema sobre a prevenção e o cuidado com a saúde que os atletas deveriam ter, é escrito com toques ficcionais, pois a personagem principal da história, o atacante de Osório, por ser muito habilidoso, conseguira driblar tudo e todos, não encontrando barreiras para o seu avanço e o seu objetivo final: marcar o gol. Todavia, apesar disto, não conseguira driblar o principal e mais temido dos adversários: a morte. Para tanto, era necessário cuidar da saúde e ter como aliados os médicos e agentes de saúde, demonstrando subliminarmente que futebol, apesar da habilidade individual, é um jogo de equipe, dentro e fora de campo.

Vargas Netto conseguia escrever sobre um tema mais “duro” e “difícil”, por vezes “árido”, com ideias criativas e que pudessem ser narradas chamando a atenção do leitor. Aqui cabe informar que mesmo que o fato fosse verídico, ainda assim, destacava-se a capacidade

²⁴⁸ VARGAS NETTO. Controle Médico. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.429, 04/05/1947. p. 7. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

ficcional da narrativa do cronista. Olhava-se, então, para o real, porém com um pé na ficção. Neste caso, cabe lembrar que o cronista destaca uma profunda preocupação com o mundo do futebol que ainda caminhava torto em relação à organização profissional do esporte.

Mediar o real e o ficcional era uma tarefa difícil e destinada aos cronistas. Quando um time de grande torcida não fazia um bom papel nos gramados, a crítica ao desempenho dos atletas era inevitável. Todavia, era preciso mediar a crítica, pois a fraca atuação da equipe poderia ocasionar uma diminuição nas vendas do jornal. Portanto, destacamos a seguinte crônica, também de Vargas Netto:

Eu não vejo motivo para tanto espalhafato e pessimismo só porque o Flamengo não está jogando todo o jogo de que é capaz. Interessante é verificar que os flamengos estão quietos. Quem reclama é justamente a turma adversária do Flamengo, como se tivesse vontade que o rubro-negro vencesse, ou como se de fato ficasse aborrecida com os insucessos.

Esse clamor é para “atucanar” o pessoal da Gavea, para fazê-lo perder a fleugma, uma coisa aliás muito necessária no esporte ou fora dele. No fundo da intenção há uma boa dose de ironia e de gozo.

Como diz o velho cabloco mineiro: “não vão assim no pio do macuco que pode haver onça!”...

O Torneio Municipal está funcionando como torneio de preparação. As equipes estão recuperando a forma. Ninguém precisa desesperar por uma performance má, quando ainda existe tempo de recuperação.

Depois é preciso pensar que esporte é disputa, é cotejo, e que tem as duas faces: perder e ganhar...

Quando o Flamengo representou a cidade enfrentando o bi-campeão paulista, saiu-se muito bem, pois empatou e podia ter vencido, porque vencendo esteve até quase o fim da partida. E fez uma boa exibição, mesmo desfalcado, ou talvez por isso, porque se cuidou mais e não teve complexos de superioridade.

Fecha os ouvidos e abre os olhos, Ernesto!

É preciso calma e olho vivo!

O Zé Lins me disse que estava confiante. É bom sinal, porque ele é um pouco pessimista.

Não se impressionem com essas derrotas inesperadas, mas sem consequências maiores.

O Flamengo ainda pode perder mais e vir a ser campeão. Uma coisa não tem nada com a outra.

Por exemplo: agora o Flamengo vai ao Sul, jogar em Porto Alegre. Dá uma surra no Grêmio e leva outra do Internacional. Pode até ser uma goleada. Não tem a menor importância...

Depois, pode ser campeão carioca!²⁴⁹

Ao terminarmos de ler a crônica acima temos a nítida sensação de otimismo e de boas expectativas em relação ao desempenho do Flamengo no restante do ano esportivo. O cronista consegue discutir a realidade, por meio de uma narrativa eivada de valores emocionais e de ditos populares, como, por exemplo, de que o melhor ainda viria para a torcida do time rubro-negro carioca. Temos uma tentativa de criar um panorama ficcional a partir de uma realidade bem diferente, já que se um time pode recuperar o bom desempenho ao longo de uma temporada, também é verdade que o fator emocional conta e muito em qualquer equipe esportiva, principalmente uma profissional.

²⁴⁹ VARGAS NETTO. Gangorra da Técnica... In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.431, 07/05/1947. p. 4.

Outro fator deve ser considerado, pois, como nós já relatamos neste trabalho, ao longo da administração Mário Filho, Flamengo e Fluminense teriam vantagens e privilégios na cobertura jornalística do *JS*, por conta dos laços e redes sociais estabelecidas por este editor com as famílias ligadas aos dois clubes. Tal cobertura era feita, todavia, de forma que os demais clubes não fossem desfavorecidos ou deixados de lado. Havia espaço para todos nas páginas cor-de-rosa do jornal.

Por fim, o jornal não poderia, sob a pena de perder leitores, desanimar os torcedores de qualquer time grande da capital.

Para termos mais um exemplo da crônica de Vargas Netto e sua capacidade de recriar a realidade, construindo, por vezes, mitos e heróis, cito a epopeia de Milton Braga Rolla:

Vem de Rio Branco, lá do longínquo território do Acre o Sr. Milton Braga Rolla, presidente do Clube de Football Fortaleza, da capital daquele território. O Fortaleza está sem campo. Tem o terreno, mas precisa de um auxílio para as instalações e o seu presidente veio do Acre ao Rio de Janeiro na esperança de conseguir esse auxílio.

O Brasil é grande, mas a abnegação, a perseverança e o idealismo desse desportista não se intibiam com as distancias territoriais. Veio à sua custa lutar pelo seu pequeno clube, em nome dos seus duzentos e tantos socios. As lonjuras do nosso país não foram obstáculo para seu presidente de um clubezinho acreano, que acredita na solidariedade dos seus patrícios.

E acredita mais porque está na fronteira, quero dizer, face a face com o estrangeiro, vendo outra bandeira panejando em frente à sua, ouvindo língua diferente, confrontando interesses diversos.

É esse sentimento de extremo, de vanguarda, de testa de tropa, que dá, do fronteirista, uma afetuosa confiança nos irmãos “mais para dentro”. Não deixam esse homem voltar desconsolado! Não o desamparem! Não o desiludam! Ele é o tipo de herói confiante. Ele acredita no amparo do C.N.D. e, portanto, do Governo.

É um homem pobre que trabalha pelo seu ideal desportivo. Atravessou milhares de milhas e veio ao Rio pedir que o ajudem no seu trabalho de construção. Não pede nada para ele. Pede para o seu clube, que vai adestrar aquela mocidade dos confins da pátria! Ele pede para o Brasil! Ele é um desportista, senhores! Correspondam ao seu esforço, porque é por um ideal.²⁵⁰

Esta terceira crônica é exemplar, pois permitia ao escritor dissertar sobre uma série de questões importantes para o jornal, como, por exemplo, a capacidade dos esportes em criar uma melhor integração nacional. Vargas Netto apela para que as autoridades pudessem colaborar para que o campo esportivo no Acre fosse ampliado e apoiado.

Para tanto, o autor, em sua narrativa ficcional, comenta que o desportista acreano, um verdadeiro herói nacional, vive no limite da brasilidade, na fronteira com o exterior, “face a face com o estrangeiro” e “vendo outra bandeira”. O sentimento nacionalista, mais uma vez, é lembrado e conectado ao campo simbólico dos esportes.

Sua tarefa de vir ao Rio de Janeiro é lembrada como um ato histórico e heróico e tal fato não poderia ser esquecido pelas autoridades, reais responsáveis pela integração nacional

²⁵⁰ VARGAS NETTO. Desportista do Acre. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.432, 08/05/1947. p. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

do país. Suas intenções são idealizadas pelo cronista que o eleva a um nível quase mítico. Tudo em prol e em nome dos esportes. Sua grande missão é destacada no final da crônica, pois o sr. Milton estaria prestando um serviço à pátria, ao se responsabilizar pelo “adestramento da juventude” daquela fronteira. O perigo da fronteira, da convivência com o diferente modo de vida e cultura dos países vizinhos poderiam desvirtuar a identidade nacional dos jovens acreanos, o que arruinaria o projeto de integração do Estado brasileiro. Os esportes, então, teriam o papel integrador, restabelecendo a ordem nacional e colaborando na manutenção do equilíbrio das forças políticas naquela região. Dava-se ao campo esportivo muito mais força e protagonismo do que a realidade possivelmente exigia. A ideia de esporte como campo pedagógico de atuação social ainda hoje é veiculada nos programas e projetos educacionais.

Percebemos que Vargas Netto e o próprio *JS* criavam, por meio das crônicas e das próprias notícias, um mundo a parte, na fronteira da realidade com a ficção, não pelo simples desejo de furtrar o fato real, mas pela necessidade de construir representações sociais e culturais que pudessem continuar alavancando o interesse pelos esportes. Mais do que uma mediação, o *JS* exercitava, diariamente, o seu poder de persuasão e de intervenção na sociedade carioca e brasileira.

O futebol, então, era uma matéria-prima valiosa para esta missão institucional do *JS*, por ser o esporte de maior interesse na sociedade brasileira, assim como ser um campo de criação de um grande imaginário social e de interpretações da realidade que possibilitavam a criação de mitos, heróis, vilões, epopeias e boas histórias esportivas e, acima de tudo, humanas.

A seguir, procuraremos discutir esta capacidade interventora e criativa do jornal na ocasião da construção do estádio principal para a Copa do Mundo de 1950.

3.3: A Copa não pode se esconder na zona Oeste: análise de uma campanha vitoriosa

Se, até o presente momento, nos convencemos de que o *Jornal dos Sports* tinha a pretensão de atuar duplamente no desenvolvimento do campo esportivo carioca, ao noticiar os fatos e eventos ligados aos esportes e de interferir no cotidiano deste campo, ao promover discussões e debates que teriam impacto nas ações dos clubes, nas associações esportivas e nas políticas públicas, não temos mais dúvida acerca desta proposta do *JS* ao examinar a segunda metade da década de 1940.

Tal fato atinge o seu apogeu na campanha empreendida pelo *Jornal dos Sports*, na época de Mário Filho, para que o estádio, posteriormente conhecido como Maracanã, voltado para abrigar os jogos da Copa do Mundo de 1950, fosse construído no bairro próximo ao Rio Maracanã e não na zona Oeste, em Jacarepaguá, como propuseram alguns políticos e jornalistas, como Carlos Lacerda, por exemplo. Nesta parte do trabalho, reforço a ideia de como o *Jornal dos Sports* consolidou-se como um periódico opinativo e com pretensões reais de intervenção no cotidiano esportivo da sociedade carioca.

Para tanto, foram necessárias várias crônicas e matérias publicadas ao longo de quase três anos de debates. As crônicas do *JS*, que atingiram, na década de 1940, o seu momento de maior importância, contavam com a participação de escritores que se tornaram bastante populares como Manuel Vargas Netto, José Lins do Rego, João Lyra Filho e Geraldo Romualdo da Silva.

Sobre o primeiro, podemos afirmar que, juntamente com Mário Filho, formava uma dupla forte de embate junto aos órgãos públicos para disseminar ideias e valores que pudessem colaborar para o pleno desenvolvimento da prática dos esportes na sociedade carioca e brasileira. Muitas vezes, o sarcasmo, a ironia e o deboche eram armas utilizadas por estes escritores, que usavam e abusavam do papel da crônica na vida diária do leitor e aficionado por esportes.

As características da crônica, misto de informação jornalística e texto narrativo ficcional, permitiam essa relação direta do escritor com o leitor, num diálogo que transformava o leitor do *JS* em parceiro e cúmplice do que estava sendo debatido. As reivindicações dos cronistas em prol da construção de um novo estádio para a Copa do Mundo de 1950, a primeira realizada no Brasil, mereceria uma verdadeira campanha de guerra para convencer as últimas trincheiras de resistência que poderiam existir diante de tal empreendimento.

Mais do que um *locus* próprio para a realização de um campeonato de futebol, o novo estádio era visto como símbolo de uma identidade nacional em construção. Ou seja, o Brasil não poderia abrir mão de mostrar ao mundo que seu povo atingira um alto padrão de desenvolvimento e de civilidade, capaz de competir em pé de igualdade, não só nas quatro linhas, por meio da vitória nos jogos, mas, também, fora delas, ao conjugar organização, modernidade e beleza arquitetônica.

Construir um estádio qualquer não seria suficiente. Deveríamos, então, construir “o estádio”, uma das maravilhas de um mundo moderno e que fosse internacionalizado ao agregar valores da arquitetura mundial, mas com uma alma inteiramente brasileira. Não por

acaso, o estádio seria chamado, pelo JS, de Estádio Nacional, quando ainda não se tinha o nome oficial para designá-lo, pois, na verdade, representaria os anseios de toda uma nação.

Cabiam aos cronistas, de acordo com a linha editorial, intermediar, mais uma vez e agora de forma mais incisiva, a expectativa da cidade do Rio de Janeiro, traduzida pelos interesses dos leitores, com a criação de um palco esportivo digno da qualidade de seu povo, com a ação do poder público. Para tanto, em uma crônica de Vargas Netto, temos o seguinte pedido:

Sr. Ministro da Educação

Todos os desportistas sabem que depende de providencias suas o andamento do projeto do estádio para a Copa do Mundo. É justo que todos nós esperemos solicitude da parte de V. Excia, e vou dizer porque...

Mesmo que se ponha de parte a obrigação de bem servir do povo, como membro do Governo que é V. Excia., separando-se a sua condição de ministro de Estado, que deve estar vigilante no trato dos problemas de sua pasta, ainda temos outros motivos para esperar a sua atitude amiga.

Vossa Excia. é uma das inteligências moças do Brasil. Homem de cultura, vivendo dentro da realidade, ao contrario dos “chichanos” de torres de marfim, educador em ação, sabe perfeitamente o papel do esporte na vida moderna. Sabe tambem que o esporte não tem como único fito a obtenção de campeonatos para clubes mas o preparo da mocidade para a luta pela vida, levantando as condições de higidez do povo.

Foi a prática intensiva dos esportes que permitiu aos americanos resistirem ao embate tremendo de uma guerra em cinco continentes.

Esporte é educação física, senhor ministro! por isso deve interessar fundamente à sua inteligência de homem moderno.

Precisamos de um estádio para realizar o Campeonato do Mundo, o que significa cumprir os compromissos internacionais do Brasil.²⁵¹

No texto acima, Vargas Netto procurava chamar a atenção do Ministro da Educação para a importância da construção do estádio nacional como forma de desenvolver plenamente os esportes no país. Usava a ideia de esportes e fortalecimento de um povo, deixando claro que a teoria eugênica ainda influenciava as mentalidades da imprensa esportiva e de parte da intelectualidade em finais dos anos 1940.

Citando a força dos soldados norte-americanos, que tinha origem, em sua opinião, no valor que os Estados Unidos davam para a prática de esportes, tentava convencer a autoridade política e governamental de que a II Guerra Mundial (1939-1945) teria sido vencida não por acaso, mas por participação efetiva de um povo preparado para tal desafio. Cabia ao Estado brasileiro se preparar para uma guerra: uma batalha pela organização e responsabilidade internacional, já que o mundo todo estaria com os olhos voltados para nós.

Boa parte da argumentação de Vargas Netto tem como mote a via educacional da prática de esportes, pois muitos políticos e alguns jornalistas contradiziam os benefícios que a

²⁵¹ VARGAS NETTO. Sr. Ministro da Educação. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5427, 1º/05/1947. p. 4. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

construção do novo estádio trariam, principalmente pelos altos custos advindos desta empreitada. Educação e saúde seriam setores onde os recursos públicos poderiam ser melhor empregados e não em jogos de futebol, por exemplo.

Desta forma, o cronista tentava driblar este adversário ao lembrar que investir em espaços esportivos era desenvolver a educação e também a saúde, pois os esportes trariam recursos fisiológicos ao homem moderno, por meio da educação física e do apelo de um bem estar de um povo que se tornaria mais saudável ao praticar esportes e, por consequência, mais forte e orgulhoso.

Mário Filho também apostava no discurso da modernidade para defender tal ideia. Como titular, desde 1936, da coluna editorial “Críticas e Sugestões”, encontrava aqui um palanque privilegiado para divulgar suas teses. Neste caso, também conclamava o poder público para investir na construção do estádio, como podemos analisar no texto abaixo:

A LIÇÃO do Campeonato Sul-Americano de Atletismo deve servir, também, de advertência para o Campeonato do Mundo de Football.

Quando se fala no Campeonato do Mundo parece que o único problema é o do estádio.

Nem Pacaembú nem São Januario foram construídos para um Campeonato do Mundo. Se são pequenos para certos matches dos certames locais, se não chegam para acomodar o público das finais dos campeonatos brasileiros, qualquer um pode fazer uma idéia de Pacaembú e de São Januario no Campeonato do Mundo. E, embora quando se fala em Campeonato do Mundo parece que o estádio é o único problema, não se fala muito nem de uma coisa nem de outra. Como se houvesse tempo para tudo.

O PAPEL DAS ENTIDADES

A construção de um estádio nacional, relegada, pelo menos oficialmente para as calendas gregas, ou mesmo a ampliação de São Januario, que não passou, até agora, de um projeto não dependem dos que assumiram a responsabilidade de organizar e promover o Campeonato do Mundo. Se o estádio nacional não for construído, se São Januario não for ampliado, a culpa é do Governo, que ignorou a importancia, para o Brasil, de um Campeonato do Mundo. O conforto do público depende do Governo, mas o êxito da representação brasileira depende da C.B.D., das Federações e dos clubes. (...)²⁵²

Mário Filho, nesta crônica, também reforça a importância do poder público para o sucesso da organização da Copa do Mundo de 1950.²⁵³ Sem ele, não adiantariam os esforços para que a CBD, as federações e os clubes fizessem uma grande competição.

A argumentação principal é em relação à acomodação do público que não estaria confortável o suficiente em estádios já existentes, como o Estádio Municipal de São Paulo (Pacaembú) e o São Januário (do Clube de Regatas Vasco da Gama). Apesar de citar que a ampliação deste último poderia ser uma solução paliativa para o problema, o JS iria se

²⁵² MÁRIO FILHO. Vamos Principiar a pensar no Campeonato do Mundo? In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.431, 07/05/1947. p. 2. Coluna Críticas e Sugestões.

²⁵³ Inicialmente, a Copa do Mundo seria no ano de 1949. Porém, como a FIFA não queria que o primeiro campeonato mundial pós-II Guerra Mundial fosse ofuscado pela proximidade com os Jogos Olímpicos de 1948, a data foi reagendada para 1950. Cf. também MÁRIO FILHO. Uma campanha que tem que prosseguir. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17/05/1947.

empenhar na ideia de construir um novo estádio, já que assim estaria confirmada a vocação esportiva do povo brasileiro, e também desenvolveríamos um símbolo de modernidade factível e gigante. Para tanto, todos deveriam cumprir a sua parte neste projeto nacional, mesmo que houvesse sacrifícios de todas as partes.

Este projeto, todavia, tinha uma trajetória histórica, desde 1941, a partir da criação do CND (Conselho Nacional dos Desportos) pelo governo Vargas, com o objetivo de organizar e planejar as atividades esportivas sob a ideologia do Estado Novo. A construção de uma grandiosa praça de esportes passara pela pasta do ministro Gustavo Capanema e pelas intenções do prefeito Henrique Dodsworth, mas ocorreram disputas entre estas duas esferas governamentais, o que gerou o “engavetamento” do projeto.²⁵⁴

O jornal, que sempre apoiara a ideia de construção e expansão de praças esportivas, não “jogaria a toalha”. Nos anos seguintes, a campanha prosseguiria, mesmo que de forma discreta. Em 1943, ao comentar e criticar a atuação da torcida carioca que, segundo o *JS*, não apoiava os clubes do Rio como, por exemplo, faziam os torcedores de São Paulo, a questão sobre o espaço apropriado para o público do futebol aparecia com força: “O público carioca devia olhar a atitude do público paulista, como um exemplo a ser seguido. Certas rendas do campeonato paulista não poderão, tão cedo, ser superadas no campeonato carioca. E isso porquê o futebol carioca não dispõe de um estádio municipal.”²⁵⁵

Apesar de Moura informar que “As primeiras palavras publicadas na imprensa acerca da necessidade de se construir um moderno estádio na cidade maravilhosa aparecerem nas páginas do *Jornal dos Sports* em maio de 1947”, podemos entender que tal ocorrera um pouco antes, conforme podemos verificar na análise das fontes.²⁵⁶ Todavia, concordamos com Moura de que, a partir da data citada, ocorrera uma campanha estruturada em torno da construção do estádio, que inicialmente era chamado de “nacional”, pelos motivos que já comentamos, mas que se firmara como “municipal”, por conta da empreitada liderada pela prefeitura sob a gestão de Angelo Mendes de Moraes.

A campanha do *JS* fora intitulada de “A Batalha do Estádio”, o que já é interessante, pois o jornal, quase que diariamente, publicava matérias, notícias, entrevistas e crônicas acerca da importância de um parque esportivo na cidade do Rio de Janeiro e que o mesmo deveria existir em uma área central como a do Derby Club, que ligaria em torno do mundo

²⁵⁴ MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 24.

²⁵⁵ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 04/05/1943.

²⁵⁶ MOURA, Giselle Araujo. Op. Cit. p. 25.

dos esportes as zonas Sul e Norte da cidade.²⁵⁷ Além disso, as obras nesta região resolveriam o problema de alagamento naquela localidade. O jornal encarava esta campanha como uma verdadeira batalha. Jornalistas como Carlos Lacerda, também vereador, propunha que ao invés do Derby Club, o local apropriado para a construção deveria ser o bairro de Jacarepaguá, na zona Oeste do Rio de Janeiro. O argumento de Lacerda era de que este bairro cresceria economicamente com os investimentos que viriam com a revitalização urbana, proposta pela construção do estádio. Cabe lembrar que, na década de 1940, a zona Oeste ainda se configurava como uma área praticamente rural.

Lacerda, mesmo derrotado, continuaria usando o seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*, anos depois, para continuar defendendo os interesses da urbanização daquela região, conforme podemos observar abaixo:

*As estradas rurais estão abandonadas
As estradas existentes em Jacarepaguá, tão importantes para o transporte da produção rural e para o turismo, que mereceram tantos cuidados (...) dos prefeitos Prado Junior e Pedro Ernesto, estão em péssimo estado de conservação, especialmente aquelas que somente servem para fins econômicos.
(...) Nessa região, essencialmente rural, há um hospital da Prefeitura quase abandonado. Acima do Tanque, as ruas transversais com maioria de residentes de trabalhadores, são esburacadas, calhes de capim e sem iluminação. Algumas residências não contam ainda com luz elétrica.
Nessa região de Jacarepaguá começa o verdadeiro “sertão carioca”, só conhecido pelos seus moradores.
(...)
Todo esse “interior” de Jacarepaguá não conta com meios de transportes, apesar da existência de empresas de ônibus que partem do Tanque ou Freguesia. Todas porém têm poucos carros velhos que trafegam sem horário.
(...) À rua Coronel Rangel, 316, a Prefeitura construiu há anos um belo edifício, que serve de sede à Escola Paraná. Apenas, hoje a Escola Paraná apresenta vidraças partidas, toldos rasgados, paredes rachadas, pintura desbotada e outras coisas. A engenharia municipal, no entanto, ainda não viu o estado daquele próprio municipal, da rua Coronel Rangel.
E assim se vive em Jacarepaguá.²⁵⁸*

Percebe-se, às vésperas da Copa do Mundo, que o jornal, liderado por Lacerda, utilizava o argumento do descaso com a saúde e com a educação por conta dos altos investimentos direcionados para o evento esportivo internacional.

Voltando ao ano de 1947, o *JS* festejara o interesse dos poderes públicos, nas esferas municipal e federal, na construção do estádio na área do Derby Club. A participação do presidente Eurico Gaspar Dutra nesta campanha é comemorada na primeira página do jornal, no dia 15/05/1947:

²⁵⁷ Sobre este último ponto, ver MÁRIO FILHO. A vergonha de ser contra o estádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 07/03/1948.

²⁵⁸ As estradas rurais estão abandonadas. In: *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 1º/04/1950. p. 2. Caderno Notícias da Cidade.

Não há como negar a extraordinária importância que neste momento assume a construção do Estádio Nacional, a fim de que possamos apresentar ao nosso público e às delegações que nos visitarão em 1949 um local condigno para a realização da “Copa do Mundo”.

Volta o assunto à ordem do dia, agora com ampla intensidade, dado a aproximação da época assentada para o magno certame internacional. E todas as vozes apontam como de inadiável realização, clamando por que se não negue à nossa Pátria o direito de demonstrar a todos os povos do mundo o alto grau de cultura que devotamos às coisas do esporte, inegavelmente o maior fator para a difusão dos princípios cívicos e eugênicos da nossa gente.

Não será demais, pois, insistir por que seja desde logo uma realidade a construção do Estádio Nacional, para o qual, sem dúvida, se acham voltados, não só o interesse de todos os esportistas do país e do estrangeiro, como as energias dos que têm sobre os ombros as responsabilidades da alta administração do país.

(...) Dono de varios projetos no sentido de ser o esporte brasileiro dotado não só do Estádio Nacional, mas também de uma rede de praças esportivas espalhadas por diferentes regiões do nosso território, o Sr. Hilton Santos representa uma voz autorizada no importante assunto, já pelas suas relações pessoais com o Sr. presidente da República, já, outrossim, pelo alto cargo que ocupa na administração pública.

Num encontro de JORNAL DOS SPORTS com o ex-presidente do Flamengo, prestou-nos o Sr. Hilton Santos as informações que seguem:

- “O projeto para a construção do Estádio Nacional se acha em pleno andamento” – disse-nos o Sr. Hilton Santos, no mesmo se achando vivamente empenhado o senhor presidente da República, que já tomou as medidas legais cabíveis no caso.

Assim um dos últimos decretos-leis de Sua Excelencia, o de nº 9.912, fere o assunto da construção da grande praça de esportes nacional, atribuindo ao Conselho Nacional de Desportos diversas prerrogativas, quais sejam a indicação de Comissões e Sub-Comissões, cujas principais são as de Planejamento e de Execução. Não se acha paralisado, pois o assunto” – acentuou o Sr. Hilton Santos.

Todo o expediente elaborado pelo Conselho Nacional de Desportos se encontra em poder do titular da Educação, Dr. Clemente Mariani, que, somente pelo fato de encontrar-se enfermo, não o submeteu ainda à apreciação do Sr. presidente da República para o encaminhamento ao Legislativo.²⁵⁹

O apelo à responsabilidade do governo e da importância do esporte nacional para a sociedade brasileira são algumas máximas que seriam exploradas pelo JS em sua “Batalha do Estádio”. A construção do estádio seria um ato de civismo, de boa atenção com a nossa “Pátria”. O jornal se preocuparia, mais adiante, com os prazos e metas estabelecidas para a plena organização da Copa do Mundo. Outra característica marcante no texto é o discreto, mas quase sempre presente discurso em favor da eugenia, pois a prática de esportes melhoraria a raça brasileira.

Em princípios de junho de 1947, a Prefeitura do Rio de Janeiro resolveria a questão de vez, ficando responsável pela construção do estádio por possuir melhores condições financeiras e de ser a proprietária do terreno do Derby Club.²⁶⁰ Some-se a isso a ideia de que a Prefeitura teria mais agilidade administrativa e menos burocracia governamental para empreender tal ação.

O discurso em torno do uso dos recursos públicos para a construção de praças e monumentos esportivos consumia várias páginas dos jornais do Rio de Janeiro. O JS era um

²⁵⁹ Vivamente Empenhado o Presidente Dutra no Estádio Nacional! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.438, 15/05/1947. p. 1 e 4.

²⁶⁰ MOURA, Gisella Araujo. Op. Cit. p. 27-28. Posteriormente, verificou-se que a área não pertencia à Prefeitura, mas ao Jockey Club, o que levou ao poder municipal a permutar áreas em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas. Ibidem. p. 29.

defensor de que a construção do estádio tinha um objetivo pedagógico e salutar à medida que os esportes eram instrumentos eugênicos de aprimorar o valor da disciplina nas escolas e melhorar as condições de saúde da população. Desta forma, indiretamente, o estádio novo possibilitaria ampliar ainda mais o interesse dos esportes nas escolas, reeducando os jovens e esvaziando os hospitais, e diminuindo, por consequência, as despesas com os gastos públicos com a saúde.

Segundo Moura, o próprio correligionário de Lacerda na UDN, o também vereador Ary Barroso, encomendara uma pesquisa ao Ibope sobre o que a população em geral e os torcedores achavam da construção do novo estádio. Sendo a resposta da pesquisa favorável à campanha pela criação do novo monumento esportivo, o *JS* publicara os resultados da mesma:

Conduzida em duas etapas, a pesquisa ouviu 580 pessoas do público em geral e 500 aficionados pelo esporte – entrevistados nas saídas dos campos de Botafogo, Flamengo, Vasco, Madureira e Bonsucesso, nos dias 16 e 17 de agosto. À primeira pergunta – “O senhor acha necessária a construção de um estádio para a cidade?” –, responderam afirmativamente 79,2% dos entrevistados entre o povo em geral e 95% dos aficionados. Sobre a localização do estádio, 56,8% da população e 85,2% dos aficionados apontaram o Derby Club como o local mais apropriado. A pesquisa revelou ainda que, para 30,5% do público, a maior diversão era o cinema, seguido de perto pelo futebol (29,2%). Entre os aficionados, 84,8% apontaram o futebol como sua maior diversão e 8,2%, outros esportes. Quanto à disposição de cooperar para a concretização da obra, 53,6% da população carioca e 77% dos aficionados mostraram-se de acordo.²⁶¹

O *JS* concluía que a população carioca, enfim, estava apoiando de fato a ação construtiva da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, e tal pesquisa, ao ser publicizada, aumentaria ainda mais o calor da campanha pela construção do estádio. Mário Filho e Vargas Netto, em suas colunas, assim como outros redatores e cronistas, disparavam palavras de repúdio àqueles que ainda resistiam ao inevitável: a modernidade que o novo monumento traria, extrapolava os limites da cidade, impondo ao Brasil um lugar de grande destaque no cenário internacional.

A resistência, para estes cronistas, partia de pessoas que colocavam a política interna acima dos interesses da população - daí a importância da publicização da pesquisa acima descrita -, e daqueles que seriam incapazes de articular o quadrimônio esportes-educação-saúde-sociedade. Esportes, para o *JS* e seus cronistas e redatores, teriam uma função social primária: a de educar as massas para o seu aprimoramento físico e mental.

Até mesmo a comparação e a rivalidade com São Paulo foi utilizada pelo jornal para justificar o apoio à construção do estádio, pois com o surgimento do estádio do Pacaembú, em 1942, os estádios cariocas não estariam em condições iguais de prestigiar uma moderna

²⁶¹ Ibidem. p. 30. Cf. também *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 19/08/1947.

partida de futebol. Para Vargas Netto, por exemplo, o Rio de Janeiro, como capital federal, não poderia ficar atrás de São Paulo em nenhum assunto possível.²⁶²

Não só a rivalidade com os paulistas fora lembrada neste longo debate, mas também a disputa com os argentinos que possuíam, na ocasião, estádios mais bem estruturados e que fora o único país a não apoiar a escolha da sede da Copa do Mundo em terras brasileiras, já que queria que a mesma ocorresse por lá.²⁶³

Tendo todos os argumentos colocados e explorados para o público, era hora e momento do projeto ser aprovado definitivamente pela Câmara de Vereadores, o mesmo que fora redigido pelo vereador comunista Iguatemi Ramos. Para o jornal, não havia mais tempo a perder e o periódico, vencido os argumentos contra as últimas resistências, direcionava seu olhar interventor para a decisão final do órgão legislativo municipal:

Esperava-se que a Camara Munipal andasse muito mais depressa para autorizar a construção do estádio. Principalmente depois que, agitada pelo vereador Carlos Lacerda a questão da Vila Olímpica em Jacarepaguá, se tornou claro que a maioria absoluta dos vereadores era pelo estádio para o campeonato do mundo. A questão da Vila Olímpica em Jacarepaguá teve esse mérito: definiu a posição da Camara Municipal, em relação à mensagem do prefeito antes que ela entrasse na ordem do dia. Antes mesmo que ela tivesse o parecer favorável da Comissão de Justiça. Sabe-se, portanto, qual a posição que a Camara Municipal vai tomar. Ou melhor: qual a solução que vai adotar para o problema do estádio.

O DILEMA

Justamente por isso se sente mais a demora de uma decisão que já se sabe qual será. Se houvesse dúvidas, a ponto de justificar apreensões, se comprometeria qualquer adiamento, embora a premência do tempo seja cada vez maior. Sabe-se, porém, até a votação contra e a favor, quais os vereadores que se batem pelo estádio e quais os vereadores que combatem o estádio. Talvez a votação a favor seja maior do que se supõe. Até agora os vereadores que são contra, felizmente pouquíssimos, ainda não se encontraram na situação de ser definitiva, irremediavelmente contra uma coisa que o povo vem querendo há tanto tempo.

*(...) Mas é preciso um pouco de pressa, inclusive dos que são, a favor e que, com a vitória nas mãos, não pareçam sentir que o tempo vai diminuindo, dia a dia, a distancia que separa setembro, já setembro de quarenta e sete, de junho de quarenta e nove. Outro dia eram dois anos, agora é um ano e dez meses a caminho de um ano e nove meses. Todos que querem o estádio têm de lutar contra o tempo. Inclusive os vereadores.*²⁶⁴

Dentro desta argumentação contra o atraso da decisão final da Câmara, que parecia irremediavelmente a favor da construção do estádio, o *JS* pressionava o órgão pois o tempo passara rápido e o Brasil não poderia passar vergonha diante da comunidade internacional. Neste momento, a decisão que prorrogaria o calendário da competição para o ano seguinte, 1950, ainda não tinha sido divulgada pela FIFA.

²⁶² MOURA, Giselle Araujo. Op. Cit. p. 32. Cf. também: VARGAS NETTO. O direito do povo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 17/09/1947.

²⁶³ MOURA, Giselle Araujo. Op. Cit. p. 33. Os estádios, segundo a autora, apesar de antigos, teriam a capacidade para 120 mil pessoas. Cf. também: SILVA, Geraldo Romualdo da. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 14/09/1947.

²⁶⁴ MÁRIO FILHO. Parece que a Câmara Municipal não sente o tempo passar. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.534, 04/09/1947. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2.

O jornal, como estratégia de pressão política, passou a publicar entrevistas com vários vereadores que eram, então, “obrigados” a se posicionar diante do público leitor/eleitor como ocorrera com o político Gama Filho:

O vereador Gama Filho, na “enquete” que JORNAL DOS SPORTS vem realizando na Câmara Municipal, manifesta desde logo a sua opinião a respeito do Estádio Municipal, sem rebuços, de forma decisiva, encarando-a com a importância que lhe é devida. Demonstrando ao repórter até surpresa em que pesa existir no seu íntimo, qualquer dúvida a respeito do momentoso assunto:

- Sou um homem prático, que vive no meio do seu povo e como tal chego a julgar até surpreendente que ainda possam julgar-me com tal ou qual opinião a respeito do Estádio. Somente os que se conservam alheios do pensamento da coletividade carioca é que poderão ignorar o que o esporte para ela representa. E o querer transformar a questão do Estádio em caso político, mais do que desmerecer a confiança de seus eleitores, é desumano, é impopular e injustificável. No esporte não há este ou aquele partido político ou adversário dessa ou daquela ideologia. O assunto é bem do povo, pois, não só o carioca, como o brasileiro. Não temos o direito de retardar e muito menos impedir que o nosso país e em especial a nossa linda “Cidade Maravilhosa” seja a capital do mundo durante alguns dias, (...).²⁶⁵

Desta forma, o jornal procurava tomar para si, a votação da Câmara dos Vereadores, à medida que publicava a opinião dos políticos daquela casa legislativa, procurando demover dúvidas e resistências e tentando, por fim, acelerar o processo de votação do projeto, que veio a ocorrer apenas em 29/10/1947, com 28 votos a favor e 6 contra.

Passada mais esta vitória na esfera legislativa, o *JS* concentraria as suas forças em mais uma frente na “batalha do estádio”: a campanha pela venda das cadeiras ao público carioca. Para colaborar com o orçamento vultuoso para levantar tal obra, a Prefeitura do Rio de Janeiro venderia trinta mil cadeiras cativas que poderiam ser utilizadas por um período de cinco anos. Mais uma vez, a oposição se fez presente e uma crítica contra a venda das cadeiras fez com que o *JS*, mais uma vez, se posicionasse a favor da gestão do prefeito Mendes de Moraes, alegando que se o povo estava a favor da obra, precisava contribuir para a execução da mesma. O que estava em jogo não era apenas a construção de um monumento, mas sim a elevação da modernidade brasileira, em um palco internacional. Portanto, todos, então, deveriam participar de tal empreendimento.²⁶⁶

Vencida mais esta etapa, o jornal defenderia vigilantemente a construção do estádio, pedra sob pedra, de forma inusitada: acompanharia o andamento da obra desde o seu início, em julho de 1948 até as vésperas de sua inauguração, em 1950. Neste período o *JS* publicava fotos quase diariamente da evolução da obra, crônicas enaltecendo a liderança do prefeito

²⁶⁵ Apoio Integral à Campanha do Estádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.539, 10/09/1947. p. 1.

²⁶⁶ Cf. MÁRIO FILHO. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 21/11/1947. Coluna Críticas e Sugestões. p. 2 e LYRA FILHO, João. Uma cadeira no estádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 28/12/1947.

Mendes de Moraes e chegava a chamar a todos para visitar as obras do Estádio Municipal, conforme podemos perceber em dois dos vários exemplos examinados nesta nossa pesquisa:

I.

*Uma realidade o Estadio Municipal – O desportista que passa pelos terrenos do antigo Derby Club vibra com o espetáculo que lhe proporcionam as obras de construção do Estádio Municipal. Trata-se, sem dúvida, alguma, de um empreendimento de vulto, justo orgulho da engenharia nacional e motivo de satisfação para o desporto brasileiro. Dia a dia os trabalhos avançam e, numa data que não está longe, teremos então o nosso estádio, o maior monumento esportivo do mundo. Aí temos uma visão fotográfica das obras do Estádio Municipal, colhida pela objetiva de Angelo Gomes, notando-se já o segundo andar das arquibancadas em adiantada construção.*²⁶⁷

II.

*Já iniciado o terceiro piso – Da forma costumeira, aí têm os nossos leitores mais uma fase da marcha da construção do Estadio Municipal. Fundido já o plano das “Cadeiras Cativas”, atinge agora a obra a sua passagem mais importante, que é a fusão do plano inferior sobre o qual repousarão as arquibancadas monumentais, que constituem duas terças partes da estrutura. A corrida do concreto nesse plano já foi iniciada, achando-se as fôrmas todas prontas para o referido plano. E já sendo armada, podem ser vistas as fôrmas das arquibancadas, que se elevam em varios setores.*²⁶⁸

Os leitores poderiam participar da obra do estádio lendo as páginas do *JS* e vendo as imagens que eram produzidas pelos fotógrafos do jornal. Tudo era vigiado e controlado pelo jornal e as críticas da demora da sua finalização eram defendidas por Mário Filho e equipe. O colosso de concreto, o gigante do Maracanã, o palco principal da Copa do Mundo de 1950 e vários outros adjetivos foram inventados pela equipe do *JS* para propagar ainda mais a importância que o novo monumento teria para a vida da sociedade carioca e brasileira. O cronista Geraldo Romualdo da Silva chegava a comparar o Estádio Municipal, futuro Maracanã, ainda em obras, com a importância arquitetônica e social que o Estádio Wembley tinha para os ingleses. Comparação que de certo modo tinha um quê de previsibilidade, mas que tinha a intenção de criar uma tradição, antes mesmo dela ter iniciado na prática. O gigantismo do Maracanã, para além de sua estrutura arquitetônica moderna, começara antes, nas páginas do *JS*, com a comparação com os maiores estádios do mundo. A imagem do estádio é transformada quase em um mito, como vários outros criados ao longo da história do jornal:

(...) O maior de todos surgirá no Brasil:

Wembley, como todas as demais praças de esporte aqui focalizadas, tem sua história mais um menos heroica. Wembley, como todas elas, é admirado pela magnificência da estrutura. Breve, porém, mau grado as dificuldades e os obstáculos que cercaram a construção do nosso Estádio Municipal, atletas e dirigentes terão de se curvar ante a maravilha que ora se ergue no Rio de Janeiro, cuja capacidade ultrapassa a quantas enumeramos nesta reportagem e cuja beleza arquitetônica constituirá motivo de orgulho para os técnicos nacionais.

²⁶⁷ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6.038, 1º/05/1949. p. 9.

²⁶⁸ *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6.043, 07/05/1949. p. 1.

*Certo que se demorará um pouco mais do que Wembley. Certo que levará mais dias que todos os coliseus célebres da Terra, mas já esteve pior. Deixando de ser sonho e tornando-se uma realidade palpável e sensível, ele constituirá por si só uma expressão do progresso do football brasileiro nos próximos confrontos pela Copa do Mundo.*²⁶⁹

As dificuldades encontradas no período pré-obra e mesmo durante a mesma são utilizadas para valorizar ainda mais o ato heróico de sua construção e previa, então, o futuro de sucessos e glórias do Estádio Municipal. Desta forma, o jornal continuava a exaltar a importância do estádio e justificava o atraso nas obras, que, também, a cada dia causava temor e receio de todos, além de insuflar os argumentos da oposição à construção do estádio. Já se pensava que o atraso poderia inviabilizar a organização da Copa do Mundo no Rio de Janeiro.

Mário Filho, portanto, tinha a missão de tranquilizar os seus leitores, alegando que nada impediria a marcha da vitória da “batalha do estádio”, cujo papel de protagonista era destinado ao JS:

Desencadeia-se nova campanha contra o Estádio Municipal. De um certo modo a campanha contra o Estádio Municipal nunca teve, rigorosamente, solução de continuidade. Por isso o que se chama de nova campanha é a mesma velha campanha. A campanha que tomou todas as formas, inclusive a do silêncio. Havia sempre um interesse inconfessável por trás da má vontade e da má fé. Comissões de terreno, comissões de propaganda. (...) Por isso eu admiro cada vez mais o general Mendes de Moraes. O general Mendes de Moraes teve todos os pretextos para não construir o Estádio Municipal. Outro teria desistido. (...) A obra empreendida não era uma obra para dois anos. A indústria brasileira não estava preparada para um empreendimento daquele vulto. O Estádio Municipal virá a ser a quarta obra em concreto do mundo. Foi preciso que a indústria brasileira se aparelhasse para as necessidades do Estádio Municipal. E a realidade do monumento do Derby serve, assim, sobretudo, como um motivo de orgulho. Quem avista as obras do Estádio Municipal experimenta a vaidade de ser brasileiro. (...) Pois apesar disto há quem tente ainda sabotar o Estádio Municipal. Usando a arma da intriga. Acabou-se a demagogia das escolas e hospitais. Resta a intriga. E faz-se a intriga para tentar o impossível: o desânimo do general Mendes de Moraes.

(...) O Estádio Municipal não é só um monumento para o campeonato do mundo. Não é só um cartão postal do Brasil para o Mundo. É o maior estádio do mundo para os clubes e entidades do Brasil. Um estádio que abriga uma nova era para o esporte brasileiro. (...) O Rio de Janeiro, com o Estádio Municipal, se transformará na Meca do football mundial. Não há temporada que não se torne possível com o Estádio Municipal. Para que se tenha uma ideia do que será o Estádio Municipal: com um único jogo um clube poderá pagar um grande team, os contratos de um ano de grande team. O esporte brasileiro ficará devendo toda vida esse serviço ao general Mendes de Moraes.

(...) E o mais espantoso é que alguns desses intrigantes pertencem à crônica esportiva. São conhecidos. Foram os mesmos de Terra Seca, do Estádio Nacional, e agora reforçados por quem mais combatem o Estádio Municipal, na Câmara dos Vereadores. Nada os detem: para eles a C.B.D. seria capaz de uma chantage. A chantage de exigir uma indenização para fazer disputar o campeonato do mundo no único local em que o campeonato do mundo poderá ser disputado. Sabe-se que nada será capaz de deter a marcha do Estádio Municipal que já transcendeu, de muito, os limites de uma obra regional, que se transformou numa das maiores obras nacionais já empreendidas. O Estádio Municipal deu nova expressão ao campeonato do mundo. A base da propaganda do campeonato do mundo, no mundo, é o Estádio Municipal. Base de uma propaganda, diga-se de passagem, que não é do governo nem das entidades. Propaganda que se tornou uma consequência natural do esforço gigantesco feito pela Prefeitura do Distrito Federal, pelo empenho de um homem, o general Mendes de Moraes, que redime o descaso dos governos do Brasil pelo esporte, para dar ao

²⁶⁹ SILVA, Geraldo Romualdo da. De Wembley ao Derby Club; História de Estádios Famosos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6.095, 07/07/1949. p. 5.

*maior acontecimento esportivo e turístico da história do Brasil palco que o consagrasse aos olhos do mundo.*²⁷⁰

Nesta crônica em forma de protesto, Mário Filho procurava sintetizar as principais questões relativas às resistências contra a construção do Estádio Municipal: a oposição incessante, as comissões eternas, lentas e burocráticas para a aprovação do projeto nas esferas federal e municipal e as intrigas criadas pela oposição para desalinhar a aliança entre a CBD e a Prefeitura da cidade, por conta do atraso nas obras.

Para Mário Filho, surgiria a figura heróica do prefeito, o general Angelo Mendes de Moraes. Este, segundo o cronista, fora um dos poucos dirigentes políticos a acreditar no projeto do começo ao fim, lutando contra uma indústria da construção civil inadequada para o tamanho do empreendimento e marchando (como militar que era) até o final da batalha.

Para terminar, o cronista acreditava que o estádio traria lucro para os clubes, pois possibilitaria acomodar um número bem maior de torcedores e que a Copa do Mundo aumentaria ainda mais o interesse pelo futebol entre os brasileiros. Por fim, em relação ao torneio mundial, Mário Filho exagerou tanto ao redigir a sua crônica, que chegara a dizer que a própria Copa do Mundo seria outra, diferente, com a construção do Estádio Municipal. Esperava-se que o mundo estivesse com os olhos voltados para o Brasil e que o futebol brasileiro, tendo o estádio como palco principal, pudesse ser reconhecido de uma vez por todas.

Em mais uma crônica do *JS*, a vinculação da construção do estádio com a Copa do Mundo fica evidente:

(...) É inestimável, é incalculável e é inacreditável o que se ficará devendo à “Copa do Mundo” de 50, como agente de expansão do nome do Brasil. Praza a Deus que nos campos das próximas refregas, possamos contar com atletas que ratifiquem pelo empenho, pela capacidade técnica e pela disciplina, essa publicidade, que tem suplantado em muito, em tudo, o café, ao samba e ao “colar de pérola” de Copacabana.

Porque esta é uma dura verdade, mas é uma verdade os europeus não nos conhecem senão pela força desses agentes e, um pouco, também, pelas graças de Carmen Miranda...

Incrível, pois não? Mas acreditem nessa dura verdade. Nessa verdade que muito custa a ser dita, mas que deve ser dita em benefício da própria verdade.

(...)

Mas, já que se aponta o football como o mais recente e o mais sério rival do café, do samba e de Carmen, é justo e natural, entretanto, que se o tenha “xipofagamente” ligado ao Estádio Municipal.

*Sim, porque desde que se anunciou ao mundo que anda em crescimento no Brasil, um estádio com capacidade para 155 mil pessoas, nada se conta nem nada se diz ou se escreve na Europa em relação à “Coupe Jules Rimet”, que também não tenha por base o Estádio Municipal – esse nosso estádio que continua aparecendo aos olhos dos europeus menos crédulos como um simples prenúncio de estádio.*²⁷¹

²⁷⁰ MÁRIO FILHO. A Arma da Intriga na Nova Campanha contra o Estádio Municipal. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.648, 03/01/1950. p. 3.

²⁷¹ SILVA, Geraldo Romualdo da. A “Copa do Mundo” Descobre o Brasil...Base da Propaganda: Estádio Municipal. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.648, 03/01/1950. p. 3.

O Brasil teria uma oportunidade única de mostrar ao mundo de que seria o país do futebol e tal informação tornava-se factível pela construção do Estádio Municipal. Se ainda não tínhamos o título da Copa do Mundo, teríamos o título de maior estádio do mundo e muitas possibilidades de conquistar o campeonato em casa. O futebol, para o cronista, seria uma das principais identidades brasileiras no plano internacional, como o café, Carmen Miranda e a Praia de Copacabana.

Desta forma, acreditamos que a campanha em torno da construção do Maracanã fora a principal ação de intervenção do *JS*, não só no campo esportivo, mas na própria sociedade. Todavia, cabe lembrar que o jornal nascera em 1931 com este tríplice propósito: de noticiar, mediar e intervir na sociedade carioca, por meio da cobertura jornalística dos esportes, da elaboração de colunas e crônicas e de campanhas culturais, comerciais e ideológicas do jornal.

Se Mário Filho liderava o *JS* na campanha pela “batalha do estádio”, há que se chamar a atenção da atuação dos vários escritores que fizeram da crônica esportiva a sua arma principal. Nomes como Vargas Netto, Geraldo Romualdo da Silva e outros construíram uma trincheira literária em prol da construção do estádio e da importância que este teria para o êxito brasileiro na Copa do Mundo de 1950.

Enfim, a campanha fora bem sucedida. O estádio fora inaugurado em 16 de junho de 1950 e Mário Filho, como retribuição à sua luta incessante pela construção do estádio e pela valorização do futebol e da própria seleção brasileira, fora convidado pela CBD a integrar uma das três subcomissões da Comissão Técnica para a Copa do Mundo. No caso, tratava-se da subcomissão técnico-psicológica.²⁷² Um pouco mais tarde, em 1966, quando já tinha falecido, seu nome seria vinculado ao do estádio, por conta de uma campanha empreendida por vários jornalistas, tendo a frente o seu irmão Nelson Rodrigues e o radialista Waldir Amaral.

Agora, portanto, o espetáculo estava praticamente pronto. A “batalha do estádio” fora vencida depois de alguns anos de resistência do jornal e de vários outros setores da sociedade. A ideia de relacionar futebol e identidade nacional percorria todos os círculos de discussão na cidade e no país. O público aficionado tinha uma grande expectativa em torno da seleção brasileira.

²⁷² MOURA, Giselle Araujo. Op. Cit. p. 52. As outras duas comissões eram a observadora e a médica. Na subcomissão técnico-psicológica, Mário Filho tinha a companhia de Alfredo Curvelo, redator de *JS*, Afonso de Castro, Andrade Leitão, Marcionillo Cunha e Luiz Menezes. Segundo Moura, esta subcomissão teria a missão de cuidar da “preparação emocional dos atletas para as responsabilidades e as pressões decorrentes do campeonato e também com o esclarecimento dos jogadores quanto a regras e arbitragens”.

O *JS* atingia a sua melhor fase e, desde o final da década de 1940, estampava em sua primeira página que era “o matutino de maior circulação no distrito federal” e também “o matutino esportivo de maior circulação na América do Sul”. A campanha pela construção do estádio dera ao jornal um *status* de veículo privilegiado por suas excelentes relações com os poderes públicos. O jornal vendia cada vez mais. A Copa do Mundo encontrava no *JS* o espaço ideal para a publicação das notícias do futebol brasileiro e internacional. O público tornava-se mais e mais interessado nas páginas esportivas.

A conjuntura era a mais propícia possível para o sucesso do futebol brasileiro, pois, fora de campo, isto já era uma realidade. A imprensa esportiva se consolidava de vez e tornava-se uma constante na vida do brasileiro. Consultá-la, diariamente, era um hábito que se expandia para um público cada vez maior. Todavia, nem Mário Filho, nem nenhum outro cronista e redator do *JS* ou de qualquer outro jornal, esportivo ou não, poderia imaginar o que ocorreria naquela Copa do Mundo. Mesmo com a decepção do futebol brasileiro neste campeonato, a imprensa adotaria um novo discurso: a busca pelas causas de uma derrota histórica. Imprensa e esportes casaram de vez, na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza, na alegria ou na tristeza. Neste caso, mesmo a tristeza, aguda como nunca, seria motivo de pauta nas redações esportivas.

DIRETO PARA AS ROTATIVAS! OU NOTAS CONCLUSIVAS

Após analisar quase vinte anos de publicação do *Jornal dos Sports*, conseguimos entender um pouco mais da sociedade carioca e brasileira no período que vai de 1931 a 1950. Pelo menos, no campo esportivo, temos um bom panorama do que significavam os esportes para o brasileiro, em especial, o carioca. Claro que estamos nos referindo ao olhar da imprensa na mediação e criação de representações sociais e culturais da sociedade do Rio de Janeiro, então capital federal.

As representações coletivas da sociedade carioca de início do século XX encontram no mundo esportivo um campo de atuação importante e significativo. São construídas, em muitas das vezes, por relações diretas do indivíduo com uma identidade coletiva provocada por escolhas pessoais, locais e sociais como, por exemplo, a simpatia por uma determinada modalidade esportiva, a torcida por um clube de regatas ou de futebol, a identificação com um bairro, um clube ou uma associação esportiva. Refiro-me a indivíduo por meio do conceito clássico de Raymond Williams, que é o de individualidade, ou seja, na chave das opções e escolhas pessoais e que encontram um respaldo na ação coletiva.²⁷³

O crescimento do interesse por este assunto – os esportes – revela uma posição dialética com a população, pois a imprensa atende, simultaneamente, às expectativas dos leitores que querem mais informações sobre os jogos, os times e os esportes e, também, o investimento dela mesma em criar um espaço nas páginas dos jornais, acreditando que este alavancaria as práticas esportivas vigentes. Investimento capitalista com aplicação de recursos técnicos e contratação de repórteres e, não menos importante, investimento numa criação simbólica. Podemos dizer que os periódicos que abriam um espaço para os esportes e, no caso, o *Jornal dos Sports*, um dos poucos especializados no assunto, tentavam traduzir uma realidade que se tornava bastante popular ao longo dos anos 1920 e que explode nos anos 1930, por uma série de fatores importantes. Dentre estes, podemos citar o aparecimento de jornais especializados ou da chamada “grande imprensa” abrindo espaços maiores em suas páginas; a questão da profissionalização do futebol que ocorre em 1933, apesar de vários clubes já utilizarem esta prática há algum tempo (chamamos este fenômeno de semiprofissionalismo ou profissionalismo marrom); a participação brasileira na Copa do Mundo de Futebol em 1938, quando o Brasil conseguiu a terceira colocação e revelou para o

²⁷³ Segundo Williams: “**Individualidade** é o que tem uma história mais longa e se origina de um complexo de significados dentro do qual **individual** se desenvolveu, e enfatiza tanto uma pessoa singular quanto seu pertencimento (indivisível) a um grupo” (grifo do autor). Cf. WILLIAMS, Raymond. *Palavras-Chave* – Um vocabulário de cultura e sociedade. Boitempo Editorial, 2007. p. 230.

mundo o jogador Leônidas da Silva (o “Diamante Negro”) e a utilização do esporte como chave motivadora e criadora de uma nova identidade nacional promovida pelo Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). Porém, não só traduziam como investiam nela, conforme já dissemos, apostando e colhendo os frutos gradativamente do seu sucesso.

A imprensa tornou-se cada vez mais companheira deste espaço dual, deste tempo dinâmico que se traduz em vendas de papéis e imagens, e, mais do que isto, de construção de ideias e identidades coletivas. Acompanhar o ritmo de interesse ou ditar este mesmo pulsar de novidades? Na verdade, podemos entender que a imprensa tinha este duplo papel dentre as suas várias funções. Ela própria se modificando em sua estrutura interna, em seu dia a dia, se transformando num símbolo do desenvolvimento industrial e tecnológico, se adaptando às transformações capitalistas nacionais e internacionais e construindo um discurso, uma linguagem específica, mais ágil e dinâmica, própria dos novos tempos. A técnica literária da qual nos informa Sussekind vem ao encontro desta reflexão, pois as tecnologias empregadas no período são fundamentais para compreender as novas formas de difusão dos interesses culturais da sociedade dita moderna. Em resumo, temos mudanças nas tecnologias, nos canais de comunicação, nos meios de difusão cultural, nos interesses coletivos, nas formas de compreender o tempo e o espaço que se mesclam em suas múltiplas funcionalidades. Enfim, numa nova linguagem, não como letras ou falas, mas, mais do que isto, uma nova maneira da sociedade enxergar a própria realidade, o seu próprio mundo.

Cabia à imprensa, portanto, criar campos temáticos que pudessem, de forma simbólica, materializar as rápidas mudanças tecnológicas que se faziam presentes. Ou seja, numa sociedade capitalista cada vez mais industrializada, a própria instituição imprensa tornava-se um símbolo do mais alto grau de modernidade, por conta de todo um reaparelhamento tecnológico (com novos equipamentos e técnicas avançadas de produzir materialmente uma notícia). Perceber isto não é uma tarefa muito difícil. Um autor que, todavia, aprofunda esta reflexão, é Juarez Bahia, que possibilita a compreensão de como a pequena imprensa de ocasião daria lugar a uma imprensa industrial, ou seja, de uma imprensa/empresa.²⁷⁴

Se na área tecnológica e industrial a imprensa se torna uma espécie de arauto da modernidade, podemos pensar também que a escolha por novos campos de atuação é uma adaptação e criação de um novo tempo.

²⁷⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal: História e Técnica*. Martins, 1967. Sobre esta chamada pequena imprensa o autor informa que “(...) geralmente de origem política e partidária, ou meramente transitória, sem fins empresariais, limitada à religião, à literatura, à maçonaria, à ciência, ao anticlericalismo, ao humor e à pornografia (...)” p. 150.

Além dos esportes, a imprensa iria se interessar, por exemplo, pelo Carnaval, eventos populares e pelo aperfeiçoamento da publicidade. Ainda segundo Bahia, os jornais, para conquistar seus leitores, proporcionavam concursos literários, musicais, teatrais e esportivos. Na opinião deste autor, estes “novos temas” liberariam o jornal da “sisudez e de uma frieza seculares”, adquirindo a imprensa mais dinamismo, agilidade e objetividade.²⁷⁵

Bahia informa que, até a década de 1930, a imprensa se caracterizava como um jornal-mito, cedendo espaço, posteriormente, para o jornal-empresa. O jornal-mito seria mais conhecido pelo nome de seu(s) proprietário(s), daí ter uma visão mais personalista, do que pelo reconhecimento de seu título.²⁷⁶ Além disso, essa década é decisiva para o desenvolvimento da imprensa brasileira. Fatores como a crise mundial de 1929, o desmoronamento da república oligárquica com a Revolução de 1930 e a consequente Revolução Constitucionalista de 1932 pressionaram cada vez mais os poderes econômicos e políticos. A classe de funcionários públicos, empregados em serviços, comerciários e trabalhadores industriais ganhava espaço numa sociedade em irreversível transformação. Surgia, desta forma, a sociedade de massas.

E o *Jornal dos Sports* aparecia para o mundo justamente nesta conjuntura. Foi importante perceber, por exemplo, que no período da administração de Argemiro Bulcão, ou seja, a partir de 1931, o jornal já tinha a intenção de se tornar um veículo não só mediador, mas interventor nas relações sociais que se estabeleciam no Rio de Janeiro. Além da novidade de nascer como o primeiro diário esportivo no Brasil, também criara uma linha editorial, presente em “Críticas e Sugestões”, capaz de promover grandes campanhas em torno do mundo esportivo, como o desenvolvimento de esportes para as mulheres ou o investimento nas categorias de bases dos clubes de futebol. Temas que eram bastante ousados.

Apesar disto, o jornal não se descolava da própria sociedade que tentava retratar, mediar e até mesmo transformar. Obviamente, sendo um jornal de seu tempo, trazia consigo uma tendência conservadora e, em alguns momentos, uma leitura preconceituosa e racista em relação ao desempenho de alguns atletas. No entanto, o grande destaque nesta fase de Bulcão era tentar alçar vãos mais altos, ao dar um formato poliesportivo ao seu diário, mesmo em uma época de franco interesse pelo futebol, que, por conta disto, tinha um espaço privilegiado em suas páginas. Todas as modalidades estavam presentes no *JS* e aos poucos, colunas específicas ocupavam os espaços disponíveis no jornal como, por exemplo, no caso do

²⁷⁵ BAHIA, Juarez. Op. Cit. p. 153.

²⁷⁶ O autor, em uma nota de rodapé, cita vários exemplos da imprensa brasileira e constata o contraste com a imprensa norte-americana e inglesa, onde, segundo ele, “o nome dos proprietários (...) pouco conta em relação à expressão política, econômica e social dos jornais.” Cf. BAHIA, Juarez. Op. Cit. p. 203.

basquetebol, turfe, tênis e pugilismo. Para ampliar o valor que o esporte deveria ter para a sociedade carioca, “atirava-se para todos os lados”, tentando criar um clima de pleno desenvolvimento do campo esportivo.

Em relação ao futebol, a maior preocupação do jornal era com a violência imposta por jogadores e torcedores (e, em alguns casos, os dirigentes e a própria polícia), que por conta desta ação bruta, estariam distorcendo a real ideia de como o esporte deveria ser: com emoção, mas sem se esquecer da gentileza e cavalheirismo.

Para tanto, além da conscientização dos atletas e torcedores, deveríamos ter mais disciplina e organização, com a publicação de regras dos torneios e campeonatos e com o estabelecimento de mais entidades capazes de regularizar o mundo dos esportes, tornando-o mais organizado e disciplinado.

Esta pesquisa tende também a refletir sobre a participação do jornalista Mário Rodrigues Filho no processo de consolidação da imprensa esportiva, a partir da década de 1930, pois o trabalho e o legado deste é supervalorizado em detrimento dos demais colegas de profissão de sua época. Mário Filho teve uma atuação de extrema importância para a imprensa esportiva, mas seria uma fantasia, se pensássemos que criara sozinho uma forma de escrever sobre os esportes que fosse completamente inédita.

Pensamos desta forma porque ao adquirir o *JS* e tornar-se seu editor, em 1936, Mário Filho manteria uma série de características da administração anterior. Até mesmo a forma de escrever seria influenciada não apenas pela sua capacidade de simplificar o texto jornalístico, tornando-o mais informal e direto, mas também, da própria língua portuguesa que se modernizara ao longo das décadas e influenciara vários escritores e jornalistas.

A capacidade de inovação de Mário Filho e de seu jornal se estabelecia pelo aumento da importância dos jogos e campeonatos cobertos pelo *JS*, transformando simples partidas de futebol, por exemplo, em épicos que seriam únicos e arrebatadores. Se o jornal era um espaço de criação literária, com manchetes sensacionalistas e crônicas cada vez mais lidas por um público assíduo, também era uma empresa que deveria atingir as suas metas e objetivos financeiros: vender o seu produto. Sendo fruto de uma indústria capitalista, mas também criador de representações culturais e sociais específicas de uma sociedade, o *JS* permanecia na vanguarda da imprensa esportiva sob a administração de Mário Filho, por conta de algumas características pessoais e familiares.

Uma delas fora a capacidade de adequação e adaptação da família Rodrigues, em especial Mário Filho, às diversas crises políticas e institucionais que abraçaram a imprensa e o próprio país. Por adaptação, entenda-se a capacidade de interagir com o círculo do poder

vigente além da manutenção de um relacionamento próspero e duradouro com as famílias bem-sucedidas do mundo empresarial. Seria injusto se não levasse em conta também a habilidade dos administradores do *JS*. Conseguiram antever a importância dos esportes para a sociedade carioca, criar mitos esportivos e culturais e se aproximar de um crescente público leitor, ávido por informação sobre esportes. Não uma informação fria e impessoal, mas sim, uma leitura passional e emotiva, que refletisse os interesses do próprio leitor. Desta forma, entender a capacidade literária e empresarial de Bulcão e Mário Filho é fundamental para compreender o alcance da imprensa esportiva carioca na primeira metade do século XX.

O sucesso atingido pelo casamento entre imprensa e esportes explica a consolidação do *JS*. Para nós, a união possibilitou a conquista de novos espaços simbólicos e culturais de atuação de uma sociedade que se propunha moderna, não apenas em termos tecnológicos e industriais, mas no entendimento e na construção de um mundo mais frenético, dinâmico e ditado por um outro ritmo. Um ritmo onde a relação tempo e espaço já não era mais a mesma, onde os esportes teriam, definitivamente, a partir de então, um *locus* privilegiado na mentalidade do carioca e do brasileiro. Periódicos, como o *JS*, souberam aproveitar este campo até então pouco explorado para se inserir de vez na ordem empresarial e cultural carioca. Portanto, esta aliança renderia filhos prósperos com o nascimento de uma identidade coletiva, forjada a partir de uma visão de sociedade mais moderna, ágil, dinâmica, saudável e, por certo, esportiva. Para tanto, era importante criar uma linguagem específica e dedicada ao mundo dos esportes.

A arrancada para o sucesso editorial da imprensa esportiva estava, também, estreitamente vinculada ao profissionalismo do futebol. Esta era uma grande polêmica que atingia o público interessado no Rio de Janeiro, já que muitos acreditavam que o esporte deveria ser praticado por diletantismo, sem as exigências que a nova ordem do mundo do trabalho poderia impor aos atletas. Como esporte que se tornava de massa, poderia ser também um grande resumo das contradições da sociedade carioca, um espaço para as discussões étnicas e, agora, início da década de 1930, para as questões do mundo do trabalho. Ser ou não ser um esporte profissional era uma dessas questões, que, não por coincidência, atingia também a vida dos jornalistas ditos profissionais. Nesse caso, faltava formação acadêmica, porém sobravam novos obstáculos a serem superados e novas áreas a serem atingidas e exploradas. Além disso, os jornalistas traziam, em muitas das vezes, uma bagagem de experiência na cobertura do jornalismo policial, que utilizariam no dia-a-dia do mundo esportivo. O jornalismo esportivo importava uma carga de emotividade e de sentimentalismo, já existentes na grande imprensa.

Sobre a experiência dos jornalistas na área policial, concluímos que esta especialidade era a criação de um nicho de expectadores do mundo privado, ou seja, das particularidades das relações sociais individualizadas e que ao mesmo tempo em que tratavam de fatos obscuros e detestáveis como traições conjugais, assassinatos e suicídios, atraía, como um grande ímã, o público leitor, ávido por compreender uma emotividade que encharcava as páginas e que revelava uma distância cada vez menor do mundo real.²⁷⁷ Ou seja, as páginas policiais eram espaços dialógicos de afastamento e proximidade que caracterizava este tipo de imprensa como um lugar perfeito para a união entre a informação e a emoção.

Não seria uma simples coincidência quando vários repórteres do meio policial também debutavam na cobertura esportiva, levando consigo uma carga de emotividade e realidade dinâmica que o campo dos esportes abraçaria com força. A forma de escrever as crônicas esportivas seguia um padrão que vai da informação à opinião. As entrevistas com jogadores de futebol, dirigentes e atletas eram cada vez mais recorrentes no espaço da imprensa esportiva, tornando-o mais próximo, real, humano e, por outro lado, menos racional em alguns momentos. Principalmente, se levarmos em conta que os esportes trazem em si uma carga passional que é extravasada pelo culto da performance física, da competição entre indivíduos, grupos sociais e até mesmo cidades brasileiras (podemos lembrar sempre do exemplo da rivalidade travada no futebol entre os times de São Paulo e do Rio de Janeiro e que fora explorada pelo jornal).

Cabe uma menção à sociedade que é identificada pelo *JS*. Durante todo o período estudado percebemos uma forte ideia eugênica e disciplinadora sobre os esportes. O *JS* identificava no campo esportivo um caminho mais que propício para forjar uma sociedade forte, organizada e saudável. Esportes e saúde eram (e ainda são por muitos) conceitos que se auto-identificavam, pois faziam parte de um processo de fortalecimento de uma raça de brasileiros forte e viril.

Neste caso, os esportes eram retratados pela imprensa como uma forma da nação se sobressair, mostrando ao mundo a “real capacidade” do brasileiro, um povo de futuro, destinado à vitória e ao sucesso, por conta de uma série de fatores, destacando-se inclusive, a habilidade de adaptação e a miscigenação. O “projeto de povo” aproximava-se do de nação,

²⁷⁷ É importante lembrar que embora o número de analfabetos fosse alto, chegando a um número aproximado de 75% da população no final da década de 1920, na capital do país, não podemos considerar que os jornais atendiam a uma parte menor da população pois as matérias e temas tratados pela imprensa eram discutidos e interpretados para além do mundo letrado. A oralidade na imprensa brasileira é e sempre foi um fenômeno bastante interessante, o que nos leva a pensar que nos países com grandes taxas de analfabetismo isto seja uma prática recorrente.

que vinha sendo desenhado pelo governo Vargas e, também, no período pós-1945, com a necessidade de projetar o Brasil moderno no cenário internacional.

A campanha pela construção do Maracanã, assim como várias outras, como pela disciplinarização dos jogos de futebol ou pela criação de praças esportivas, foi um bom exemplo da característica interventora do jornal. Neste caso, a cobertura do esporte brasileiro pela imprensa especializada era um meio de tornar o Brasil mais moderno e respeitado por todos. Tal característica, apesar de liderada por Mário Filho, Vargas Netto e outros cronistas, que apresentavam uma forma mista de realidade e ficção para transmitir uma mensagem, e que fugiam da simples mediação social ao interferir diretamente na sociedade, tinha um histórico, que vinha da criação do jornal em 1931. A vitória nesta referida campanha era também o sucesso de uma forma de noticiar o mundo esportivo.

Imprensa e esportes consolidavam, enfim, um casamento empresarial, cultural e social, que suscitaram várias questões, como o papel de intervenção, o desenvolvimento da crônica esportiva, a aproximação entre Estado e organização dos esportes (possibilitando a apropriação daquele na construção de uma identidade nacional) etc. Um casamento múltiplo, a bem da verdade, se levarmos em conta as diversas faces da imprensa (grande, pequena, jornal-mito, jornal-empresa, especializada ou não) com as várias manifestações e modalidades esportivas (principalmente, no início do século XX, o turfe, o remo e o futebol). Portanto, esta aliança renderia filhos prósperos com o nascimento de uma identidade coletiva, forjada a partir de uma visão de sociedade mais moderna, ágil, dinâmica, saudável e, por certo, esportiva. A imprensa, ao noticiar este novo nicho de interesse do público (leitor ou não), criava, então, um campo de publicização de códigos e valores que identificavam os esportes e o próprio modelo de indivíduo desta sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. V. 3.
- AVRITZER, Leonardo e COSTA, Sérgio. Teoria crítica, democracia e esfera pública: concepções e usos na América Latina. In: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (Orgs.). *Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BAHIA, Juarez. *Jornal: História e Técnica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BALE, John. Partial knowledge: photographic mystifications and constructions of “the African athlete”. In: PHILLIPS, Murray (Org.). *Deconstructing Sport History*. New York: State University of New York Press, 2006.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- BOSI, Alfredo. As Letras na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano, V. 2. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BOOTH, Douglas. *The Field: Truth and Fiction in Sport History*. New York: Routledge, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CANCIAN, Renato. *O Surgimento da Esfera Pública*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/sociologia/habermas-teoria-sociologica.jhtm?action=print>>. Acesso em: 02/09/2009.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma Introdução à História*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. *A História Contada*. Nova Fronteira.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1931. Várias edições.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução.* São Paulo: Companhia das Letras.
- ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese.* 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Org.). História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizatório.* V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- _____ e DUNNING, Eric. *A busca da excitação.* Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.
- _____. *Sobre o Tempo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- GEBARA, Ademir e PILATTI, Luiz Alberto. *Ensaio sobre História e Sociologia nos Esportes.* Col. Norbert Elias. V. 2. São Paulo: Fontoura, 1995.
- GIL, Gilson Pinto. *Humildes, Mascarados e Gênios. Ética, História e Identidade Nacional na Obra de Mario Filho.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1997.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões.* São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *In: Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. V. 6, nº. 11, 1993.
- _____. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. *In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. História da Vida Privada no Brasil.* V. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. *In: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (Orgs.). Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade e CAMARGO, Vera Regina Toledo. *A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura.* Trabalho apresentado no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1815-2.pdf>. Acesso em: 27/12/2008.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

- HACK, Josias Ricardo. Um General Conta sua História. Perfil Biográfico de Nelson Werneck Sodré. *In: Sala de Prensa (Web para Profesionales de La Comunicacion Iberoamericanos)*. N° 33. Julio 2001. Año III. V. 2. Disponível em: <www.saladeprensa.org/art241.rtm>. Acesso em: 28/12/2008.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HILL, Jeffrey. Anedotal Evidence: Sport, the Newspaper Press, and History. *In: PHILLIPS, Murray (Org.). Deconstructing Sport History*. New York: State University of New York Press, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. *In: HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.). A Invenção das Tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUTCHINS, Brett. Sport History between the Modern and Postmodern. *In: PHILLIPS, Murray (Org.). Deconstructing Sport History*. New York: State University of New York Press, 2006.
- JEANNENEY, Jean-Noël. A Mídia. *In: RÉMOND, René. Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1931. Várias edições.
- JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 1931-1950. Várias edições.
- LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. Palestra proferida no IFCS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em setembro de 2008.
- LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAIA, Rousiley. Mídia e Vida Pública: Modos de Abordagem. *In: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (Orgs.). Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Imprensa e Capitalismo*. São Paulo: Kairós Livraria, 1984.
- MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. Introdução: Pelos Caminhos da Imprensa no Brasil. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita*. História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MÁXIMO, João. 40 Anos sem o pai do Maracanã. *In: O Globo*. 17/09/2006.
- MELO, José Marques de. *História Social da Imprensa*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.
- _____. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas/Rio de Janeiro: Autores Associados/UFRJ, 2007.
- _____. *História da Educação Física e do Esporte Brasil – Panorama e Perspectivas*. IBRASA.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. *In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. História da Vida Privada no Brasil*. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: o Amadorismo e o Processo de Profissionalização do Futebol Carioca (1922-1924)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2009. Dissertação de Mestrado.
- MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- NASCIMENTO, Rosa Maria Freitas do. A problemática da esfera pública no pensamento de Jürgen Habermas. *In: Política Hoje*. V. 1. Nº. 15. 2006. Disponível em: <<http://www.politicahoje.com/ojs/viewarticle.php?id=107>>.
- NERY, Laura Moutinho. *Cenas da vida carioca: Raul Pederneiras e a belle époque do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado. Departamento de História. PUC-Rio, 2000.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 1931. Várias edições.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História Social do Futebol do Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa, Cultura e Anarquismo. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

- REIS, Amada de Cássia Campos. Grupo Escolar “Costa Alvarenga”: um marco na história da educação de Oeiras – 1929 a 1950. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT13.PDF>>. Acesso em: 16/11/2010.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escalas*. A Experiência da Microanálise. FGV.
- REVISTA CAMPEONATO CARIOCA 100 ANOS 1906-2006. Rio de Janeiro: Jornal dos Sports, 2006.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2003.
- SANTOS, Marco. *Mário Filho: “O Criador de Multidões”*. Disponível em: <<http://www.fimdejogo.com.br/blog/2008/06/04/a-caminho-do-mario-filho/>>. Acesso em: 04/01/2009.
- SEVCENKO, Nicolau. Transformações da Linguagem e Advento da Cultura Modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. V. 6, nº. 11, 1993.
- SILVA, José Cláudio Sooma. *O Teatro da Modernidade Carioca. As Representações de Cidade e escola primária nos anos 1920*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo02/Jose%20Claudio%20Sooma%20Silva%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em 03/01/2009.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SOARES, Edileuza. *A bola no ar – O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. 4. ed. Mauad, 1999.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol (1914-2002)*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- SUSSEKIND, Flora. *O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRIBUNA DA IMPRENSA. Rio de Janeiro, 1949-1950. Várias edições.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-Chave* – Um vocabulário de cultura e sociedade. Boitempo Editorial, 2007.

ANEXO A: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 53, 15/05/1931. p. 1.

ANEXO B: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 928, 29/05/1934. p. 1.

ANEXO C: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 2.561, 05/01/1938. p. 1.

ANEXO D: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.123, 03/05/1946. p. 1.

ANEXO E: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.427, 1º/05/1947. p. 1.

ANEXO F: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5.733, 1º/05/1948. p. 1.